

**ERNANI ALMEIDA FERRAZ**

**TELEDUCAÇÃO PARA O  
TRABALHADOR BRASILEIRO**  
Um estudo da recepção teleducativa

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DA JANEIRO  
DOUTORAMENTO**

2001

**TELEDUCAÇÃO PARA O  
TRABALHADOR BRASILEIRO**  
Um estudo da recepção teleducativa

**ERNANI ALMEIDA FERRAZ**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Escola de Comunicação  
Doutoramento**

**Geraldo Nunes  
Doutor**

**RIO DE JANEIRO  
2001**

**Folha de Aprovação**

**TELEDUCAÇÃO PARA O  
TRABALHADOR BRASILEIRO**

**Um estudo da recepção teleducativa**

**ERNANI ALMEIDA FERRAZ**

**Tese submetida ao corpo docente da Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro – UFRJ, como parte integrante dos  
requisitos necessários à obtenção do Grau de  
Doutor.**

**Aprovada por**

**Prof. Geraldo Nunes – Orientador  
(Doutor - ECO/UFRJ)**

**Prof. Paulo Vaz  
(Doutor - ECO/UFRJ)**

**Prof<sup>a</sup>. Ieda Tucherman  
(Doutora - ECO/UFRJ)**

**Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Mamede  
(Doutora - Educação - PUC/Rio)**

**Prof. Beatriz Schmidt de Araújo  
(Doutora – UNESA/Rio)**

**Rio de Janeiro  
2001**

## FICHA CATALOGRÁFICA

**Ferraz, Ernani Almeida**

**Teleducação para o trabalhador brasileiro - um estudo da  
Recepção teleducativa / Ernani Almeida Ferraz. Rio de Janeiro:  
UFRJ / ECO, 2001.**

**xi, 214 p.**

**Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Comunicação.**

**1. Estudos da Recepção 2. Tecnologias de Comunicação  
Aplicadas à Educação 3. Tese (Doutorado – UFRJ/ECO)**

**I Título**

## DEDICATÓRIA

Para **Viviane**, minha mulher, companheira, amiga e intelectual de todas as horas.

Para nossos filhos **Monyck, Isadora, Júlia, Lucas e Bruno**, pelo que representam e pela esperança de que possam construir um mundo melhor.

Para meus pais, pelo que puderam possibilitar à minha formação, meu caráter e a minha personalidade.

Para a comunidade de **Ewbanck da Câmara**, pelo apoio, dedicação e seriedade aos objetivos da pesquisa e por sua luta para oportunizar o ensino.

Para todos os **Orientadores de Aprendizagem** do país, pelos seus esforços, mediações de conteúdos e, principalmente, pela dedicação à causa educacional brasileira.

## AGRADECIMENTOS

À **CAPE**S, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos que, com seu apoio financeiro, possibilitou o trabalho de campo desta pesquisa.

Ao **Prof. Dr. Geraldo Nunes**, pela dedicação, seriedade, interesse, paciência, estímulo e liberdade com os quais conduziu a orientação desta Tese de Doutorado.

Aos professores da ECO/UFRJ pela dedicação, estímulo e críticas:

Dr. Paulo Vaz

Dr<sup>a</sup>. Ieda Tucherman

Dr. Milton José Pinto

Dr. André Parente

Dr. Rogério Luz

Ao **Prof. Dr. João Luís Van Tilburg** (PUC-Rio), **Prof. Dr. Antônio Fausto Neto** (Unisinos-RS), **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aparecida Mamede** (PUC-Rio), **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Thereza Penna Firme** (UFRJ-RJ), **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Leonardos** (Fundação CESGRANRIO), pelo apoio, estímulo, conhecimento adquirido e pela contribuição à minha formação acadêmica.

A **Prof<sup>a</sup> Me Helenice Maia Gonçalves** (UFRJ-RJ), pela amizade, carinho, dedicação e, principalmente, por sua valiosa contribuição na organização metodológica e análise desta pesquisa.

As acadêmicas **Daniela Thomas Klein**, **Raquel Machado Rocha** e **Fernanda Monteiro Galhiego**, pela valiosa colaboração e empenho no trabalho de campo e análise desta pesquisa.

À Sr<sup>a</sup> **Lenise de Souza Gonçalves**, Supervisora Pedagógica da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG e sua equipe, pela abertura e importância dada a esta pesquisa e pelo seu trabalho no desenvolvimento da educação em Minas Gerais.

FERRAZ, Ernani Almeida. **Teleducação para o trabalhador brasileiro – um estudo da recepção teleducativa.**  
Orientador: Geraldo Nunes. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2001. Tese.

As diversas mudanças ocorridas em nossa sociedade, atreladas à formação de um mundo globalizado e o baixo índice educacional da população propiciaram um estado de analfabetismo funcional do trabalhador brasileiro que se vê, neste novo século, sem alternativas de melhoria em sua qualidade de vida e de sua família. O descaso de governos civis e militares com a educação do país afeta, hoje, a estrutura econômica e social da nação, deixando o trabalhador brasileiro desqualificado para o novo modelo de mercado de trabalho, sendo impossibilitado de executar suas antigas funções diante das mudanças tecnológicas. Das diversas modalidades de tecnologias de comunicação utilizadas no campo da Educação, destacamos, neste estudo, o Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, buscando, através da elaboração de um trabalho de campo, em uma pequena comunidade de Minas Gerais, avaliar os possíveis méritos e impactos deste programa de ensino a partir de sua recepção organizada.

FERRAZ, Ernani Almeida. **Teleducação para o trabalhador brasileiro – um estudo da recepção teleducativa.**  
Orientador: Geraldo Nunes. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2001. Tese.

Les divers changements qui se sont passés dans notre société, attelées à la formation d'un monde globalisé et le bas indice d'instruction de la population a proportionné un état d'analphabétisme fonctionnel de l'ouvrier brésilien qui se trouve, dans ce nouveau siècle, sans perspectives d'améliorer sa qualité de vie et de sa famille. L'inattention de gouvernements civiles et militaires par rapport à l'éducation offerte à la population, affecte actuellement la structure économique et sociale du pays. Par conséquent l'ouvrier brésilien n'est pas préparé pour le nouveau 'marché du travail', aussi incapable d'exécuter son ancien métier en face des changements technologiques. D'entre les divers recours de technologies de communication utilisés pour propager l'éducation, dégagons dans cet étude le Telecurso 2000, de la Fundação Roberto Marinho, en cherchant vers l'élaboration d'un 'marché du travail' dans une petite commune de l'État de Minas Gerais, mesurer les possibles aspects positifs et l'impact de cette méthode d'enseignement par rapport sa réception organisée.

## SUMÁRIO

<b>1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>p. 01</b>
<b>2 - FORMAÇÃO DE UM PENSAMENTO TECNOLÓGICO.</b>	
2.1 - De um cosmo fechado aos campos abertos da ciência .....	p. 05
2.2 - Disciplina e controle social .....	p. 15
2.3 - Velocidade do novo homem tecnológico .....	p. 25
<b>3 - TECNOLOGIAS DE PODER: DO PANÓPTICO À TELEVISÃO.</b>	
3.1 - Panóptico: um instrumento de vigiar.....	p. 42
3.2 - Panotípiã televisiva .....	p. 46
3.3 - Por uma educação para a televisão .....	p. 65
<b>4 - EDUCAÇÃO E TRABALHO NO MUNDO GLOBALIZADO.</b>	
4.1 - Trabalho e Educação frente à tecnologia .....	p. 75
4.2 - Educação à Distância: algumas considerações .....	p. 93
4.3 - Telecurso 2000: uma proposta educativa .....	p.106
<b>5 - TRABALHO DE CAMPO: DEFININDO SUA ESTRUTURA.</b>	
5.1 - Colocação de um problema .....	p.111
5.2 - Ewbanck da Câmara .....	p.113
5.3 - Abordagem Teórico-Metodológica .....	p.119
<b>6 - ANÁLISE DOS DADOS.</b>	
6.1 - Dimensões e Categorias .....	p.135
6.2 - Méritos do Telecurso: Dimensão Educação .....	p.139
6.3 - Méritos do Telecurso: Dimensão Comunicação .....	p.150
6.4 - Impactos do Telecurso: Dimensão Educação .....	p.166
6.5 - Impactos do Telecurso: Dimensão Comunicação .....	p.187
<b>7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>p.205</b>
<b>8 - BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>p.209</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, diversos fatores proporcionaram mudanças da percepção humana em sua concepção de mundo, até chegarmos à formação do “pensamento tecnológico” que temos hoje. O processo civilizatório trouxe, em sua experiência, a passagem de um cosmo fechado para um universo infinito e, logo a seguir, constatou-se uma “nova ordem”, introduzida pela ciência.

As reflexões sobre o indivíduo e sua identidade demarcam o início da modernidade e o desenvolvimento da ciência propicia que os avanços tecnológicos possibilitem uma ampliação significativa das percepções humanas e das relações de poder. Ao conceituar a Sociedade Moderna como sendo uma Sociedade Disciplinar, Michel Foucault (1996) constata, nas relações de poder, que a noção de docilidade do corpo buscava o controle das atividades, numa composição de forças em que a fábrica resumiria a idéia de produtividade e a ciclicidade seria a fórmula para conceber a vida cotidiana. Em nossa atual sociedade, caracterizada como Sociedade Pós-Moderna ou Sociedade de Controle, conforme Gilles Deleuze (1992), as relações políticas e econômicas são alteradas e a empresa vem a resumir a noção de produtividade, sendo o capitalismo de produção trocado pelo capitalismo de sobreprodução e a ciclicidade, substituída por um movimento ondulatório, num fluxo contínuo e através da velocidade das comunicações. Nesse modelo de sociedade, nada está acabado, estando tudo sempre em conclusão, do ensino ao nível de empregabilidade do trabalhador.

Pressupõe-se que nos encontremos num estágio de passagem de uma Sociedade Disciplinar para uma Sociedade de Controle, tendo a noção e os efeitos da velocidade, conforme ressalta Paul Virilio (1996), como força motriz do desenvolvimento de nossa civilização, sendo a tecnologia parte integrante de nossa vida cotidiana. Por sua vez, essa

tecnologia, atrelada a sistemas de poder, pode perpetuar o caráter manipulatório, ideológico e mercadológico do sistema econômico vigente.

Na condição de tecnologia de poder, a televisão trouxe consigo características de uma função panóptica enquanto dispositivo de vigilância mas, trouxe, também, a possibilidade de obtermos dela outras “formas de uso”, de caráter educativo e cultural. Ao longo dos anos, repudia-se a televisão brasileira por buscar “doutrinar” uma “massa” social, inserindo-a no regime ideológico do poder vigente e no incentivo ao consumismo acelerado.

Hoje, o baixo índice educacional, a dimensão territorial e a interferência de fenômenos como a globalização possibilitam a exclusão do trabalho, de grande parte da população do mundo, ocasionando conseqüências econômicas e sociais desastrosas para a sociedade como um todo. Diante de uma “massa” de trabalhadores com um alto grau de analfabetismo funcional e sem a qualificação necessária para manter o seu nível de empregabilidade, podemos perceber a necessidade de uma melhor integração da tecnologia televisiva ao sistema de ensino brasileiro, de forma a se obter dela uma “ferramenta útil” e que possibilite a aceleração do processo educacional do trabalhador.

Nessa concepção, a utilização das Tecnologias de Comunicação no campo da Educação, como podemos observar na Educação à Distância, vem obtendo destaque no panorama nacional como sendo uma possibilidade democrática de se oportunizar uma “educação para todos”, servindo não apenas para o trabalhador que não tem ainda o 1º e 2º graus mas, também, para todos que necessitem ter uma Educação Continuada, como se propõe numa Sociedade de Controle.

Parte-se do pressuposto de que o uso da tecnologia televisiva no ensino, além de ser uma forma prazerosa de se obter conhecimentos, possibilita a aceleração do aprendizado e auxilia no desenvolvimento de uma reflexão crítica do aluno em relação à mídia e à política nacional vigente. Busca-se, enfim, perceber os possíveis benefícios do uso da tecnologia

televisiva na educação do trabalhador brasileiro, frente a fenômenos como a globalização econômica e a americanização da cultura nacional.

Nesse sentido, no segundo capítulo deste trabalho, tentaremos rapidamente verificar o desenvolvimento da ciência e a formação de um “pensamento tecnológico” na passagem da modernidade para a pós-modernidade, tendo como vetores desse processo a velocidade, a virtualidade e os avanços tecnológicos que vêm a possibilitar o despertar de uma “sociedade tecnológica”. Pretende-se, neste capítulo, apenas, contextualizar as mudanças ocorridas na sociedade, não se buscando aprofundar a discussão em relação à questão da cultura, da formação de identidade e das subjetividades para não sairmos do objetivo final do estudo.

No terceiro capítulo, discutiremos a televisão e suas formas de mediação, servindo por um lado, como uma tecnologia de poder e, por outro, mostrando-se como uma “ferramenta útil” e com grandes possibilidades de respaldar as emergentes necessidades de educação do trabalhador brasileiro, tornando-se uma possível "arma" frente ao analfabetismo funcional da sociedade.

No quarto capítulo, buscamos discutir as relações estabelecidas entre a tecnologia e o trabalhador de baixa renda, bem como as modificações ocasionadas pelo fenômeno da globalização ou mundialização do capital no trabalho e na vida cotidiana desse trabalhador, sendo a Educação, e sua relação com as novas tecnologias de comunicação, uma possível alternativa para contribuir na qualificação e capacitação do trabalhador brasileiro.

O quinto capítulo se destina ao estudo metodológico de uma das diversas possibilidades investigatórias da eficiência ou não do Telecurso 2000, enquanto programa de ensino, por meio de trabalho de campo, na cidade de Ewbanck da Câmara, Minas Gerais, junto a alunos, professores e representantes da Prefeitura e Secretaria Municipal de Educação da cidade. A coleta de dados segue metodologia de abordagem qualitativa, utilizando como técnicas a entrevista não diretiva e de grupos focais, tendo o vídeo como suporte de pesquisa

na captação e análise das manifestações verbais livres e espontâneas desta Recepção Controlada.

O sexto capítulo, comporta a análise de conteúdo do material coletado com base na Avaliação, do campo da Educação e nos Estudos da Recepção, do campo da Comunicação, onde nos foi possível o levantamento das evidências coletadas no campo e que nos levaram a indicadores capazes de apontar categorias representativas de Mérito e Impacto do Telecurso 2000, nas Dimensões da Comunicação e da Educação, junto aos atores envolvidos no processo.

Por fim, buscamos indagar a eficácia desse programa de ensino, detectando os mecanismos de produção da mensagem, bem como a leitura e formas de uso que os receptores fazem dos conteúdos veiculados. Buscamos, então, verificar as possíveis mudanças ocasionadas no trabalhador brasileiro a partir da oferta teleducativa Telecurso 2000, em sua vida cotidiana e no universo do trabalho.

## **2 – FORMAÇÃO DE UM PENSAMENTO TECNOLÓGICO**

### **2.1- DE UM COSMO FECHADO AOS CAMPOS ABERTOS DA CIÊNCIA**

Para podermos discutir os possíveis efeitos das tecnologias de comunicação na educação de nossa atual sociedade, torna-se necessário buscar entender as mudanças ocorridas na evolução da humanidade que possibilitaram a formação do pensamento tecnológico que temos hoje.

A formação do conhecimento de nossa sociedade tem sua origem num aprendizado anterior, elaborado pela experiência civilizatória, pelos movimentos sociais e culturais ocorridos no decorrer da história. A cada época civilizatória, a experiência humana deixa como legado as concepção de mundo que temos hoje, fazendo emergir uma espécie de pedagogia da forma de ver e conceber o mundo.

Ao pensarmos historicamente a experiência civilizatória, perceberemos a existência de uma certa continuidade entre a noção de natureza e cultura, experimentada como sendo uma relação diferente a cada momento. Percebe-se a existência de uma certa descontinuidade no modo como a experiência faz essa relação, em que a experimentação está ligada à história e a torna uma espécie de esgarçamento da própria história, por meio das lutas de classes. Sem a história, a experimentação se tornaria vaga, já que é a história que produz sentido à ação humana.

Nesse contexto, a história não se cristaliza a partir de modelos definidos e fechados. Ela produz modelos e, desta forma, dá sentido à própria história, produzindo sujeitos de história e, portanto, de experimentação.

Nesta concepção, se o homem é um ser histórico por fazer história e se a cultura faz parte da história de uma determinada sociedade, seu aprendizado, sua transmissão e difusão revelam a articulação de conceitos que nos levam aos campos da comunicação e da cultura. Uma articulação elaborada no espaço das produções simbólicas, regida por um campo

de forças, ações e reações, que fazem tanto a cultura como a comunicação se tornarem processos de mediação na aprendizagem da experiência humana.

As primeiras contribuições para a formação do pensamento contemporâneo têm sua origem no Período Clássico, quando a civilização grega concebe a visão de um mundo finito e fechado. É criada a Lógica e o seu racionalismo se integra e se fundamenta na experiência sensível. A arte se transforma numa espécie de inspiração que faz do intuitivo, o inteligível. A filosofia, por sua vez, torna esse racional sensível e não se direciona de forma a resolver os problemas da vida, mas sim, da realidade.

Após Platão e Aristóteles, o pensamento grego se direciona para o questionamento da moral, propondo-a como forma de resolução dos problemas metafísicos. Mas a sistematização racionalista e a razão não resolveram integralmente os problemas da vida, fazendo emergir uma transcendência de Deus, imaginado como o “supra-inteligível”, numa condição de valorização de uma religião positiva, posteriormente conservada e valorizada no pensamento cristão.

Numa concepção dualista, a civilização grega propicia a formação de nosso mundo ocidental, inventado a partir do rompimento com o seu Outro - o Oriente. E é nesta invenção do Outro, aquele que é diferente, que se constata que *“toda cultura define a si mesma e escolhe seu modelo, mas sobretudo elege seu Outro ou seus Outros”*<sup>1</sup>.

A dualidade do surgimento de um Outro, visto como o Mal, o estrangeiro, é possibilitada pela existência do Mesmo, que é o Bem, fazendo com que a invenção não somente invente o Outro, mas também a si mesmo e, principalmente, torne natural ou naturalizada esta invenção de polarização binária.

---

<sup>1</sup> TUCHERMAN, Ieda. **O Percurso do Outro**. Conferência apresentada na Universidade Nova de Lisboa, em 23/04/97, mimeografado, p.2.

O lugar do Mesmo, do Bem, da Verdade, passa a ser concebido em função de um modelo de Cosmo Harmônico, com seu espaço circular, centrado, finito e fechado, com um movimento em torno do próprio eixo e tendo o tempo como eterno e imutável. O ritmo do Bem seria o da repetição, que mantém a estabilidade do ser e sua relação com o mundo.

Em contraposição, inventa-se o Não-Ser, o Caos, que é infinito, descentrado, degradável e com movimentos de deslocamento desconexos. Havia, no tempo, o devir e o inacabamento como campos férteis para o simulacro e suas articulações. Com a criação do Sábio, como “Mestre da Verdade”, e do Poeta, como “Mestre do Saber”, funda-se, na cultura grega, a associação de processos comunicativos, na qual *“a Grécia articulou ao mesmo tempo as relações de mediação, atração e vinculação e circunscreveu o amplo campo da comunicação como sendo simultaneamente articulado com a Pedagogia e o Poder”*<sup>2</sup>.

No campo científico, Aristóteles já demonstrava seu interesse pelas ciências naturais, direcionando-se para a análise, experimentação e classificação dos seres, caracterizando *“todo o pensamento ocidental subsequente, seja ele científico, filosófico, político ou moral ... Seu interesse pela classificação abrange desde os vegetais e minerais até as virtudes, paixões e faculdades psicológicas”*<sup>3</sup>.

Assim, no pensamento grego enquanto Sócrates e Platão questionavam os homens, Aristóteles questionava as coisas, manifestando sua paixão naturalista pela observação minuciosa das estruturas e da história vital dos seres vivos. Para Aristóteles, o homem seria apenas mais um entre muitos outros animais e o que lhe interessava era a distinção entre eles.

Na Idade Média, a experiência cristã trouxe como contribuição a relação entre o homem e Deus - o criador, o centro de um universo infinito. O Cristianismo traz consigo uma proposta de solução dos problemas do Mal, que, no pensamento agostiniano, faz aflorar o dualismo da ordem moral, oriundo do pecado dos espíritos livres dos homens. Santo

---

<sup>2</sup> *Ibidem*, p.7.

<sup>3</sup> GILES, Thomas Ransom. **Introdução à Filosofia**, Edusp, São Paulo, 1979, p.47.

Agostinho pode ser considerado o fundador do espírito ocidental com uma visão não tão metafísica como a dos gregos, mas psicológica e extremamente pessoal. Para Karen Armstrong, *“os teólogos gregos em geral não traziam a experiência pessoal para seus textos, mas a teologia de Agostinho provinha de sua própria história individualíssima”*<sup>4</sup>.

O Cristianismo aparece como uma experiência importante na genealogia humana ao criar a noção de eternidade. Funda-se com ele o princípio da identidade à semelhança de Deus, o lugar do Bem, a origem de tudo, aquele que unifica a relação entre o homem e o mundo. Como todo modelo identitário, trazia consigo a dualidade do seu Outro, a figura da Diferença, da negação da identidade, do Mal. Neste contexto, a figura de Satã assume um lugar de destaque representando a ameaça ao homem cristão. A figura do padre assenta sua importância no seu papel de comunicador dessa ordem divina quando, ao mesmo tempo que controla, determina a direção de seu rebanho, fiéis fadados à sedução de Satã. O valor é dado à origem e à semelhança à figura de Deus que garante a harmonia e a unidade do cosmo. Por outro lado, a figura do novo é refutada e, portanto, afastada.

Assim, enquanto o campo grego era o do louvor, da crítica e da vergonha, a civilização cristã é a da instrumentalização do medo e da culpa. O cidadão grego era responsável pela estética dos seus gestos e atos, enquanto o cidadão cristão se tornava responsável por seus maus pensamentos.

Verificamos que, na experiência grega, a estabilidade do universo estava no círculo, com seu cosmo finito e fechado onde tudo estaria a uma mesma distância. Na experiência cristã, aproveita-se a noção de círculo e se acrescenta o Deus ao seu centro, criando-se, então, dois centros - o de Deus e o da Terra, ocupado pela sua semelhança que é o homem. Funda-se, aqui, uma das primeiras noções de virtualidade para a civilização humana, apreendida

---

<sup>4</sup> ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**, Tradução: Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1995, p.129.

como sendo a criação de espaços simbólicos imaginários da figura de Deus e sua semelhança com os homens.

Em síntese, a perspectiva grega cosmocêntrica tomava o mundo como ponto de observação. Ao estudar o homem, situaram-no no interior deste mundo, sendo ele considerado à luz da visão que se tinha das coisas. A filosofia cristã, por sua vez, traz uma perspectiva teocêntrica de mundo, tomando Deus como ponto de observação e aproximando-o do homem num contexto teológico.

Posteriormente, temos a emergência da perspectiva antropocêntrica que toma como referência o próprio homem, focalizando este ou aquele aspecto que lhe é característico, sendo própria da filosofia moderna ao nascer com as descobertas de Copérnico e Kepler, que trazem uma mudança de concepção ao inverter a movimentação do sistema solar, pondo o Sol no centro do universo em lugar da Terra. O universo passa a ser visto agora como infinito e a destituição da idéia de centro fechado abre espaço para a liberdade humana e não mais ao destino traçado por Deus.

A concepção de infinito feriu a visão de semelhança com Deus e da repetição, fazendo com que o homem perdesse sua noção de destinação, em lugar da subjetividade que aflorava e trazia consigo as faculdades da medicina e da psicologia e, com isso, uma nova concepção de homem. Encerra-se, de certo modo, uma experiência civilizatória a partir das descobertas científicas em que o Outro passa a ser, então, o passado histórico do próprio Ocidente e não mais o Oriente.

Com a ciência introduz-se uma nova ordem e com isso a idéia de que o universo seria uma máquina simples como um relógio, dentro da lógica própria daquela determinada sociedade, vista por Deleuze, como uma “*sociedade de soberania*”<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> **DELEUZE**, Gilles. *Conversações*. Editora 34, Rio de Janeiro, 1ª ed., 1992, p. 223.

Surge, assim, um modelo de universo regido pela leitura mecânica e pela matemática na qual a noção de fixação passa a ser vista como expressão de mundo. Neste modelo de sociedade, as duas antigas concepções de Identidade e Diferença passam a se expressar na alteridade da figura do poeta e do louco. Emerge um campo de alteridade cultural, onde o Louco representa aquele que não faz diferenças e não propõe a identidade. É um homem perdido na semelhança. Já o Poeta é o que tem a liberdade de se opor à ciência pela linguagem, criando as diferenças nas palavras. O Louco e o Poeta não são a diferença e sim a alteridade da diferença do modelo ou padrão, fazendo com que a linguagem poética e a matemática se oponham e se complementem ao mesmo tempo.

O pensamento dualista clássico da existência do mundo e de Deus não foi negado pelo pensamento cristão que o desenvolveu, afirmando a realidade e a distinção entre o mundo e Deus. Feito criador, este regia um mundo que não poderia ter explicação sem um Deus que o transcendesse.

O pensamento moderno, ao contrário, se finaliza numa concepção monista-imanentista do mundo e da vida, na qual Deus e o mundo são a mesma coisa e assim Deus é resolvido num mundo natural e humano e, *“consequentemente, não se pode mais falar em transcendência de valores teóricos e morais, religiosos e políticos, pois ‘ser’ e ‘dever ser’ são a mesma coisa, o ‘dever ser’ coincide com o ‘ser’... a passagem da concepção tradicional, teísta, à concepção moderna, imanentista, representa teoricamente uma ruptura”*<sup>6</sup>.

O valor da ciência moderna não seria então teórico, especulativo ou metafísico, mas empírico e técnico. Para Galileu Galilei, o objeto da ciência não seria a essência metafísica das coisas, mas sim os fenômenos naturais, experimentalmente provados e matematicamente descritos. Desses conhecimentos matemáticos e experimentais dos fenômenos naturais,

---

<sup>6</sup> PADOVANI, H. e CASTAGNOLA, L. *História da Filosofia*, 4ª ed., Edições Melhoramentos, São Paulo, 1961, p. 201.

emergem as primeiras grandes aplicações da ciência moderna. Aplicações técnicas, que trazem um valor espiritual do domínio natural do homem sobre a natureza.

A então vitória da ciência sobre a religião propõe que as leis para organizar a natureza devam ser refletidas no plano social. René Descartes cria uma estrutura conceitual para a ciência do século XVII com a “*concepção da natureza como uma máquina perfeita, governada por leis matemáticas exatas*”<sup>7</sup>, esboçando as linhas gerais de uma teoria dos fenômenos naturais.

O físico inglês Isaac Newton, reformulando os conceitos de Copérnico, Kepler, Bacon, Galileu e Descartes, completa a formulação mecanicista da natureza, fornecendo uma consistente teoria matemática do mundo que se consolida substancialmente até boa parte do século XX. Na mecânica newtoniana, todos os fenômenos físicos estão reduzidos ao movimento de partículas materiais causado por sua atração mútua, ou seja, pela força da gravidade. Sua concepção mecanicista da natureza estaria intimamente relacionada com um rigoroso determinismo em que a grande máquina cósmica seria completamente causal e determinada.

Newton complementa a visão de nosso sistema astronômico com a Lei da Gravitação Universal, explicando o equilíbrio dos corpos celestes; e, com isso, torna a natureza racional. A natureza humana, vista como racional, dota o homem de um “*modo próprio de ser, na separação da idéia de Deus*”<sup>8</sup>. Mas esse homem, fadado a possibilidades desviantes da natureza humana, deveria ser educado a título de prevenção e, ao mesmo tempo, recuperado de qualquer desvio.

A definição dos espaços de educação, originados ainda no período helenístico, e a racionalidade da natureza humana fizeram aflorar o surgimento dos espaços de educação constituídos como os espaços físicos que conhecemos nas escolas e os espaços de recuperação

---

<sup>7</sup> CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente**, Cultrix, São Paulo, 1988, p. 58.

<sup>8</sup> TUCHERMAN, Ieda. **O Percorso do Outro**. Conferência apresentada na Universidade Nova de Lisboa, em 23/04/97, mimeografado, p.16.

como os asilos e prisões. O princípio da educação institui o da recuperação, na qual a boa ciência seria a da educação. O movimento iluminista vem marcar, o início da modernidade e traz, como questões, a transmissão e a difusão do conhecimento.

O pensamento moderno volta-se a interesses e ideais materiais e terrenos. O caráter espiritual e religioso é esquecido, denotando todo movimento especulativo deste pensamento que: começa historicamente com a Renascença; é preparado pelo Humanismo; passa pelo Racionalismo e sua busca do conhecimento racional; desvela no Empirismo a sua relação com o conhecimento sensível e, por fim, desemboca no Iluminismo que, a partir da Revolução Francesa, traz uma saída prática, social, política, moral e religiosa para a realização do pensamento moderno. O Iluminismo torna-se um movimento cultural desenvolvido na Europa, entre a Revolução Inglesa (1688) e a Revolução Francesa (1789), com o intento de iluminar o povo com a Razão, contra o obscurantismo da história, da tradição, da política e da religião.

Além de Voltaire e Montesquieu que se preocuparam com os interesses sociais e políticos da época, Rousseau implementa um sentimentalismo romântico sobre o homem corrompido pela sociedade em seu processo civilizatório. Suas principais obras são: O

Contrato Social e Emílio em que trata, respectivamente, do problema político e do pedagógico. Em sua visão, o contrato social nasce de forma natural, num sentido otimista, onde o Estado expressa esta vontade não servindo à escravidão mas, sim, à liberdade e à valorização do indivíduo que, através de uma educação natural, espontânea e livre, lhe será permitido desenvolver toda sua humanidade originária, que é boa e deve ser desenvolvida.

Rousseau teoriza sobre os problemas políticos, buscando esboçar uma linha educacional que procurava “*fazer da criança um adulto bom*”<sup>9</sup>. Traçou, em Emílio, princípios básicos para evitar que a criança se tornasse má, uma vez que seu pressuposto básico era o de que a bondade é natural no homem. Outro pressuposto de seu pensamento era o de que a civilização é a responsável pelo mal e, portanto, a educação tem a dupla função de desenvolver as capacidades naturais do indivíduo e, ao mesmo tempo, afastá-lo dos males sociais. Para ele, a educação devia ser progressiva para que o processo pedagógico pudesse ser adaptado às necessidades individuais do educando.

Em sua concepção, era necessário libertar a criança da tirania das opiniões humanas para que se tornasse auto-suficiente de forma a prepará-la para o futuro, já que sua potencialidade não é aproveitada imediatamente, cabendo ao educador “*reter pura e intata essa energia até o momento propício. Neste sentido é particularmente importante evitar a excitação precoce da imaginação, porque esta pode tornar-se uma fonte de infelicidade futura*”<sup>10</sup>. É a noção de utilidade das coisas, buscando desenvolver no homem, aquilo que lhe possa ser útil.

Num primeiro momento, o processo educativo de Rousseau é negativo no sentido de se limitar àquilo que “não deve ser feito”. A educação positiva, em sua concepção, deve se iniciar com a aquisição da consciência da relação com seus semelhantes, passando do terreno da pedagogia propriamente dita aos domínios de uma teoria da sociedade e da organização política, que virão a constituir as bases de uma sociedade, vista por Michel Foucault como uma Sociedade Disciplinar.

Conforme Luiz Bernardo Leite Araújo, a modernidade não foi o simples resultado da secularização do cristianismo e sim “*o encontro (ou em termos habermasianos, a relação de*

---

<sup>9</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os Pensadores**, Volume I, Tradução: Lourdes Santos Machado, Nova Cultural, São Paulo, 1997, p.16.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p.16.

*tensão produtiva) destas imagens do mundo (a transformação dos componentes cognitivos das imagens de mundo) no contexto medieval, que permitiu a eclosão das ciências modernas e da ética protestante da vocação, fatores importantes para a modernização da sociedade”<sup>11</sup>.*

Desta forma, a experiência civilizatória traz em sua história a formação do pensamento humano, difundido ao longo dos séculos pelas diversas culturas. As criações do Outro ou dos Monstros - entendendo o Outro como o estranho, o diferente - nos servirão para refletir sobre o homem e sua humanidade dos primórdios à contemporaneidade, servindo também como advertência, pois *“é preciso manter distante o que é de diferente natureza. A hibridização compromete a humanidade do homem. Neste sentido exerce uma função didática tal como as imagens do diabo no século XII”<sup>12</sup>.*

Assim, se os estudos de Newton levaram o homem da modernidade a buscar o domínio sobre a natureza, tendo na velocidade o seu princípio fundamental; por sua vez, os conceitos de Rousseau, acerca da educação e da ciência política, forneceram bases para a reflexão de uma sociedade que estava em vias de ser introduzida e que trazia consigo os princípios da Norma e da Disciplina. O desenvolvimento da ciência colaborou para a inauguração de um período moderno, no qual os avanços tecnológicos possibilitaram uma ampliação significativa das percepções humanas e de suas relações de poder.

## **2.2 – DISCIPLINA E CONTROLE SOCIAL**

Michel Foucault, ao estudar as relações de poder na modernidade, buscou em Nietzsche pressupostos filosóficos que o ajudassem a amadurecer o conceito de

---

<sup>11</sup> **ARAÚJO**, Luiz Bernardo Leite. A sociologia Weberiana da Religião na Teoria do Agir Comunicativo. In: **A religião numa sociedade em transformação**, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997, p.51.

<sup>12</sup> **TUCHERMAM**, Ieda. **Monstros**. ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, mimeografado, p.10.

ressentimento e da dupla negação. Foucault articula a passagem de um estágio pré-moderno de exterioridade para um estágio moderno de interioridade, fazendo emergir um processo de culpa.

O poder passa a se constituir numa forma de estruturação de um campo de respostas possíveis e previsíveis da ação do Outro. O poder torna-se um “processo de vitimização”, destinado a fazer com que o Outro haja como se pretende ou espera. A modernidade instala a pedagogia de um "dispositivo de poder" que divide os homens entre si e, por isso mesmo, cada homem no seu próprio interior. A culpa e o ressentimento se justificam com a criação do Normal e do Anormal ou o Outro, quando só o poder poderia garantir a sustentação da normalidade.

Sendo o mundo não mais regido pelas leis divinas e sim pela lei dos homens e sendo os homens falhos por natureza, faz-se das normas o estatuto da convivência social. A Norma, enquanto mecanismo de poder, busca, em sua atuação, substituir a ação humana de forma a se tornar um dispositivo auto-regulador.

Arelada à Ciência, a Norma, permite o amalgamento dos conceitos de Verdade e Poder onde o normal é o que deve ser e todos têm que se tornar normais. A Norma mescla a verdade com o poder criando uma lei imanente, uma lei que emerge do próprio grupo, uma regularidade observada que acaba por se tornar um regulamento. Funciona pela identidade, pelo desejo de ser normal e pelo temor de ser anormal.

O campo da Norma traz consigo a Disciplina como uma forma reguladora que normatiza as ações dos indivíduos, seus corpos e seu espaço. O homem, aquele que faz parte de uma massa uniforme, de corpo inapto, se maquina e se automatiza em seus hábitos. Nasce o “homem-máquina” e, com isso, a noção de docilidade de “*um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado*”<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 14<sup>a</sup> ed., 1996, p.126.

A observação constante do tempo, do espaço e dos movimentos desse corpo, veio criar métodos minuciosos de controle de suas operações, pela sujeição constante de suas forças e da imposição à uma relação de docilidade e utilidade gerada pela Disciplina. Emerge uma “política de coerção” que tanto manipula quanto calcula gestos e comportamentos, formando corpos submissos, exercitados e dóceis. A Disciplina, por um lado, desenvolve o aumento da capacidade e aptidão do corpo e, por outro, impõe uma relação de sujeição.

Assim, “*a minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo*”<sup>14</sup> estarão contidos na escola, no quartel, no hospital e na fábrica. Nesta relação com o poder, ao privilegiar a “política do detalhe”, a Disciplina, por meio de observação minuciosa e num enfoque extremamente político, inaugura um conjunto de técnicas, processos e descrições de dados para um melhor controle desse corpo e dessa forma da sociedade.

Desse conjunto de técnicas, nasce a “arte das distribuições” na qual a Disciplina tem como função primeira, distribuir os indivíduos no espaço e, concomitantemente, controlar o seu tempo. As técnicas do encarceramento e do quadriculamento passam a imperar enquanto modelos organizacionais de escolas, conventos, quartéis e das fábricas

que surgiam no final do século XVIII, com seus quadriculamentos individualizantes, que consistiam na idéia de isolar e localizar os indivíduos de forma articulada com o sistema de produção e de divisão do trabalho. Deste modo, “*as disciplinas organizando as celas, os lugares e as fileiras criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos*”<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.129.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p.135.

O controle das atividades na Disciplina buscava garantir a qualidade do tempo empregado numa tarefa, de forma a se constituir num tempo integral e útil. Esse tempo impõe um ritmo coletivo e obrigatório através de um programa estipulado no qual o bom emprego das atividades corporais permitem um bom emprego do tempo, garantindo maior eficiência na execução da tarefa. Nas relações de trabalho, a Disciplina, através da distribuição das forças produtivas, busca construir uma espécie de máquina que se articula combinando suas peças elementares.

A Disciplina deixa de ser a simples arte de repartir os corpos, de extrair e acumular seu tempo, para compor forças de forma a obter um aparelho eficiente onde *“o corpo se constitui como peça de uma máquina multissegmentar... o tempo de uns deve se ajustar ao tempo dos outros de maneira que se possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-las a um resultado ótimo”*<sup>16</sup>.

Para Foucault, aflora uma certa militarização da sociedade onde a Disciplina se torna uma espécie de “arte para o bom adestramento”. Sua principal função é adestrar, fabricar indivíduos que se tornam objetos e instrumentos de seu exercício. Mas, o sucesso desse poder disciplinar dependeria, também, e principalmente, do uso adequado de instrumentos de vigilância, como *“o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua*

*combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”*<sup>17</sup>. O exercício da Disciplina pressupõe a vigilância hierárquica que, através de um jogo de olhares, induz a formas de poder e suas coerções. Neste sentido, descobertas científicas, como a das lentes e dos feixes luminosos, trouxeram técnicas de vigilância múltiplas, através do conceito da visibilidade geral. A vigilância serviria para se obter um controle interior, detalhado e articulado, de forma a tornar, visíveis, aqueles que se encontravam nos espaços demarcados.

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p.148.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.153.

O antigo esquema do encarceramento e do fechamento por muros começa a ser substituído pelo cálculo de aberturas e passagens de luz. O aparelho disciplinar daria capacidade a um único olhar de observar tudo a sua volta. Seria a transformação desse olhar em um olhar perfeito ao qual nada escapa e ao qual tudo é percebido. E, assim, surgem dispositivos de vigilância, como o Panóptico, de Jeremy Bentham, que, em seu princípio de funcionamento, busca *“dissociar o par ver - ser visto. Cada indivíduo deve saber que pode estar sendo vigiado, mesmo que não o esteja efetivamente. Para obter este resultado, é preciso que o poder seja visível, mas inverificável. Construir uma torre central opaca onde estaria o vigia e superfícies transparentes em que são colocados os vigiados”*<sup>18</sup>.

Para o sistema de produção, a vigilância teria uma função econômica decisiva como peça interna do aparelho de produção e como engrenagem específica do poder disciplinar. A vigilância traz consigo uma função hierarquizante, na qual a fiscalização exerce um papel pedagógico constituído por uma “rede de relações” que sustenta o conjunto, fazendo funcionar um poder relacional auto-sustentado por seus próprios

mecanismos, substituindo as possíveis manifestações pelo jogo de olhares calculados.

A Disciplina, segundo Foucault, estabelece uma espécie de “sanção normalizadora”, capaz de qualificar e ao mesmo tempo reprimir um conjunto de comportamentos, sendo essencialmente corretiva, quando a punição passa a ter, na Sociedade Disciplinar, uma duplicidade entre sanção e gratificação.

Ao castigar ou recompensar, a Disciplina faz emergir o poder da Norma que regulamenta os instrumentos de poder, de forma a se ter um corpo social homogêneo, devidamente classificado, hierarquizado e distribuído em seus lugares específicos. Desta forma, o poder da regulamentação ao mesmo tempo que cria uma homogeneidade,

---

<sup>18</sup> VAZ, Paulo. **O Inconsciente Artificial**. Unimarco Editora, São Paulo, 1997, p.84.

individualiza e permite medir os desvios, seus níveis e suas especialidades, de forma a torná-lo útil, ajustando as diferenças umas às outras.

O exame nasce com a função de combinar as técnicas da hierarquia que vigia com a sanção que normaliza, criando, assim, um controle normalizante e uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir a sociedade. O exame torna-se uma constante troca de saberes ligado a um mecanismo de exercício do poder que faz emergir as diferenças individuais.

Segundo Foucault, vemos nas Sociedades Disciplinares uma troca histórica dos processos de individualização, pois passamos de mecanismos histórico-rituais de formação individualizante a mecanismos científico-disciplinares nos quais, o normal tomou o lugar do ancestral e a medida tomou o lugar do *status*. A individualidade do homem memorável é substituída pela do homem calculável, pondo em funcionamento uma nova tecnologia de poder.

O indivíduo que representa a ideologia da sociedade é também uma realidade fabricada pela Disciplina, na qual o poder *“exclui, reprime, recalca, censura, abstrai, mascara e esconde. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”*<sup>19</sup>.

Baseando-se nos fundamentos de Michel Foucault, Gilles Deleuze, outro pensador importante de nossa época, busca o entendimento dos fatores que possibilitaram a mudança de um modelo de Sociedade Disciplinar para um modelo de Sociedade de Controle.

Para Deleuze, as Sociedades Disciplinares de Foucault têm seu início no século XVIII e seu apogeu no século XX, tornando-se uma “organização de confinamentos”, de forma que o indivíduo era levado de um espaço fechado a outro, em conformidade com seus códigos, normas e leis.

---

<sup>19</sup> Ibidem, p.172.

A família, a fábrica, o hospital, a prisão e a escola tornaram-se modelos ideais de confinamentos visíveis, destinados a concentrar, distribuir no espaço e ordenar no tempo as forças produtivas. Mas as Sociedades de Controle de hoje não são mais exatamente disciplinares, quando as técnicas de confinamento começam a perder sua força. As Sociedades de Controle, em vez do confinamento, buscam o poder num “*controle contínuo e de comunicações instantâneas*”<sup>20</sup>. A prisão, a escola e o hospital, entre os diversos espaços de poder, entram em crise fazendo que surjam novos tipos de sanções, novas formas de educação e de tratamento.

*Após a Segunda Guerra Mundial, o poder disciplinar passou a conviver com a crise dos meios de confinamento, percebendo-se que as Sociedades de Controle começavam a substituir as Sociedade Disciplinares, na qual se constata que nas Sociedades de Controle “os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação”<sup>21</sup>. No modelo disciplinar, a fábrica seria um exemplo em que a produção estaria sempre em cima e os salários embaixo. No modelo da Sociedade de Controle, a empresa substitui a fábrica que, com seus sistemas de prêmios, impõe uma modulação para cada salário, uma espécie de “metaestabilidade”. Neste contexto, a fábrica, que era constituída de indivíduos em um só corpo de trabalho, numa integração “homem-máquina”, deixa lugar para a empresa, que introduz uma rivalidade capaz de dividir o indivíduo em si mesmo através do princípio modulador do salário por mérito.*

Enquanto no aspecto econômico, a empresa substitui a fábrica, no âmbito da educação, a “formação permanente” substitui a escola; e o controle, agora contínuo, substitui o exame. Percebemos, hoje, que a tendência da educação é deixar de ser um campo isolado para se integrar cada vez mais ao meio profissional, delineando a formação permanente do aluno,

---

<sup>20</sup> **DELEUZE**, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart, Editora 34, Rio de Janeiro, 1ª ed., 1992, p.216.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.221.

trabalhador, cidadão. A educação deixa de ser, portanto, uma obrigação do Estado e passa a ser uma atribuição da empresa e das comunidades.

Outro aspecto importante dessa mudança de concepção apontado por Deleuze, se dá no fato de que a lógica das Sociedades Disciplinares era a de viver um eterno recomeçar, onde tudo era o início de um novo ciclo. Ao contrário disso, nas *“sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal”*<sup>22</sup>.

Enquanto nas Sociedades Disciplinares a assinatura seria a constituição de uma marca do indivíduo e de sua identidade, indicando com isso sua posição na “massa”, nas Sociedades de Controle o indivíduo não precisa mais de uma assinatura ou de uma identidade, mas sim de uma cifra e uma senha. A linguagem numérica origina códigos que nos dão, ou não, acesso à informação numa sociedade em que se busca cada vez mais dissociar o par “massa-indivíduo”, na qual os indivíduos se tornam divisíveis e as massas, amostras de dados de um sistema de mercados, sendo *“o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro - que serviam de medida padrão - ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda”*<sup>23</sup>.

*Deleuze acredita que a filosofia política deveria se centrar mais numa análise do capitalismo, enquanto um sistema que não pára de expandir seus próprios limites, concentrados no próprio capital. Não seria propriamente uma evolução tecnológica, porém, uma mutação do capitalismo que, nas Sociedades Disciplinares, buscava priorizar os modelos de concentração da produção e da propriedade e que, nas Sociedades de Controle, deixa de se direcionar para a produção, voltando-se para a “sobre-produção”, ficando relegado ao Terceiro Mundo a extração de matéria-prima, a venda de produtos acabados e a montagem*

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p.221.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p.222.

*de peças destacadas. O capitalismo de “sobre-produção” tornou-se aquele que quer vender serviços e que se dirige diretamente para o produto e sua venda no mercado sendo, portanto, dispersivo no momento em que a fábrica cede lugar à empresa. Nesse contexto, “a família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos ... são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes”<sup>24</sup>.*

*Desta forma, as conquistas de mercado se dão por uma tomada de controle e não pela formação disciplinar; por uma fixação de cotas e não por redução de custos; por transformação do produto e não por especialização da produção. O setor de vendas passa a ser o coração da empresa e o marketing passa a ser um “instrumento de controle social”.*

*Um controle que tem como característica ser de curto prazo, altamente rotativo e com um contínuo ilimitado, em detrimento do controle da disciplina que, por sua vez, era de longa duração, infinita e descontínua.*

*Na visão de Deleuze, o homem saiu de um sistema de confinamento para um de endividamento completo, no qual a maior parcela da humanidade é pobre demais para pagar a dívida e numerosa demais para ser confinada. No capitalismo, a universalidade está no mercado e “não existe Estado Universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas ... Não há Estado democrático que não esteja totalmente comprometido nesta fabricação da miséria humana”<sup>25</sup>.*

*Se, na visão da Sociedade Disciplinar, o homem era um produtor descontínuo de energia; na Sociedade de Controle, ele é ondulatório e funciona numa espécie de órbita, através de um feixe contínuo. Para cada tipo de sociedade Deleuze atribuiu o uso de um modelo de máquina específico. Nas Sociedades de Soberania, manejavam-se máquinas dinâmicas mais simples, como alavancas, roldanas e relógios. Nas Sociedades Disciplinares, tinham como*

---

<sup>24</sup> Ibidem, p.224.

<sup>25</sup> Ibidem, p.213.

*equipamento máquinas energéticas, vulneráveis ao perigo passivo da entropia e da sabotagem. Já as Sociedades de Controle operam através de máquinas cibernéticas e computadores, cujo perigo passivo se transformou na interferência e o ativo na pirataria e na introdução de vírus. Mas observamos que, mesmo antes da Sociedade de Controle se configurar como a concebemos hoje, emergiram formas de resistência como é o caso da pirataria ou do vírus do computador, substituindo, de forma comparativa, as greves e sabotagens de nosso passado próximo.*

*Deleuze deixa claro que as máquinas sozinhas não dizem nada, tornando-se necessário avaliar seus agenciamentos coletivos como formas de um controle incessante em meio aberto e que parecem, em seus confinamentos, menos duros. Os mecanismos de controle formam uma espécie de “coleira eletrônica” que, através do gerenciamento de um computador, localizam o indivíduo no espaço, abrindo-lhe ou não as portas, conforme sua condição lícita ou ilícita, dentro de uma modulação vista como universal.*

*Os mecanismos da Sociedade de Controle demarcam a crise nos meios de confinamento disciplinares, sendo feita a sua substituição por algo que ainda não conhecemos, embora possamos perceber tais mudanças. No caso das prisões, verificamos que as “penas substitutivas” e as “coleiras eletrônicas” demonstram não apenas uma “certa abertura” dos meios de confinamento, mas também um controle maior, já que o indivíduo se torna localizável no espaço. No âmbito hospitalar, vemos o desenvolvimento da medicina em domicílios em que não se apresenta como uma forma de atendimento individualizado, mas com o objetivo de substituir “o corpo individual ou numérico pela cifra de uma matéria ‘dividual’ a ser controlada”<sup>26</sup>.*

*Na escola, as mudanças se dão no sistema de avaliação continuada, numa formação permanente que relega a pesquisa e atrela a empresa ao ensino, e “tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação. Num regime de controle nunca se*

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 225-226.

termina nada”<sup>27</sup>. *Arelada à escola, a empresa deixa de oferecer uma educação informal ao indivíduo e passa a oferecer uma educação formal e acadêmica, buscando novos modos de relacionamento entre o dinheiro, os produtos e os homens.*

*Ao afirmar que os jovens pedem motivação e uma educação permanente, Deleuze deixa claro que eles não têm consciência não apenas do que foi a disciplina para a sociedade moderna como também não percebem que a crise das instituições traz consigo um novo regime de dominação cada vez mais progressivo e disperso em nossa sociedade contemporânea. Provavelmente, esta juventude, já nascida na contemporaneidade, não tenha percebido que, após o desenvolvimento da ciência, a grande mola a impulsionar a modernidade e a empurrar, hoje, com toda força, a contemporaneidade é a velocidade, quando Derrick Kerckhove<sup>28</sup>, então, percebe o indivíduo como um homem que deixou de ser um "homem de massa" para ser um "homem da velocidade".*

### **2.3 – VELOCIDADE DO NOVO HOMEM TECNOLÓGICO**

*A velocidade se tornou um paradigma importante na formação desse “novo homem” tecnológico. Assume o papel de vetor que atravessa a modernidade e se instaura na contemporaneidade de forma decisiva, fazendo da informação uma bagagem necessária na empreitada do conhecimento.*

*Poderíamos admitir que a própria ciência em sua voracidade para dominar a natureza, busca uma maior velocidade na obtenção de dados e explicações sobre os diversos fenômenos. A cultura deveria se antecipar à natureza ao prever fenômenos e a velocidade daria sentido à aceleração do mundo, tornando-se uma relação de poder e, por conseguinte, uma questão da sociedade ocidental.*

---

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>28</sup> **KERCKHOVE**, Derrick de. *A Pele da Cultura*. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1997.

*Paul Virilio seria um dos pensadores contemporâneos que mais buscou estudar a velocidade tornando-se um dos maiores estudiosos da “Dromologia” ou da “Lógica da Velocidade Prioritária”, na história da sociedade contemporânea. Em sua visão, “a primeira produção de nossa consciência seria a própria velocidade em sua distância de tempo, a velocidade tornando-se então idéia causal, idéia antes da idéia”<sup>29</sup>.*

*Virilio percebe que o próprio ato de pensar nos remete a uma relação de velocidade dentro da inércia, na qual pensar é de alguma forma fazer um deslocamento. Em sua teoria, estaríamos entrando num momento de “Inércia Polar”, em que a interface instantânea assume o lugar dos intervalos de tempo das mais longas durações, suprimindo o deslocamento.*

*Para Virilio, vivenciou-se, na modernidade, o advento da ‘distância/tempo’ em detrimento da distância espacial. Na sociedade contemporânea, vive-se o advento da ‘distância/ velocidade’ das imagens eletrônicas, ou seja, a imobilização da imagem sucede ao estacionamento contínuo. Saímos de uma era de tempo extensivo de transporte físico, para uma de tempo intensivo, tendo o domínio exclusivo das telecomunicações, que propiciam a imobilidade de nossa inércia domiciliada.*

*Esta nova maneira de conceber a velocidade traz à tona a segunda revolução nos transportes - o transporte imóvel, no qual a iluminação eletrônica das câmeras e dos monitores reproduzem as cidades e as casas com uma nova luz artificial, uma claridade eletrônica que supera a luz elétrica que anteriormente superou o nascer do sol. Desta forma, a ótica ativa da eletrônica elimina o obstáculo da distância num vasto território.*

*Para Virilio, a representação se superpõe ao verdadeiro ou falso, deslocando o centro de interesse da coisa em si para a sua imagem, de forma que “com a aceleração não há mais o aqui e ali, somente a confusão mental do próximo e do distante, do presente e do futuro, do*

---

<sup>29</sup> **VIRILIO, Paul.** *A Máquina de Visão.* Tradução Paulo Roberto Pires, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1994, p 16.

real e do irreal, mixagem da história, das histórias, e da utopia alucinante das técnicas de comunicação”<sup>30</sup>.

*A aceleração da informação cria uma certa ‘desregulamentação’ do sistema no qual o imaginário passa a substituir a realidade dos fatos e, com isso, jornalistas e publicitários vão buscar cada vez mais prognósticos e especulações que irão desde os índices da bolsa de valores aos acontecimentos esportivos, dando possibilidades para que qualquer consumidor possa também apostar. A velocidade busca garantir o segredo e o valor da informação que, por sua vez, vai se confrontar com os fundamentos de instituições como democracia, justiça, ciências, artes, religião, moral e cultura.*

*A Teoria da Relatividade de Einstein fez surgir a crise do absolutismo temporal e espacial na qual Virilio verifica que a velocidade não é simplesmente um fenômeno, mas uma relação de fenômenos, tal como a proposta da Teoria da Relatividade. A velocidade da luz e dos raios da ótica geométrica é subvertida pela velocidade das ondas eletromagnéticas de uma ótica, agora, ondulatória. Para Einstein, a velocidade serviria para ‘ver’, tornando-se a luz da luz. Começam a se desintegrarem os conceitos da física e da astrofísica, da extensão e da duração, da posição e da velocidade, pela matemática contemporânea. O tempo da luz ou ‘tempo-luz’ seria o centro do tempo onde esse tempo intensivo da luz, com sua velocidade do presente vivo, irá determinar a duração e a extensão desse tempo extensivo da matéria, objetos e lugares, na qual “é a partir deste presente intensivo que deveremos tentar observar aquilo a que convencionou chamar-se a realidade”<sup>31</sup>.*

*A velocidade absoluta da luz torna-se a ‘iluminação absoluta’ e revela tanto a extensão quanto a duração dos fenômenos numa espécie de “entrevista do real”. Nesse processo, percebemos a existência de um tempo histórico e cronológico que passa e, também, de um*

---

<sup>30</sup> VIRILIO, Paul. *A Arte do Motor*. Tradução Paulo Roberto Pires, Ed. Estação Liberdade, São Paulo, 1996, p. 39.

<sup>31</sup> VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução de Ana Luísa Faria, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993, p. 83.

*tempo que se expõe à luz da velocidade universal, onde a luz do tempo expõe e logo em seguida se sobre-expõe à realidade física.*

*Hoje, a velocidade está representada na velocidade audiovisual, na transparência da realidade das aparências. Uma transparência ‘espaço-temporal’ que se sobrepõe à transparência espacial da geometria linear das lentes óticas. Daí o termo ‘trans-aparência’, que Virilio procura designar para as aparências do que é eletronicamente transmitido para um observador que agora é tornado escravo e inseparável do objeto observado, graças ao imediatismo da interface entre a extensão e a duração “de um mundo reduzido à comutação homem-máquina, onde a profundidade espacial da geometria perspectivista cede repentinamente o lugar à ‘profundidade temporal’ de uma perspectiva em tempo real que substitui a antiga perspectiva renascentista do espaço real”<sup>32</sup>.*

*O tempo e o espaço se deslocaram e tornaram-se categorias relativas e, portanto, críticas. O absoluto se deslocou da matéria para a luz em sua velocidade limite, de forma que o que mensuramos, ouvimos e vemos é menos a luz do que sua celeridade. A velocidade hoje serve menos para se deslocar facilmente do que para se ver, ouvir ou conceber com nitidez.*

Na percepção dos fenômenos, a “frequência tempo da luz” tornou-se determinante em detrimento da “frequência espaço da matéria” e a instantaneidade das tecnologias faz a extensão e a duração se conceberem de forma diferente, numa diferença relativista que reconstrói uma nova geração de real, “uma realidade degenerada onde a velocidade se superpõe ao tempo, ao espaço, da mesma forma com que a luz já predomina sobre a matéria ou a energia sobre o inanimado”<sup>33</sup>.

*Assim, a velocidade não se presta apenas ao transporte e ao deslocamento. Ela serve agora para se ver, para se conceber a realidade dos fatos, trazendo à luz, tanto a*

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p.87.

<sup>33</sup> **VIRILIO**, Paul. *A Máquina de Visão*. Tradução Paulo Roberto Pires, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1994, p.102.

*duração, quanto o espaço. A frequência tempo-luz se inscreve como sendo determinante na visão relativista dos fenômenos e do princípio de realidade na qual a máquina de visão se torna uma máquina de velocidade absoluta. Seu dispositivo busca produzir uma visão sem olhar, a reprodução de uma cegueira industrializada do não-olhar.*

*Para Virilio, a energia da observação instala a velocidade da luz como o novo absoluto. Introduziu-se junto aos intervalos de espaço e tempo, o intervalo da luz que suplantou o antigo sistema da comunicação em que se necessitava de uma espera qualquer. Esta realidade energética contribuiu para o redimensionamento da própria noção de real e figurado, em que a questão da realidade se tornou a questão do trajeto deste intervalo de luz e não apenas do objeto ou dos intervalos de espaço e tempo.*

*Depois do “ser do sujeito”, tivemos o “ser do objeto” e agora temos o “ser do trajeto” que, sendo oriundo do intervalo tipo luz, define a aparência ou a “trans-aparência” do que é apresentado. Esse intervalo introduz a energia da ótica cinematográfica, que faz o trajeto se sobrepor ao objeto, figurando a luz da velocidade. A aceleração do tempo provocou os avanços das representações fotocinematográficas e assim o tempo da velocidade-luz iluminou nosso ambiente de forma a não ser mais um meio de representação, como a pintura ou o teatro, mas como um meio de informação.*

*A distância deixa de existir nesta inversão da organização arquitetônica clássica, quando ao invés de se distribuir o indivíduo no decurso de suas deslocamentos, como se fazia na Sociedade Disciplinar, condensa-se ou concentra-se num ponto do telecomando, de modo a evitar seu deslocamento. É o conceito de ‘reunir à distância’, aquilo que está afastado. Para Virilio, “este ponto, ou melhor, este centro de inércia, é evidentemente o utente, o ocupante desse lugar de comodidade absoluta – lugar que nada tem já em comum com a clássica distribuição das tarefas na organização doméstica habitual”<sup>34</sup>.*

---

<sup>34</sup> VIRILIO, Paul. *A Inércia Polar*. Tradução de Ana Luísa Faria, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993, p. 94/95.

*Desta forma, tanto a extensão quanto a distância não constituem mais um limite à potência, já que o 'ser presente' não está propriamente presente. Ele está em potência, ou seja, em velocidade absoluta, de forma que o tempo real sucede ao espaço real na distância entre dois pontos. A estratégia do não-lugar da velocidade suplantou a idéia de lugar definido e a instantaneidade, o face a face como o 'ao vivo' da TV, colocando em contato visual todas as localidades, não proporcionando mais a separação entre presente, passado e futuro, pois estar perto ou distante não tem mais significado, por ser uma ilusão de ótica. Hoje, a velocidade eletromagnética rege a arquitetura e o homem não se encontra propriamente dentro da arquitetura, "é a arquitetura do sistema eletrônico que o invade, que está dentro dele, na sua vontade de poder, nos seus reflexos, nos seus mais ínfimos desejos, e isto a qualquer hora do dia e da noite..."<sup>35</sup>.*

*Ao vencer as distâncias com o poder de sua vontade, de seu desejo, o utilizador passa a ser o 'realizador energético' com a simples possibilidade da velocidade de um sinal de rádio ou vídeo. E, com isso, para se ter o controle do ambiente interativo, a utilização humana deve 'des-realizar' o espaço arquitetônico clássico, tornando pequena a diferença entre ambiente virtual e ambiente real. Os impulsos nervosos se confundem com os sinais de transmissão das máquinas e as ordens de transmissão se transferem de corpo para corpo, de aparelho para aparelho, sem qualquer tipo de contato físico, criando a interface 'homem-máquina' de forma a eliminar todos os suportes físicos. Como podemos ver, na Internet não se necessita mais de um suporte físico, já que a informação não precisa mais*

*estar guardada em algum lugar específico, pois ela está em todos os lugares. A conexão global substituiu o local e em cada lugar se contém a rede inteira. A rede global está em todos os lugares de forma que qualquer lugar contém a todos e cada lugar é o centro e não o é ao mesmo tempo.*

---

<sup>35</sup> Ibidem, p.100.

*Ao alcançar a velocidade absoluta, as teletecnologias da ação à distância não procuram apenas uma economia física do corpo, mas suprimir a insatisfação e a frustração da passividade crescente de um indivíduo em sua inércia de atividade física. Para isso, procura-se “superexcitar o organismo do paciente, mas também de tranquilizá-lo, ou seja, de ‘programar’ a própria intensidade de suas atividades nervosas intelectuais como já se programa o regime-motor de uma máquina qualquer”<sup>36</sup>.*

*Com a informática de simulação e o desenvolvimento das telecomunicações, Virilio observa na ‘Teleação’, que a informação surge como uma energia autônoma, uma espécie de ‘Teleoperação’, que economiza deslocamentos físicos concorrendo com a energia dos transportes, de forma que a velocidade absoluta das transmissões de sinais elimina a circulação de produtos, pessoas e bens, permitindo a regulação de um tráfego em que a informação se confunde com sua velocidade-limite numa “fusão/confusão telemática entre energia e informação ao vivo que alcançará, finalmente, a equivalência perfeita da eletrônica e da informática, como se a energia elétrica tivesse se transformado, sub-repticiamente, em energia informática”<sup>37</sup>.*

*Tivemos antes a velocidade relativa e metabólica, depois a mecânica, e hoje temos a velocidade absoluta com seus sistemas eletromagnéticos. Após rompermos as barreiras do som e do calor, estamos rompendo agora as barreiras da luz numa aceleração cosmológica. A barreira do tempo se confunde com a velocidade-luz e no ritmo frenético dos acontecimentos a informação se sobrepõe à realidade dos fatos. O receio de Virilio é que, após termos conseguido alcançar a barreira do tempo histórico, a velocidade venha a trazer uma possível industrialização do esquecimento e da falta ou o princípio da desinformação.*

*Hoje, o espectador viaja de sua casa sem se submeter aos efeitos da gravidade, mas ao ‘gerador de realidade’, que “com a numerização da imagética cósmica integralmente*

---

<sup>36</sup> **VIRILIO**, Paul. **A Arte do Motor**. Tradução Paulo Roberto Pires, Ed. Estação Liberdade, São Paulo, 1996, p.108.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 121.

realizada no próximo século pelos especialistas em informática, os cibernautas poderão então, como simples espectadores, viajar em sua poltrona rumo à descoberta de um universo de substituição (*grifo meu*) surgido da energia da informação”<sup>38</sup>.

*Numa visão pessimista, Virilio percebe que a educação das novas gerações será regida pelos jogos de vídeo baseados na virtualidade do desaparecimento e da eliminação, capazes de gerar a perda da consciência ou a interrupção do conhecimento que ele denomina como sendo uma “morte epiléptica”<sup>39</sup>.*

*Percebemos que as gerações e suas técnicas se sucedem e o antigo homem da escrita, do livro e da imprensa, se diferencia de seu filho, seu sucessor da geração da tela, do cinema e da televisão, que, por sua vez, se diferenciará da próxima geração exposta hoje à videografia e à informática.*

*Na concepção de Virilio, o homem parou de aguardar o tempo para viver o instante, num tipo de aceleração que é capaz de cegá-lo pelo próprio excesso de luz. Para ele, a sociedade acelerou demais o seu processo evolutivo, sendo hoje necessário diminuir o ritmo para se ter um desenvolvimento tecnológico compatível com a realidade social.*

*Embora concordemos com a visão crítica de Paul Virilio, preferimos adotar aqui um posicionamento menos catastrófico com relação à tecnologia e às suas formas de dominação, buscando observar outras possíveis formas de uso para o seu melhor aproveitamento na formação do ser humano, principalmente, quando verificamos que a formação deste "novo homem", visto como um "homem tecnológico", traz a existência de um conflito entre a proposta linear da história, diante da descontinuidade da passagem da modernidade para a contemporaneidade.*

---

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 132.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 68. (Ver também em **Guerra Pura**, Brasiliense, 1984, cap. “Fragmentação e Tecnologia”, p.41)

*A crise da modernidade pôs em questão a linearidade da história e possibilitou o emergir de rupturas, de diversas forças de comando. Neste contexto, se a história se encontra em conflito, ela não pode ser nem linear, nem ter a noção de progresso, pois coloca o homem em questão, em sua relação entre a razão e a história. Assim, se o homem não é mais o centro e sim uma das forças, o princípio da contemporaneidade deixa de ser o da Identidade para ser o da Diferença.*

*Pensava-se na modernidade em poder transformar o futuro, que era aberto e estava ao alcance de todos. O futuro tornou-se uma experiência paradoxal da simultaneidade quando atrelado às novas experiências, embora com a sensação individual de um sistema fechado e globalizado, que nos traz uma certa impotência em relação ao capital mundial.*

*O futuro do homem na modernidade era pensado como uma forma de realização da humanidade, em que a miséria, que poderia ser politicamente mudada, só contaria agora com a piedade. Na atualidade, a mudança é pensada como desumanizadora e a única certeza que temos é a de que não seremos mais os mesmos. É uma mudança radical, porque o homem será uma mescla, uma hibridização ou uma monstruosidade, um misto de animal e máquina.*

*As mudanças ocasionadas na passagem da modernidade para a atualidade perpassam por uma relação de tempo que se ata às novas tecnologias, como as que podemos ver nas experiências biomédicas, que fazem de nosso corpo uma experiência de tempo. Vivemos um novo conceito de "novo", no qual o "novo" deixa de ser valor. O agente desse "novo" passou a ser a tecnociência, como sendo uma explosão de uma ação humana.*

*A vida passa a ser pensada como informação algorítmica, tal como o DNA, numa experiência de abertura tecnológica rápida demais e que desloca a temática dos valores morais para a velocidade. É o conflito indivíduo/sociedade, no qual os valores, ao serem conduzidos pela velocidade tecnológica, fazem o dever de tornar a plasticidade uma obrigação, de forma que o homem passa a ser uma espécie de reciclagem de uma realidade tecnológica.*

*Os obstáculos parecem ser cada vez menores no presente, passando a ser uma consequência antecipada, onde o feedback, que é o efeito se torna a causa e, assim, o futuro depende daquilo que se espera que ele seja. O futuro torna-se um limite virtual associado à informação, a qual passa a ser o grande obstáculo e na qual toda ação local comporta o global, substituindo o particular pelo universal. Deixamos de ser uma sociedade da identidade para nos tornarmos uma sociedade da velocidade. Saímos da temática da repetição para a temática de um tempo real, um tempo de decisão e simultaneamente de pressão temporal, no qual todo ser vivo tem que buscar se antecipar à cultura para evitar o desastre; e, ao futuro, para sobreviver. Saímos de uma temática de realização individual para cairmos numa temática de sobrevivência, na qual o futuro nos pesa.*

*Não há mais um valor que legitime os valores, uma vez que estes são processos em permanente construção, não sendo eternos e podendo ser mudados amanhã. Na lógica do consumo não se tem mais a garantia de legitimidade. Os homens não têm mais nem os valores da religião, nem os valores da história, de forma que já não existe mais um valor universal, cabendo aos futuros pensadores a percepção dos novos valores, pois eles não estão prontos. A idéia das coisas prontas acabou e se não há mais um valor determinado, nós é que teremos que escolher o nosso próprio valor.*

*Verificamos que tudo, que se apresenta, hoje, como realidade, começou muito longe no tempo como idéia. É o caso da globalização que, apesar de ser apontada como a vilã do mundo contemporâneo, é, por sua vez, o resultado da aventura intelectual humana. Na literatura e na filosofia podemos perceber que obras como “Antígona”, “Édipo” e “Dom Quixote” obtiveram sucesso pelo seu caráter universal, atingindo gerações e provocando a reflexão pelo fato de serem entendidas por diversas culturas.*

*A cultura ocidental buscou o universal em todas as formas de manifestações particulares. A filosofia grega, mesmo com toda distância no tempo, nos deixou questões para as quais ainda*

*não encontramos respostas. A ciência levou ainda mais longe a idéia de universalização, desencadeada anteriormente pela arte e pela filosofia.*

*No campo acadêmico, técnicas e resultados de pesquisa são avaliados constantemente por procedimentos “transculturais”, nos quais experimentos e demonstrações são submetidos à produção e à avaliação de reconhecimento em pesquisas de diversas culturas. Tudo deixa transparecer que a unificação mundial é um processo antigo e que, no plano das idéias, as pesquisas filosóficas e, principalmente, a científica, vêm se encarregando de diminuir as diferenças entre os povos e as nacionalidades <sup>40</sup>.*

*Assim, o fenômeno da globalização é o resultado do longo processo de formação de nossa cultura artística, filosófica e científica e, nas últimas décadas, as tecnologias da informação só fizeram acelerar esse processo. Tudo começou a mudar em ritmo acelerado e, quando a tecnologia da informática se associou a das telecomunicações, tornou-se possível a formação de uma aldeia global. Mas a idéia de que o desenvolvimento da cibernética e do ciberespaço ameaçam a civilização e os valores humanos persiste na confusão entre a noção de universalidade e de totalidade.*

*Para Pierre Lévy, em termos de tecnologia, o ciberespaço tem se mostrado um ambiente mais acolhedor do que dominador. O ciberespaço não se caracteriza como um instrumento de difusão a partir de centros, como é o caso da imprensa escrita, do rádio e da televisão, mas sim, como um dispositivo de comunicação interativo de coletividades humanas e de contato para comunidades heterogêneas. Para ele, “aqueles que vêm no ciberespaço um perigo de ‘totalitarismo’ cometem um grave erro de diagnóstico ... E aqueles cujo papel consistia em impor limites e territórios estão ameaçados por uma comunicação transversal, multipolar, que rompe compartimentos” <sup>41</sup>.*

---

<sup>40</sup> OLIVA, Alberto. *A Globalização do Espírito. Folha de S. Paulo, Caderno Opinião, 4/06/98, p. 3.*

<sup>41</sup> LÉVY, Pierre. *A Nostalgia do Totalitarismo. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 14/06/98, p. 3.*

*Neste sentido, aqueles que se elegiam como intermediários e porta-vozes da informação encontram suas posições ameaçadas pela criação de relações mais diretas entre produtores e usuários da informação. Milhares de textos circulam pela Internet sem censura e sem passarem pelo "crivo" de revisores ou de algum redator-chefe. Para Lévy, a apropriação do conhecimento poderá se libertar das amarras das instituições de ensino e o saber poderá vir a ser acessível aos indivíduos que se integrarem às comunidades virtuais destinadas ao aprendizado cooperativo.*

*No campo da saúde, por exemplo, verificamos que as células podem ser estudadas em laboratórios virtuais pela Internet, por meio de processos de microscopia à distância. Os médicos que operam por 'telecirurgia', deverão fazer face à concorrência de fontes de dados médicos, de fóruns de discussão e de grupos virtuais de auxílio mútuo a pacientes acometidos pela mesma doença.*

*Jean Baudrillard, ao falar dos efeitos da clonagem física, afirma que a busca da imortalidade pelo homem de hoje parece se tratar de um remorso da 'individuação-sentimento' que viria do instante em que o homem se afirma como indivíduo. Para ele, parece que o homem tem ódio de si mesmo e não está mais preocupado com a imortalidade da alma, na qual não acredita mais, situando a sua principal preocupação na imortalidade imediata. A espécie humana parece querer pôr fim à seleção natural, fazendo da violência humana um ato contra ela mesma. Para Baudrillard, embora o homem ainda esteja longe da clonagem física de simulação genética, ele vive atualmente a clonagem cultural, pois "é a cultura que nos faz clones. Somos todos idênticos e é por meio das informações de base da cultura que nos tornamos cópias"<sup>42</sup>.*

*Pierre Lévy tem uma visão menos apocalíptica que Baudrillard e defende que os meios de informação, imprensa, rádio, cinema e TV, seguem a linha do universal totalizante iniciada*

---

<sup>42</sup> **BAUDRILLARD**, Jean. Baudrillard 'simula' o Apocalipse. **Folha de S. Paulo**, Caderno Folha Ilustrada, 20/05/98, p.4.

*pela escrita e que, diferente dessa proposta, a Internet, em sua rede, emerge como uma nova forma de universal e não se dispõe a totalizar os sentidos. Para Lévy, com os computadores, pessoas, “as mais diversas podem entrar em contato. A Internet ou o ciberespaço exprime a diversidade humana”* <sup>43</sup>.

*Diferente de Jean Baudrillard e Pierre Lévy, o italiano Gianni Vattimo não é nem catastrófico, nem otimista. Seu interesse maior está na educação ou na formação da personalidade do indivíduo num ambiente globalizado pela mídia. Para ele, a educação, que sempre exigiu um horizonte firme, estável de tradições culturais dadas pela experiência humana, desaparece na cultura global. Essa alternativa parece fazer emergir o super-homem de Nietzsche, pois “o homem que, na era do niilismo estabelecido, não for capaz de inventar interpretações pessoais, ou seja, de se tornar um super-homem, está destinado a perecer como indivíduo”* <sup>44</sup>.

*Mas a pós-modernidade, ou contemporaneidade, pode ter um sentido positivo e reflexivo no campo da ciência política, ocasionando uma espécie de ‘reforma’ que se funda em grande parte na ciência e na técnica, quando a dívida, segundo o sociólogo alemão Ulrich Beck, torna tudo possível - a ciência, o conhecimento, a crítica e a moralidade, embora de forma diferente. Do ponto de vista das ciências políticas, o Estado deverá redefinir seus campos de responsabilidade para os riscos futuros que a cultura da dívida e da experiência humana manifestam. Para Beck, “oferecer à modernidade uma segunda chance é o único meio de evitar a contra-modernidade – nome dado ao que Deleuze e Guattari chamavam de desterritorialização e que consiste em fabricar artificialmente a certeza para dar cabo à sociedade do risco”* <sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> **LÉVY**, Pierre. *Pierre Lévy defende a Internet. Folha de S. Paulo, Caderno Folha Ilustrada, 20/05/98, p.4.*

<sup>44</sup> **VATTIMO**, Gianni. *Vattimo quer Super-Homem. Folha de S. Paulo, Caderno Folha Ilustrada, 20/05/98, p.4.*

<sup>45</sup> **BECK**, Ulrich. *Antídoto à Paralisia. Folha de S. Paulo., Caderno Folha Mais, 17/05/98, p.3.*

*Embora nos sintamos temerosos com o poder de destruição da ciência e suas tecnologias como foi o caso, por exemplo, da bomba atômica em Hiroshima, não podemos deixar de perceber o bem que a energia nuclear fez e está fazendo à medicina ou quando a expectativa de vida do homem subiu para oitenta anos e, segundo especialistas, poderá chegar a cem anos ainda neste século.*

*Desta forma, não seria a tecnologia a causadora da desordem ou da destruição da humanidade. É o homem, com seu intelecto e vontade de poder que a utiliza de forma errada ou desordenada. A tecnologia é apenas uma das 'ferramentas' do mundo humano que nos faz conviver com as mudanças dos tempos.*

*Parece-nos que a tecnologia já se instalou no corpo social, como percebemos no caso do uso do computador com suas redes interligadas e todas as expansões técnicas que delas decorrem, como é o caso da Internet que atualmente tem uma penetrabilidade muito mais ampla e social do que técnica. Como vemos nos MUDs (Domínio de Usuários Múltiplos), o usuário assume uma personalidade como fantasia e se interrelaciona com personalidades diversas e mesmo conflitantes, encontrando para cada uma das faces de suas personalidades, um interlocutor apropriado. Sua identidade parece se fragmentar de forma a se adaptar a cada nova situação e o computador passa a ser uma alcova, um confessor, um parceiro de jogos e, em muitas das vezes, um interlocutor culto e inteligente, com uma vasta literatura e acesso a informações, sendo possível desligá-lo, sem se contaminar, contrair algum vírus ou vícios. Como já afirmamos anteriormente, é um meio completamente asséptico.*

*Por sua vez, o computador parece estar sendo humanizado com traços antropomórficos como alto-falantes em formato de orelhas e gaveta de disquetes parecendo uma boca, ficando, para a tela, a idéia dos olhos, que representa uma janela que nos levará a mundos virtuais. Mas uma ameaça pode ser detectada nessa revolução que ainda não se tornou explícita; a identidade individual, considerada como um dos valores morais da cultura ocidental.*

Ao liberar o homem de seu ego controlador, o computador torna frágil esse valor da identidade individual. Na medida que cada cidadão pode assumir personalidades múltiplas e simultâneas, a identidade tende a desaparecer, fazendo surgir um novo valor que será a ‘adaptabilidade’ e a ‘versatilidade’ ou seja, a ‘maleabilidade’ do cidadão em relação à ‘modulação’ do universo contemporâneo. Para alguns, os perigos desse mergulho no mundo virtual não são simplesmente os psicológicos mas, sim, os éticos, quando se indaga: “*Que lealdade podemos esperar de um ego desintegrado em múltiplas personalidades? Que consistência se pode exigir da versatilidade?*”<sup>46</sup>.

*Não sabemos ainda responder a essas questões, mas percebemos que na experiência humana, o ‘ser’ perdeu espaço para o ‘ser-tempo’ que, por sua vez, perdeu espaço agora para a ‘socialidade’. Essa, por sua vez, segundo o filósofo Emmanuel Lévinas, quanto mais for configurada pela alteridade e pelo estranho, vai pretender buscar sua fusão. Para ele, a “socialidade é a não-indiferença à alteridade”*<sup>47</sup>.

*O fato é que, enquanto se discute na contemporaneidade a nocividade ou não da tecnologia, o mundo humano utiliza as mudanças para as mais diversas aplicações a seu favor, em que níveis forem, como é o caso dos treinamentos para executivos através de jogos de aventura virtuais*<sup>48</sup>, *nos quais, de forma lúdica, os participantes percebem suas falhas ou virtudes em temas como trabalho em grupo, planejamento, liderança, estabelecimento de metas e otimização de recursos.*

*No extremo oposto, diferentemente dos cultos e inteligentes homens brancos dos negócios, os indígenas brasileiros utilizam o vídeo para defender seu território e divulgar sua cultura*<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup> LEITE, Rogério César de Cerqueira. *O mediador inteligente e o fim dos princípios*, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 22/03/98, p.15.

<sup>47</sup> LÉVINAS, Emmanuel. *O filósofo da alteridade*, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 12/05/98, p.11.

<sup>48</sup> FOLHA DE S. PAULO. *Jogo de aventura treina executivos*, Caderno Sua Vez, 14/06/98, p.20.;

<sup>49</sup> FOLHA DE S. PAULO. *Índio usa vídeo para defender território*, Caderno Cotidiano, 13/06/98, p.3.

*São eles, os autores, roteiristas e produtores dos vídeos que estão sendo exibidos em escolas do interior para que crianças, habitantes e turistas possam se familiarizar com a cultura indígena dos Waiãpi, da aldeia Kumaré, no Amapá.*

*Poderia, a tecnologia, no caso mais específico deste trabalho - o uso da tecnologia televisiva, auxiliar na educação de milhares de trabalhadores brasileiros que ainda não concluíram o ensino fundamental, antes da avalanche da globalização cair sobre suas cabeças?*

*Partindo do pressuposto de que o uso da tecnologia pode vir a ser uma importante aliada na formação deste novo e inevitável homem-tecnológico, buscaremos indagar se a televisão brasileira, como parte integrante deste aparato tecnológico, vista muitas das vezes, como castradora da vontade humana, simuladora, manipuladora e totalmente dependente da ideologia governamental e empresarial capitalista, não poderia, por outro lado, ter um caráter pedagógico, uma função educativa, enfim, o papel de viabilizar ou oportunizar a formação da sociedade brasileira?*

*Caberia, portanto, verificar que méritos e impactos as tecnologias de comunicação, atreladas ao ensino de uma enorme “massa” de trabalhadores, causariam na vida das pessoas. Discutiremos, no próximo capítulo, a função da televisão enquanto tecnologia de controle de poder e as possibilidades de sua utilização pedagógica para as mudanças sociais desse novo tempo.*

### **3 – TECNOLOGIAS DO PODER: DO PANÓPTICO À TELEVISÃO**

#### **3.1 - PANÓPTICO: UM INSTRUMENTO DE VIGIAR**

Há muito concebemos a indústria cultural a partir de seu caráter manipulatório, ideológico e comercial, sem ao menos nos debruçarmos sobre as alternativas de utilização ou as “novas formas de uso” da mídia, em favor de objetivos educacionais e culturais.

Em nosso caso específico, a televisão brasileira parece apresentar um “caos generalizado” em termos de qualidade que perpassa da “não-informação” ao ato de fazer o telespectador “rir de si mesmo”. Em outras palavras, cabe à recepção se informar por um jornalismo, que escamoteia os fatos e esfria a notícia, e se divertir com a espetacularização do grotesco, oriunda da proliferação de programas produzidos para as classes consideradas populares. Tudo nos leva a crer que dificilmente teremos um modelo de Televisão Aberta que preze pela qualidade de seus programas e, principalmente, de seus conteúdos, sem isenção partidária e com objetivos culturais.

Por outro lado, nós, acadêmicos, teóricos ou experimentalistas do campo da Comunicação e da Educação, não nos debruçamos ao estudo das "possibilidades de uso" da tecnologia do vídeo e do aparato de transmissão televisivo enquanto mecanismos propensos a ocasionar mudanças.

Entender as diferentes concepções de mundo a cada período histórico, bem como as relações sociais travadas a partir do desenvolvimento tecnológico, da velocidade e da virtualização, torna-se de suma importância para compreender a eficácia ou não, do uso da tecnologia televisiva em processos de educação formal <sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Entendendo educação formal como qualquer iniciativa educativa capaz de transmitir conhecimentos que habilitem ou certifiquem seus alunos junto aos órgãos educacionais governamentais..

Em nosso caso específico, a grande indagação seria saber se a televisão, essa tecnologia capaz de criar simulacros e dissuadir o coletivo humano, poderia, também, contribuir para a educação de uma sociedade em processo de transformação. Em outras palavras, quais seriam as outras formas de uso da televisão brasileira - sua nova face, sua nova função - junto à sociedade contemporânea?

Não se pretende aqui exaltar o uso da tecnologia televisiva no ensino, porém tentar perceber seus possíveis benefícios na educação do trabalhador brasileiro, pois verificamos a urgente necessidade de mudanças radicais, assim como, uma extensa gama de recursos e ofertas educativas, destinados a capacitar o trabalhador, frente à globalização econômica e à "americanização" da cultura nacional, como muitos afirmam. Sabemos que a tecnologia televisiva tem seu passado oriundo das estruturas de controle de poder do século XIX, nascendo de uma necessidade intrínseca de visibilidade, com objetivos de vigiar e punir elementos desviantes como verificamos nos estudos de Michel Foucault <sup>50</sup>.

Neste sentido, tentaremos fazer um paralelo entre o panóptico, enquanto modalidade tecnológica primária de controle e o uso da televisão, ambos, verificados aqui, como instrumentos de controle da sociedade em suas ações. Michel Foucault observou que, numa Sociedade Disciplinar, cuja singularidade residiria na existência do Desvio diante da Norma, se poderia admitir divergências e, portanto, a dualidade da relação Bem e Mal, na qual o ato de "curar" assume o sentido de normalizar. Mas, para normalizar este sujeito moderno torna-se necessário a invenção de máquinas e dispositivos de controle capazes de, forçosamente, fazer o indivíduo refletir sobre os seus atos e fazer sua auto-avaliação, segundo a Norma.

O Panótipo de Jeremy Bentham, ressaltado por Foucault, enquanto dispositivo arquitetural, comporta o domínio da distribuição dos corpos em determinadas superfícies com uma certa

---

<sup>50</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 14ª ed., Petrópolis, Vozes, 1996, p.125-200.

luminosidade e facilidade à observação de olhares vigilantes. É criada a idéia de uma vigilância constante e contínua, numa relação de poder “*visível, mas inverificável*”<sup>51</sup>.

No panóptico, o vigia tem o poder de transformar uma multidão numa multiplicidade quantificável e descritível. O vigiado, por sua vez, tem, como efeito dessa relação, a internalização da vigilância. É o estabelecimento de uma relação direta entre produção e poder, fazendo emergir uma certa dissimetria entre igualdade e dominação, em que “*os princípios igualitários foram acompanhados pelo desenvolvimento de micropoderes essencialmente assimétricos que garantiam a submissão das forças e dos corpos. Foucault é provocativo: as luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas*”<sup>52</sup>.

Os indivíduos são inseridos em espaços fechados, vigiados sob um poder hierárquico e contínuo que os faz serem facilmente localizados, analisados e distribuídos entre os demais. Esse modelo compacto de dispositivo disciplinar faz da “ordem” uma arma contra doenças na qual “*atrás dos dispositivos disciplinares se lê o terror dos ‘contágios’, da peste, da revolta, dos crimes, da vagabundagem, das deserções, das pessoas que aparecem e desaparecem, vivem e morrem na desordem*”<sup>53</sup>.

O Panótipo de Bentham se instala como uma figura arquitetural dessa composição. Seu princípio traz o modelo de uma construção circular em formato de anel na periferia com uma torre no meio. A torre central apresenta grandes janelas vazadas para o interior do anel periférico e o anel, por sua vez, é constituído por celas que comportam duas janelas: uma para o interior do anel e outra para o exterior da construção. O grande número de janelas e suas aberturas consolida o “princípio da iluminação total”, pois o atravessar da luz pela cela

---

<sup>51</sup> VAZ, Paulo. **O Inconsciente Artificial**. Unimarco Editora, São Paulo, 1997, p.84.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.86.

<sup>53</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 14<sup>a</sup> ed., 1996, p.175.

traz para o vigia da torre central a visibilidade completa do louco, do doente, do encarcerado e, hoje, do aluno <sup>54</sup>.

O dispositivo panóptico de vigilância estabelecido pelo princípio da contraluz, observa seu encarcerado de frente sem deixar que ele tenha contato com os demais. Ele é visto mas não vê. É uma forma de garantir a ordem substituindo os efeitos de uma multidão por uma coleção de individualidades separadas. Sob a ótica do vigia, o coletivo é transformado numa *"multiplicidade enumerável e controlável; do ponto de vista dos detentos, por uma solidão seqüestrada e olhada"* <sup>55</sup>.

O panóptico, como um sistema "arquitetural e ótico", tem como princípio uma nova anatomia política que não traz mais como objetivo a manutenção de uma relação de soberania, mas uma relação disciplinar. A disciplina, entretanto, não pode ser vista como uma instituição ou um aparelho. Ela é *"um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma física ou uma anatomia do poder, uma tecnologia"* <sup>56</sup>.

Enquanto aparato tecnológico de poder, poderíamos encontrar hoje uma espécie de evolução deste estado de panotipia imposta pelo poder no modelo de uso da televisão adotado em nossa sociedade. Numa visão mais apocalíptica, a busca de pontos comuns e divergentes entre a tecnologia do dispositivo panóptico da modernidade e a panotipia televisiva da contemporaneidade fazem emergir inquietações que nos levarão, num primeiro momento, a indagar acerca da Disciplina em sua função de apaziguar e adestrar seu prisioneiro.

---

<sup>54</sup> **CUBEIROS**, Thereza. **O Ensino no CIEP**, Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, PUC-

Rio,1991. Descreve que o modelo de construção do CIEP, do Rio de Janeiro, obedece ao esquema

arquitetural do panóptico em relação à visibilidade total, podendo ser visto como uma variação

modernizada de seu conceito fundamental.

<sup>55</sup> **FOUCAULT**, Michel. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 14<sup>a</sup> ed., 1996, p.177.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p.189.

Desta forma se, no dispositivo panóptico, o indivíduo é aprisionado e individualizado; com relação ao uso da TV, ele também é encarcerado, embora em sua casa, sendo coletivizado pelo discurso emitido e, ao mesmo tempo, individualizado pelo efeito por ele produzido.

### **3.2 – PANOTIPIA TELEVISIVA**

O uso da televisão, observada como um modelo de mecanismo disciplinar, também distribui seus indivíduos no espaço, colocando-os ao mesmo tempo sintonizados em seus discursos, tal como faz hoje a Rede Globo de Televisão que, além de ser a maior emissora do país e da América Latina, tem grande poder de penetrabilidade e, por conseguinte, maior audiência que seus competidores. Sendo um encarceramento na própria casa, torna-se um aprisionamento diferente, “mais livre”, e do qual podemos sair sem sofrermos algum tipo de penalidade.

Mas, quando estamos diante de suas produções, somos prisioneiros de um mesmo formato de programação que não temos poder para alterar pois em todos os canais teremos novelas, telejornais e humor, entre outros gêneros. A simples variação de canais não nos possibilita a liberdade de assistir ao que queremos, apenas escolhermos o que nos parece menos pior. O próprio ato de ver televisão nos submete à uma atenção direcionada para a programação, já que, em alguns casos, se torna incompatível assistir à televisão e fazer outra atividade ao mesmo tempo.

Enquanto o rádio possibilita uma espécie de “atenção marginal”, ou seja, que o receptor possa exercer outra atividade como estudar, trabalhar e conversar, ouvindo a programação<sup>57</sup>, a televisão não dimensiona esse espaço. Para assistir à TV é necessária uma “atenção concentrada” e uma visão apreensiva do instante em que a imagem passa.

---

<sup>57</sup> **ORTRIWANO**, Gisela S. **A Informação no Rádio**. Summus Editorial, São Paulo, 1985, p.78-83.

Sob a ótica da produção, o indivíduo é encarcerado em um tipo de programação após sua jornada diária de trabalho, por um período médio de três horas por dia. Nessa concepção, o trabalhador brasileiro, em especial o de baixa renda, preenche parte de sua vida e de seu “tempo livre” ou “liberado” com a televisão <sup>58</sup>. Seja por falta de dinheiro, seja por não ter o que fazer, o trabalhador brasileiro em seu momento de não trabalho, assiste mais à televisão do que busca outros tipos de entretenimento. Assim, enquanto estamos ligados na programação, magnetizados pela sua codificação icônica <sup>59</sup>, no sentido do “tratamento dado à imagem”, mergulhados em suas histórias e lições de vida, não poderemos ter tempo para pensar em nossa vida árdua e na política de nossos governantes. Estaremos preenchendo parte do tempo de nossos pensamentos com mensagens desta mídia que parece tender a nunca se colocar contra o sistema político que a mantém.

O uso da televisão, enquanto aparato do dispositivo de poder, busca preencher o tempo livre do cidadão brasileiro, controlando seu modo de pensar e de perceber as coisas. Se o poder, segundo Foucault, busca controlar o tempo do cidadão para torná-lo mais útil; o uso da televisão, enquanto dispositivo de poder de uma sociedade pós-capitalista, busca o controle desse indivíduo em seu momento de não trabalho para torná-lo menos útil em seu aspecto político.

Este poder de interferência da televisão na sociedade é percebido pelo Campo da Comunicação sob duas correntes de pensamento. A primeira, oriunda da escola alemã de Frankfurt que, embora muito rígida, traz contribuições importantes para o entendimento dos mecanismos de produção das mensagens. Seus estudos acirram a discussão sobre procedimentos que fazem da racionalidade técnica um instrumento de dominação da modernidade. O modelo frankfurtiano se centra na análise crítica do mecanismo econômico e sua relação com a sociedade, tendo a razão técnica como alimentadora do processo.

---

<sup>58</sup> **THIOLLENT**, Michel. *Televisão, Trabalho e Vida Cotidiana*. **Revista Intercom**, São Paulo, 1982.

<sup>59</sup> **TILBURG**, João Luís Van. **A Televisão e o Mundo do Trabalho**. Paulinas, São Paulo, 1993.

Para esse modelo mecânico de comunicação não haveria nem atores, nem intercâmbios verdadeiros, já que o significado estaria pronto, construído pela mídia, sendo emitido sem *feedback* pela Produção para a Recepção. Caberia ao receptor apenas reagir aos estímulos enviados pelo emissor, sendo ele considerado uma "tábua rasa", um recipiente "vazio", um depositário de ideologias e conhecimentos.

Diferente desta visão mecanicista, temos, nos estudos atuais, a contribuição de autores como A. Toraine, M. Maffesoli, P. Bourdieu, G. Deleuze, M. Foucault, F. Guatarri e outros, que se direcionaram ao estudo do cotidiano de pessoas ou grupos, captando as contradições emergentes e as relações do receptor com o mundo moderno. Os estudos de comunicação passaram a tentar entender o receptor como um "ator" do mecanismo de construção da mensagem bem como verificar suas atitudes e iniciativas enquanto "sujeitos" do processo, resgatando a complexidade da vida cotidiana, suas relações com os meios de comunicação e os contratos de leitura feitos pela recepção dos produtos midiáticos. Autores brasileiros, como Carlos Eduardo Lins da Silva e Ondina Fachel Leal, observam que a interação ideológico-político-cultural pode se dar por um processo de negociação e não por uma imposição com pressupostos de dominação. Busca-se, atualmente, uma outra forma de se observar a comunicação percebendo o processo de recepção como um processo de interação e de negociação de sentidos.

No Campo da Educação, as reflexões sobre a televisão, seu papel e sua função social também apresentam a bipolaridade dos apocalípticos e integrados. Alguns educadores se posicionam radicalmente contra a aproximação desta mídia de massa da educação formal. Para eles, a produção televisiva é vazia, sem conteúdo e reproduz em seus mecanismos a ideologia da lógica capitalista. No extremo oposto, temos educadores menos apocalípticos que admitem a contribuição da televisão à educação seja ela formal ou não, ressaltando sempre a função do professor enquanto mediador do processo, na busca de uma utilização adequada e consciente da tecnologia televisiva no ensino.

No caso do Brasil, em relação à exposição à televisão, podemos admitir que o trabalhador de baixa renda tenha cerca de doze a quatorze horas do seu dia destinado às atividades de trabalho. As outras horas restantes servem ao descanso ou atividades familiares, domiciliares ou financeiras extras que se façam necessárias. Se a televisão puder deter esse cidadão por mais de três horas diárias, no caso à noite, no horário nobre, o domínio do poder do universo do trabalho se prolongará na exposição à televisão, mantendo sob controle a maior parte das horas do dia de cada cidadão. Desta forma, cada indivíduo estará a maior parte de seu tempo diário submetido às normas do sistema capitalista de trabalho e às normas estabelecidas pela televisão, também capitalista, embora tenhamos modelos de televisões educativas mas de pouca expressividade em relação aos índices de audiência.

A disciplina na televisão não está apenas nos métodos de produção da mensagem ou na hierarquia das emissoras. Está também em sua codificação icônica, onde a ciclicidade da programação proporciona à audiência apreender facilmente os dias, horários e os gêneros de programas transmitidos. Foucault vê a Disciplina como sendo “a arte para o bom adestramento”, por sua condição de fabricar indivíduos. Na televisão a disciplina audiovisual consegue não apenas fabricar indivíduos, mas também fenômenos como, por exemplo, Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, apresentados como modelos de sucesso, capazes de conduzir a nação.

A vigilância hierárquica da televisão não se detém apenas no poder do Diretor de TV ao apertar um botão. Ela se apóia em dois gêneros de programas: o jornalismo e a telenovela ou ficção como queiram chamar. No jornalismo, a vigilância funciona como filtro dos assuntos ou temas que devem ser tratados. Na telenovela, a vigilância se dá na identificação da recepção com as histórias narradas e sua relação com o imaginário social. Por fim, assistimos àquilo que a elite e o sistema político nos concede ver.

Algumas modificações ocorrem na adaptação do componente tecnológico panóptico ao sistema televisivo, mas o conceito fundamental da visibilidade geral permanece. Aqui, a

torre central é substituída por uma sala fechada com monitores de TV, onde as antigas janelas que davam visibilidade total ao vigia foram trocadas pelo olhar eletrônico de um conjunto de câmeras que giram e se movimentam dando uma visão ampla da área observada. Na sociedade contemporânea, o vigia ou o agente de segurança, numa concepção deleuzeana, em sua sala de segurança máxima, tem a visibilidade total de tudo ao seu redor para que possa acionar mecanismos de autodefesa quando necessário.

No conjunto arquitetônico da TV, temos a disposição de uma sala de controle, também chamada de Sala de Corte ou de Controle Mestre<sup>60</sup> que, de modo geral, está num piso acima do estúdio, separada por uma janela de vidro com visão panorâmica e completa do que ocorre no estúdio, como também uma visão multiplicada pelo número de

câmeras alocadas. Cabe aos atores, apresentadores, entrevistados e participantes de um modo geral, o papel de se colocarem no lugar do “prisioneiro”, aquele que é observado pela equipe de produção, pelo olhar das câmeras e, principalmente, pelo diretor do programa - que não é visto. Se a programação for ao vivo, esta sensação aumenta substancialmente, pois o ato de ser visto passa a ter agora milhares de olhares a julgá-lo.

Mas, de todas as formas de uso do conceito de panoptismo na televisão, a mais contundente é o princípio do olhar que a tudo controla. Um olhar multiplicado que, num evento ao vivo, como uma partida de futebol, tem como observador não apenas aquele que emite a produção, mas toda uma multiplicidade de telespectadores que, por sua vez, se tornam controlados pelo que lhes é “possível ver”, segundo o comando do diretor do programa e das normas que regem a emissora.

Percebemos, na televisão, que a Sala de Corte, tal como o panóptico, traz consigo o princípio da visibilidade completa. O antigo vigia é substituído pelo Diretor de TV que não

---

<sup>60</sup> STASHEFF, Edward e outros. **O Programa da Televisão**. EDUSP/USP, São Paulo, 1978, p.6-9.

tem mais na sua frente uma janela com celas ou leitos, porém diversos monitores de TV com imagens de câmeras, *videotapes*, *teleprompters* e retorno de satélite. O corte ou mudança de imagem é uma decisão desse vigia moderno - o Diretor do Programa - cabendo a ele, enquanto sensor e através de seu olhar, decidir aquilo que nos é consentido ver ou não, seja por questões estéticas, morais ou ideológicas.

O uso do modelo panóptico como dispositivo tecnológico televisivo age sobre o nível mental do indivíduo. Não mais num tipo de encarceramento sombrio e reflexivo de si mesmo, mas num aprisionamento em casa e através de estímulos audiovisuais que, ao invés de nos fazer pensar, nos trazem coisas já pensadas, refletidas e idealizadas.

Se o discurso contemporâneo é o da comunicação em seu volume maior de informações, a mídia traz como seu dispositivo panóptico o controle da informação de forma a ajustar os pensamentos. A vigilância traz também para a televisão a necessidade de controle dos arquivos com seus registros sistematizados, relatórios aprofundados e banco de dados de todos os eventos, tragédias e demais fatos ocorridos.

Foucault, ao ressaltar que as estratégias do passado se comportam também no presente, torna perceptível que o modelo arquitetural do panóptico, que serviu para a Sociedade Disciplinar no controle das relações de forma a desmanchar misturas perigosas, na televisão busca servir à contemporaneidade de forma a controlar as emoções, como observamos na telenovela, e a desfazer misturas, como verificamos no telejornal.

Nessa perspectiva, em termos políticos, dificilmente Luís Inácio Lula da Silva chegará à presidência do país, quando se percebe que o cidadão de baixa renda, cerca de setenta e dois por cento da sociedade brasileira, pertencentes às classes D e E <sup>61</sup>, recebendo em média de zero a três salários mínimos, não acredita em líderes iguais. Em outras palavras, pobre não vota em pobre. A imagem que se fez de Lula não é a mesma que se fez de Lesh Waleska na

---

<sup>61</sup> **FERRAZ**, Ernani Almeida. **Programa de Auditório: O Culto do Lazer Barato?**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação PUC-Rio, Rio de Janeiro, agosto de 1993, p.14.

Polônia. Aqui, pobre e sem instrução não se torna exemplo. O direito de ascender só é pensado e concebido à burguesia que teve melhores condições de vida e qualidade educacional, o que pode ser comprovado pelo fenômeno Collor, que se tornou uma grande falácia nacional.

Nesta relação do panóptico com a televisão, até mesmo o princípio da iluminação total parece se afinar ao do vídeo. Numa concepção mais técnica, vídeo é luz, ou seja, é impossível registrar qualquer evento sem que se tenha luminosidade suficiente para que o dispositivo televisivo possa “capturar seu objetivo” com o olhar eletrônico das câmeras.

O princípio do “ser visível sem cessar” pode ser observado em modelos de programas de auditório com seus quadros de perguntas e respostas nos quais o entrevistado, que irá responder sobre algo ou alguém, é observado por todos, do cameraman ao telespectador.

Nesse modelo de espetáculo, cabe à produção do programa o papel de representar o poder “inverificável”, pois nem entrevistado, nem telespectador sabem quem ou o que é a produção do programa, uma entidade anônima, que arrebatava raiva do candidato, do auditório e da audiência, quando seu intuito é “derrubar” o concorrente com perguntas difíceis e capciosas, tornando-o, por outro lado, um herói por expor seus conhecimentos<sup>62</sup>.

Verificamos, ainda que superficialmente, a comprovação da afirmação de Michel Foucault da existência de uma relação entre a estratégia e o modo de o passado se dar ao presente. Percebemos que os dispositivos de controle disciplinar do poder são redefinidos ou redimensionados diante da evolução tecnológica e social, quando o modelo arquitetural e ótico do panóptico tem a possibilidade de transplantar seus conceitos da modernidade para a contemporaneidade, adaptando-se a novos meios e linguagens, como parece acontecer com o nosso modelo de televisão.

---

<sup>62</sup> TILBURG, João Luís Van. **Para Uma Leitura Crítica da Televisão**. Paulinas, São Paulo, 1986.

Entender sobre o dispositivo panóptico é buscar significados de sua utilização e sua função, registrando que o prefixo grego PAN significa “inteiro”<sup>63</sup>, o que nos permite uma “visão geral” ou de um “olhar por inteiro”. Em termos técnicos televisivos, a palavra PAN, vem de “panorâmica”, de olhar para um grande horizonte visível com uma câmera com a lente aberta, em grande angular, mostrando um cenário por completo. O dispositivo panóptico, instalado na mídia televisiva com seus multi-olhares das inúmeras lentes de câmeras, teria como significado mais amplo uma “visão geral”, sendo sua função primeira “observar” tudo e todos de forma a nos tornar “observadores assíduos e atentos” de um mundo pré-concebido, um mundo pós-industrializado.

Assim, na sociedade contemporânea, o dispositivo panóptico traz versões mais tecnológicas, em que o vídeo, enquanto suporte, tem seu papel de destaque no lugar do olho que vigia. Em sua versão modernizada do dispositivo panóptico e seu ato de vigiar, temos hoje o elemento tecnológico vídeo incorporado a sistemas de segurança de casas, empresas e até penitenciárias.

Na visão de Paul Virilio, do aparecimento dos primeiros aparelhos óticos e sua multiplicação na Renascença, ao ato de “escrever à distância” iniciado por Samuel Morse com a invenção do telégrafo, houve uma corrida entre o transtextual e o transvisual até a chegada do misto audiovisual da teledicção, com a televisão fazendo “*os limites entre as coisas desaparecerem, sujeito e mundo não são mais separados, o tempo parece suspenso*”<sup>64</sup>.

Com a multiplicação industrial das próteses visuais e audiovisuais, emerge uma codificação de imagens mentais mais elaboradas e com um tempo menor de retenção. O olhar e sua organização espaço-temporal se antecede ao gesto e à fala, incorporando-se ao conhecer, reconhecer e ao fazer de nossas funções cognitivas. Segundo Paul Virilio, surge a “imagem

---

<sup>63</sup> PIÉRON, Henri. **Dicionário de Psicologia**. Editora Globo, 6ª ed., Porto Alegre, 1978, p.521.

<sup>64</sup> VIRILIO, Paul. **A Máquina de Visão**. José Olímpio Editoras, Rio de Janeiro, 1994, p. 21.

fática” que passa a ser aquela que se torna um alvo, forçando o olhar e detendo a atenção, não apenas a partir da produção cinematográfica ou televisiva, mas sendo “*o resultado de uma iluminação cada vez mais intensa e da intensidade de sua definição*”<sup>65</sup>. Citando J. Grierson e W. Lippman, documentaristas soviéticos, Virilio ressalta que, na Europa, a democracia seria dificilmente realizável sem a mediação dos meios técnicos de informação em evidência no mundo contemporâneo, de forma que o cinema passou a ser um serviço de publicidade e educação, desenvolvendo “*a associação de todos os sintomas da aculturação: colonização e endocolonização, publicidade e propaganda para a educação das massas*”<sup>66</sup>.

Paul Virilio ressalta que o homem ampliou seus meios de percepção e ação e nem tanto seus meios de representação e enumeração, fazendo emergir a “*fusão/confusão*” da percepção e do objeto no contexto das performances videográficas e infográficas da simulação analógica.

Hoje, temos as videoprovas de câmeras instaladas em bancos, cruzamentos de ruas e até no controle da arbitragem de futebol, tornando possível até mesmo, num caso policial, levantar pistas e provas graças a materiais científicos ultramodernos. Mais que uma imagem da testemunha ocular, temos a telepresença em tempo real, que muitos tribunais da Inglaterra e do Canadá utilizam para preservar testemunhas frágeis, ameaçadas ou muito jovens para comparecer aos tribunais, criando “*um efeito de real capaz de subjulgar os jurados e um público para os quais gravadores, minitelas, televisão e outras telas de computadores tornam-se uma forma quase exclusiva de se informar, de comunicar, de apreender a realidade, de se mover*”<sup>67</sup>.

No extremo oposto, as câmeras de vigilância nas ruas, bancos e supermercados, se percebidas por nós como nossos vigilantes, com seus olhares fixos auxiliados pela

---

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 70.

computação, podem nos dar a impressão de uma modalidade de controle, numa “visão sem olhar”. A interceptação do olho pelo aparelho de olhar nos faz assistir à emergência de um mecanismo não mais de simulação, como vimos nas artes tradicionais, mas de substituição, como sendo uma espécie de trucagem da ilusão cinemática.

Percebemos que os estudos das imagens mentais demoraram a ser desenvolvidos, mesmo num momento em que a fotografia e a cinematografia alcançavam seu apogeu com suas imagens novas entrando em concorrência com o nosso imaginário habitual. Somente na década de 60 é que os estudos da ótica eletrônica levaram o campo da psicologia a se interessar pela percepção visual, em especial nos Estados Unidos.

Na França, o debate filosófico e científico em dois séculos de discussão deslocou-se dos parâmetros da objetividade das imagens mentais para a sua atualidade, de forma que *"o problema não é mais, portanto, o das imagens mentais da consciência, mas antes das imagens virtuais instrumentais da ciência e de sua característica paradoxalmente factual"*<sup>68</sup>. A visão sintética proporcionada pela ótica eletrônica, atrelada à fusão/confusão da relação factual/virtual, e pela preeminência do efeito de real sobre o princípio de realidade, assume aspectos significativos no desenvolvimento das novas tecnologias.

O ato de “ver” se torna um ato antes da ação, uma pré-ação, um “prever”. Assim, “ver” se tornou “prever” e a previsão tornou-se uma indústria autônoma com suas máquinas destinadas a “ver” e a “prever” em nosso lugar por uma percepção sintética, que nos supera em operações ultra-rápidas e em nossas capacidades visuais. A limitação passa a ser *“não mais da profundidade de campo de nosso sistema ocular, como acontecia com o telescópio e o microscópio, mas pela ‘profundidade de tempo’ excessivamente fraca de nossa apreensão fisiológica das imagens”*<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 87.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 89.

A televisão por natureza também carrega em seu dispositivo técnico uma previsão de atuação no tratamento com a imagem. Temos, em qualquer ilha de edição ou *switch* de corte para transmissões ao vivo, um dispositivo chamado *preview* que, como diz o próprio nome, prevê uma determinada cena ou efeito qualquer antes de ser editada ou levada ao ar em transmissões ao vivo.

O despontar da televisão, como tecnologia mediadora das relações com os homens, fez emergir sistemas de medidas da audiência como o *People Meter* ou o *Motivac* que, conectados aos aparelhos domésticos do cidadão, não se contentam mais em relatar apenas o momento em que a TV é ligada, mas, principalmente, a presença efetiva das pessoas diante da tela frente aos efeitos do *zapping*<sup>70</sup> e a audiência real durante os anúncios publicitários.

O encarceramento que desde Bentham compara a prisão com o panóptico, ou seja, a uma vigilância central em que os condenados estão sempre sob o olhar dos carcereiros, traz, hoje, nas prisões contemporâneas, mudanças como a instalação de aparelhos de TV nas celas, proporcionando aos detentos a possibilidade de vigiar a atualidade pelos acontecimentos televisivos. Desdobram-se, neste caso, os conceitos de vigiar e punir que Foucault largamente escreveu, pois os detentos, ao ligarem seus televisores, perceberão que se encontram num processo de punição, no qual não têm nenhum poder de intervenção. Ver o mundo pela TV torna-se uma punição publicitária, quando, para o detento, “*a televisão torna a prisão mais dura. Vemos tudo o que nos falta, tudo a que não temos direito*”<sup>71</sup>.

Conforme Virilio, a janela urbana dá lugar a uma “vitrine”, uma espécie de transparência fotocinematográfica da ótica eletrônica dos meios de transmissão que, por trás de um vidro, apresenta os imóveis-vitrines, as cidades-vitrines, as nações-vitrines reunindo, à distância, indivíduos, opiniões ou comportamentos. Com uma visão menos apocalíptica que Paul Virilio, Pierre Lévy constata que novas formas de pensar e de conviver

---

<sup>70</sup> O efeito *zapping* é aquele que se caracteriza pela mudança de canal no controle remoto por parte do receptor após a entrada dos intervalos comerciais.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 93.

estão sendo apresentadas pelo universo das telecomunicações e da informática. As relações sociais, as relações de trabalho e a própria inteligência humana recebem influência dos dispositivos técnicos na transformação do mundo humano. Pierre Lévy ressalta que as bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificam-se em grande velocidade onde *“uma reapropriação mental do fenômeno técnico nos parece um pré-requisito indispensável para a instauração progressiva de uma tecnodemocracia”* <sup>72</sup>.

Para ele, não existe necessariamente uma técnica específica ou um sistema técnico, nem cálculos, nem metafísica, nem racionalidade ocidental ou mesmo uma metodologia que explique a crescente importância das ciências e das técnicas na vida coletiva. São relações que se travam onde nem a sociedade, a economia, a filosofia, a religião, a língua, a própria ciência ou a técnica são forças reais. Todas são, na verdade, dimensões de análise, são abstrações. Neste sentido, *“o cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida”* <sup>73</sup>.

Vivemos um momento de transição pois a antiga ordem das representações e dos saberes se transforma, dando lugar a imaginários coletivos, formas de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados, não podendo a cultura contemporânea ignorar a incidência das mídias eletrônicas, em especial a da TV e a dos computadores.

Para Lévy, ao analisarmos tudo aquilo que em nossa forma de pensar depende da oralidade, da escrita e da impressão, iremos descobrir que apreendemos o conhecimento por simulação, tal como na cultura informática, com seus critérios e reflexões mentais, ligadas a tecnologias intelectuais anteriores. O autor defende a tese de que *“os coletivos cosmopolitas*

---

<sup>72</sup> LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. Ed. 34, Rio de Janeiro, 1993, p.8.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.15.

*compostos de indivíduos, instituições e técnicas não são somente meios ou ambientes para o pensamento, mas sim seus verdadeiros sujeitos. Dado isto, a história das tecnologias intelectuais condiciona (sem no entanto determiná-la) a do pensamento”*<sup>74</sup>.

Ao ouvirmos uma palavra qualquer, a organização de nosso pensamento cria uma rede associativa que perpassa por conceitos, modelos, imagens, sons, odores e sensações de um modo geral. Uma rede de imagens e conceitos cria associações que se estendem à memória. É um “caminho de ativação” na imensa rede associativa que constitui o nosso universo mental que, como tudo, está em metamorfose permanente.

Uma abordagem diferente dessa aponta que, nesse processo de formação do pensamento tecnológico, um aspecto importante diz respeito à questão da imagem sustentada numa comunicação transdisciplinar. Jean Baudrillard discutia em suas obras que, nessa perseguição ao real, o real passou a coincidir com a imagem. O real passou a ser substituído por signos do real e o simulacro aponta para um real sem princípio de realidade. O real que se vê é sobreposto à sua própria imagem na qual se observa o real e a sua imagem ao mesmo tempo. É como se estivéssemos cansados, mas com a nossa memória funcionando em tempo real. Esta é a sensação contemporânea na qual se vive a coisa sem se descartar a sua imagem.

Percebemos o fim do real pela sua própria imagem, num desaparecimento que pode se dar mais pela sua proliferação do que por sua eliminação. O real não se esconde mais atrás das imagens, uma vez que tudo passou a ser virtual, do dinheiro à bolsa de valores, numa desmaterialização da economia, na era do simulacro e da simulação.

Enquanto Jean Baudrillard e Paul Virilio discutem a “maquinização humana” e o empobrecimento do intelecto, Pierre Lévy vai defender que a tecnologia dependerá do uso que se quiser fazer dela, não existindo antagonismos. A virtualização do mundo contemporâneo, ao contrário do que se pensa, não nos leva além do real, mas a uma vontade de se constituir um real enquanto novo.

---

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 19.

André Parente <sup>75</sup> ressalta que as três correntes ou concepções do virtual - G. Deleuze, F. Guatarri e P. Lévy - entre outros, deixam claro que a questão do virtual faz parte da função imaginativa do homem, que através de agenciamentos entre a arte, a tecnologia e a ciência, o virtual possibilita a criação de novos modelos de sujeito e de mundo.

Na concepção de Parente, parece que a confusão agora se dá na distinção entre os modelos óticos e os modelos numérico/digitais. O modelo ótico teve sua origem na perspectiva centro-linear e nos protótipos fotomecânicos, como a fotografia, o cinema e o vídeo, observados como duplos do real. Neste sentido, *“segundo Couchot, a conquista do instantâneo fotográfico, do movimento cinematográfico, da simultaneidade da transmissão televisiva, operou uma aproximação cada vez maior do real e da imagem com o seu duplo”* <sup>76</sup>.

No segundo modelo, os numéricos/digitais, temos as imagens de síntese, imagens e realidades virtuais auto-referentes. A imagem deixa de representar o real para simulá-lo. A questão agora deixa de ser figurar o real como reprodução ou o que é previsível, mas sim aquilo que é modelizável. E tudo é modelizável por depender de vários fatores como por exemplo, nossos olhos <sup>77</sup>, que percebem a própria realidade de diversas maneiras, produzindo outros fenômenos visuais. Todos temos uma espécie de câmera escura em nossos olhos. Nosso organismo traz em si tendências que são desenvolvidas com o meio. Em outras palavras, nascemos com energias e funções que determinam a forma de apreensão do real.

Para André Parente, a figuração do real é modelizável não tendo uma imagem pré-existente pois, a cada época, os fenômenos são diferentes, são adaptáveis, não havendo passividade e, sim, uma constante modificação, conforme afirma Foucault. A discussão não é nova e não surgiu apenas com as novas tecnologias. Elas estão em nossos modelos mentais,

---

<sup>75</sup> PARENTE, André. Imagem Virtual, Auto-Referente. In: **Revista Imagem**, nº 3, Unicamp, São Paulo, dezembro de 1993.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p.16.

<sup>77</sup> AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu, Papirus Editora, Campinas, São Paulo, 1993, p.13-76.

que nos orientam sobre como ver as coisas. A representação torna-se a diferença e não a reprodução da realidade física, sendo algo a mais que se faz a partir da reprodução.

A confusão entre reprodução e representação nos modelos fotomecânicos leva-nos a crer que nenhuma imagem é da ordem da representação ou que todas as imagens são da ordem da simulação. O paradoxo está em afirmarmos que esta ou aquela imagem não é o real. Mas, por outro lado, buscamos cada vez mais aproximar essa imagem da realidade, como vemos na computação gráfica, que traz uma mudança de suporte quando uma foto reproduzida no computador perde sua materialidade, deixando de ser física para ser virtual.

A computação gráfica nasceu em meio a essa complexidade da relação entre a imagem e o real de forma a buscar no ato de simular, algo maior que engloba a fotografia, o cinema e o vídeo, simulando inclusive os próprios defeitos desses meios (defeitos na imagem - textura, movimentos, nitidez) nos quais a nossa percepção já estava imbuída. Nesse sentido, o desenho animado, muito antes da computação gráfica, já dispunha de recursos técnicos de simulação do real. Assim, tem-se, por exemplo, que simular o tremido da câmera, não sendo apenas uma simples representação da realidade mas, sim, a forma de representação de como as mídias fazem essa representação.

Vemos, então, que ao analisarmos historicamente o antigo modelo da câmara escura, temos um primeiro processo de automação da percepção humana ao se dispensar o uso de cálculos e de perspectiva geométrica, como vemos atualmente na máquina fotográfica que faz a ótica alterar a nossa percepção.

A relação perceptiva do homem mudou com os novos suportes. A psicofisiologia e os estudos sobre as cores constataram que o nosso olho tem uma atividade elétrica própria. Por sua vez, a lente traz uma automação da perspectiva que, com sua evolução, fez mudar a nossa relação com os objetos e sua profundidade. O suporte fotoquímico também traz mudanças que evoluem até chegarmos à câmera de vídeo, que faz com que nosso olho receba a imagem na retina e a transforme em sinais elétricos que irão para o cérebro. Na câmera de vídeo, vemos

que o suporte químico não é passivo, dada a existência de uma corrente elétrica que passa por um semicondutor sendo modificada pelo fluxo energético.

Dessa forma, o processo de automação da visão humana começa com a câmara escura dos antigos desenhistas, ocasionando a automação do cálculo, do suporte químico como vemos na fotografia e do movimento como observamos no cinema. Com a introdução da eletrônica do vídeo, a unidade deixa de trabalhar a figura no plano para trabalhar as linhas de definição e, posteriormente, a tecnologia numérica digital vem para trabalhar com pontos e assim nos acostumamos a ver tudo como vemos hoje.

Na idéia de reprodução do real, nem a pintura, nem a fotografia, nem o cinema conseguem reproduzi-lo. Mesmo o cinema tem seus dispositivos virtuais, como percebemos na noção campo e contra-campo ou plano e contra-plano, que fazem o espectador perceber o espaço do plano e do contra-plano como contíguos, embora esta contigüidade só exista no filme. Dessa forma, os meios são também virtuais, pois não reproduzem uma realidade pré-existente.

Os dispositivos de representação fazem a mediação do homem com a realidade, sendo que os dispositivos audiovisuais tendem à opacidade pois, ao “esconder” as coisas, os mecanismos de representação produzem uma ilusão máxima de forma a nos fazer vivenciar a história.

Diante dessa prática de produção ilusória, J. Baudrillard e P. Virilio criticam a estética do simulacro enquanto desaparecimento do real, com a imagem deixando de ter como significante um referencial social. Para Baudrillard, a simulação, enquanto característica da cultura contemporânea, tem se tornado cada vez mais virtual, pouco importando o seu meio social, uma vez que a imagem é uma encenação da ficção, em que a imagem só remete a si própria. Numa época de crise do sistema de representação, o simulacro não distingue mais o verdadeiro da cópia ou a realidade da ficção.

Por outro lado, temos a redução do simulacro ao clichê. O simulacro deixa de ser uma vontade de afirmação do real enquanto novo para tornar-se uma repetição, fechando-se em si mesmo. Desta forma, o signo não seria apenas o reflexo do real já que não existe nenhuma realidade exterior a ele mas, sim, uma miragem, de forma que *“o signo (ou a imagem) absorve e reifica o referente, tornando-se mais real do que o próprio real: hiper real. O que caracteriza o simulacro em Baudrillard não é apenas a auto-referência, mas seu poder diabólico de fazer do real a sua sombra”*<sup>78</sup>.

Vemos, portanto, que a representação e a simulação são dois modelos da relação entre a imagem e a realidade. A representação não é só física, é algo anterior a ela, algo que está em nossa mente. Nesse sentido, a técnica sozinha não rompe com a representação, pois depende também de nossos modelos mentais. A representação não se esgota na reprodução da realidade física. Ela ultrapassa a reprodução quando depende de épocas, movimentos sociais, da história e de seus conflitos de um modo geral. Percebemos, por fim, que as tecnologias estão a serviço de um tipo de representação a partir dos modelos que as pessoas trazem em suas cabeças.

Para André Parente, as novas tecnologias são apenas sintomas da modificação do mundo quando o homem cria uma realidade virtual. Por sua vez, o signo não é tão arbitrário, pois não se tem como pensar algo sem a linguagem, de forma que toda a relação com a realidade exterior tem uma função pré-linguística formada, sendo a linguagem uma espécie de inconsciente primeiro do homem. A linguagem passa a ser a base para a representação e para a simulação, sendo a própria linguagem uma simulação, por estar imersa na virtualidade.

A tecnologia não tem um lugar de primazia, nem tão pouco caiu do céu. Ela é fruto das relações entre os homens, suas culturas e suas ideologias. São as nossas representações dominantes, os condicionantes que podem ser rompidos ou vistos como estranhos. O virtual

---

<sup>78</sup> PARENTE, André. Imagem Virtual, Auto-Referente. In: **Revista Imagem**, nº 3, UNICAMP, São Paulo, dezembro de 1993, p.18.

como novo pode ser uma ruptura ou não com o que toda cultura faz ao nos aprisionar. Podemos ter um virtual que rompa com os modelos pré-estabelecidos ou que reforce as representações dominantes. Em outras palavras, cabe ao "novo homem tecnológico" de hoje, a decisão sobre as "formas de uso" das Novas Tecnologias.

Assim sendo, o lugar do “Outro”, agora, não está mais na tecnologia, porém no inesperado, no futuro incerto que nos impulsiona. A tecnologia não é nada mais do que o amalgamento da criatividade humana com os agenciamentos oriundos das relações sociais, culturais, políticas, econômicas, de uma determinada época, num dado momento histórico da formação da sociedade.

Neste contexto, no que diz respeito à imagem, podemos observar que, a cada descoberta de um novo dispositivo mediático, novas formas de se relacionar são elaboradas, de modo a nos apresentar uma gramática visual, apreendida ao longo dos tempos com a evolução dos próprios dispositivos técnicos. Em particular, no caso da televisão, percebemos a existência de uma forma de leitura das imagens - antecedida pela pintura, câmara escura, fotografia, cinema - uma espécie de linguagem visual, apreendida pela percepção humana ao longo dos séculos.

O uso da televisão, entendida por muitos como doutrinária e ideológica, pode, por sua vez, ter uma aplicabilidade maior no sentido social, com o intuito de educar uma coletividade. A televisão é uma ferramenta e cabe ao homem utilizá-la de forma adequada e em prol da sociedade. Mas, para utilizá-la de maneira sensata e coerente, torna-se necessário não apenas se fazer uma televisão voltada para a educação mas, principalmente, uma educação sólida para o entendimento da televisão e sua forma de atuação. É nesse sentido que devemos verificar junto à recepção, suas formas de uso, seus efeitos, seus resultados e sua aplicabilidade.

### **3.3 – POR UMA EDUCAÇÃO PARA A TELEVISÃO**

Das bases educacionais fundadas por Rousseau às formas de dominação constatadas por Foucault, percebemos que o sistema educacional brasileiro parece ter cedido às diversas formas de mediação tecnológicas à função de educar uma grande massa de indivíduos, com intenção de atingir não apenas as metas educacionais estabelecidas pelo Joint Comiter (1993), como também os objetivos propostos nas linhas e entrelinhas dos acordos firmados com o Fundo Monetário Internacional - FMI.

Por outro lado, podemos perceber que a percepção do homem foi sendo preparada ao longo dos séculos para conviver com a tecnologia. Seus efeitos de visualidade e virtualidade não são coisas novas, conforme observamos no percurso de “maquinização do homem”.

Essa evolução nos deixa perceber que a linguagem visual vem sendo ensinada e apreendida numa espécie de gramática específica dos modos de ver, tornando o homem mais íntimo da tecnologia, buscando nela uma espécie de parceria para sobreviver às incertezas da sociedade contemporânea.

Quando num país como o Brasil, o Estado deixa nas mãos de empresas, comunidades, associações de moradores e cooperativas<sup>79</sup>, a tarefa de educar, o uso de tecnologias torna-se um mediador importante para a formação deste novo homem dividual, modular, ondulatório e que necessita ter uma educação continuada.

A teleducação hoje tem como função educar um grande número de trabalhadores a fim de que esses possam garantir a manutenção de seus empregos. No modelo atual de sociedade globalizada, regida por normas internacionais impostas pelo capitalismo de sobre-produção, urge que o trabalhador tenha pelo menos concluído Ensino Fundamental para garantir o seu nível de empregabilidade. As dificuldades de acesso às empresas são cada vez mais crescentes

---

<sup>79</sup> Na busca de mensalidades mais baixas e maior qualidade no ensino, grupos de pais se organizam em cooperativas educacionais como alternativa de ensino privado no país. Estas cooperativas tiveram um crescimento de 77%, num período de cinco anos, de acordo com dados apresentados pela OCB – Organização de Cooperativas Brasileiras. Ver: LAMBERT, Priscila. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, 25/10/98, p.4-1.

nestes novos modelos de organização capitalista, onde a certificação dos trabalhadores é exigida diante da competitividade do mercado internacional.

Mas como suprir essa carência educacional do trabalhador brasileiro em curto espaço de tempo e frente à globalização, quando em nossa realidade “*de cada seis trabalhadores, um fez curso médio*”?<sup>80</sup>. Segundo o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), órgão responsável por pesquisas na área educacional do Ministério da Educação e Desportos (MEC), apenas 17% da população economicamente ativa conseguiu concluir o Ensino Médio e apenas 11% concluíram o Ensino Superior.

Além desses dados, a miséria no Brasil contribui significativamente para aumentar os índices de estratificação da população, por grupos de classificação social, que configuram o “Mapa da Exclusão”<sup>81</sup>. Tomando como base parâmetros de classificação socioeconômica, escolaridade e renda familiar mensal, quatro pesquisas nacionais, elaboradas pelo Datafolha entre 1997 e 1998, demonstram a existência de cinco grupos sociais específicos: elite (7%), batalhadores (2%), remediados (13%), deslocados (15%) e excluídos (63%). Os excluídos, por sua vez, podem ser divididos em três subgrupos: miseráveis, despossuídos e pobres. Entre os pobres (15%), a maioria chegou até o Ensino Fundamental e sua renda familiar vai de cinco a dez salários mínimos, sendo pertencentes à classe C. Os despossuídos (23%) têm no mínimo o Ensino Fundamental completo, uma renda de até cinco salários e pertencem à classe D. Por fim, os miseráveis (24%) são analfabetos ou possuem no máximo o Ensino Fundamental incompleto, recebem até dois salários e fazem parte da classe E.

Podemos perceber que a baixa escolaridade tem conseqüências diretas sobre a inserção dos excluídos no mercado de trabalho, no qual a globalização, embora tenda a unir os espaços geográficos, criando a sensação de um mundo próximo onde todos são consumidores em

---

<sup>80</sup> AVANCINI, Marta. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, 17/9/98, p. 3-3.

<sup>81</sup> TOLEDO, José Roberto de. **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial A, 26/9/98, p.3.

potencial, na esfera social determina a exclusão das camadas de baixa renda no que se refere aos seus direitos fundamentais, tais como: saúde, habitação, educação e trabalho.

Ao analisar os desafios da integração do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), Carla Aparecida dos Santos<sup>82</sup> verifica que o desenvolvimento humano apresenta disparidades entre os próprios países pertencentes ao bloco. Argentina, Chile e Uruguai apresentam índices de desenvolvimento humano semelhante aos países europeus, ao passo que Brasil, Paraguai e Bolívia ainda necessitam investir mais na qualidade de vida da população.

Em termos educacionais, o Brasil se mantém em último lugar em relação à alfabetização de adultos, com 79.9 pontos, ficando atrás da Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e até mesmo da Bolívia com 80.7 pontos. Em relação à média de anos de estudo, conforme índices do IBGE, houve um pequeno crescimento de 4.0 para 6.5 em relação à população ocupada com mais de dez anos de idade<sup>83</sup>.

O caso brasileiro ainda se agrava quando as conclusões da ONU apresentam índices diferenciados de desenvolvimento humano, pois o país apresenta três modelos de “Brasis” distintos: *“o primeiro se assemelha aos países do leste europeu e nele se encontram as regiões Sul e Sudeste; o segundo se aproxima dos países latino-americanos e é composto pelas regiões Centro-Oeste e Norte; e, por último, os estados do Nordeste que são semelhantes às regiões da África”*<sup>84</sup>.

A diversidade existente no Brasil demonstra que, para poder integrar o país ao Mercado Mundial, é necessário primeiro integrá-lo internamente. A educação assume o indiscutível papel de ser o instrumento por excelência para trabalhar dialeticamente as diferenças de oportunidades de acesso aos mercados de trabalho existentes.

---

<sup>82</sup> SANTOS, Carla Aparecida dos. Os Desafios da Integração. In: **Revista Extraprensa**, Centro de Estudos Latino-Americano sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, nº 5, 1998, p.15-22.

<sup>83</sup> Fonte IBGE – Indicadores Sociais - ano base 1999, publicados em **O Globo**, de 05/04/2001, p.25.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p.21.

Houve um momento, entre as décadas de 60 para 70, que o governo militar pensando em integrar o Brasil e diminuir as diferenças regionais, implantou o Plano de Integração Nacional (PIN) que, com suas redes de transmissão por microondas, cumpriria a tarefa de integração nacional, via televisão. Atualmente, notamos uma iniciativa semelhante no que se refere ao aspecto educacional realizada por projetos não apenas do governo, como o Vídeo Escola e o TV Escola, mas também pela iniciativa privada, como o Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, entre outros.

Segundo Maria Lúcia Spedo Hilsdorf<sup>85</sup>, o intelectual da virada do século, ao pensar a educação, deverá procurar conciliar os direitos individuais aos deveres do Estado, encaminhando questões de solidariedade e dos direitos sociais, propondo a atuação do poder público na educação das grandes massas. O enorme poder informativo e formativo da TV e a possibilidade de interação entre os diferentes meios de comunicação abrem a “auto-estrada” da comunicação onde o avanço da tecnologia da informação poderá propiciar uma mudança no paradigma da produção e da divulgação do conhecimento.

A tarefa da escola na sociedade da informação será a de construir sentidos com base no conhecimento de forma interdisciplinar e transdisciplinar. Neste sentido, mesmo que interativas e formadoras de mentalidades, as tecnologias da comunicação não poderão dispensar a educação escolar. Desta forma, “*o ensino deverá visar menos à memorização e mais às capacidades necessárias ao exercício de dar sentido ao mundo: analisar, inferir, prever, resolver problemas, continuar e aprender, adaptar-se às mudanças, trabalhar em equipe, intervir solidariamente na realidade*”<sup>86</sup>.

Para Arnaldo Niskier<sup>87</sup>, a educação à distância se apresenta como a “tecnologia da esperança”, porque amplia a noção de ensino - antes centrada na sala de aula tradicional - para

---

<sup>85</sup> HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Pensando a Educação em Tempos Modernos**. Edusp, São Paulo, 1998.

<sup>86</sup> MELLO, Guiomar Namó de. A Escola e a Estrada da Informação. **Folha de S. Paulo**, Caderno Opinião, 16/10/98, p.1-3.

<sup>87</sup> NISKIER, Arnaldo. A Tecnologia da Esperança. **Folha de S. Paulo**, Caderno Opinião, 7/9/98, p.1-3.

alternativas audaciosas representadas por satélites, vídeos, computadores e correios eletrônicos. Em sua opinião, os sistemas tecnológicos orientados para a educação devem servir para atualizar o trabalhador ampliando suas chances de empregabilidade.

Atualmente, experiências de Educação à Distância podem ser verificadas em instituições de ensino superior como a Universidade Federal de Santa Catarina que, com o apoio de agências oficiais como CAPES e CNPq, desenvolvem um trabalho de pós-graduação à distância, contando com duzentos e cinquenta alunos de mestrado e doutorado, integrando seu trabalho com o mundo empresarial. O que torna difícil essa tarefa é o fato de não dispormos, ainda, de uma franca política nacional de Educação à Distância, tornando sintomática a desorientação oficial quando se estima que nos próximos dez anos teremos cinco vezes mais alunos de educação à distância, cerca de oito milhões de alunos no país.

Por outro lado, no interior das próprias escolas, a televisão passa a ser cada vez mais discutida e questionada, tornando-se uma obrigação dos educadores levá-la para dentro da sala de aula.

Conforme Heloisa Penteadó, *“é essa TV que o aluno vê, é essa TV que o professor vê e é em relação a essa TV que o aluno e o professor têm que reagir, tem que construir valores, têm que pensar, têm que se posicionar. As pessoas precisam aprender a ler o texto televisivo”*<sup>88</sup>.

Para ela, a sociedade precisa se organizar para saber qual é a TV que ela quer e combater aquela que não quer. Dessa maneira, qualquer projeto educativo de qualidade, além de resgatar o professor como sujeito do conhecimento, deve assumir como tarefa primordial a luta contra o aprisionamento dos sujeitos contemporâneos em imagens estereotipadas como na TV, onde a *“luta pela educação na atualidade não pode deixar de assumir um papel denunciador ou democrático, contestando o congelamento do presente em imagens estereotipadas do real, e elucidando as tensões e os movimentos da história a partir das práticas sociais”*<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> ROSSETTI, Fernando. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, 26/10/98, p.4-2.

<sup>89</sup> SOUZA, Solange Jobin e NETO, Miguel Farah. A Tirania da Imagem na Educação. In: **Revista**

Se informação é poder, sem educação não se torna possível ter acesso à informação. Isto não significa simplesmente que ter acesso à informação seja tudo. É necessário que saibamos refletir ativamente sobre a informação recebida e não, simplesmente, a receber de forma passiva. Daí o papel do educador de convidar sua recepção à reflexão, despertando o interesse do aluno em querer sempre aprender mais, aumentando sua capacidade de criticar o que está aprendendo, de forma a “filtrar” a desinformação. Emerge a necessidade de se educar para a comunicação, utilizando-se os meios de comunicação como recurso pedagógico.

Torna-se tarefa do educador discernir sobre as inovações tecnológicas e suas relações com as formas de poder, de forma a utilizá-la sensatamente. Muniz Sodré <sup>90</sup> esclarece que, em primeiro lugar, a educação é um processo mais amplo e não se dá apenas na escola. Ela ocorre em outros espaços sociais que são a família, a igreja, o trabalho e o lazer, juntamente com conhecimentos, idéias e crenças que assumimos tanto através dos grupos sociais a que pertencemos, como também da classe dominante.

Em segundo lugar, Sodré aponta a educação moderna como oriunda do liberalismo burguês que faz da democracia uma forma de governar. A educação é um direito de todo cidadão e a escola assume a função de equalizadora ou democratizadora das oportunidades sociais.

Por fim, em terceiro lugar, Sodré afirma que a cultura geral transmitida pela escola tradicional se orienta atualmente na direção de uma “escola nova”, que concebe a educação como parte da própria experiência humana. O ensino se dirige ao interesse do aluno considerando seu meio e suas relações interpessoais.

Surge um novo ambiente constituído pela mediação tecnológica que condiciona a experiência humana, de forma que a educação passa a ser transmitida tanto pela mídia quanto pelas instituições tradicionais. Enquanto a educação escolar na modernidade era operada pela disciplina, pela autoridade do professor e pelo exame, na educação de nossa sociedade pós-

---

**Presença Pedagógica**, v.4, nº 22, julho/agosto de 1998, p.33.

<sup>90</sup> **SODRÉ**, Muniz e **CABRAL**, Annelise Araújo. Meios de Comunicação & Educação. In: **Onda Viva - A Pós-Modernidade Escolar**, Projeto Multinacional de Tecnologia Educativa, OEA, MEC, FUNTEVÊ, s/data.

industrial, a educação passa a ser operada também pelos meios de comunicação através de técnicas atraentes em sua codificação icônica.

O uso da televisão nos leva a um posicionamento crítico em relação à sua utilização como recurso pedagógico, que separa os defensores da “escola sem paredes” de Marshall MacLuhan com o “aprendizado eletrônico” daqueles que tentam proteger a “cultura do livro”, do modernismo ameaçador dos meios audiovisuais. Segundo Muniz Sodré, enquanto os teóricos continuam debatendo a dicotomia escola-televisão, *“o professor vive a urgência de se posicionar frente à atração natural que o veículo exerce sobre a criança. Mesmo porque a concorrência com uma “rival” tão sedutora é acirrada pelas falhas da estrutura de ensino no país”*<sup>91</sup>.

Com relação à utilização da televisão como instrumento de ação pedagógica, surgem dois posicionamentos complementares: o primeiro considera ser necessário a alteração do centro de interesse das televisões comerciais para a produção de programas educacionais, nos quais a telenovela ou a minissérie podem se tornar disparadores de incentivo à leitura, como vemos, por exemplo, na transmissão de obras de autores brasileiros e portugueses como Jorge Amado, Eça de Queirós, Ariano Suassuna, Rubem Fonseca, entre outros.

O segundo posicionamento aponta que o vídeo pode proporcionar a ilustração de conteúdos informativos das diversas disciplinas escolares, sendo passível de ser instrumentalizado pelo professor, que utiliza a televisão *“no mesmo plano cultural de um gravador de som, de um quadro de giz, de um mapa-mundi, etc.”*<sup>92</sup>, fazendo da “telinha” um recurso de seu próprio código ético/formativo, ilustrando os conhecimentos levados aos alunos.

Cabe ao professor levar em consideração e alertar seus alunos que a televisão contemporânea tende à modernização e adaptação das consciências individuais e coletivas a um mundo que se constrói continuamente. Além disso, o professor tem como tarefa primordial fazer da

---

<sup>91</sup> SODRÉ, Muniz e CABRAL, Annelise Araújo. Op. Cit. **Televisão, A Imagem Como Recurso Didático**, MEC, FUNTEVÉ, s/data, p.18.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 30.

modernização uma forma de experimentação e diálogo, de modo a manter um equilíbrio na relação entre educação, comunicação e tecnologia.

É por estarmos distantes de uma democratização e oportunização de uso das novas tecnologias por uma maior parcela da sociedade, que Pierre Lévy<sup>93</sup> ressalta a importância da “tecnodemocracia”, como sendo necessária para que todas as pessoas possam se apropriar dos dispositivos tecnológicos e não apenas as multinacionais e os grandes conglomerados, para que a democracia seja possível. Com esta perspectiva, Pierre Lévy resgata o conceito de “inteligência coletiva”, observando que ela não significaria uma espécie de fusão das inteligências, mas sim a valorização da inteligência individual, colocada em ação coletiva. A tecnologia seria uma das "ferramentas" para a reformulação do processo educacional, uma vez que os conhecimentos adquiridos pelo homem no início de sua carreira profissional se tornaram, na sua maioria, obsoletos.

O aprimoramento das formas de uso das tecnologias de comunicação, em nosso caso, a tecnologia televisiva, tende a possibilitar a composição de uma "ferramenta" útil, versátil, veloz, sedutora e cheia de atrativos para nossas condições auditivas e visuais, de forma a auxiliar na capacitação e qualificação do trabalhador brasileiro, frente ao paradigma da globalização e às mudanças ocorridas na sociedade, como veremos no capítulo que se segue.

---

<sup>93</sup> LÉVY, Pierre. Sociólogo Defende a Tecnodemocracia. **Folha de S. Paulo**, Caderno Folha Ilustrada, 9/12/98, p.4-3.

## 4 - EDUCAÇÃO E TRABALHO NUM MUNDO GLOBALIZADO

### 4.1 - TRABALHO E EDUCAÇÃO FRENTE À TECNOLOGIA

A expectativa de uma nova era suscita ao novo milênio um fascínio simbólico que imprime na consciência coletiva a expressão de uma atitude antropológica profunda e universal. Vivemos um momento de esperança, mergulhados numa crise peculiar onde a globalização atinge a vida, a cultura e a subsistência dos povos. A verdade, buscada na ciência, na arte e na comunicação social, traça o novo perfil de uma era recriada pela tecnologia e pela informação.

Verificamos, que a questão do tempo se tornou crucial na passagem da modernidade para a contemporaneidade. No final do século XX, ao atrelar-se à mídia, o tempo se transforma em dinheiro e assume papel decisivo junto ao modelo econômico capitalista. A “Revolução Capitalista” desvinculou a economia do contexto cultural e da necessidade humana, ao transformar a abstração social do dinheiro num fim em si mesmo. Num caráter tautológico, a economia autônoma inverte também a relação entre abstrato e concreto, fazendo do mundo concreto e sensível a expressão de uma abstração social que domina a sociedade sob a figura reificada do capital.

Robert Kurz afirma que Paul Virilio ao definir a “Inércia da Velocidade”, vincula a concentração do tempo à tecnologia não levando em consideração a forma histórica de composição do tempo-espaço capitalista. De acordo com Kurz, *“não é a tecnologia que dita a necessidade de uma aceleração vazia; pode-se muito bem desligar as máquinas ou fazê-las funcionar mais lentamente”*<sup>94</sup>. Para ele, é o vazio do espaço-tempo capitalista que, destacado da vida e de laços culturais, impõe à tecnologia uma determinada estrutura, transformando-a num mecanismo autônomo da sociedade, impossível de ser desconectado.

---

<sup>94</sup> KURZ, Robert. A Expropriação do Tempo. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 3/1/99, p. 3-5.

O “vazio da aceleração” na vida moderna transforma o tempo livre num consumo constante de mercadorias e serviços no qual as tradicionais formas de descanso são substituídas por um hedonismo que comprime o tempo livre, tal como se fez antes com o horário de trabalho. A lógica da economia empresarial do tempo faz desta “Terceira Revolução Industrial” uma nova relação descompassada em que, em vez de mais tempo livre para todos, persiste uma aceleração maior no trabalho para alguns e um desemprego estrutural em massa para outros.

Verificamos ao longo dos tempos que o século XX começou sob o signo utópico da psicanálise, do socialismo e da arte moderna como produtos de uma episteme europeia, com raízes iluministas. Um mundo de conteúdos estéticos, filosóficos e ideológicos que esse século acabou por levar ao limite.

Nesse panorama, o advento da televisão e sua difusão possibilitaram o desenlace com a herança europeia oitocentista para assumir uma total americanização da vida cotidiana. Com a TV, foi imposta uma nova ordem cultural menos voltada ao tempo letrado e cada vez mais inclinada ao imediatismo da imagem.

Marcos Augusto Gonçalves lembra que *“a presença de um tubo iluminado no centro da família, com seu desfile de entretenimento, informação e alienação – imagem tão difundida pelos anos de ouro do “American Dream” – é algo absolutamente estranho ao mundo de Marx, Freud ou Cézanne”*<sup>95</sup>. Em seu ponto de vista, estamos no “Século da TV” e, através dessa matriz televisiva, surgiu o computador e a Internet, entregues a este século como ferramentas soberanas para a geração e difusão de informações possibilitando a interação entre os indivíduos do planeta.

---

<sup>95</sup> GONÇALVES, Marcos Augusto. O Século da TV. **Folha de S. Paulo**, 10/1/99, p.1-6.

Estas inovações fazem emergir a discussão sobre o ciberespaço enquanto meio de comunicação que passa a ser visto ora como extensão de um império militar, econômico e cultural norte-americano, ora como lugar para o exercício da liberdade individual. Adepto a esta última concepção, Pierre Lévy concebe que o ciberespaço, apesar de toda sua dicotomia, proporciona a interação de qualquer pessoa com as comunidades virtuais, com um mínimo de competência.

Verificamos o “espetáculo” oferecido pelas mídias por meio de seus centros de transmissão com receptores isolados e sem possibilidades de resposta imediata, quando a única forma de participação é a imaginária. Diferente nesse aspecto, o ciberespaço, de acordo com Lévy, *“propõe um estilo de comunicação não-midiático por construção, pois é comunitário, transversal e recíproco ... não se trata de uma difusão a partir de centros, mas de uma interação no seio de uma situação”*<sup>96</sup>.

Desta forma, nesse universo da informação, cada um explora como quer o ciberespaço, seja para modificar, seja para estabilizar a comunicação. Segundo Lévy, é muito mais difícil estar sujeito a processos manipulatórios em espaços onde todos podem emitir opiniões e informações contraditórias, do que em sistemas de comunicação em que os centros de emissão são controlados por uma minoria.

Contudo, no mundo contemporâneo, o capitalismo rompeu com as barreiras espaciais, reduzindo o tempo das informações e inferindo um controle mundial do mercado. Neste sentido, se a notícia da morte do presidente Abraham Lincoln levou treze dias para atravessar o Atlântico e chegar à Europa, hoje, em apenas treze segundos, as notícias sobre as oscilações da bolsa de Hong Kong conseguem atingir todo o mundo. Segundo especialistas, a globalização não surgiu apenas de um fenômeno teórico, mas também decorrente das transformações radicais da economia mundial desde o início dos anos oitenta, tendo, além do

---

<sup>96</sup> LÉVY, Pierre. A Desvirtualização do Virtual. **Folha de S. Paulo**, 17/1/99, p.5-3.

seu caráter econômico, uma função cultural que vai desde a informação instantânea globalizada até o predomínio do inglês como o idioma da globalização.

Para Gianette da Fonseca <sup>97</sup>, a globalização é o resultado da combinação de três forças: A primeira seria a Terceira Revolução Tecnológica de processamento, difusão e transmissão de informações atrelada ao desenvolvimento da tecnologia artificial e da engenharia genética. A segunda força se daria pela formação de áreas livres de comércio e blocos econômicos integrados como o Mercosul, União Européia e o Nafta. Por fim, a última força se daria pela crescente interligação e interdependência financeira no planeta.

Mas as tendências econômicas mundiais demonstram que o fluxo de comércio, de investimentos e de mão-de-obra da globalização ainda são inferiores aos do século passado. Os governos, por sua vez, não sabem como tratar diversos assuntos domésticos e internacionais quando a globalização faz emergir um novo padrão de inclusão e de exclusão social.

A mundialização como um novo modo de funcionamento do sistema capitalista, torna-se um regime de acumulação e dominação financeira, no qual o capital demonstra trazer a concentração de um novo impulso monopolista com a fusão ou aquisição de grupos empresariais que são absorvidos, reestruturados, reduzidos em seus quadros efetivos e contidos em suas capacidades produtivas, numa contração de empregos e salários.

A concentração industrial doméstica transnacional traz uma administração da superprodução crônica de seus oligopólios. O chamado desenvolvimento com níveis derivados da industrialização e do nível de qualidade de vida tornam-se inviáveis nos países mais pobres. Robert Rech, ex-secretário do trabalho do governo de Bill Clinton, admite que

---

<sup>97</sup> FONSECA, Gianette. Globalização. **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial, 2/11/97, p.3.

mundialização é uma modalidade de funcionamento do capitalismo, na qual “*os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres*”<sup>98</sup>.

No âmbito da comunicação, a globalização tornou-se um fenômeno com ramificações industriais, comerciais e financeiras que proliferaram graças à queda nos custos das comunicações e à aceleração das trocas de informações e dados pelas novas tecnologias.

A tecnologia se inseriu na globalização unindo a transmissão de imagens de TV com o som do telefone e o processamento de dados. O barateamento da informática permitiu rapidez nas redes nacionais proporcionando uma maior segurança aliada a um menor preço das decisões empresariais em circulação. A indústria de telecomunicações explode com o relativo barateamento e a busca de popularização do computador, que converge entre a infra-estrutura de comunicação e a indústria da mídia, à medida que ambos se digitalizam e possibilitam o mundo globalizado.

Dessa forma, a tendência é que as telecomunicações, com a difusão de rádio e televisão e a transmissão de dados, passem a circular por fibras óticas e satélites de forma indiferente às barreiras políticas e econômicas. A integração das comunicações, sob o ponto de vista tecnológico, teve avanços muito rápidos nos últimos anos.

No âmbito de uma cultura global, a integração das comunicações nos faz consumir os mesmos produtos, fatos, notícias e comentários, numa visão de um mundo limpo, informatizado, organizado e inserido numa estrutura de rede. A "Supervia da Informação" não pretende vir a ser apenas um atalho para se consultar bibliotecas e arquivos, mas sim para a criação de um tecido social novo e globalizado.

Percebemos a extensão de uma determinada cultura por todo o globo, submetendo o cidadão a um mesmo sistema de crenças, comportamentos e representações que se expandem, suplantando as fronteiras, subjugando a heterogeneidade e se impondo como uma totalidade

---

<sup>98</sup> RECH, Robert. Globalização. **Folha de S. Paulo** Caderno Especial, , 2/11/97, p.4.

uniformizada. A globalização cultural parece fazer parte de uma estratégia de dominação ideológica do planeta em prol de um mundo integrado e organizado nos moldes de um gigantesco Estado-Nação, onde o imperialismo do século XIX, representado antes pela Inglaterra, cede lugar ao imperialismo capitalista de hoje, representado pelos Estados Unidos da América.

Os americanos dominam a Indústria Cultural vendendo sua própria cultura e produtos ao mundo, impondo-se de forma a moldá-lo à sua imagem. Alguns vêem no imperialismo cultural uma uniformização da Indústria Cultural num sistema monolítico, capaz de manipular platéias em grande escala. Outros verificam que as culturas nacionais locais geram uma cultura global na qual todos se reconhecem, intensificam os contatos entre os povos e civilizações, vinculados à expansão econômica e técnica. Em síntese, a globalização é julgada pelos apocalípticos como uma desgraça absoluta e para os integrados é apontada como uma esperança.

Neste contexto, diferente das empresas multinacionais do passado, as atuais empresas globalizadas não têm fábricas, não investem em máquinas, equipamentos, imóveis e mão-de-obra. O investimento em fábricas deixa de ser privilegiado em função do investimento em marcas como é o caso da Nike <sup>99</sup>. O consumidor exige menor preço e maior qualidade nos produtos, embora seja ele, ao mesmo tempo, o consumidor e o trabalhador que sofre com a política empresarial transnacional, quando esta determina o fechamento de uma fábrica ou promove demissões, alegando a redução de custos para aumentar a produtividade.

O desemprego é o fantasma da globalização. Os países em desenvolvimento devem investir na educação da sociedade e incentivar a criação de pequenas empresas. O problema não é o individual, mas sim um drama nacional dos países pobres, pois a mão-de-obra menos

---

<sup>99</sup> A Nike é uma das maiores empresas multinacionais produtora de materiais esportivos e patrocinadora de grandes eventos esportivos. Seu capital de sobre-produção se dirige à venda de sua franquia aos países produtores de mercadorias, em geral do terceiro mundo.

qualificada é descartada, a matéria-prima exportada é desvalorizada e o atraso tecnológico torna-se inevitável.

O sociólogo alemão Ulrich Beck concebe à pós-modernidade um sentido positivo, quando ela solicita uma reforma imediata que se funda, em grande parte, na ciência e na técnica. De acordo com Beck, na “cultura da dúvida” a pós-modernidade pode ser um meio capaz de evitar *“o que se denomina a contra-modernidade – nome dado ao que Deleuze e Guattari chamavam de reterritorialização e que consiste em fabricar artificialmente a certeza para dar cabo da sociedade do risco”*<sup>100</sup>.

Conforme a CPM – Market Research, na sociedade do risco a contratação de profissionais revela que, para se lidar com a hipercompetição movida pela revolução tecnológica e pela globalização, o funcionário competente é aquele que se *“sente eternamente no limiar da incompetência, inconformado com o que já sabe, sendo capaz de transformar sua curiosidade em energia intelectual”*<sup>101</sup>.

Parece-nos que, nesse final de século, não seria a máquina a vencedora, mas a valorização do que já existe de mais humano, como a criatividade e a vontade de descobrir coisas. “Nunca parar de aprender” parece ser a senha para o ingresso neste novo mundo onde a “arrogância dos diplomados” transforma a todos em estudantes permanentes, obrigados a fazer cursos complementares na universidade após a graduação. Espera-se do profissional do futuro não apenas ser ético, honesto e idôneo, mas também ter intuição, ser flexível e saber adaptar-se a novos desafios.

Além disso, espera-se deste profissional do futuro a supremacia da sensibilidade e a busca do equilíbrio, quando o trabalho em grupo é prioritário e exige do trabalhador, além do equilíbrio, maturidade. Sob essa lógica, observamos que aquele funcionário acomodado, que apostava na aposentadoria, é substituído por outro, sensível, criativo e aberto a novos

---

<sup>100</sup> **BECK**, Ulrich. Na Rota da Globalização. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 17/5/98, p.5-3.

<sup>101</sup> **DIMENSTEIN**, Gilberto. O Trabalhador do Futuro. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, 22/11/98, p.3-10.

desafios. Com certa dose de otimismo, poderíamos pensar como um avanço da humanidade a transformação do trabalhador em alguém que, para fazer algo, é forçado a utilizar seu pensamento e sensibilidade.

Entretanto, a globalização afeta o emprego, seja por meio de um grupo de estrangeiros que compra uma empresa local, seja porque os produtos desta empresa local vêm conquistar os mercados do exterior. Os reflexos da globalização no trabalho são inevitáveis, afetando tanto os profissionais da alta cúpula, quanto os de baixo escalão.

Segundo Marcio Pochmann, professor de Economia da Unicamp, de 1990 a 1997, o Brasil perdeu cerca de 2,5 milhões de postos de trabalho com carteira assinada devido à falta de uma política defensiva dos efeitos da globalização em relação à proteção da produção nacional. Para Pochmann, "*abrimos as portas sem impor condições*"<sup>102</sup>. Complementando essa afirmação, o economista José Pastore acrescenta que as mudanças tecnológicas trazidas pela globalização podem tanto tirar como gerar empregos conforme a situação de cada país e que, apenas nos países desenvolvidos, a educação é valorizada e a força física é substituída pelo raciocínio.

A qualificação tornou-se a palavra-chave, a senha para a sobrevivência no mercado de trabalho face à globalização, desencadeando, de 1993 a 1998, um processo de seleção de candidatos, em que quem possui qualificação fica e quem não possui é descartado. O perfil indicado é aquele que é flexível, possui conhecimento de outras culturas e pode ser substituído com facilidade, tal como um *chips* de computador. Nos tempos do pós-capitalismo, o importante é ser bom para o mundo em empresas globais e com pessoas de várias nacionalidades trabalhando juntas, onde profissionais de atuação restrita tornam-se vulneráveis às mudanças estruturais do mundo do trabalho.

---

<sup>102</sup> **POCHMANN**, Márcio. Como a globalização afeta seu emprego. **Folha de S. Paulo**, Caderno Sua Vez, 2/8/98, p. 6-14.

As fusões e as aquisições de empresas no processo de globalização acarretam uma reestruturação administrativa e de produção com redução do quadro de funcionários. A exemplo disto, no ano de 1994, instituições financeiras como o Unibanco e o Banco Nacional, antes de se unirem, tinham, respectivamente, 17.034 e 14.709 trabalhadores, totalizando 31.743 funcionários. Após a unificação em dezembro de 1995, o quadro total era de 28.543 empregados. O mesmo fato pode ser verificado na fusão do Banco Excel com o Econômico. Em 1995, os dois bancos tinham juntos 9.925 funcionários e, após a união, em 1996, restaram apenas 6.457 cargos disponíveis.

O processo de globalização causa mudanças significativas no mundo do trabalho por um lado e, por outro, ocasiona cortes nos direitos trabalhistas antes conquistados. É a emergência de dois fenômenos intermitentes: a evolução tecnológica e a involução sociológica. Na primeira, as tecnologias da informação trazem impactos no conceito de empresa, de valor, trabalho e emprego. O conhecimento, a capacidade de análise, a criatividade e as habilidades do trabalhador tornam-se itens importantes na manutenção do emprego. No segundo caso, por trás dessa revolução tecnológica, aparecem o corte dos direitos sociais, a estagnação das leis trabalhistas e a privatização da saúde e da educação.

Tudo surge como uma nova forma de se apresentar a antiga “luta de classes”, em que os conflitos pela apropriação de riquezas são inevitáveis, não se conseguindo provar, ainda, que a revolução tecnológica seja necessariamente anti-social. As novas tecnologias podem aniquilar os direitos sociais, mas podem, também, renovar a convivência humana, já que os veredictos não são dados por máquinas e computadores e sim por homens, pessoas reais, capazes de entender o mundo atual e defender seus direitos.

Não existem mais dúvidas de que as mudanças tecnológicas e empresariais desta passagem de século modificaram dramaticamente o mercado de trabalho, de forma que os trabalhadores com apenas uma especialidade estão perdendo o lugar para os atuais polivalentes. Depois do fordismo americano como modo de produção de linha de montagem

em série, tivemos o toyotismo japonês, que introduziu a necessidade de o trabalhador operar simultaneamente várias máquinas. Esse modelo criou, como resposta para as crises financeiras, o aumento da produção sem aumentar correspondentemente o número de trabalhadores.

Atualmente, introduziu-se a automação da produção tanto na indústria como nos serviços. O avanço tecnológico parece coincidir com uma espécie de “extermínio” dos postos de trabalho, com um saldo de 800 milhões de desempregados no mundo, cerca de cinco vezes o tamanho da população brasileira. Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT) não são o avanço tecnológico e o comércio internacional os causadores do desemprego mundial, embora afetem a estrutura de emprego e, portanto, requeiram esforços para adaptar o trabalho e a produção a um mundo que muda rapidamente.

O economista José Pastore, em entrevista a Clóvis Rossi, do jornal **Folha de S. Paulo**, afirma que o que tem ocorrido é uma transformação na estrutura de emprego, como vimos entre 1930 e 1970, quando profissionais ligados à telegrafia foram reduzidos de 87 mil para 24 mil empregados no setor. No entanto, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da telefonia gerou 537 mil novos empregos. Para ele, se não é a tecnologia o inimigo do trabalhador, só nos resta levar em consideração que o *“crescimento econômico inadequado durante as últimas duas décadas está no coração do problema do emprego nos países industrializados”*

103

De 1989 a 1996, o número de desempregados no Brasil quase triplicou, chegando a 5,1 milhões. Com a entrada de jovens no mercado de trabalho subiu a oferta de mão-de-obra, superando a demanda. Além do excesso de mão-de-obra, as oscilações nas taxas de crescimento do PIB passaram a ter um impacto ainda maior sobre o desemprego. A abertura da economia aos produtos importados chegou a eliminar setores inteiros da indústria nacional. As indústrias sobreviventes fizeram ajustes para aumentar sua produção e assim competir com

---

<sup>103</sup> ROSSI, Clóvis. O Colapso do Trabalho. **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial, 1/5/98, p.2.

os produtos importados, ocasionando mais cortes de pessoal, como foi o caso das indústrias têxteis e de vestuário que, de 1994 a 1997, eliminaram cerca de 142 mil postos de trabalho.

Os efeitos da modernização poderiam ser reduzidos se o país estivesse crescendo, eliminando empregos por um lado e criando novos setores de outro. Mas não é o que ocorre efetivamente. Em relação ao empresariado, devido às altas taxas de juros, fica mais barato importar máquinas dos Estados Unidos do que comprar aqui. Em outras palavras, além de exportar produtos também, acaba-se exportando empregos dos EUA.

Até a década de 70, de cada dez postos de trabalho, oito eram assalariados, sendo apenas um sem registro em carteira. Nos anos 90, a situação se inverte e, para piorar, as duas vagas assalariadas são sem carteira assinada <sup>104</sup>. A reestruturação das empresas com o redimensionamento dos quadros e as mudanças na sua composição vem ocasionando um aumento da participação dos trabalhadores mais qualificados em detrimento dos menos qualificados.

Segundo Mário Cesar de Carvalho, porém, *“investimento em tecnologia não aumenta o desemprego se a economia está crescendo”* <sup>105</sup>. Para ele, na indústria automobilística, ao contrário do que muitos pensam, a robotização não trouxe o desemprego. A Volkswagen, por exemplo, em 1994, tinha sessenta robôs e 6.403 funcionários. Em 1997, os robôs dobraram para 137 e o número de empregados cresceu para 7.471. Graças à política administrativa da empresa, com as mudanças tecnológicas, o cargo de “prensista” foi convertido em “operador de robô” com um aumento de salário de 1.000 para 1.600 reais a partir da robotização. No caso da Volkswagen, não houve truques, apenas a combinação de produção, tecnologia e procedimentos de retreinamento de funcionários, sem haver demissões.

De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Serviço Nacional da Indústria (SENAI), o senso comum erra ao acreditar que o seu trabalho está sendo extinto por

---

<sup>104</sup> *Ibidem*, p.2.

<sup>105</sup> **CARVALHO**, Mario Cesar. O Colapso do Trabalho. **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial, 1/5/98, p.6.

máquinas e computadores. A construção civil, por exemplo, foi o setor que mais desempregou de 1992 a 1996, com 33% de demissões. E foi também o setor que menos investiu em tecnologia, cerca de 5% de seu faturamento.

No extremo oposto, temos o setor das telecomunicações com investimentos em tecnologia da ordem de 40,6 % de suas receitas, sendo o setor que menos desempregou de 1992 a 1996, tendo um índice de 1% de demissões nesse período.

Segundo Mário Cesar Carvalho, em documento assinado por Martin Canoy, da Universidade de Stanford e Manuel Castells, da Universidade da Califórnia, ambos afirmam que a tecnologia tem duas faces, *“cria e destrói empregos ao mesmo tempo. Tudo depende do ambiente econômico em que é aplicada”*<sup>106</sup>.

No caso da Volkswagen, embora o robô tenha trazido desemprego na linha de soldagem, novos empregos foram criados na montagem final, já que mais carrocerias foram produzidas graças aos robôs. Assim, a tecnologia cria empregos quando aumenta a produtividade, sendo esse ganho repassado ao consumidor pela queda de preço dos produtos, fazendo com que o mercado possa se expandir de forma a gerar novas oportunidades de negócios. No caso do Brasil, que possui uma economia estagnada ou em recessão, os ganhos de produtividade não significam queda de preço, nem expansão de mercado, ocasionando o desemprego.

As reclamações mais freqüentes se dão no setor bancário. Com a introdução dos computadores, no Estado de São Paulo, foram demitidos cerca de 349 mil trabalhadores nos últimos sete anos. A redução de trabalhadores na categoria de 812.667 bancários em 1990, passou a 463.330 em 1997, representando uma queda de 43% de empregos. No caso dos bancários, o baixo crescimento econômico e a legislação rígida, somados ao baixo nível educacional da mão-de-obra brasileira, são as principais causas do desemprego. No mesmo

---

<sup>106</sup> *Ibidem*, p.6.

patamar dos bancários, está o setor agrícola, onde uma máquina de colher cana faz o trabalho de 150 homens em média, eliminando dois milhões de empregos.

O problema das empresas se dá no estágio de transição de um perfil para outro, quando não se instauram procedimentos de requalificação profissional. Para o país retomar seu crescimento, tem que investir mais em educação.

A tecnologia introduzida em operações específicas em fábricas ou negócios pode reduzir empregos num determinado setor, mas não demonstra evidências de que destrua o nível geral de empregos. Não há uma relação direta entre o crescimento econômico, gastos com tecnologia e as altas taxas de desemprego. Na Itália, por exemplo, a região norte é mais avançada tecnologicamente e tem um índice de 5% de desemprego. Na região sul, que tem pouco investimento em tecnologia, o índice de desemprego é de mais de 20%.

No Brasil, as privatizações podem ser as responsáveis pelo aumento das taxas de desemprego, embora, no novo mundo do trabalho, com as novas tecnologias, se preveja uma demanda cada vez maior de mão-de-obra com formação superior.

Os empregos do futuro exigirão flexibilidade, capacidade de comunicação e facilidade para o trabalho em equipe. As empresas querem pessoas com utilidade imediata, treináveis, que aprendem a fazer muitas coisas diferentes e que sejam rápidas. Os conhecimentos adquiridos na universidade são agora pequenos. É necessária uma aprendizagem permanente, pois o indivíduo ganha o quanto estuda. A noção de empregabilidade é associada a aprendizagem permanente, a qual fornece, de maneira contínua, as habilidades necessárias para o empregado se manter competitivo e acompanhar as tendências do mercado de trabalho. O papel da escola passa a ser o de formar indivíduos que sejam “aprendizes permanentes” e convencidos da importância de continuar estudando enquanto estiverem trabalhando, de forma que *“a escola deve treinar o aluno a navegar na abundância de*

*dados disponíveis, encarando-os de forma crítica – ou seja, transformando a informação em conhecimento”*<sup>107</sup>.

Caberá ao governo escolher entre mais educação ou menos trabalho e entre alta competência ou baixos salários. Com mais educação para a população, menor será o cinturão de pobreza do país. Verificamos, contudo, que a taxa de desemprego no Brasil de 1994 a 1998, cresceu 38% do índice de População Economicamente Ativa (PEA), aumentando de 6,5% para 9,0% o número de desempregados, num crescimento em torno de 2,2 milhões de pessoas a mais sem trabalho, o equivalente à população do Mato Grosso. No total, 6,6 milhões de brasileiros ficaram sem ocupação em 1998, o que corresponde a um número maior que a população do Rio de Janeiro.

Mesmo nas relações de parceria com o Mercosul, as desigualdades no trabalho aumentam entre os quatro parceiros, apontando para o aumento do desemprego e a deterioração dos salários. Apenas o investimento em Educação entre os quatro parceiros é diferente: o Uruguai gasta 72 dólares anuais por habitante e a Argentina 146 dólares contra 27 dólares gastos pelo Brasil e 32 dólares desembolsados pelo Paraguai. Embora o Brasil seja o maior em termos geográficos e populacionais é, entre países, o que investe menos em educação para o povo que, por sua vez, é obrigado a ingressar no mercado de trabalho mais cedo, evadindo-se da escola.

O Brasil dos anos 60, com uma grande área ainda rural, expectativa de vida curta, famílias grandes, renda *per capita* baixa e índice de analfabetismo alto, entra na década de 90 com transformações contundentes e uma população de mais de 160 milhões de habitantes. Com uma renda *per capita* superior a 5.000 dólares e um número sempre decrescente de filhos por família (da ordem de 2,5 por família, contra os antigos 6 filhos por família da década de 70), o país se torna predominantemente urbano. Cresce o número de carros de dois

---

<sup>107</sup> **DIMENSTEIN**, Gilberto. Qual será o perfil do trabalhador empregado no futuro? **Folha de S. Paulo**, Caderno Especial, 1/5/98, p.11.

milhões de automóveis em 1970, para 26 milhões na década de 80, chegando a cerca de 31 milhões na década de 90.

Para o historiador brasileiro Thomas Skidmore, as grandes mudanças no Brasil só virão com investimentos em Educação. Mas para isso, é preciso dar condições de trabalho aos professores, pois a não existência de financiamento efetivo para o ensino fundamental e a falta de apoio da elite para sua melhoria fazem emergir um fato no mínimo curioso “*porque o capitalismo e o sistema industrial necessitam de um exército de mão-de-obra qualificada*”<sup>108</sup>.

Algumas empresas têm procurado efetivar este investimento na educação do trabalhador, mas isso não é tudo. Faz-se necessário que a sociedade cobre de seus governantes um maior investimento em Educação, não buscando apenas soluções paliativas tais como doações de computadores e televisões a escolas que não têm nem telefone, nem energia elétrica.

O número de empresas que têm decidido investir na escolaridade de seus empregados é crescente, confirmando a idéia de que empresa de primeira não pode ter funcionários de segunda. Em São Paulo, a Volkswagen mantém uma escola para novecentos empregados. A Nestlé resolveu firmar convênio com vinte escolas e a Sadia investe oito milhões de reais por ano em educação para que possa oferecer à todos os seus funcionários com o Ensino Fundamental completo. De um modo geral, apesar de aproximadamente “*400.000 trabalhadores estejam de volta aos bancos escolares, incentivados pelas empresas em que trabalham*”<sup>109</sup>, persiste um índice de 43% de trabalhadores analfabetos ou com o Ensino Fundamental incompleto, com carteira assinada.

O trabalhador brasileiro permanece em média 6.5 anos na escola, um período bastante curto em relação à Argentina com seus nove anos e à Coréia, com dez anos mínimos de escolaridade. Também, por isso as empresas nacionais perdem em eficiência para as

---

<sup>108</sup> SKIDMORE, Thomas. A Era da Dependência. **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 17/5/98, p.5-10.

<sup>109</sup> GONÇALVES, Daniel Nunes. Volta às aulas: empresas nunca investiram tanto na escolaridade de seus empregados. **Veja**, nº 1497, 28/5/97, p.92.

concorrentes estrangeiras. Para minimizar esse efeito, o programa de educação nas fábricas tem arregimentado não apenas empresas, mas também fundações, ONG's, governos estaduais e federais que fornecem as verbas necessárias para a implementação de tais programas.

As compensações aparecem rapidamente quando vemos que, na Nestlé, por exemplo, o índice de acidentes caiu acentuadamente, desde que os funcionários passaram a entender melhor o funcionamento das máquinas e lêem mais os manuais. Com as aulas, as faltas ao trabalho diminuíram por elas terem se constituído num estímulo a mais para se ir trabalhar. Além disso, o funcionário escolarizado entende melhor os procedimentos do trabalho e resolve problemas inesperados com mais facilidade. A educação no local de trabalho também aumenta a auto-estima do funcionário e a sua relação com a chefia e os colegas.

No caso da educação universitária, nos Estados Unidos, dos 265 milhões de habitantes, 14 milhões são universitários, o que equivale a 5,2% da população entre 18 e 24 anos. No Brasil, dos 160 milhões de habitantes, menos de 2 milhões são universitários. Esse dado aponta para a necessidade da constituição de um grande projeto de democratização do acesso à educação superior no país.

A pós-graduação tem se tornado um patamar de conquista para o profissional se posicionar no mercado. Conforme depoimento de Sofia Esteves, da DM Recursos Humanos, especializada em recrutamento e seleção de executivos, para Lia Regina Abbud, do jornal **Folha de S. Paulo**, 70% das empresas informam ser *“desejável que o contratado tenha feito pós-graduação. Os outros 30%, consideram essa especialização um pré-requisito fundamental”*<sup>110</sup>.

---

<sup>110</sup> **ABBUD**, Lia Regina. Pós-Graduação agora é item fundamental. **Folha de S. Paulo**, Caderno Sua Vez, 31/1/99, p.6-10.

As exigências do mundo contemporâneo ocasionam a necessidade do jovem sair do colégio com características procuradas pelo mercado de trabalho, tais como: boa formação, independência, criatividade, iniciativa, facilidade de relacionamento e fluência em idiomas. Atualmente, isto só é possível através de escolas especializadas que trabalham com o método Bacharelado Internacional – IB, oferecido desde a educação infantil até o ensino médio. Embora, não visem diretamente à educação profissional, essas escolas procuram desenvolver nos alunos os principais requisitos que as empresas demandam. Os alunos, além de aprenderem novos idiomas na pré-escola, lições de saúde e meio ambiente na quinta série, prestam serviços à comunidade, favelas, asilos e orfanatos, durante o ensino médio. Os professores em seus métodos dão ênfase à disciplina, organização e análise crítica, de forma que, além de quatro idiomas fluentes, os alunos saem preparados para viver em qualquer país.

O método IB foi criado na Suíça há mais de 33 anos e beneficia filhos de executivos e diplomatas que têm de mudar de país constantemente. Esse modelo de ensino funciona hoje em 94 nações. No Brasil, apenas os estados do Rio de Janeiro, Paraná e São Paulo têm esse sistema de ensino, colocando os alunos no mercado de trabalho bem mais preparados, visto que *“a intenção é formar um indivíduo que saiba pensar, seja crítico, não tenha medo de novos desafios, e que mantenha a sua consciência ligada aos interesses do grupo. É o que se procura nos profissionais hoje em dia”*<sup>111</sup>. Esse modelo de ensino é um sonho para milhões de brasileiros. Nessas escolas, a educação infantil varia em torno de 800 reais e o ensino médio, 1.200 reais por mês, isto é, de sete a dez salários mínimos.

O que podemos perceber é a emergência de mudanças radicais na educação brasileira em tempos de pós-industrialização. O conceito de “empregabilidade” torna-se o novo fenômeno que delimita e adequa cada profissional às exigências do mercado de trabalho.

---

<sup>111</sup> **BRASLAUSKAS**, Ligia. Escolas preparam profissional globalizado. **Folha de S. Paulo**, Caderno Sua Vez, 20/12/98, p. 6-8.

Caberá, à informação, a função de ser o fator nivelador de cada funcionário, que deverá se manter atualizado para garantir seu emprego ou almejar novos cargos.

#### **4.2 – EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A Educação Continuada tem sua origem nos cursos realizados pelo trabalhador ao longo de sua carreira profissional, mantendo um vínculo permanente com o ensino, de forma a se portar sempre como apto a adquirir novos conhecimentos.

A Educação Aberta tem uma relação próxima com a Educação Continuada e representa uma quebra de vínculos com as estruturas educacionais formais ao democratizar, difundindo amplamente o acesso ao conhecimento.

A Educação à Distância se agrega às duas anteriores “*como um elemento de amplificação de seus efeitos, tendo como característica principal a quebra das barreiras de espaço e tempo*”<sup>112</sup>. A Educação à Distância, além de eliminar a barreira temporal e fatores como trânsito, ausência de transporte ou custo de passagem, permite aos educandos ajustarem os dias e os horários que lhes forem mais convenientes. Temos como novidade neste modelo, exemplos como o das teleconferências ou videoconferências, nas quais alunos ou espectadores se encontram espalhados em telessalas, numa modulação de transmissão síncrona. Temos também transmissões assíncronas, nas quais os interessados podem acessar as informações em instantes distintos da sua geração, como são os casos dos cursos ou programas em vídeos, CD-ROMs ou os disponíveis na Internet.

A Educação à Distância tem se mostrado uma modalidade de ensino funcional para profissionais e estudiosos, que mantêm um constante aprendizado, ampliando cada vez mais seu grau de empregabilidade.

---

<sup>112</sup> COSTA NETO, Pedro Luiz de Oliveira. A educação em tempos pós-industriais. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, 18/1/99, p.4-2.

Essa modalidade de ensino tem o propósito de formar indivíduos aptos a enfrentar tempestades num futuro próximo, usando tecnologias que beneficiam de outros modos o ensino e elevam a auto-estima do aluno. As escolas americanas, que introduziram aulas de produção de vídeo e áudio em seus currículos <sup>113</sup>, conseguiram que alunos rebeldes, e com notas baixas, obtivessem notas acima da média.

Não podemos afirmar que a tecnologia seja a única responsável pela alteração no índice de aproveitamento desses alunos, mas é preciso reconhecer que, ao dominar recursos básicos da gramática eletrônica - uma linguagem diferente da tradicional escrita - este aluno tira proveito desse "novo canal de expressão", criando novas formas de comunicação e, portanto, de se relacionar com o mundo.

O homem, pelo desenvolvimento e domínio de próteses visuais, pode criar novas formas de concepção do mundo, nas quais o tratamento dado à imagem leva a crer na existência de um “poder estranho” que fascina enquanto reprodução do real e que cria uma ilusão aparente ao fundamentar o poder ideológico das mensagens audiovisuais. Percebemos que, ao longo do tempo, as operações de simulação nunca deixaram de existir, tendo cada época seus instrumentos de simulação. A atualidade trouxe, como particularidade, o surgimento de “entidades híbridas” situadas entre o real e o virtual, entre o objeto e sua representação, entre a realidade e a ficção, como é o caso da televisão.

Como foi descrito no capítulo anterior, temos pelo menos duas correntes importantes nesta discussão. Deleuze, Lévy e Parente percebem que a imagem pode se apresentar com tamanha realidade de forma a se tornar auto-referente, a ponto de poder se transformar na própria realidade. Outros pensadores como Virilio e Baudrillard, numa visão mais pessimista, acreditam na desaparecimento do real diante do universo da representação, ou seja, na substituição do real pelo virtual. Para Virilio e Baudrillard, *“as tecnologias do virtual se impõem como*

---

<sup>113</sup> **HAMBURGUER**, Esther. EUA ‘alfabetizam’ a televisão. **Folha de S. Paulo**, Caderno TV Folha, 17/1/99, p.15.

*estética da desapareição que substitui o real; estética do hiper-real que despotencializa o real; buraco negro que aniquila o referente”*<sup>114</sup>. Numa posição contrária e essa concepção, Weissberg, afirma que *“virtual e real são duas faces de uma mesma questão. O virtual não substitui o real, ele ajuda a lhe dar sentido”*<sup>115</sup>.

Para Lazar os sujeitos reagem de forma diferente a uma mesma imagem denotando que a imagem não é o simples reflexo do real imediatamente legível. Ao contrário, embora ela seja imediatamente assimilada exige um certo esforço de percepção e por conseguinte de interpretação para o qual a cultura tradicional não nos preparou adequadamente. Assim, para Lazar, *“a percepção não é independente da influência cultural; a percepção é ela mesma institucionalizada. Uma segunda particularidade da imagem é que ela funciona segundo um código icônico que lhe é próprio. A imagem é assim duplamente codificada”*<sup>116</sup>. Embora a semiologia icônica seja ainda um campo relativamente novo nos estudos científicos, percebemos na mensagem audiovisual um grande esforço da recepção ao estabelecer uma acentuada elaboração de códigos destinados à produção de sentido das mensagens emitidas.

Dessa forma, a televisão, mesmo parecendo ter sido concebida de um modelo panóptico de poder, pode se tornar um mediador importante de modelos educacionais num processo de conscientização social. Conforme Lazar, *“a televisão tornou-se o mediador por excelência; é ela que possui o poder de ligar o telespectador ao mundo, de lhe explicar, de o tornar coerente”*<sup>117</sup>.

Podemos pressupor que a grande indagação estaria na “forma de uso” da tecnologia televisiva, na mediação didática, levando em consideração a necessidade de se integrarem os

---

<sup>114</sup> PARENTE, André. Cibercidades. In: **Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, UFRJ, Rio de Janeiro, nº 2-3, julho-novembro de 1997, p.141.

<sup>115</sup> WEISSBERG, Jean-Louis. Real e Virtual, In: **Imagem Máquina**, 2<sup>a</sup> ed., Editora 34, Rio de Janeiro, 1996, p.121.

<sup>116</sup> LAZAR, Judith. **Escola, Comunicação e Televisão**. Tradução: Zélia Faria, RÉS – Editora, Porto, Portugal, s/data, p.132.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p.153.

conteúdos do ensino à tecnologia televisiva e, ao mesmo tempo, incorporar as contribuições dela ao conjunto de objetivos visados pelo ensino. Sob outro ponto de vista, a televisão antes sentenciada por educar ideologicamente uma “massa”, apresenta-se, hoje, como uma aliada na educação de uma outra “massa”, agora de trabalhadores, fadados às mudanças socio-econômicas ocasionadas pelo processo de globalização.

Para alcançar estes objetivos torna-se necessário que tenhamos mais emissoras voltadas à produção de materiais teleducativos, bem como produtoras mais voltadas ao mercado educativo que ao comercial. É emergente a necessidade da escola melhor apreender a linguagem e os "mecanismos de atração" da televisão, de forma a buscar um maior aproveitamento de suas estratégias para a transmissão de conteúdos didáticos.

Observamos, na televisão, elementos que constituem a produção, criação e transmissão do sinal televisivo, na trilogia Televisual, Televisivo e Televisível. O elemento Televisual, enquanto dispositivo de produção, deve utilizar toda sua gama tecnológica para a manutenção de um sinal limpo e claro do conteúdo a ser veiculado. No elemento Televisivo, sua disposição semântica deve operar na criação de sentidos dos enunciados com o auxílio da diversidade de signos e modelos discursivos dispostos na linguagem televisiva. No elemento Televisível, a transmissão dos diversos signos deve ser inteligível para a recepção, possibilitando a disponibilidade democrática das mensagens educativas para que o telespectador faça delas o seu devido uso social.

Assim, para que se possa elaborar uma adequada forma de uso da tecnologia televisiva no campo da educação formal de adultos, jovens ou crianças, necessitamos, por um lado, de “uma televisão mais voltada para a educação” e, de outro, de “uma educação mais voltada para a televisão”. Em outras palavras, deve-se produzir em maior escala materiais educativos televisivos e, por sua vez, difundir com maior intensidade uma “educação televisiva” de forma a acionar mecanismos de leitura crítica dos conteúdos veiculados.

Já podemos perceber alguns movimentos que indicam mudanças na estrutura da televisão brasileira em relação ao gênero educativo, mesmo que esses movimentos sejam ocasionados por interesses comerciais, por exemplo, quando sabemos que a TV alemã só coloca no ar 50% de sua produção, vendendo o restante de suas obras aos países do Terceiro Mundo sob o título de documentários ou programas educativos.

Percebemos, também, nas TV's Educativas nacionais diversas alterações administrativas, como a busca de patrocínio ou apoio cultural para melhoria de qualidade das programações, além da criação de canais voltados para o ensino, por meio de iniciativas privadas, como o Canal Futura, das Organizações Globo, destinado a concorrer com as instituições públicas na veiculação teleducativa. Respalhando essa modalidade de oferta educativa televisiva temos também projetos como o Vídeo Escola, TV Escola, Telecurso 2000 e Cursos Profissionalizantes em vídeo.

Enquanto discutimos pouco os estudos da semiologia da imagem na educação e elaboramos poucas tentativas na produção de melhores produtos audiovisuais, nos Estados Unidos crescem os movimentos de alfabetização na linguagem do vídeo. Onze estados americanos implementaram cursos sobre mídias nas escolas básicas e diversos centros de pesquisa estão se dedicando a produzir materiais e fornecerem insumos para programas que discutem as regras da gramática audiovisual.

Conforme E. Hamburger, no programa de curso de uma escola em Manhattan são combinadas aulas práticas e produções de vídeos com aulas teóricas de decodificação, interpretação e crítica de vídeos e programas televisivos. Propõe-se que o aluno faça o roteiro, produza, edite e sonorize os trabalhos de classe. Para E. Hamburger, a filosofia do programa *“explora a propriedade de facilitar a comunicação de experiências pessoais que o vídeo tem ... talvez haja um pouco de um Paulo Freire High-Tech, às vésperas do século 21”*<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> **HAMBURGUER**, Esther. EUA, ‘alfabetizam’ a televisão. **Folha de S. Paulo**, Caderno TV Folha, 17/1/99, p.15.

Assim, a familiarização com a linguagem audiovisual e sua utilização nas diversas e possíveis formas de uso da tecnologia televisiva podem vir a complementar o Ensino Básico ministrado pelas escolas. Se tivermos crianças e jovens habilitados à leitura dos códigos dos telejornais, da publicidade e das telenovelas, possivelmente eles serão mais criativos ao dominar a gramática da ótica eletrônica, possibilitando, quem sabe, uma melhor leitura dos discurso televisivos, sendo capaz de renovar os padrões exauridos da TV brasileira.

No passado, o único meio disponível para o Ensino à Distância era o correio postal que, desde 1850 era utilizado pelo Reino Unido para o ensino de estenografia. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, surgem novas iniciativas de Ensino à Distância na tentativa de atender a um momento de considerável demanda social por educação. O rádio aparece nesse contexto como um elemento capaz de penetrar no ensino formal sendo bastante explorado na América Latina em países como Brasil, Venezuela e Colômbia.

Com o surgimento da televisão enquanto potencial de comunicação, a Educação à Distância obtém novas esperanças para se fazer presente para aqueles excluídos do sistema educativo presencial. Infelizmente, a televisão brasileira - que não nasceu com as mesmas características educacionais do rádio - surge atrelada aos aparatos ideológicos do Estado, trazendo desconfianças de sua qualidade e formas de uso educacionais.

Diversos obstáculos surgiram para sua utilização como instrumento pedagógico, principalmente face ao receio às mudanças sociais ocorridas após sua implantação e em seu desenvolvimento enquanto mídia destinada ao consumo. Atualmente, o cenário parece ser outro e a chance de uso da tecnologia de Ensino à Distância tende a emergir como fator de melhoria e de democratização do conhecimento.

As tecnologias estão cada vez mais inseridas no convívio cotidiano da sociedade, de forma presencial, tornando-se de fácil acesso e aquisição até mesmo para os excluídos. As mudanças tecnológicas aceleradas estão nos tornando uma sociedade de aprendizagem

permanente. Para que o indivíduo seja competitivo no mercado de trabalho, deverá ter um conhecimento sempre atualizado, implicando o oposto em conseqüências econômicas e sociais desastrosas para sua vida.

Neste contexto, Cláudio Menezes afirma que *“informação e educação estão se tornando serviços essenciais, que além da oferta tradicional, têm que estar disponíveis para a demanda”* <sup>119</sup>. Verificamos, também, uma crescente redução dos custos de recursos tecnológicos, principalmente em relação ao armazenamento, manipulação e transmissão de informações, fazendo da TV e do computador elementos interativos do processo de aprendizagem.

A “revolução midiática” abre ao ensino canais ainda inexplorados em seu pleno potencial. As tecnologias multiplicaram as possibilidades de busca de informação que, aliadas a equipamentos interativos de multimídia, colocam à disposição de alunos e professores um grande manancial de informações. Desta forma, *“munidos destes novos instrumentos, os alunos tornam-se investigadores. Os professores ensinam aos alunos a avaliar e gerir, na prática, a informação que lhes chega”* <sup>120</sup>.

Percebe-se, nesse processo, o surgimento de novos tipos de relacionamentos nas salas de aula muito mais próximos da vida real que os antigos métodos de transmissão do saber. Espera-se que a Educação à Distância seja, efetivamente, uma “educação para todos” tendo a tecnologia como uma aliada na redução da exclusão.

Buscando uma conceituação para suas peculiaridades, Denise S. M. de Araújo <sup>121</sup>, seguindo os conceitos de Bordenave, descreve que a Educação à Distância é uma organização de ensino aprendizagem, na qual alunos de idades e antecedentes diversificados estudam

---

<sup>119</sup> MENEZES, Cláudio. Experiências de Educação à Distância na América Latina. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 140, v.26, jan/fev/mar, 1998, p.38.

<sup>120</sup> *Ibidem*, p.40.

<sup>121</sup> ARAÚJO, Denise Sardinha M. S. de *et alli*. Educação à Distância: uma polêmica antiga. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 141, v.26, abr/jun, 1998, p.18.

individualmente ou em grupos, em suas casas ou nos locais de trabalho por meio de materiais auto-instrutivos, produzidos em centros acadêmicos e distribuídos por diversos meios de comunicação, mantendo uma regular comunicação com professores orientadores desses centros geradores de ofertas educativas.

Temos, hoje, a dualidade de dois modelos de educação: um formal e outro informal. A educação formal não teve ainda capacidade para suprir as necessidades de nossa sociedade, cabendo a grupos sociais e empresas, a formação e capacitação para esta demanda social. Na concepção de M. L. Mata <sup>122</sup>, a Educação à Distância tem se tornado um componente necessário à conquista de autonomia, demonstrando, ao longo dos últimos anos, uma grande capacidade de absorção de procedimentos metodológicos advindos dos meios de comunicação que, por sua vez, têm se tornado cada vez mais interativos.

É importante entender que educar à distância não significa reduzir objetivos, pasteurizar conteúdos, simplificar currículos ou diminuir tempo de estudo e reflexão. Educar à distância significa oferecer ao aluno *“referências teórico-práticas que levem à aquisição de competências cognitivas, habilidades e atitudes que promovam o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho”* <sup>123</sup>. Educar o cidadão do século XXI de forma presencial ou à distância é uma imposição para todos, quando falamos do futuro do homem e da sociedade.

Constatamos que, no passado, cabia ao aluno ler e absorver conteúdos, seguindo procedimentos e seqüências definidos num aprendizado individual, baseado na distribuição e utilização de materiais para a transmissão de conteúdos e habilidades. Na Educação à Distância, temos uma função globalizante e integradora que não se refere a produtos, mas a processos, métodos e técnicas, tendo a EAD um papel de mediadora numa relação em que

---

<sup>122</sup> MATA, Maria Lutgarda. Educação à Distância e novas tecnologias: um olhar crítico. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 123/124, v.22, mar/jun, 1995, p.8-12.

<sup>123</sup> NEVES, Carmem Miranda de Castro. Critérios de qualidade para a Educação à Distância. In **Revista Tecnologia Educacional**, nº 141, v.26, abr/jun, 1998, p.14.

professor e aluno estão espacialmente separados. Essa comunicação bidirecional mediatizada, objetivando a formação integral, faz dos alunos “*construtores de seu próprio conhecimento e não meros receptores de informações*”<sup>124</sup>.

As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação possibilitam a superação dos modelos tradicionais, redimensionando o foco de atenção da instrução para o processo de aprendizagem numa forma inovadora de relacionamento e integração dos participantes, enfatizando a aprendizagem contextualizada, a construção de modelos, a solução de problemas e, principalmente, o domínio do aluno de seu próprio processo de aprendizado. O enfoque pedagógico da proposta de Educação à Distância parece se assentar nos princípios básico do construtivismo, “*que tem como premissa fundamental a idéia de que o individuo é agente ativo de seu próprio conhecimento. Isto é, ele constrói significados e define o seu próprio sentido e representação da realidade, de acordo com suas experiências e vivências em diferentes contextos*”<sup>125</sup>.

Em relação ao trabalhador, a baixa escolaridade traz uma crescente dificuldade de inserção e de permanência no mercado de trabalho, ou seja, no nível de empregabilidade do trabalhador brasileiro. A reestruturação empresarial vem acarretando uma redução de quadros e a elevação dos requisitos necessários para o desempenho profissional, na qual o trabalhador brasileiro se encontra agora sob o risco de exclusão ou de sucateamento de seu emprego. Constata-se que a educação básica e profissional servem de ferramenta para a melhoria da qualidade e competitividade no ambiente de trabalho, de forma a ampliar as condições de empregabilidade do trabalhador e, por conseguinte, de fortalecer a cidadania.

Devido a diversos fatores tais como: o descaso para com a educação da sociedade brasileira pelos diversos governos (civis e militares); a dimensão territorial do país; as

---

<sup>124</sup> **STRUCHINER**, Miriam *et alli*. Elementos fundamentais para o desenvolvimento de ambientes construtivistas de aprendizagem á distância. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, jul/set, 1998, p.4.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p.4

dificuldades de comunicação e transportes; e o enorme contingente de trabalhadores a serem atendidos, em pouco espaço de tempo, e frente à globalização, a Educação à Distância assume um papel estratégico fundamental.

Nessa perspectiva, vemos se encaixarem programas de educação básica para o trabalhador, como é o caso da iniciativa privada, realização Fundação Roberto Marinho, em parceria com a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e a Confederação Nacional da Indústria (CNI), que implantou mais de três mil telessalas do Telecurso 2000. Sua proposta pedagógica tem como meta inicial garantir a certificação de 75 mil jovens e adultos através de conteúdos relevantes, selecionados e contextualizados de forma a permitir a assimilação, em curto tempo, dos conhecimentos necessários, evitando o desinteresse e a evasão escolar.

Suas metas buscam valorizar o conhecimento anterior do aluno, suas experiências e habilidades na tentativa de evitar o fracasso escolar, a baixa estima e o ceticismo em relação à escola. Sua proposta busca, também, dar ênfase a conteúdos funcionais e ao desenvolvimento de habilidades básicas, de maneira a garantir a formação de um cidadão produtivo.

Nesse contexto, elevar a escolaridade do trabalhador brasileiro deve se tornar a grande meta do país, face à globalização que solicita das “tecnologias educacionais de massa” a conjugação e otimização de recursos e esforços em prol da uma melhoria da qualidade educacional do trabalhador.

Para que se possa efetivar qualquer proposta de Educação à Distância, é necessário que se quebrem as resistências ainda existentes de alguns setores do governo e em parte da intelectualidade acadêmica com relação à seriedade dos cursos, embora saibamos muito bem que muitos dos atuais cursos presenciais, além de não terem consistência curricular, transgridem normas legais estabelecidas pelo MEC e continuam em funcionamento, certificando seus alunos, com ensino de baixa qualidade e pouco aproveitamento. Para W. Garcia, *“a Educação à Distância deve ser vista como um processo de novas oportunidades*

*educacionais não só para os que já têm algum nível de escolaridade mas, sobretudo, para os que não tiveram acesso a ela na idade adequada”*<sup>126</sup>.

O sucesso do Ensino à Distância no país dependerá muito da seriedade, cabendo a seus profissionais não somente o respeito necessário mas, também, uma remuneração adequada em relação ao presencial, dada a sua exposição a um número maior de alunos, estando vulnerável, também, a um número maior de críticas e contestações.

Para Bernard Loing, presidente da Association Technologies Educatives et Nouveaux Apprentissages (ATENA), França, as Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação (NTIC), quando aplicadas à educação, ocasionam consideráveis mudanças *“na maneira de ensinar e aprender, e portanto sobre a redefinição necessária – ou até mesmo sobre o questionamento radical – do lugar do professor, de seu papel, sua função, suas práticas, seu emprego, seu status, etc.”*<sup>127</sup>.

Diferente do Brasil, nos últimos cem anos, países desenvolvidos criaram sistemas de ensino com estruturas sólidas, concedendo a garantia de um modelo democrático de reprodução social cíclica e estável da educação. Com as mudanças de paradigmas decorrentes do desenvolvimento das tecnologias, as escolas sentem-se ameaçadas. A avalanche tecnológica de *chips*, telas, *softwares*, redes e máquinas diversas, faz com que o professor também se sinta ameaçado, num papel subalterno aos instrumentos tecnológicos que se desenvolvem e se diversificam sem parar.

A tecnologia se impõe a todos nós em nosso dia-a-dia não podendo ser desprezada. Sua apropriação pelo homem faz dela uma prótese como o óculos para os olhos, sendo desenvolvida tanto para a produção como para a aprendizagem. Embora não tenham nascido com a função de instrumentos pedagógicos, as NTICs podem permitir uma evolução pessoal e

---

<sup>126</sup> **GARCIA**, Walter E. Educação à Distância: desafios na virada do século. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, jul/set, 1998, p.38.

<sup>127</sup> **LOING**, Bernard. Escola e Tecnologias: Reflexão para uma abordagem racionalizada. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, jul/set, 1998, p.40.

autônoma do educando ao facilitar sua autoformação através de tecnologias como as multimídias *Off-line*. Com o desenvolvimento progressivo da Internet estamos passando agora para uma fase de multimídia *On-line*, através da chegada de novas redes de alto desempenho. Nessa batalha para o desenvolvimento das redes de alto desempenho, operadores de comunicação já se preparam para a utilização de satélites em órbita baixa que colocarão a multimídia *On-line* acessível a todos.

Entendemos que, diante do mundo globalizado e das determinações impostas ao trabalhador de baixa renda e, principalmente, devido ao descaso dos governantes do país, a tecnologia televisiva deveria vir a ser uma facilitadora na educação do trabalhador brasileiro, possibilitando o seu nível de empregabilidade em curto tempo e com estratégias diferenciadas do ensino formal.

De acordo com este entendimento, buscamos narrar no primeiro capítulo, que a formação do pensamento tecnológico, além de fazer parte de um processo de sedimentação de conhecimentos do homem, é parte integrante de seu caráter criador, acentuado a partir do desenvolvimento da ciência, que fez da velocidade o paradigma impulsionador da modernidade e da pós-modernidade.

Buscamos apresentar, no segundo capítulo, que a televisão, mesmo fazendo parte de uma tecnologia de poder panóptico, pode se tornar uma ferramenta importante na educação da sociedade, bastando apenas uma maior interação entre os profissionais da educação e da comunicação em prol do desenvolvimento social.

Com base nessas considerações, buscaremos analisar, a seguir, o Telecurso 2000 como modalidade de tecnologia de comunicação aplicada à educação, uma vez que este é o objeto de estudo desta pesquisa.

#### **4.3 – TELECURSO 2000: UMA PROPOSTA EDUCATIVA**

Com a introdução da mídia eletrônica televisiva no panorama da Educação à Distância, diversos modelos de programas teleducativos foram levados ao ar ao longo dos

últimos cinquenta anos na televisão brasileira, no intuito de proporcionar o ensino básico a todos.

Hoje, fatores como o crescente número de jovens a ingressar no mercado de trabalho, as dificuldades de permanência na escola, a dimensão territorial nacional e as diversidades culturais existentes, evidenciam a necessidade de variadas ofertas educacionais alternativas como a teleducação, de forma a atender a uma parcela da população que, por motivos diversos, se encontra evadida da escola.

Com base nessas necessidades, surge no ano de 1995, o Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho, que se propõe, através da tecnologia educacional denominada Ensino à Distância, atender a dois segmentos da recepção: aprendizagem individual, na própria residência e aprendizagem em grupos organizados em espaços determinados, as chamadas telessalas, sob a orientação de um instrutor.

Os fundamentos pedagógicos que sustentam o Telecurso 2000 dizem respeito à Educação para o Trabalho que, em seu escopo, observa que a produtividade do trabalhador não está mais sendo avaliada pelo bom desempenho de suas tarefas, mas sim pela sua habilidade de aprender, transferir e aplicar seu conhecimento, num contexto de aprendizagem contínua no qual *“a competência do trabalhador, na chamada sociedade pós-industrial, passa a ser determinada pela sua capacidade de relacionar e integrar conhecimento e trabalho”*<sup>128</sup>.

A necessidade de educação para o trabalhador brasileiro se agrava a partir da emergência de fenômenos como a internacionalização de mercados que estabelece exigências aos trabalhadores e ao empresariado nacional, de forma que as empresas venham a se enquadrar em modelos pré-concebidos de organização empresarial. Dessas exigências, podemos destacar o nível de qualidade da mão-de-obra.

---

<sup>128</sup> **FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/FIESP.** Síntese das Propostas Pedagógicas. Rio de Janeiro, fevereiro de 1995, p.2 (mimeografado).

Na atual sociedade pós-capitalista, fenômenos como esses exigem do trabalhador brasileiro um nível de abstração mais elaborado em função da evolução tecnológica e das alterações no universo do trabalho. Torna-se necessário obter desse trabalhador seu aprimoramento educacional, seja por intermédio de cursos presenciais, seja através da disseminação de alternativas de Ensino Fundamental como as ofertas teleducativas, cujo alcance pressupõe atingir a todos os segmentos da sociedade.

A proposta do Telecurso 2000 visa alcançar jovens e adultos que, por razões variadas, estão inseridos no mercado formal ou informal de trabalho. Ela se propõe a promover uma educação que possibilite melhorias nas condições individuais de vida, trabalho e, conseqüentemente, na produção nacional. Conforme os fundamentos e diretrizes do Telecurso 2000, os programas de TV têm como principais funções “*mobilizar, motivar e orientar os alunos*”<sup>129</sup>, pressupondo três modalidades de recepção: Organizada, Controlada e Livre.

A Recepção Organizada é aquela que se encontra nas escolas, fábricas, sindicatos e associações de moradores. É um tipo de recepção na qual os alunos se reúnem de segunda a sexta-feira, duas horas por dia, em local determinado como Telessala e sob a orientação de um Orientador de Aprendizagem (OA). Na Recepção Controlada, o aluno assiste às teleaulas em casa, sozinho ou em pequenos grupos, inscrevendo-se num centro controlador, onde, com o apoio de um orientador de aprendizagem, pelo menos uma vez por semana, tem a oportunidade de tirar dúvidas e avaliar seu desempenho. Na Recepção Livre, o aluno assiste às teleaulas em casa ou em qualquer lugar, sem nenhuma orientação, podendo adquirir o material impresso para seu uso autodidata.

Verificamos que o vídeo nesse contexto não tem apenas o papel de mediador do discurso, mas, em especial, o papel de disparador de uma inter-relação entre conteúdos, alunos e Orientador de Aprendizagem. Percebemos também que, diferente dos diversos modelos de programas teleducativos transmitidos ao longo dos tempos, o Telecurso 2000 traz, como proposta diferencial, o tratamento dado à imagem e ao conteúdo veiculado.

---

<sup>129</sup> **FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/FIESP.** Fundamentos e Diretrizes do Telecurso 2000.

Rio de Janeiro, s/data, p.14 (mimeografado).

Observamos, na proposta do Telecurso 2000, a conjugação de diversos gêneros de programas televisivos, que vão do modelo telejornalístico ao ficcional, atrelados aos conteúdos veiculados.

Dos Orientadores de Aprendizagem que ingressam no Telecurso, podemos destacar três categorias existentes: aquele que é funcionário da empresa ou órgão de governo e que se dispõe a orientar seus colegas fora do horário de trabalho; o professor formado da rede de ensino municipal ou estadual; e o aluno universitário, em geral dos cursos de Pedagogia. O Orientador de Aprendizagem exerce o papel de mediador entre a produção videográfica, os alunos e os conteúdos programáticos. Sua função ultrapassa a busca do desenvolvimento educacional do trabalhador, localizando-se na elevação e de sua auto-estima.

A importância do estudo de um gênero televisivo educativo como o Telecurso 2000, suscita-nos a indagação das causas que levariam uma empresa do ramo comercial televisivo, como as Organizações Globo, a despenderem esforços no campo da educação da sociedade brasileira, utilizando o mesmo tratamento técnico e estético encontrado em suas produções comerciais?

Podemos admitir, por um lado, que a produção de materiais teleducativos é atualmente um novo “nicho” de mercado ou uma nova modalidade de fonte de renda para as grandes empresas de televisão do primeiro mundo. Como vimos anteriormente, da produção televisiva alemã apenas cinquenta por cento do material produzido é levado ao ar. Os cinquenta por cento restantes são vendidos aos países do terceiro mundo a título de documentários e programas educativos <sup>130</sup>. Por seu aspecto econômico, a produção de programas teleducativos é um mercado em expansão para a produção televisiva brasileira. Se admitirmos que o empresariado nacional está realmente empenhado em elevar o nível sócio-educacional do trabalhador brasileiro, poderemos considerar as normas de fundamentação e diretrizes do Telecurso 2000 que ressaltam:

---

<sup>130</sup> **TRANSTEL**, Vídeo. **A televisão: uma janela para o mundo**. Transtel Distribuidora Ltda., Alemanha, 1988, 15 min, Ntsc.

“Ao viabilizar a realização do projeto Telecurso 2000 de Educação para o Trabalho a Federação das Indústrias de São Paulo – FIESP, o Serviço Social da Indústria Sesi/SP e a Fundação Roberto Marinho – FRM, assumem inquestionável posição de liderança no esforço pela construção de um país para o próximo milênio, participando ativamente das ofertas educacionais e sociais que se fazem ao homem brasileiro, para proporcionar-lhes desenvolvimento Técnico e Humano. Por isso, conscientes de sua necessária responsabilidade social, estão propiciando a milhares de cidadãos o exercício do direito à educação, profissionalização e ascensão econômica. Estão também trazendo benefícios para a melhoria da produtividade/qualidade do trabalho nas empresas/ indústrias – redução de acidentes de trabalho, além da possibilidade de acesso ao mercado de trabalho e ou progresso profissional a amplas camadas da população”<sup>131</sup>.

Numa outra dimensão, poderíamos indagar se, através da mediação do vídeo, os receptores têm condições de melhor assimilar os conteúdos veiculados numa sociedade como a nossa que, segundo Etienne Samain<sup>132</sup>, passou da linguagem oral para a visual, sem ter efetivamente dominado a escrita.

Não se busca, aqui, priorizar o modo tradicional e linear da relação emissão/ recepção, na qual se acredita que a simples exposição do usuário à emissão seria suficiente para uma interação positiva entre produtores, receptores e o conteúdo transmitido. Parto do pressuposto básico de que a efetividade da mensagem não se dá numa “via de mão única”, na medida que consideramos que a produção e a recepção são dois modelos de campo, com lógicas distintas, perpassadas por expectativas e finalidades muito específicas.

---

<sup>131</sup> **FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/FIESP.** Fundamentos e Diretrizes do Telecurso 2000, s/data, p.6 (mimeografado).

<sup>132</sup> **SAMAIN, Etienne. Oralidade, Escrita, Visualidade – meios e modos da construção dos indivíduos e das sociedades.** S.l; s/data (conferência).

Torna-se, portanto, importante observar o estabelecimento de novos enquadres, negociações e percepções da recepção consumidora das produções teleducativas do Telecurso 2000, já que diferentes agentes controlam diversificadas enunciações ou produções de sentido.

Para podermos aferir ou constatar as relações existentes entre a produção televisiva Telecurso 2000 e sua recepção, elaboramos uma pesquisa de abordagem qualitativa junto a Recepção Organizada, através de trabalho de campo delimitado, utilizando como técnicas procedimentos pertinentes à Comunicação e à Educação para análise das formas de interação entre os alunos, Orientadores de Aprendizagem e o suporte vídeo - a teleaula.

Buscaremos, numa linha etnográfico-avaliativa, mensurar as possíveis manifestações de mérito e impacto do Programa Telecurso 2000 e a possibilidade desse programa de ocasionar mudanças, ou não, na vida do trabalhador brasileiro.

## **5 - TRABALHO DE CAMPO: DEFININDO SUA ESTRUTURA**

### **5.1 - COLOCAÇÃO DE UM PROBLEMA**

Verificamos neste estudo a colocação de dois problemas imediatos que compreendem as duas grandes dimensões desta pesquisa - as Dimensões da Comunicação e as da Educação. Na Dimensão da Educação, nosso problema principal diz respeito à debilidade do sistema educacional, entendendo aí que tanto as políticas governamentais como os mecanismos formais de ensino e seus modelos educacionais ao longo dos últimos anos se mostraram ineficazes diante da demanda populacional pelo Ensino Fundamental.

A significação de tal problema pode ser observada atualmente, quando percebemos a defasagem educacional do trabalhador brasileiro e sua dificuldade de acesso à educação já que muitas vezes, ainda na infância, ele tem que buscar emprego para garantir o sustento da família. A situação se agrava ainda mais quando as mudanças do universo econômico, fenômenos como a globalização, entre outros, acabam causando o acirramento dessa questão, possibilitando a multiplicação da miséria através da redução do nível de empregabilidade do trabalhador. Uma pergunta é no mínimo primordial: como resolver, em curto prazo, a qualificação do trabalhador brasileiro?

A segunda questão diz respeito a uma mudança de enfoque no modelo de análise dos produtos audiovisuais televisivos no âmbito da Dimensão da Comunicação, entendendo que nem todos os programas devam ser rotulados de ruins ou banais. É em exercício de mudança no foco de nossa objetiva mental para o seu potencial enquanto possibilidade de expressão e linguagem. Como vimos nos capítulos anteriores, não pretendemos aqui encobrir o caráter manipulador e muitas vezes nocivo da televisão, segundo seus críticos mais ferrenhos, mas, sim, buscar saber que outras formas de utilização podemos fazer dessa tecnologia.

Para Arlindo Machado, a televisão nos últimos anos não tem sido estudada pelo seu conjunto de trabalhos audiovisuais ou pela sua qualidade, mas sim por *"sua estrutura genérica do meio, entendida como tecnologia de difusão, empreendimento mercadológico,*

*sistema de controle político-social, sustentáculo do regime econômico, máquina de moldar o imaginário e assim por diante"* <sup>133</sup>.

Em sua concepção, a televisão nos últimos cinquenta anos tem registrado um conjunto de trabalhos acumulados que serviram como sistema expressivo e de intervenção nas mentalidades de suas épocas. É uma questão de reconsiderar o papel da televisão na cultura contemporânea, tentando buscar algo de positivo e utilizável em suas diversas funções. Adotamos, para esse contexto, abordar a televisão não como fenômeno de massa, submetendo-a a uma análise puramente sociológica. Preferimos, conforme Arlindo Machado, abordar a televisão como um *"dispositivo audiovisual através do qual uma civilização pode exprimir a seus contemporâneos os seus próprios anseios, dúvidas, as suas crenças e descrenças, as suas inquietações, as suas descobertas e os vôos de imaginação"* <sup>134</sup>.

Segundo esse autor, as discussões sobre a televisão deveriam passar pelo estudo de sua "qualidade", sendo preciso pensar a televisão como um conjunto de trabalhos audiovisuais variados, desiguais e contraditórios, também observados em outras artes como o cinema e a literatura. Não é um pensamento de consenso ainda, visto que muitos estudiosos resistem a observar o alcance estético da televisão mesmo em produtos destinados à "massa" e produzidos em escala industrial.

É evidente que o termo "televisão de qualidade" se presta aos mais diversos usos e perigosas intenções. Preferimos, no caso específico desta pesquisa, privilegiar o termo "qualidade" em seus aspectos pedagógicos, morais e de valores edificantes. Nesse sentido, buscamos estudar o Telecurso 2000 com o propósito de constatar sua eficácia ou não, enquanto modalidade de oferta teleducativa, junto à sua recepção, classificada como Recepção Organizada.

---

<sup>133</sup> MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. Editora Senac, São Paulo, 2000, p.16.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p. 11.

Esta indagação nos conduz à investigação dos possíveis méritos e impactos do Telecurso 2000 em um determinado grupo social, buscando entender a utilização de uma tecnologia específica que procure inter-relacionar os campos da Comunicação e da Educação. Objetivando verificar formas de uso das novas tecnologias de comunicação quando aplicadas à Educação, partimos da consideração inicial de que a tecnologia é uma "ferramenta" importante para a construção do conhecimento. Além disso, nesse caso específico, a tecnologia assume posição de destaque no que se refere à possibilidade de qualificação e posterior certificação, pelas Secretarias de Estado de Educação, de um grande contingente de trabalhadores brasileiros, que se encontram à mercê das mudanças políticas, econômicas e sociais deste novo século.

Partimos do pressuposto de que a tecnologia, em especial a televisiva, aliada a alternativas e estratégias de ensino aplicadas em sala de aula, pode se tornar uma importante parceira na educação fundamental de milhares de trabalhadores, agilizando a aquisição de conhecimentos e possibilitando o aflorar de um senso crítico em relação à sociedade e seus problemas.

Nesse sentido, a hipótese aqui proposta, de que o indivíduo aprende mais rápido integrando a ferramenta televisiva ao ensino, subteme a elaboração de uma pesquisa avaliativa <sup>135</sup> que busque constatar ou não os benefícios do uso da teleducação, enquanto

---

<sup>135</sup> Verifica-se na pesquisa avaliativa, um tipo especial de pesquisa aplicada, entendendo a pesquisa aplicada como aquela que se destina à produção de descobertas que sejam aplicáveis, práticas e de utilidade imediata, que possibilite avaliar programas sócio-educacionais. Seus resultados não se restringem apenas ao incremento de um corpo de conhecimentos ou o desenvolvimento de teorias já que seu caráter é muitas vezes decisório para a continuidade ou não de um determinado programa educacional. A pesquisa avaliativa tem como característica decidir os valores e critérios do sucesso ou fracasso que emergem do próprio grupo de atores sociais em seus julgamentos de valor.

tecnologia de comunicação no campo da Educação. Das diversas ofertas teleducativas existentes, optamos por identificar o Telecurso 2000, produzido pela Fundação Roberto Marinho, por ser um programa de teleducação de grande penetrabilidade no país e que se destina a atingir os mais variados tipos de trabalhadores brasileiros.

Para estudar o Telecurso 2000, procuramos, num primeiro momento, através da Coordenação Regional da FIEMG/SESI, contatar empresas com telessalas instaladas a fim de solicitar autorização para realização da pesquisa. Pretendíamos, inicialmente, estudar as empresas privadas das cidades de Juiz de Fora (MG) e Rio de Janeiro (RJ), como forma de verificar os impactos ocasionados pela teleducação na vida dos trabalhadores nessas cidades

136

Após quatro meses de procura, contatos e espera, não conseguimos autorização de nenhuma empresa localizada em Juiz de Fora para aplicação da pesquisa. A Belgo Mineira Participações, por exemplo, conhecida pelo destaque promovido pela TV Globo local (TV Panorama), devido ao estímulo dado à educação de seus funcionários via Telecurso 2000, permitiu o desenvolvimento do trabalho de campo, mas o delimitou de forma a não ser possível entrevistar nem alunos, nem Orientadores de Aprendizagem.

Neste tipo de imposição de grandes empresas como a Belgo Mineira, percebe-se o que Geraldo Nunes aponta em sua análise de discurso do empresariado nacional sobre a Constituição Brasileira, que *“o empresariado buscava, por um lado, desvalorizar os mecanismos processuais de negociação, e por outro se servia politicamente de uma dimensão técnica de seu discurso, porém negando ao mesmo tempo o caráter político desta utilização”*

---

<sup>136</sup> A delimitação das cidades de Juiz de Fora e Rio de Janeiro para aplicação do Trabalho de Campo, se deu não apenas pela proximidade mas, pela possibilidade de amostragem de uma cidade de grande porte e uma de porte médio, diante dos efeitos desta oferta teleducativa.

<sup>137</sup>. Desta forma, entendemos que tal dificuldade ou cerceamento por parte desse empresariado local poderia talvez ser uma evidência de que os propósitos que levam à implementação do Telecurso 2000 em algumas empresas se dão, não pela vontade de seus dirigentes de aprimorar os conhecimentos de seus trabalhadores, mas sim pela necessidade de certificar as empresas junto aos programas de qualidade que poderão abri-lhes as portas do mundo globalizado, através da mídia.

Entendendo a proposta de abordagem qualitativa - pretendida para esta pesquisa - como aquela que busca ter uma atitude compreensiva ou interpretativa do campo pesquisado, partimos do pressuposto de que, ao se relacionarem, os atores sociais agem conforme seus valores, percepções, sentimentos ou crenças <sup>138</sup>. É, portanto, necessário melhor compreender seus comportamentos e suas atitudes, seus significados e sentidos através de variadas técnicas de coletas de dados, que possibilitem a interação entre pesquisador e pesquisados. Desta maneira, a abordagem qualitativa não poderia vir a ser efetivada sem entrevistar esses atores sociais - alunos e Orientadores de Aprendizagem - os mais importantes do processo de ensino-aprendizagem. Esse procedimento, não só desta, mas de outras empresas de Juiz de Fora, fez com que buscássemos outra alternativa de estruturação do campo, que não dependesse do discernimento de dirigentes e empresários temerosos da presença de pesquisadores em suas empresas.

Buscava-se estruturar o campo junto a trabalhadores de empresas privadas e estatais dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente, nas cidades do Rio de Janeiro (grande porte) e Juiz de Fora (médio porte), para se tentar obter uma amostra mais relevante dos méritos e impactos do Telecurso 2000, junto a essa Recepção Organizada. A não

---

<sup>137</sup> NUNES, Geraldo. O empresário, seu discurso e a Constituição: como se faz uma Lei. In: **Cadernos de Comunicação/UFSM**, nº 3, Rio Grande do Sul, junho de 1999, p.56-57.

<sup>138</sup> ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e outros. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais - Pesquisa quantitativa e qualitativa**. Ed. Pioneira, São Paulo, 1998, p.129-146.

receptividade dos empresários locais fez com que se revertessem os objetivos iniciais da pesquisa em relação ao tipo de receptor ideal, direcionando nosso foco de atenção para telessalas instaladas em comunidades e não mais em empresas.

Percebe-se que, em termos de objetivos, as comunidades diferem dos propósitos apresentados pelas empresas, sejam elas efetivadas por prefeituras ou por intermédio de associações de bairros, que têm como proposta a educação e a qualificação do cidadão brasileiro, ambas entendidas como benefício para os trabalhadores, pois contribuem para a melhoria de sua própria qualidade de vida, a de sua família e, conseqüentemente, a da comunidade como um todo.

Para dar início à pesquisa, novamente recorreremos à Coordenação Regional da FIEMG/SESI que prontamente apresentou como alternativa de campo a comunidade de Ewbanck da Câmara, cidade situada a sessenta quilômetros de Juiz de Fora que, além de contar com uma telessala em funcionamento há mais de um ano e tendo alunos aprovados em algumas disciplinas, possuía uma sala recém-instalada e com poucos meses de iniciada.

## **5.2 - EWBANCK DA CÂMARA**

Das diversas estratégias de pesquisa buscamos na metodologia de avaliação a forma por excelência de se efetivar um estudo de cunho etnográfico avaliativo de modo a proporcionar uma investigação que fornecesse explicações sobre o objeto estudado e seu contexto, possibilitando a exploração de elementos imprevisíveis e a utilização de diferentes técnicas de observação.

Cabe aqui explicar a intenção de buscarmos metodologias interdisciplinares no estudo deste objeto que se encontra tanto no âmbito da Comunicação como no da Educação. Tendo em vista que buscamos parâmetros de qualidade que justifiquem a proposta e os objetivos do Telecurso 2000, optamos pegar por empréstimo do campo da Educação, procedimentos

metodológicos e técnicas utilizadas em avaliação, por nos parecer viáveis para explicar os possíveis méritos e impactos de programas de ensino como o Telecurso 2000.

Concordamos com Lígia Gomes Elliot <sup>139</sup> ao afirmar que os processos de aprendizagem e cognição necessitam de instrumentos adequados para sua apreciação que diferem dos usados tradicionalmente, sendo necessário modernizar a metodologia de avaliação, buscando utilizar procedimentos alternativos, que preferimos designar como interdisciplinares.

Percebemos, da contribuição dos Estudos Etnográficos, que o campo da Educação, a partir da Etnografia Clássica, desenvolveu a introdução de uma Etnografia Educacional, que resultou na formulação de uma Etnografia Avaliativa, que também utiliza, como técnica de coleta de dados, a análise documental, a entrevista e a discussão em grupo-focal. Embora várias adaptações tenham sido feitas desde a década de setenta até hoje, ao se transplantar a metodologia da Etnografia Antropológica para outros campos do conhecimento, seus pressupostos se mantiveram inalterados quando se busca a "*descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo*" <sup>140</sup>. Nesse contexto, a compreensão e interpretação do fenômeno estudado buscaram descobrir as estruturas de significado dos participantes nas diversas formas em que são apresentadas, dando relevância a interação verbal, comportamentos, ações e documentos.

Nesse caso específico, a proposta desta pesquisa visa, em primeira instância, à profundidade do estudo de forma a se compreender o objeto, partindo do pressuposto de que o acesso à educação traz benefícios para o trabalhador não apenas no que se refere a mudanças

---

<sup>139</sup> **ELLIOT**, Lígia Gomes. Critérios de Julgamento: Chave para a Avaliação da Aprendizagem.

In: **Revista Ensaio**, Fundação CESGRANRIO, Rio de Janeiro, nº 27, abril/junho de 2000, p.-129-141.

<sup>140</sup> **LÜDKE**, Menga e **ANDRÉ**, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Ed.

EPU, São Paulo, 1986, p. 13-14.

significativas nas relações familiares, no ambiente de trabalho e nas relações sociais de um modo geral, mas também em relação ao resgate de sua auto-estima, à promoção de iniciativas de cooperação e à busca de empreendimentos para melhoria de sua qualidade de vida e do seu nível de empregabilidade.

Este estudo visa investigar os méritos do programa Telecurso 2000 e os impactos <sup>141</sup> ocasionados pela oferta teleducativa, procurando detectar as mudanças ocorridas na vida do trabalhador e em suas perspectivas de futuro.

Buscamos estudar na Recepção Organizada do Telecurso 2000 as possibilidades de utilização dessa oferta teleducativa e as relações que se estabelecem entre a "ferramenta" tecnológica televisiva, o Orientador de Aprendizagem e o conhecimento adquirido nesta interação.

Tendo a comunidade de Ewbanck da Câmara se apresentado receptiva ao trabalho a ser desenvolvido, foi possível a introdução do pesquisador no contexto dessa recepção, de forma a obter material empírico necessário aos objetivos deste estudo.

Situada a sessenta quilômetros de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira, entre as cidades de Juiz de Fora e Santos Dumont, Ewbanck da Câmara até a década de cinquenta foi uma cidade próspera, vista como pólo comercial, muito procurada por suas fábricas de chapéus e sua produção de queijos e derivados. Nessa época, tinha como ponto comercial a estação de trem, onde as pessoas vindas de Juiz de Fora e Santos Dumont compravam mercadorias.

Com o passar dos anos, essas iniciativas industriais foram acabando de forma que, atualmente, a cidade se tornou praticamente uma cidade dormitório. Aqueles que procuram trabalho são obrigados a sair dela para prestar serviços em Juiz de Fora e Santos Dumont. Na

---

<sup>141</sup> Entende-se Mérito como sendo uma qualidade interna do programa em seu aspecto intrínseco e por Impacto, as mudanças e o significado dos esforços empreendidos por seus atores sociais, tendo um valor extrínseco e contextual.

maioria das vezes, esses serviços são considerados braçais, devido também à baixa ou nenhuma escolaridade de seus trabalhadores, constituídos, em grande parte, por empregadas domésticas, pedreiros e auxiliares de pedreiros.

Ewbanck da Câmara é uma cidade de pequeno porte, considerando-se que sua população é constituída por cerca de quatro mil habitantes, possuindo uma receita orçamentária bastante debilitada pela falta de indústrias e empresas na região.

Um fator importante que diferencia Ewbanck da Câmara de outras cidades-satélites de Juiz de Fora é que, ainda que estejamos vivenciando a formação de um mundo sem fronteiras e globalizado, a solidariedade e o senso comunitário faz emergir em cada habitante a responsabilidade e o empenho pelo grupo. Iniciativas vindas de representantes da Prefeitura, comprometidos com o desenvolvimento de sua comunidade, e da Secretaria Municipal de Educação de Ewbanck da Câmara "abriram as portas" para a implementação do Telecurso 2000 e de outros modelos de programa de ensino, tendo em vista resgatar a cidadania, a auto-estima, o nível de empregabilidade e a qualidade de vida de seus comunitários.

### **5.3 - ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Entendendo a tecnologia televisiva como elemento de comunicação que tem como uma de suas funções a transmissão de conteúdos didáticos, caberia propor nesta pesquisa a utilização de metodologia avaliativa para a constituição de estratégias pertinentes à abordagem qualitativa e que possibilitem a articulação entre os campos da Educação e da Comunicação.

Avaliação é um processo interativo, negociado, de caráter responsivo e com modelos construtivistas dos modos de fazer. Por sua vez, a avaliação se situa e se desenvolve a partir de preocupações, controvérsias ou proposições relacionadas ao objeto estudado, sendo

propulsora de uma interação entre observador e observado, rejeitando abordagens de controle manipulativo-experimental em favor de um processo hermenêutico - dialético <sup>142</sup>.

A avaliação se preocupa fundamentalmente com a formação de juízos de valor, sejam eles, de mérito ou de relevância. Na visão de Penna Firme, *"todos os recursos já desenvolvidos em gerações anteriores são aproveitados, ao máximo, na sua oportunidade, e o papel do avaliador é o de comunicador"* <sup>143</sup>. Ao estabelecer diálogo entre as partes interessadas e buscar um diagnóstico abrangente, a avaliação participativa <sup>144</sup> estabelece vínculos cada vez mais estreitos com a Comunicação.

Existe um imbrincamento entre as áreas da Comunicação e da Educação, conforme aponta D. L. Stufflebeam ao referir-se à relação entre os atores sociais que *"se reúnem por intermédio de uma modalidade de interação, de natureza complementar, ainda que em seus aspectos, estratégias e ações se combinem através de procedimentos e de enquadramentos discursivos, específicos a cada um"* <sup>145</sup>.

A utilização da metodologia de avaliação possibilita a abertura de novos modelos de estratégias para os Estudos da Recepção, uma vez que ao campo da Comunicação cabe a

---

<sup>142</sup> **GUBA**, Egon G. e **LINCOLN**, Yvonna S. **Fourth Generation Evaluation**. Newbury Park: Sage Publications, 1989.

<sup>143</sup> **PENNA FIRME**. Thereza. Avaliação: Tendências e Tendenciosidades. In: **Revista Ensaio**, Rio de Janeiro, Fundação Cesgranrio, v. 1, jan./mar., 1994, p.8.

<sup>144</sup> Entendendo a avaliação como uma sistemática de caráter exploratório que utiliza da observação participante para proporcionar momentos de interação sócio-cultural entre pesquisadores e pesquisados. Objetiva-se buscar descrever a complexidade encontrada nas relações travadas no campo. Neste sentido, a avaliação participativa se fundamenta na observação participante e exige dos atores sociais uma interação com a temática e o pesquisador.

<sup>145</sup> **STUFFÉBEAM**, D.L. **Interview whit Daniel Stufflebeam**. (USA) Educational Evaluation and Policy Analysis, 1980, p.2-4.

incessante procura dos efeitos de sentido dos produtos comunicacionais, educativos ou não, ocasionados na audiência. Assim sendo, é necessário entender a natureza do processo avaliativo para perceber sua importância e sua aplicabilidade nos estudos de Comunicação.

O momento histórico vivido pelo país, de rápidas e complexas transformações, requer uma concepção de avaliação que possibilite a produção, o armazenamento e a transmissão de informações utilizadas pelos interessados <sup>146</sup>, de forma a reduzir incertezas, melhorar a efetividade dos objetivos e tomar decisões. Nesse sentido, a grande meta do procedimento avaliativo é a ação e o seu significado maior, que é o fortalecimento do movimento que leva à transformação, nele interferindo sempre que necessário <sup>147</sup>.

Utilidade, Viabilidade, Ética e Exatidão são alguns dos critérios que buscaram assegurar a qualidade da avaliação <sup>148</sup> e que foram assim definidos:

- Utilidade: contribui para o aperfeiçoamento do objeto;
- Viabilidade: considera aspectos políticos, administrativos, econômicos e situacionais;
- Ética: respeita os valores dos interessados, incluindo indivíduos, grupos, instituições e culturas, e;
- Exatidão: zela pelas dimensões metodológicas e técnicas do processo.

Num enfoque mais amplo, o procedimento avaliativo busca refletir o momento histórico-social, levando em consideração os valores, preocupações e percepções dos envolvidos, os

---

<sup>146</sup> Interessados em avaliação: são os *stakeholders*, aqueles que encomendam a avaliação, instituições de ensino, órgãos governamentais, empresas e etc.

<sup>147</sup> PATTON, Michael Quinn. **Utilization-Focused Evaluation**. (7<sup>th</sup> Printing) Newbury Park: Sage Publications, 1990.

<sup>148</sup> JOINT COMMITTEE on Standards for Educational Evaluation. **Standards for Evaluation of Educational Programs, Projects, and Materials**. New York: Mac Graw-Hill, 1994 (2<sup>nd</sup> edition).

atores do processo que em sua intersubjetividade formulam juízos de valor, que possibilitam a constatação dos méritos de um programa, além de sua relevância.

Mérito e impacto são, portanto, critérios de excelência que partilham avaliações sensíveis à responsabilidade situacional, com estratégias metodológicas flexíveis, dinâmicas em seu entendimento político e criativas, de forma a integrarem as dimensões no desenvolvimento e aperfeiçoamento do objeto. Cada avaliação deve conter características próprias, em sintonia com o contexto social, político, cultural e educacional em que se realiza e de forma a que o avaliador exerça o papel de um historiador <sup>149</sup> que descreve, registra e interpreta a história singular de cada cenário.

Essa concepção de avaliação, que se caracteriza por uma abordagem qualitativa centrada no sujeito, traz como responsabilidade a participação dos envolvidos, sendo facilitadora de um processo de fortalecimento do objeto de atenção, seja ele um programa, uma instituição, um sistema ou indivíduos. O procedimento avaliativo intervém para reforçar, em vez de simplesmente registrar, potencialidades e dificuldades ou sucessos e fracassos do programa.

Assim, esta pesquisa, adotando um posicionamento responsivo em relação aos interesses dos atores envolvidos, tomou como ponto de partida a identificação das preocupações dos interessados – alunos, Orientadores de Aprendizagem e outros. A partir da análise dos objetivos do programa Telecurso 2000, dos depoimentos e testemunhos dos sujeitos, e dos contatos formais e informais com eles mantidos, as preocupações foram verificadas e centradas na busca de relevância do Programa, enquanto impacto nos alunos e nas relações que ele estabelece com outros sujeitos e com o trabalho.

A partir da formulação de questões, foram definidos pré-indicadores que, submetidos à confirmação através de pistas e manifestações livres e espontâneas na fala, no gesto e nos atos

---

<sup>149</sup> **CRONBACH**, Lee *et alli*. **Toward Reform of Program Evaluation**. San Francisco: Jossey- Bass, 1980.

dos integrantes do grupo, se constituíram em indicadores. Partindo para a coleta de dados, buscamos penetrar nos discursos, nos testemunhos, na produção, no ambiente e na interação com os atores, utilizando, entre outras técnicas, a observação participante <sup>150</sup>, a discussão em grupo focal <sup>151</sup> e a análise documental, técnicas pertinentes a um estudo etnográfico. Para um melhor direcionamento da coleta de dados foram elaborados, quando oportunos, roteiros de entrevista, pautas e agendas para discussão.

Torna-se importante ressaltar que sendo a metodologia de avaliação uma metodologia de natureza qualitativa, não buscamos estabelecer previamente o número de pessoas que forneceram informações para o estudo. Procuramos, dentro da disponibilidade dos participantes, realizar o maior número de contatos possíveis através das discussões em grupos focais ou em entrevistas individuais não diretivas <sup>152</sup> para aprofundamento das questões.

Dos dados obtidos, buscamos, posteriormente, sua organização de forma a categorizá-los e submetê-los a processos de triangulação - confronto entre técnicas, fontes e pesquisadores - fazendo emergir daí as evidências de impacto, na pluralidade dos seus

---

<sup>150</sup> Para melhor entendimento sobre a técnica de observação participante, ver Spradley, 1980; Penna

Firme, Tijiboy & Stone, 1987; Woods, 1989; Maykut & Morehouse, 1994, entre outros.

<sup>151</sup> A técnica de grupo focal tem suas origens na Psicologia, sendo muito bem utilizada pelos acadêmicos

de Educação e, principalmente na avaliação, onde em nosso estudo específico sua aplicação consistiu

em entrevistas de grupo com cerca de oito a doze participantes dos diversos segmentos envolvidos no

processo, sendo conduzida por um pesquisador/moderador que ao dialogar, em tom de conversa,

lançou as propostas em discussão e buscou levantar dados e informações a partir da interação

dinâmica dos participantes. É uma técnica muito interessante pela possibilidade de interação

e/ou confrontamentos de idéias dos diversos segmentos envolvidos no referido processo.

<sup>152</sup> **THIOLLENT, Michel. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** Ed. Polis,

São Paulo, 1987, p.79-127.

indicadores. Da interpretação dos dados e da formulação de juízos de valor, a análise avaliativa forneceu possíveis resultados e respostas às preocupações levantadas. Cabe explicar que, diferente das avaliações convencionais que partem de uma encomenda pre-determinada por um agente ou instituição, partimos aqui das preocupações levantadas pelo pesquisador sobre o tema. Embora pretendêssemos fazer uma pesquisa avaliativa, não entramos no campo de estudos para fazer recomendações ou devoluções, uma vez que não houve nenhuma solicitação ou encomenda de entidades ou empresas para essa avaliação.

O levantamento de nossas preocupações fizeram emergir as seguintes questões, que nortearam esta pesquisa:

A - Com relação aos méritos do programa:

1. Que estratégias são utilizadas pela produção do Telecurso 2000 no processo de construção das mensagens destinadas à aquisição de conhecimentos?
2. A oferta educativa desenvolvida pelo programa Telecurso 2000 aponta para a implementação de tal modelo no Sistema de Ensino Brasileiro?
3. A linguagem do gênero ficcional introduzida no programa Telecurso 2000 possibilita uma apreensão mais ágil dos conteúdos educacionais veiculados?

B - Com relação aos impactos do programa:

1. Que juízos de valor os alunos fazem da relação entre o ato de aprender e a oferta teleducativa Telecurso 2000 enquanto estratégia pedagógica para aquisição de conhecimentos?
2. Quais as transformações ocorridas no mundo do trabalho desses alunos após terem freqüentado as aulas do Telecurso 2000?
3. Que mudanças são percebidas nos alunos a partir do conhecimento adquirido pela mediação da oferta teleducativa Telecurso 2000?

Cabe ressaltar que as questões de mérito e impacto apresentadas, nasceram de uma indagação primeira e norteadora que buscou saber se os atores do processo conseguiram adquirir conhecimentos que propiciaram o desenvolvimento do senso crítico em relação “às coisas do mundo”.

Essa questão nos remete à hipótese central desta pesquisa que tende a crer que, além dos conhecimentos formais de História, Ciências, Geografia, etc, desenvolvidos pelo Telecurso 2000, os alunos também desenvolvem seu senso crítico em relação ao mundo que os cerca, incluindo aí, a mídia de um modo geral, a televisão aberta brasileira e o sistema político do país.

Utilizando a metodologia de avaliação buscamos responder a essas questões, que dizem respeito a aspectos comunicacionais e educacionais, pela identificação dos méritos do programa e dos impactos por ele causados. Na dimensão mérito, foi focalizada a tradução interna da qualidade do programa Telecurso 2000, no âmbito de sua produção, recepção e utilização. Na dimensão de impacto, foram focalizadas as mudanças ocorridas no sujeito e em suas relações com o mundo, seja no trabalho, na família ou na comunidade.

I) Nos indicadores de mérito, buscamos responder às seguintes questões relativas ao campo da produção:

1. Que critérios de produção vigorariam no processo de construção da mensagem?
2. Que fatores do campo da recepção seriam incorporados pela produção, influenciando a elaboração de novos programas do Telecurso 2000?
3. Que fatores poderiam dificultar o desenvolvimento do programa e, portanto, o processo de oferta teleducativa para todos?
4. Que fatores relacionados ao programa poderiam estar dificultando o processo de ensino-aprendizagem?

No que diz respeito ao campo da recepção, buscamos responder às seguintes questões:

1. Se os conhecimentos adquiridos pelos alunos do programa estariam sendo apreendidos e como estariam sendo usados na vida cotidiana?
2. Quais os fatores que poderiam facilitar ou dificultar a apreensão dos conhecimentos veiculados?
3. Que percepções os alunos têm da relação entre o universo do trabalho e Educação?
4. O que esperam esses alunos do futuro após a relação com a oferta teleducativa?

Em relação ao campo da utilização das tecnologias e das informações decorrentes da Comunicação, buscamos responder às seguintes questões:

1. De que forma os alunos fazem uso da oferta televisiva?
2. Que estratégias podem ser introduzidas pelos Orientadores de Aprendizagem para uma melhor apropriação dos conteúdos veiculados pela oferta televisiva Telecurso 2000?
3. De que forma é percebida pelos alunos a mediação da tecnologia na vida cotidiana e na busca de conhecimento?
4. Existe alguma interdependência do programa televisivo com outros procedimentos metodológicos?

II) Nos indicadores de impacto, buscamos evidências de alteração ou mudança ocorridas na vida cotidiana dos alunos, como fatores decorrentes da experiência adquirida com o programa Telecurso 2000. Assim, procuramos responder às seguintes questões:

1. Que mudanças foram percebidas nos alunos por indivíduos que se relacionam com eles e por eles mesmos?

2. Que mudanças foram percebidas por eles nas relações sociais estabelecidas com terceiros?
3. Que mudanças foram percebidas por eles em suas relações com o universo do trabalho?
4. Que mudanças foram percebidas por eles em sua relação com a família?
5. Que mudança de percepção eles passaram a ter do seu futuro?

A partir dessas questões, foram elaborados roteiros mínimos para as observações, para as entrevistas individuais não diretivas e para a aplicação da técnica de grupo focal, de forma a possibilitar a coleta de dados no campo.

Pretendemos analisar o programa Telecurso 2000 como sendo mais uma oferta educacional-comunicativa, que busca, entre os campos da Comunicação e da Educação, viabilizar conhecimentos. É um programa de ensino constituído por dois núcleos de excelência, o Núcleo da Oferta de Serviços, representado pelo campo da produção, e o Núcleo dos Usuários, pelo campo da recepção. Ambos os campos constituídos por dois universos distintos em seus atores sociais - produtores e receptores.

Sendo o Telecurso 2000 um modelo de estratégia educacional-comunicativa que compreende a combinação de diferentes linguagens, agentes e mecanismos pedagógicos no âmbito de sua produção, buscaremos desenvolver um estudo de natureza qualitativa, preocupado em focalizar aspectos comunicacionais e pedagógico-educacionais do programa. Em outras palavras, buscamos investigar que impactos o programa Telecurso 2000 vem provocando na vida do trabalhador, sabendo-se, que podem ocorrer, também, em outros tipos de oferta teleducativa.

Ao tentar combinar estratégias metodológicas diversificadas e de caráter interdisciplinar, procuramos, neste estudo, utilizar conceitos, técnicas e estratégias de abordagem metodológica de Comunicação e Educação, como descrevemos acerca da

avaliação. Cabe ressaltar que essa busca de pontos comuns aos dois campos do conhecimento, Comunicação e Educação, com vista a propósitos e objetivos similares, não é nova, valendo citar como uma iniciativa das primeiras experiências de aproximação de procedimentos avaliativos aos estudos de Comunicação, aquela desenvolvida pelo Centro de Avaliação da Fundação CESGRANRIO em parceria com a Escola de Comunicação (ECO), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), durante a execução da Avaliação Nacional do Projeto TV Escola <sup>153</sup>.

A avaliação do Projeto TV Escola possibilitou o amadurecimento de reflexões sobre os possíveis intercâmbios entre os campos da Comunicação e da Educação, no sentido de alavancar uma aproximação dos estudos de ofertas educativas com as estratégias e mediações de comunicação. Foi percebido, neste contexto, um certo amalgamento entre os dois campos, principalmente, no que concerne à produção e difusão de produtos de natureza educacional-televisiva ou teleducativa.

Nesse sentido, a proposta de aproximação dos estudos de um determinado gênero televisivo, como é o caso do Telecurso 2000, à sistemática de avaliação visa atingir seu ápice de responsabilidade e participação ao tentar se tornar um fator facilitador no processo de enriquecimento do objeto estudado.

---

<sup>153</sup> O projeto de Avaliação Nacional do Programa TV Escola (SEED/MEC/UNESCO), se desenvolveu em três etapas avaliativas: Avaliação Piloto, aplicada no Estado do Rio de Janeiro; Avaliação Regional, aplicada nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo; e, Avaliação Nacional, aplicada nos estados das diversas regiões do país, tendo na Coordenação de Comunicação o Prof. Antônio Fausto Neto, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Coordenação de Avaliação, as professoras Thereza Penna Firme e Ana Cristina Leonardos, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Fundação CESGRANRIO, respectivamente.

Sob outro ângulo, observamos, na tradição dos procedimentos de estudos no campo da Comunicação e áreas afins, uma atividade ainda limitada pelo fato da eficácia do processo comunicacional ter residido por muito tempo sob a processualidade da relação envio/recepção de mensagens. Atrelada ao modelo linear da Comunicação, a abordagem tradicional que envolve políticas e estratégias de Comunicação aplicadas a trabalhos de campo, tem examinado o êxito de determinadas experiências, a partir do grau de apreensão/decodificação/adoção de determinadas mensagens.

O modelo tradicional de estudos sustentou a idéia de que a simples exposição dos usuários à emissão bastaria para efetivar uma relação de troca entre produtores e receptores de mensagens e conhecimentos. Essa concepção busca demonstrar uma efetividade do processo, mas apenas num fluxo descendente da relação emissão-recepção. A idéia convencional de que a efetividade de uma oferta residiria na simples disponibilização dos conteúdos em mão única para aquisição dos conhecimentos dos usuários é, no mínimo, incompleta.

Torna-se, portanto, importante ter acesso a diversificados tipos de materiais educativos, mas é, também, essencial estabelecer os diversos tipos de vínculos que possibilitem o entrelaçamento entre os dois núcleos – o da Produção e o da Recepção.

Nessa perspectiva, este estudo não deve se restringir ao mérito das filosofias e pressupostos de documentos oficiais. Devem ser levadas em consideração as especificidades do programa, bem como de seu contexto social e educacional, de forma a investigar seu mérito ou qualidades intrínsecas aos objetivos de sua implantação. É sumamente relevante detectar os impactos e mudanças que possam advir das visões e ações de todos os atores envolvidos - representantes das entidades, Orientadores de Aprendizagem, alunos e representantes das entidades gestoras do programa.

O processo metodológico desta pesquisa foi desenvolvido em duas partes: Concepção e Execução (Anexo 1, p. 134). Na fase de Concepção, foram obtidas a identificação, focalização e definição dos aspectos comunicacionais e pedagógico-educacionais do

programa Telecurso 2000. Para o desenvolvimento dessa parte, foi preciso consultar as intenções formais e objetivos do programa em seus materiais impressos, bem como tomar depoimentos e estabelecer contatos formais e informais com seus gestores. Depois de definidos os aspectos comunicacionais e pedagógico-educacionais, foram elaboradas as questões, conforme descritas anteriormente, que nortearam a busca de respostas.

A fase de Execução se caracterizou pelo processo de coleta de dados que, na busca de elementos mais específicos, partiu de indicadores prévios que auxiliaram como fonte por estabelecer sinalizações sobre o que focalizar nas entrevistas e o que observar no campo. Os indicadores prévios, por sua vez, foram trabalhados por meio de roteiros de entrevista semi-estruturada e da observação no campo.

Segundo Tijiboy, Penna Firme e Stone <sup>154</sup>, o indicador dá significado às questões avaliativas e auxilia na codificação dos dados coletados. Com o contato com o campo de estudos, esses indicadores prévios foram recodificados a partir da realidade observada. Finalmente, foram confrontados de modo a resultar numa proposta mais sólida e substancial de categorias analíticas. Essas categorias emergiram do grupamento teórico-conceitual dos indicadores do campo e, por fim, proporcionaram que se pudesse estruturar as possíveis respostas às questões formuladas.

Entendendo que uma metodologia qualitativa faz emergir o emprego de uma diversidade de instrumentos de coleta de dados, de forma a levantar o máximo de sinais e informações para a constituição de um *corpus* substancial de análise, buscamos utilizar, como técnica de observação, o registro cursivo e a gravação em áudio e em vídeo. Esse procedimento veio garantir o enriquecimento e a fidelidade da informação, mantendo sua qualidade e sua posterior verificação para efeito de refinamento, análise e interpretação dos dados.

---

<sup>154</sup> **TIJIBOY**, Juan. **PENNA FIRME**, Thereza. **STONE**, Vatsala. **Avaliação de Programas Sociais:** como educar e como por em prática (não publicado), Brasília: UNICEF, 1990.

A utilização do vídeo, enquanto ferramenta, tornou-se um elemento enriquecedor ao unir a imagem e o áudio registrado no campo. Ao contrário de que se pudesse imaginar, o vídeo parece não ter sido um fator inibidor de discursos mas, antes, um estimulador das falas, da encenação, do gesto, do entusiasmo e até mesmo das críticas dos sujeitos-alvos.

A utilização dessa técnica proporcionou a transparência dos dados, ficando o material disponível para a avaliação de outros pesquisadores que não tiveram oportunidade de ir ao campo e que, por conseguinte, puderam trazer contribuições isentas de possíveis contaminações.

O vídeo tornou-se fundamental não apenas na coleta de dados mas, principalmente, na análise, cujo propósito primordial é o de confrontar informações, enxugar dados e eliminar aspectos desnecessários, visando à integração das informações, oriunda de atores diferentes, fontes diversificadas e técnicas variadas.

Vale ressaltar que o surgimento de um indicador ocorre com o agrupamento de várias manifestações, pistas de comportamento e atitudes que se aglutinam num mesmo sentido e significado. Essa convergência adquire uma denominação específica e concreta e constitui-se no indicador. Ele serve para ir buscar evidências que sugerem mudanças com relação ao seu conteúdo. Aqui, o vídeo auxiliou no retorno ao campo em sua autenticidade, no qual, nesse processo, se aplica a técnica da decupagem de imagens e áudio que, ao delimitar o tempo no contador do vídeo cassete, oportunizou a localização, nas fitas, das falas, gestos, atitudes e movimentos que tinham a ver com a intencionalidade dos indicadores, proporcionando a organização por categorias de indicadores, bem como a formulação de juízos de valor com relação as evidências de produção e recepção, em seus aspectos relevantes de mérito e impacto. Nessa etapa foram efetivadas triangulações com toda a equipe reunida em torno de discussões que levaram à análise, ao refinamento e à introdução dos indicadores organizados em suas categorias, culminando nos resultados das questões formuladas por meio de evidências discursivas dos atores envolvidos.

Como relatamos anteriormente, utilizamos na coleta de dados as técnicas de observação e da entrevista não diretiva que, para Laurence Bardin <sup>155</sup>, é um dos momentos mais importantes pela interação promovida na coleta de dados. Das entrevistas individuais foram coletados discursos de representantes da Coordenação Regional do Telecurso 2000 – FIEMG/SESI, da Prefeitura de Ewbanck da Câmara, Secretaria Municipal de Educação, Orientadores de Aprendizagem e alunos. Nos grupos focais, foram coletados depoimentos dos alunos em seu conjunto; dos alunos com os Orientadores de Aprendizagem; e, entre alunos, Orientadores de Aprendizagem e representantes da Secretaria Municipal de Educação.

Convém ressaltar que, como em qualquer pesquisa avaliativa, a entrada no campo foi previamente negociada com os gestores do programa, a professora responsável e os alunos participantes. Na negociação, foi acordado que a pesquisa, em nenhuma hipótese, poderia ser aplicada em momentos de aula, sendo as entrevistas marcadas para os períodos de revisão, de forma a não comprometer o planejamento dos estudos.

Entre representantes da Prefeitura, professores e alunos, participaram dez homens e oito mulheres em dez sessões de entrevistas de grupo focal com todos os segmentos envolvidos no processo.

---

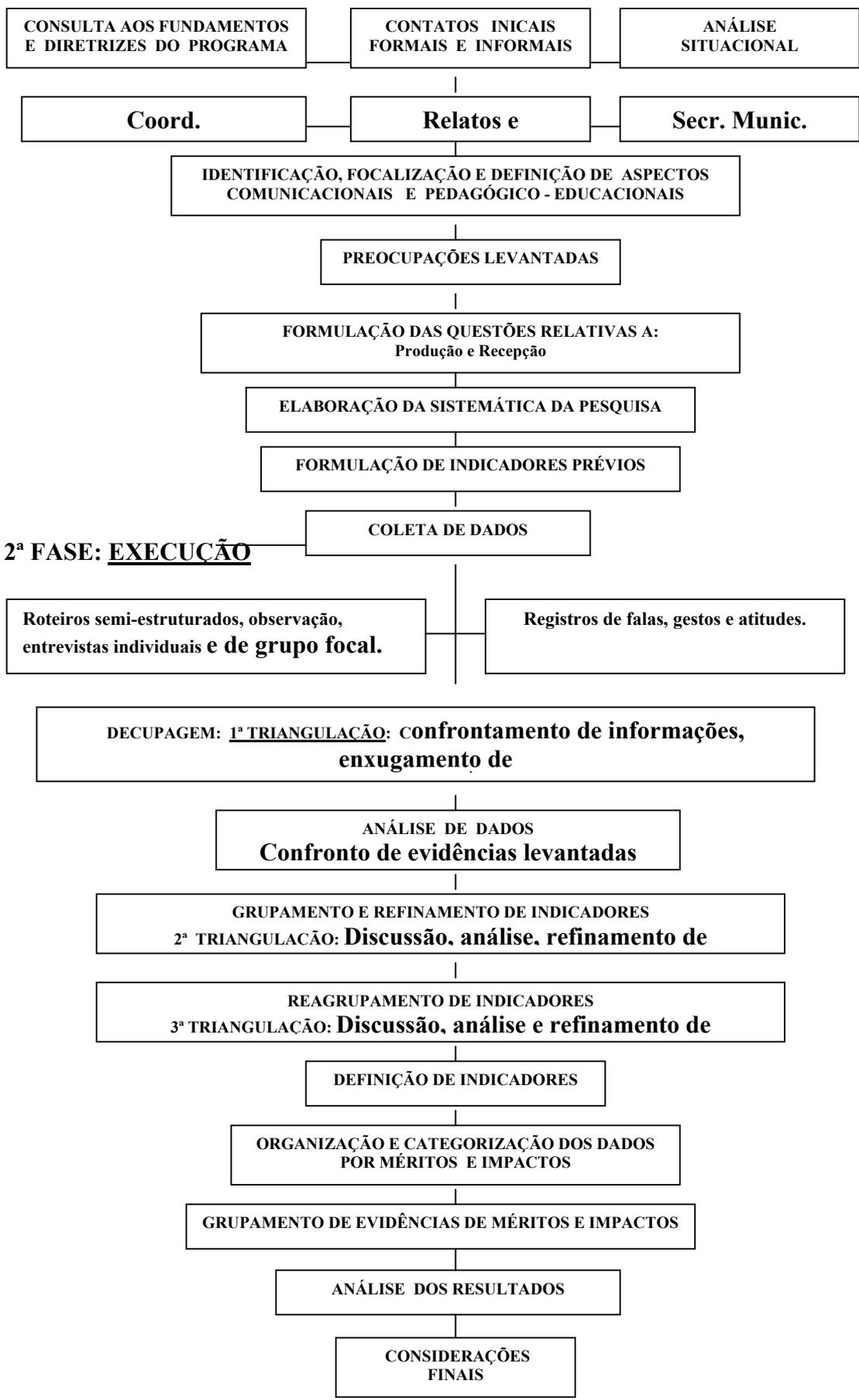
<sup>155</sup> Conforme Laurence Bardin, a entrevista não-diretiva "supõe uma atitude de consideração positiva e incondicional (nem seleção, nem julgamento da valorização ou desvalorização) da parte do entrevistador, uma atitude de empatia (coloca-se no ponto de vista e no quadro de referência do entrevistado) e o recurso às técnicas de reformulação (reenvios, respostas-reflexos), desenvolvendo-se por isso deliberadamente segundo a lógica própria do entrevistado, sendo as únicas limitações as instruções temáticas postas à partida para centrar a entrevista no assunto que interessa ao entrevistador e a presença dela como interlocutor, caracterizada por uma pré-formação mínima".

(BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa, 1977, p172-173).

O trabalho de campo contou com a colaboração de três alunas do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, que participaram de todo o processo, bem como da análise de conteúdo posterior, contribuindo significativamente para o bom andamento dos trabalhos, bem como para a integração necessária aos objetivos da pesquisa na interação pesquisadores/pesquisados.

ANEXO - ISISTEMÁTICA DA PESQUISA

1ª FASE: CONCEPÇÃO



## 6 - ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1 – DIMENSÕES E CATEGORIAS

Após a coleta de dados no campo, efetivamos a análise das manifestações verbais de seus atores, buscando a interpretação e o confronto de juízos de valor, conforme as proposições de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin <sup>156</sup>, que ressalta algumas regras técnicas importantes para a constituição de procedimentos analíticos como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência na constituição de um corpo de análise quando ele traz implicações em escolhas, seleções e regras <sup>157</sup>.

Para dar início à organização da codificação, definimos como Unidade de Contexto as entrevistas, individuais e/ou coletivas, gravadas em áudio ou em vídeo, por possuírem dimensões superiores às unidades de registro e servirem de unidade de compreensão para codificação da própria Unidade de Registro, proposta por Bardin como sendo *"a unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e contagem frequencial"* <sup>158</sup>.

A Unidade de Registro, adotada nesta pesquisa, foi a "fala" dos atores envolvidos, isto é, afirmações, frases, frases compostas, falas condensadas, resumos e opiniões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem do programa Telecurso 2000, extraídas dos depoimentos gravados em fitas cassete ou videocassete, dessa recepção organizada. Ao definirmos as Unidades de Contexto e Unidades de Registro buscamos a análise exaustiva do material coletado, obedecendo à regra de exclusão mútua dos dados submetidos à codificação e categorização, procurando não codificá-lo numa mesma unidade de registro

---

<sup>156</sup> **BARDIN**, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa, 1977, p.95-223.

<sup>157</sup> *Ibidem*, p 97-98.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p 104.

simultaneamente ou em duas categorias, como sugere Souza Filho <sup>159</sup>.

Coube então, a cada "fala", a sua inserção em um indicador específico, de acordo com o seu grau de pregnância, sendo essas unidades agrupadas segundo a proximidade dos assuntos abordados e submetidas a três procedimentos de classificação fazendo emergir suas categorias nas dimensões abrangentes da pesquisa.

As gravações em vídeo procuraram registrar não somente as manifestações livres, verbais e gestuais dos atores envolvidos mas, também, as relações sociais estabelecidas no processo. Por sua vez, o vídeo se tornou um tipo de registro eficiente ao possibilitar um retorno ao campo, um ato de "revisitar" as relações travadas nas interações com o campo, através da imagem gravada, quantas vezes fosse necessário. Segundo Gonçalves, Leonardos e Ferraz, *"o recurso de poder parar, avançar e repassar a fita é essencial não somente na identificação das evidências relativas ao objeto de estudo, mas também torna-se imprescindível durante os momentos de interpretação, reflexão e refinamento dos dados através do vídeo"* <sup>160</sup>.

Gravados os depoimentos, foram assistidas as fitas em sua seqüência natural após suas gravações que serviram não apenas para organização e sistematização dos dados mas, principalmente, de balizamento para as angulações pretendidas a cada conversa, bem como para correções de nossas posturas e intervenções às vezes impróprias ou inoportunas no processo de entrevista.

Após a etapa de visualização do material coletado e apontamento de aspectos importantes para a pesquisa, procedemos à transcrição na íntegra das falas correspondentes às questões da pesquisa. Essa fase, conceituada como "decupagem", corresponde não apenas a

---

<sup>159</sup> **SOUZA FILHO**, E. Análise das Representações Sociais. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995, p.109-145.

<sup>160</sup> **GONÇALVES**, H; **LEONARDOS**, A. C.; **FERRAZ**, E. Uso do Vídeo em Metodologia de Avaliação - Reflexão sobre uma experiência na área da educação. In: **Revista Lumina**, Facom/UFJF, Juiz de Fora, nº. 2, janeiro/junho, 1999, p.123-133.

uma fase de transcrição dos depoimentos e intervenções, mas a uma etapa onde se tem uma primeira triangulação <sup>161</sup> das informações obtidas no campo.

Transcritas as decupagens das fitas, iniciamos uma fase exaustiva de leitura e interpretação dos discursos de modo a compor um banco de indicadores mais sólido através do confronto entre as evidências levantadas no campo. Essa etapa culminou na segunda triangulação da pesquisa com o grupamento e refinamento de indicadores, que posteriormente foram revistos e reagrupados numa terceira triangulação formalizadora da definição dos indicadores, possibilitando a organização por categorias e suas características de méritos e impactos.

Partimos do pressuposto de que, para essa análise, dispomos de duas dimensões constituídas. A primeira seria a Dimensão da Educação, para a qual se declinam todos os esforços do Telecurso 2000 na composição de mecanismos, estratégias, interações e usos de tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. A segunda Dimensão seria a da Comunicação, que se compõe na mediação necessária ao processo de interlocução e apreensão dos conteúdos junto aos receptores, bem como das estratégias de captura da recepção para os conteúdos veiculados. Teríamos, também, neste estudo, a constatação de uma terceira Dimensão - a da Tecnologia, que preferimos não analisá-la separadamente já que ela perpassa as duas outras Dimensões constituindo um eixo ou uma espécie de espiral que envolve as duas Dimensões propostas nesta pesquisa.

Convém ressaltar, neste estudo avaliativo do Telecurso 2000, que buscamos não somente verificar a validade ou não do programa enquanto modalidade de oferta teleducativa mas, principalmente, constatar, junto a seus receptores, evidências que permitam esboçar os possíveis méritos e impactos do programa nas Dimensões da Comunicação e da Educação.

---

<sup>161</sup> Entendemos a triangulação como etapa de: confrontamento das informações do campo; enxugamento de dados; eliminação de aspectos desnecessários; e redefinição de indicadores.

No que diz respeito aos méritos do programa, percebemos a Dimensão da Educação como aquela que, além de englobar a transmissão de conteúdos didáticos, dissemina uma pedagogia valorizadora do conhecimento, da família, da comunidade, bem como da oferta teleducativa.

Por sua vez, na Dimensão da Comunicação, percebemos méritos nas estratégias da produção que buscam a captura da recepção através de uma metodologia adequada ao cotidiano do trabalhador brasileiro, revelando flexibilidade em sua aplicação, utilizando a ficção como parte integrante da mediação didática e tendo, por fim, o vídeo como facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Percebemos também, méritos do Telecurso, no que diz respeito às estratégias da recepção, tanto na transmissão como na apreensão e utilização dos conteúdos veiculados.

Com relação aos impactos do Telecurso e às mudanças ocasionadas na recepção, podemos verificar, na Dimensão Educação, o crescimento da valorização pessoal nas relações interpessoais e familiares, além do afloramento da auto-estima em relação ao estudo e ao conhecimento. Percebemos ainda, nessa Dimensão, um aumento da conscientização e uma mudança significativa dessa recepção em relação aos estudos, à família e à comunidade. Enfim, considerações importantes do campo ressaltam as necessidades pessoais e coletivas daquela comunidade específica, em relação à oportunação dos estudos bem como à dificuldade encontrada no aprendizado de matemática, nesse processo relacional com a tecnologia televisiva.

Na Dimensão da Comunicação, percebemos impactos e mudanças na recepção, no que concerne a uma melhoria da comunicação interpessoal, um aumento da reflexão crítica em relação à comunicação de um modo geral, bem como das diversas formas de uso que se faz da imprensa e do que é transmitido pela televisão.

Para um melhor aprofundamento dos indicadores detectados no campo, buscamos descrever os méritos do programa Telecurso 2000, nas Dimensões da Educação e da

Comunicação e, posteriormente, apresentamos os impactos dessa modalidade de ensino na vida do trabalhador brasileiro, nessas mesmas Dimensões.

## **6.2 – MÉRITOS DO TELECURSO: DIMENSÃO EDUCAÇÃO**

Para uma melhor percepção das Dimensões estudadas na pesquisa, convém apresentar, na próxima página, nosso quadro geral de categorização (Anexo II, p.140), classificado nas Dimensões da Educação e da Comunicação, conforme categorias e indicadores de méritos e impactos.

As evidências de **Mérito** detectadas nos relatos verbais dos atores envolvidos no programa Telecurso 2000, apontam, na Dimensão Educação, para duas categorias fortes: **Compromisso e Valorização da Oferta Teleducativa**.

Na **Categoria Compromisso** detectamos evidências que ressaltam o papel do Orientador de Aprendizagem, de representantes da Prefeitura de Ewbanck da Câmara e de sua comunidade de um modo geral. O conceito de Mobilização desenvolvido por J. B. Toro <sup>162</sup> nos inspirou na concepção de Compromisso, pois o autor conceitua Mobilização

### **ANEXO II**

## **CATEGORIZAÇÃO**

### **DIMENSÃO EDUCAÇÃO**

#### **I - MÉRITO**

##### **1 - Compromisso:**

- . Do Orientador de Aprendizagem (OA)
- . Da Prefeitura
- . Da Comunidade

### **DIMENSÃO COMUNICAÇÃO**

#### **I - MÉRITO**

##### **1 - Estratégia da Produção:**

- . Flexibilidade
- . Uso da Ficção
- . Uso do Vídeo - Facilidade

---

<sup>162</sup> **TORO, J. B. La construcción de la nación y la formación de educadores em servicio.**  
Documento preparado para la Misión para la Ciencia, la Educación y el Desarrollo.  
Presidencia de la República de Colombia, Santafé de Bogotá, s/data.

## **2 - Valorização da Oferta:**

- . Dos Estudos
- . Do Orientador de Aprendizagem
- . Do Telecurso 2000

## **2 - Estratégia da Recepção:**

- . Do Orientador de Aprendizagem
- . Do Aluno
- . Desdobramento do Conhecimento

### **II - IMPACTO**

#### **1 - Valorização Pessoal:**

- . Auto-Estima e Comunicação Interpessoal
- . Auto-Estima e Família
- . Auto-Estima e Estudos

#### **2 - Conscientização:**

- . Vida em Comunidade
- . Gosto pelo Estudo
- . Busca de Conhecimento
- . Continuidade nos Estudos
- . Força de Vontade
- . Relação Estudo e Família
- . Senso Crítico em Relação à Educação

#### **3 - Considerações do Campo:**

- . Desenvolvimento Local
- . Dificuldades da Prefeitura
- . Dificuldades do Aluno
- . Necessidade de Capacitação Profissional
- . Diversidade da Clientela
- . Necessidade da Relação Aluno/Professor
- . Uso do Vídeo - Dificuldades
- . Necessidade de Oportunidade
- . Sugestões do Campo
- . Interferência da Equipe no Campo

### **II - IMPACTO**

#### **1 - Melhoria da Comunicação:**

- . Pessoal
- . No Trabalho
- . Na Família

#### **2 - Reflexão Crítica:**

- . Em relação à Mídia
- . Em relação à Recepção
- . Em relação à Política
- . Em relação à Tecnologia
- . Em relação à Televisão

#### **3 - Formas de Uso:**

- . Uso da Informação
- . Uso da Televisão

como um fator estimulante e que busca apoiar um processo contínuo que se pretende para produzir resultados no cotidiano. Mobilizar é fazer emergir aspirações e vontades, compartilhadas e interpretadas em seus significados para que se possa decidir e atuar na busca de objetivos comuns. Entendemos, então, Compromisso como sendo o abraçar da causa, numa Mobilização participativa, uma espécie de promessa ou obrigação mais ou menos solene em prol de um único objetivo – a melhoria educacional da população.

Para compor esta categoria, buscamos, no contato com os entrevistados, pistas que foram agrupadas em três indicadores que refletem a concepção de compromisso anteriormente apresentada: **Compromisso do Orientador de Aprendizagem, Compromisso da Prefeitura e Compromisso da Comunidade.**

Vale ressaltar que, com o propósito de salvaguardar a identidade de nossos entrevistados, suas apresentações e a descrição de suas falas são classificadas, por exemplo, com as referências (F1 - 0.11'.50" - M6), que caracterizam que o material está contido na fita de número um, no tempo de onze minutos e cinquenta segundos, sendo o depoimento de uma entrevistada mulher, classificada como número seis do grupo focal pesquisado.

No que diz respeito ao indicador **Compromisso do Orientador de Aprendizagem**, verificamos que seu compromisso se deu em primeira instância com a causa educacional da cidade, tanto no recrutamento da clientela como na transmissão de conhecimentos e apresentação de um futuro melhor através da Educação:

*"Na época o Secretário me convidou e estava naquela pendência assim, de quantas pessoas, qual o público-alvo, a clientela que teria. Eu fiz isso, eu mesma. Eu saí de porta em porta, só que tinha tido uma pré-inscrição que foi falada, quando a escola foi municipalizada. (...) Então, através daquelas fichas que já tinham, eu fui de porta em porta."*

(F1 - 0.11'.50" - M6)

*"Mas eu procuro correr atrás e conversar mesmo. Acho que é o que eu posso fazer, oferecer o que? Só mesmo uma visão de um futuro melhor (...) Então, é assim, eu quero que venham sim. Corro atrás, peço, converso, explico, procuro mostrar. É um público que também não é mais criancinha. (...) É mostrar mesmo a necessidade de um futuro melhor. Mas eu falo muito nessa questão, quer vir, vem e seja bem vindo."*

(F1 - 0.25'.10" - M6)

*"A minha posição como OA, foi essa de que tá aqui, eu quis, gostei da idéia e estou ficando até hoje."*

(F1 - 0.30'.00" - M6)

Conforme observamos, as relações estabelecidas entre o OA e os alunos não se dão apenas pelo ato de ensinar determinada matéria. Ele não é um mero transmissor de conhecimentos. Como ressalta A. R. Martins, o Orientador de Aprendizagem é "um

*disseminador de cultura, um modelo de leitor e de cidadão, um planejador de condições ótimas de aprendizagem, entre outros tantos papéis que dele se espera”*<sup>163</sup>.

Dentre tantos papéis do OA, detectamos também uma relação afetiva importante para a auto-estima do aluno, de forma a possibilitar sua autonomia. O trabalho do OA em Ewbanck da Câmara está em consonância com o que se solicita do professor na atualidade, conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais, de forma que ele se torne *“um facilitador, ajudando o aluno a buscar o conhecimento. Cabe a ele organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos estudantes, de modo que possam desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais”*<sup>164</sup>.

No que diz respeito aos indicadores de **Compromisso da Prefeitura**, verificamos que as autoridades comprometidas com o desenvolvimento social buscam oportunizar os estudos em sua comunidade. Embora o programa Telecurso 2000 possa ter sido pensado inicialmente para implantação em empresas, em Minas Gerais, é crescente a participação de prefeituras no programa, ressaltando seu caráter modular de ensino e a busca do Poder Público Municipal pela melhoria da qualidade de vida de seus comunitários. Na amostra coletada, encontramos diversas evidências que ressaltam o Compromisso da Prefeitura na implantação do programa bem como em sua manutenção com a aquisição de materiais didáticos. Destacamos aqui algumas “falas” que apontam o envolvimento do Poder Municipal na educação de sua comunidade:

***"O Secretário, uma pessoa sempre muito envolvida e gosta da área da educação, teve acesso a esse convênio, e imediatamente ele correu e foi avisando."***

(F1 – 0.09°.16” – M6)

***"Nós trabalhamos com algumas dificuldades. Nós xerocamos bastante material na época né, não tínhamos os livros ainda né. Já tínhamos***

---

<sup>163</sup> MARTINS, Adriana Rinaldi. Sobre os recursos de ensino. In: **Revista Tecnologia Educacional**, n°134/135, janeiro-abril, 1997, p.8-9.

<sup>164</sup> VALENÇA, I e VIANA, V. **Fim das Dúvidas dos Mestres**. 16/05/01, [odia/edec/ed160501.htm](http://odia/edec/ed160501.htm).

*conseguido as fitas junto a Secretaria de Educação do Governo do Estado de Minas, e a partir daí começamos o trabalho."*

(F6 – 0.04°.53” – H10)

*"Nós sabemos quão importante seria realmente colocar o programa funcionando no município, principalmente né, que sabíamos que a partir do momento que nós tivéssemos com o programa funcionando, mais do que educação, nós estaríamos oferecendo cidadania para esses alunos."*

(F6 – 0.05°.50” – H10)

Em relação ao indicador **Compromisso da Comunidade**, detectamos evidências que apontam para uma interação coletiva, envolvendo moradores, alunos, professores, direção de escola, Prefeitura e Secretaria de Educação de Ewbanck da Câmara. Como ressalta um entrevistado - em relação à educação - existe em Ewbanck da Câmara um certo “comprometimento” da comunidade.

A organização de uma cidade pequena, com cerca de quatro mil habitantes, como é o caso de Ewbanck da Câmara, em prol da educação de sua comunidade, não é um fato isolado em Minas Gerais. Desde 1998 é registrado pela imprensa a liderança do Estado na participação da comunidade no processo educacional junto com o Estado do Paraná. Conforme o jornal **Folha de S. Paulo**, “em Minas, um movimento unindo empresários, sindicatos e organizações não governamentais, articulados com autoridades públicas, lançou o Pacto pela Educação”<sup>165</sup>, o qual se propõe a fazer da Educação uma prioridade para o estado.

Percebe-se, também, que esse movimento, liderado por Minas Gerais e Paraná, em 1998, cresce para todo o país, pois, em 1999, entidades da sociedade civil apresentaram mais projetos de ensino que o governo e lideraram a participação nas verbas do Governo Federal destinadas à educação<sup>166</sup>.

---

<sup>165</sup> **FOLHA DE S. PAULO. Participação da comunidade ajuda Paraná e Minas Gerais a liderarem.** Caderno Cotidiano, São Paulo, 26/11/1998, p.2.

<sup>166</sup> **FALCÃO, Daniela.** Verba de ensino é maior para entidades. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, São Paulo, 16/12/1999, p.5.

Embora Ewbanck da Câmara seja uma cidade pequena e, como dissemos anteriormente, sem recursos orçamentários que possam garantir sua estabilidade na aplicação de recursos em programas de ensino, a solidariedade e a participação da sociedade como um todo demonstra o esforço e a possibilidade de mudança social. Para Heloísa Luck, em entrevista para a repórter Eliane Bardanachvili do **Jornal do Brasil**, esse é um tipo de atitude na qual, *“promover uma educação de qualidade é dever de qualquer governo. Isso não significa, no entanto, que o papel da sociedade seja de esperar passivamente que esse objetivo seja alcançado”*<sup>167</sup>. Com esse propósito, constatamos, em Ewbanck da Câmara, evidências que demonstram a interação da comunidade em relação ao compromisso com o ensino, tais como:

*"Apoio da escola nós tivemos muito apoio, muito da comunidade também de pessoas. (...) A diretora, que na época era professora hoje, diretora, veio ajudou a aplicar as provas. E neste sentido, a gente tem muito apoio. O Secretário, também incentiva demais (...) então, apoio a gente teve bastante, principalmente da Secretaria de Educação."*

(F1 – 0.13'.00" – M6)

*"Espaço a gente tem. Pessoas que trabalham, muitas pessoas oferecem ajuda. Mesmo as pessoas da comunidade se você precisar. Tem um químico que trabalha na Prefeitura e, de vez enquanto, (...) me ajuda aqui que eu estou com uma dificuldade. Mecânica, tem um mecânico aqui da cidade, as vezes tem uma aula de ciências e ele ajuda."*

(F1 – 0.17'.00" – M6)

*"O trabalho daqueles que estão envolvidos acho que é bastante comprometido, acho até que um dos aspectos fundamentais pra que o programa venha dando, apresentando os resultados que vem apresentando é o comprometimento das pessoas que estão envolvidas. O comprometimento acho que é primordial. Aí eu vou citar desde aqui o comprometimento por parte do aluno, do orientador, da direção da escola". (...) eu acho que é um trabalho conjunto."*

(F6 – 0.26'.29" – H10)

---

<sup>167</sup> LUCK, Heloísa. Entrevista cedida a repórter Elaine Bardanachvili, em matéria Sociedade deve fazer sua parte por uma educação de qualidade. **Jornal do Brasil**, Caderno Educação & Trabalho, Rio de Janeiro, 8/4/2001, p.1.

Embora não tenhamos manifestações explícitas nas falas dos entrevistados de compromisso com esta oportunidade de estudar, constatamos que este compromisso emerge nos indicadores de Valor dos Estudos (Méritos) e Continuidade nos Estudos (Impactos), que veremos a seguir, quando os atores deixam claro o valor dado à oferta teleducativa e sua conscientização com relação à necessidade dos estudos em sua perspectiva de futuro.

Na **Categoria Valorização da Oferta**, aglutinamos enquanto Méritos do TC todas as falas que pontuavam juízos de valor em relação ao programa de ensino Telecurso 2000 e ao ato de estudar, percebendo também, neste contexto, a importância do OA (Orientador de Aprendizagem), aquele que é o agente da mediação e que cumpre o papel de professor, amigo e conselheiro.

Por juízo de valor, entendemos *“juízo que estabelece uma avaliação sobre algo, isto é, sobre a moralidade de um ato, ou a qualidade estética de um conhecimento ou teoria. Juízo que estabelece se algo deve ser objeto de elogio, recomendação ou censura”*<sup>168</sup>.

Partindo desse conceito, observamos que os juízos de valor em relação a **Categoria Valorização da Oferta** se consolidaram em três níveis: **Valor dos Estudos**, **Valor do OA** e **Valor do Telecurso 2000**. Embora não estejamos fazendo uma análise quantitativa nesta pesquisa, vale comentar que, no indicador de **Valor dos Estudos**, detectamos vinte duas manifestações que demonstraram, não somente a necessidade de se estudar mas, principalmente, o caráter dos estudos e a possibilidade de mudança na vida dos alunos, a partir da Educação. Destacamos, a seguir, algumas evidências que demarcaram o **Valor dos Estudos**:

*"Tem gente que acha que a gente está pronta, não precisa mais nada, não precisa de estudar. Só que a gente vê que as coisas não são assim, porque, para tudo hoje precisa de estudo. Você precisa nem que seja o 1º Grau ou o 2º Grau, o máximo que você conseguir, senão você não consegue nada."*  
(F2 – 0. 09'. 45" – M3)

---

<sup>168</sup> JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1990, p. 241.

*"Mesmo com pouco estudo, mas eu sempre estou na Prefeitura, é saúde, é na educação, sempre dando a minha pouca ajuda que eu posso. Mas agora, estudando, acho que essa ajuda pode ser maior de lutar também pelos direitos da cidade, correr atrás né, tentar melhorar alguma coisa. Então, com o estudo a gente tem mais facilidade disso, né."*

(F2 – 0. 31'. 55" – M1)

*"Eu, por exemplo, fui criado na roça. Eu vim para o centro, hoje moro no centro e através disso, eu tô me evoluindo e através dos estudos também."*

(F3 – 0. 20'. 06" – H4)

*"Eu trabalho com pessoas mais estudadas que eu. Então, eu sirvo comida para eles. Então, a gente ficava com um pouco de vergonha de sentar na mesa com eles. De repente, surge um assunto que a gente não conhece. Então, agora a gente estudando, a gente tem condições de sentar e debater junto com eles aquele assunto. (...) Voltar a estudar abriu a mente prá gente voltar a discutir."*

(F3 – 0. 23'. 00" – H3)

*"A gente mesmo se autovalorizando em matéria de escolaridade, além de ser um benefício prá gente mesmo, também vai dar mais um conforto prá família em casa. Porque se você trabalhar bem, é o jeito de que você corresponde a família em casa. Então, estudar é assim, legal né, você cada dia, você vai estudando, quer dizer, se tirar o 2º grau hoje, eu alcanço um emprego melhor, melhor também, será para minha família."*

(F3 – 0. 28'. 40" – H1)

Percebemos que, além do conceito de juízo de valor elaborado para esta categoria, destaca-se um certo reconhecimento do que é ofertado aos alunos, em especial ao que se refere ao Valor do OA e ao Valor do Telecurso, através de um ato de averiguação e gratidão pelo benefício recebido.

É neste sentido que verificamos, no indicador de **Valor do OA**, a importância do papel do Orientador de Aprendizagem enquanto facilitador do processo pedagógico e do *“desenvolvimento de habilidades no enfrentamento de conflitos reais que facilitará o desenvolvimento da autonomia do aluno”*<sup>169</sup>. Pedro Demo ratifica essa importância quando

---

<sup>169</sup> STRUCHINER, Mirian (e outros). Elementos fundamentais para o desenvolvimento de ambientes construtivistas de aprendizagem à distância. In: **Revista Tecnologia Educacional**, v. 26, nº 142, julho-setembro, 1998, p.10.

afirma numa visão freudiana, que *“é possível ressaltar a importância para a aprendizagem da relação afetiva e emocional, com reflexo decisivo para a auto-estima do aluno e para uma forma de autonomia emancipada”*<sup>170</sup>.

Além do papel de facilitador da aprendizagem e da relação emocional desencadeada no processo, com relação à tecnologia, esse educador tem que utilizar o seu potencial de forma que *“depende muito do professor, que as usará ou as transformará na escola e na vivência da aprendizagem. Elas podem ser bem utilizadas e o potencial é fenomenal. Podem ser mal utilizadas e o resultado será medíocre”*<sup>171</sup>.

E é este OA que, além de ser um mediador imprescindível entre a tecnologia, os conteúdos programáticos e os alunos, é destacado pela comunidade nas horas de dificuldade nos estudos, como percebemos nas evidências abaixo:

***“Você vendo assim, fica difícil você aprender ou pegar logo alguma coisa que passa. Às vezes precisa de explicação da professora. Se não tiver a professora prá explicar fica difícil mesmo.”***  
(F3 – 0.35'.00” – H9)

***“Qualquer dúvida que haja entre a gente, a professora está ali para explicar. Então cada vez mais eu tenho vontade de aprender.”***  
(F4 – 0.40'.35” – H1)

Para Guillermo Orozco Gomes, a presença expansiva dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) é um desafio para os educadores, aqueles que enfrentam a sala de aula no cotidiano, sendo testemunhas das condições econômicas, políticas e culturais na qual têm como compromisso ensinar. Conforme ressalta Orozco, experiências feitas na Austrália, Inglaterra, Suíça e Chile, mostram que é *“possível ir mudando as jogadas a partir do mesmo terreno de jogo. Para isso, como fizeram no Chile, os professores e a escola, como instituição*

---

<sup>170</sup> DEMO, Pedro. Professor & Teleducação. In: **Revista Tecnologia Educacional**, v.26, nº 143, outubro-dezembro, 1998, p.54.

<sup>171</sup> NUNES, Ivônio Barros. Mestre, orientador e animador ... melhor com o uso da tecnologia. In: **Revista Tecnologia Educacional**. v.26, nº 143, outubro-dezembro, 1998, p.49.

*educativa, foram assumindo um papel muito mais inteligente e ativo, mais propositivo como agentes mediadores entre os MCM e os estudantes”<sup>172</sup>.*

Por fim, no indicador **Valor do Telecurso 2000**, encontramos evidências que demonstram, além do juízo de valor, a gratidão e o reconhecimento pelo benefício recebido após os alunos terem estudado. As afirmações apresentadas a seguir ressaltam o valor da oferta teleducativa no que concerne ao aprendizado de coisas novas, à oportunidade ofertada aos idosos e ao discernimento político oriundo do conhecimento adquirido:

***"É, pelo Telecurso, a gente está aprendendo novas matérias. Coisa que há muito tempo nós paramos de estudar. Eu, por exemplo,***

***agora estou aprendendo bastante coisas, coisas novas que eu não aprendi antigamente."***

(F3 – 0.02'.30" – H4)

***"Como ela disse aí, o TC está, como se diz, é o despertar para a vida. Porque, através do TC, até pessoas idosas, você pode ver um sorriso no rosto deles, lembrando aquilo que há muito tempo atrás não pode aprender. Hoje, você vê o TC pela televisão e que até os idosos estão se formando, aprendendo novos passos, aprendendo a dar outras caminhadas. Porque esse TC aí está dando muita força prá gente, (...) está ajudando muito a dar novos passos. Aprender novas coisas que antigamente nós não aprendíamos. Então, agora, prá gente o TC está ajudando mesmo."***

(F4 – 0.30'.39" – H1)

(Em relação aos políticos) ***"A gente estudando, a gente quer ficar por dentro, a gente vê mais notícias, a gente vai guardando na cabeça. Então, depois lembra o que aconteceu, o que ele fez. Aí, a gente já vai saber que ele já não é boa pessoa. Já pelo que ele fez no passado é bom votar em outro que esse aí já teve lá e não fez nada. E o que o TC envolve é que a gente lembra, a gente não estava estudando, aí, não presta atenção. A gente ia pelo momento. Então, agora a gente estuda, a gente volta a pensar no passado o que aconteceu com a pessoa, o que ela foi antes. Então, isso aí, o TC ajudou bastante."***

(F4 – 1.44'.40" – H3)

***"O TC, hoje em dia, está sendo praticamente uma arma para o cidadão futuramente combater a crise. Sem estudo, ninguém chega a nada. Porque, contra esses cabeções de lá, não tem como. Então, o TC está nos ensinando como combater para uma certa fome mais tarde."***

---

<sup>172</sup> GOMEZ, Guillermo Orozco. Professores e Meios de Comunicação: desafios, estereótipos. In: **Revista Comunicação e Educação**, nº 10, setembro/dezembro, Editora Moderna / USP, São Paulo, 1997, p.63.

*Porque, sem estudo você não vai prá frente mesmo. Até mesmo porque enquanto existirem pessoas maiores que a gente, até mesmo, não sei como explicar, só sei dizer que o fundamento maior aí, é encarar mesmo o TC e, seguindo em frente. Não tem como, se não pegar essa arma que a gente estamos tudo aí."*

(F4 – 1.45'.30" – H1)

Analisados os Méritos do Telecurso 2000 na Dimensão Educação, percebemos a importância do estudo na formação e na vida dos trabalhadores que buscam agora se manter informados na luta contra as crises e a exploração.

### **6.3 – MÉRITOS DO TELECURSO: DIMENSÃO COMUNICAÇÃO**

As evidências de **Méritos** do Telecurso 2000 detectadas no campo apontam, na Dimensão Comunicação, para duas categorias: **Estratégias da Produção** e **Estratégias da Recepção**.

Na categoria **Estratégias da Produção**, encontramos evidências que ressaltam as características mais expressivas da metodologia aplicada, tendo como indicadores importantes: a sua flexibilidade, em relação à adequação das aulas ao cotidiano do trabalhador brasileiro – indicador **Flexibilidade**; o uso da ficção como ferramenta de mediação na relação conteúdo/enredo – indicador **Ficção**; e, por fim, a importância da tecnologia do vídeo como aceleradora e facilitadora do processo de aquisição de conhecimentos – indicador **Uso do Vídeo/Facilidade**.

Para conceituação e análise da categoria **Estratégias da Produção**, buscamos, no Relatório Final da Avaliação Nacional do Programa TV – Escola <sup>173</sup>, subsídios para o seu entendimento. Percebemos, tal como nesse estudo, que os processos de adequação da

---

<sup>173</sup> O projeto de Avaliação Nacional do Programa TV-Escola foi desenvolvido por uma equipe interdisciplinar do Centro de Avaliação da Fundação CESGRANRIO, composta pelos pesquisadores: Antônio Fausto Neto, Thereza Penna Firme, Ana Cristina Leonardos, Helenice Maia Gonçalves, Beatriz Smidht e Ernani Ferraz. Relatório Final, Rio de Janeiro, 1998, p.24-27.

produção videográfica aos Parâmetros Curriculares Nacionais exigidos são, além de complexos, implicados num trabalho de mediação. O campo da produção se torna uma instância estratégica por trabalhar com várias linguagens, condicionantes político-culturais, multiplicidades pedagógicas e, sobretudo, por transformar os discursos e/ou mensagens – em diferentes linguagens – numa realidade simbólica que se constitui nas emissões do programa e nas apresentações em sala.

A flexibilidade metodológica do programa Telecurso 2000 ressalta evidências da sua importância enquanto mediador da integração de diversos instrumentos ou ferramentas pedagógicas como o uso de mapas, livros didáticos, vídeos, dicionários, cadernos de exercícios e os ensinamentos dos Orientadores de Aprendizagem.

Uma de suas características mais importantes é que, de um modo geral, as disciplinas partem de situações cotidianas para explicar algum fenômeno ou elucidar algum tema. Além disso, encontramos também fatores que demarcam a sua aplicabilidade como programa de ensino ao ser esta proposta adequada ao cotidiano do trabalhador brasileiro, privilegiando, como tempo máximo de aula, um período não superior a duas horas/aula por dia.

Tal procedimento nos remete aos estudos de J. L. Van Tilburg que, ao verificar a relação da televisão com o trabalho, afirma: “*A codificação icônica (tratamento dado à imagem) da Rede Globo possui um ritmo apropriado ao estado físico e mental do trabalhador de baixa renda, após um dia de trabalho*”<sup>174</sup>. Tendo sido pensado para ser implementado em empresas, seu caráter modular propiciou o funcionamento das telessalas em períodos correspondentes a duas horas antes da entrada dos funcionários para o trabalho ou duas horas depois da saída do trabalho. Em alguns casos, as duas horas são desmembradas em uma hora antes do expediente e uma hora após a jornada de trabalho, sendo oferecido, em alguns casos, lanche para os funcionários no período de aula.

---

<sup>174</sup> TILBURG, João Luís Van. **A Televisão e o Mundo do Trabalho**. Paulinas, São Paulo, 1990, p.81.

Em comunidades, como é o caso de Ewbanck da Câmara, as aulas acontecem à noite, após a jornada de trabalho, sendo distribuídas em duas turmas, uma das dezoito às vinte horas e outra das vinte às vinte duas horas, possibilitando alternativas para quem chega mais cedo ou mais tarde do trabalho. Neste sentido, a metodologia do Telecurso, ao utilizar o vídeo e sua linguagem como instrumento disparador dos conteúdos a serem veiculados e possibilitar horários de menor duração para as aulas, se torna adequada ao trabalhador após um dia exaustivo de trabalho.

De um modo geral, a didática empregada em sala desenvolve procedimentos que regularmente se iniciam com a apresentação do vídeo, seguidos da explicação da professora, leitura de material didático (livros, mapas, dicionários, etc.), esclarecimento de dúvidas e, no final, a execução de exercícios.

Das diversas evidências que revela o indicador **Flexibilidade**, destacamos cinco que possibilitam entender: a adequação da metodologia às dificuldades da clientela; a relação entre o vídeo e o trabalho do OA; a importância da utilização de diversos materiais didático-pedagógicos; a adequação de horários, frequência e tempo de estudo para certificação:

*"Tem uma adaptação, uma atualização, vamos colocar assim. É lógico, a gente segue aquela coisa, vídeo, que são 15 a 20 minutos de vídeo, a explicação da gente, o horário das 8 principalmente, são pessoas que dificilmente ficam aqui fazendo os exercícios. Não preendo, porque a maioria, como eu falei, são pessoas que vem direto, não vai jantar, vai ficar aqui até as 10 horas, não vai fazer o exercício e, se fizer não vai ter proveito nenhum. Então, vai para a casa, toma um banho, descansa, fez, aprendeu? O que me interessa é isso. A gente segue basicamente essa metodologia, vídeo, explicação, tirar dúvidas, fazer algum tipo de exercício."*

(F1 – 1.25'.30" – M6)

*"Eu acho bom, porque você aprende duas vezes. Aprende vindo na televisão e depois ela vai explicando tudo de novo com mais calma. Porque na TV é rapidinho né, 15 minutos, às vezes, a gente perde alguma coisa, um aluno fala alguma coisa, a gente olha para atrás e perde também. Aí, esquece o vídeo, aí, ela vem e explica tudo de novo, Eu acho muito bom."*

(F2 – 0.25'.50" – M2)

*"Já leu o livro, viu o vídeo e depois as dúvidas a professora tira pra gente e enquanto tiver uma dúvida ela tá ali. Então, acho que só o livro não. É importante o vídeo e é importante também o professor para tirar as dúvidas."*

(F2 – 0.26'.56" – M1)

*"Tinha uma cobrança muito grande com a questão de frequência. Era uma questão de legislação. E a legislação, a lei cobra muito isso. E a gente não tinha como escapar. Quem tinha disponibilidade de tempo conseguia vencer. Já o TC tem essa flexibilidade (..) O TC dá essa margem, essa flexibilidade e ajuda, acho que muito."*

(F2 – 0.03'.40" – M6)

*"Você tem que estar qualificado na firma é a facilidade do TC. Porque, sem ele também, você começar lá de baixo, estudar 4 anos, pela idade que a gente já está fica bem difícil. Agora, pelo TC não, como a gente já está aí com 1 ano e 8 meses, 1 ano e 6 meses, quer dizer, já conseguimos o 1º grau praticamente."*

(F4 – 1.07'.55" – H2)

Percebemos neste indicador que a flexibilização de horários, dos materiais didático-pedagógicos inter-relacionados, da relação do Orientador de Aprendizagem com os alunos e principalmente, da metodologia em seu contexto mais amplo são fatores que contribuem satisfatoriamente para o aprendizado do trabalhador brasileiro e seu crescimento não apenas interior mas também em seu nível de comunicação, como veremos posteriormente.

O segundo indicador desta categoria de **Estratégias da Produção**, o indicador **Ficção**, nos parece um dos elementos mais preponderantes na utilização do vídeo na Educação. O vídeo tem, nesse contexto, um papel de destaque a partir da idéia de que ele é o disparador que estabelece a inter-relação entre os conteúdos, os alunos e o Orientador de Aprendizagem. Entre os diversos modelos de programas educativos que sabemos vêm sido transmitidos ao longo dos tempos, podemos perceber um diferencial na proposta do Telecurso 2000, no que diz respeito ao tratamento dado à imagem com a utilização do gênero ficcional, enquanto recurso de linguagem.

Embora não seja uma invenção da televisão, o gênero ficcional tem sua importância em nossa cultura por figurar como elemento de “constituição do imaginário contemporâneo e

*de construção de uma mitologia moderna: reposição, arquetípica, aclimatação do padrão originário a uma nova ordem e instrumento de mediação de projeções e identificações na relação com o público receptor”*<sup>175</sup>.

Analisando o telejornal e a telenovela, Ciro Marcondes Filho observa a existência de uma certa inversão de códigos nos gêneros, em que *“o telejornal, que sempre havia sido um código vinculado às estruturas da realidade, passa agora a ser feito segundo as estruturas da ficção. E a telenovela, que foi um código comunicacional que sempre vinculou-se às estruturas da ficção, passa agora a vincular suas estruturas com a realidade”*<sup>176</sup>.

No caso da TV Globo, percebemos em suas produções que, em quase toda sua programação, nos diversos gêneros de produtos audiovisuais, o ficcional é apresentado como estratégia de produção, quando percebemos a existência de códigos do gênero ficcional - especialidade da Rede Globo de Televisão - em diversificadas produções como nos programas Jornal Nacional, Linha Direta, Angélica e Caldeirão do Hulk, entre outros.

Percebemos, no caso da Rede Globo de Televisão, que o gênero ficcional não é simplesmente um gênero exclusivo das telenovelas ou dos atuais telejornais, como ressalta Ciro Marcondes Filho. Ele perpassa por vários tipos de produções, sendo utilizado principalmente pelas produções teleducativas, como é o caso do Telecurso 2000. Ao mesmo tempo que o conteúdo recebe um tratamento cênico, um enredo e uma espécie de história seriada, busca-se uma linguagem acessível e clara, como na TV, voltada para o contexto e para a realidade cotidiana do trabalhador brasileiro. Logo, percebe-se nesta estratégia que o uso da tecnologia televisiva, pode ao tratar de alguma temática, vinculá-la à realidade e apresentar conteúdos didáticos, através do gênero ficcional.

---

<sup>175</sup> **BORELLI**, Sílvia Helena Simões (Org.). **Gêneros Ficcionalis, Produção e Cotidiano na Cultura de Massa**. São Paulo, Intercom/CNPq/Finep, 1994, p.132.

<sup>176</sup> **MARCONDES Fº**, Ciro., Workshop Tendências do Ano 2000, In: **Revista Atrator Estranho**, nº 8, São Paulo, 1994, p.14.

Arlindo Machado lembra que existem diversas explicações sobre as razões que levam a televisão a adotar a seriação como a principal forma de estruturação de seus produtos audiovisuais, já que funciona conforme os modelos industriais, adotando como estratégia de produção a mesma utilizada na indústria com suas séries. Para A. Machado, *“a necessidade de alimentar com material audiovisual uma programação ininterrupta teria exigido da televisão a adoção de modelos de produção em larga escala, onde a seriação e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra”*<sup>177</sup>.

Por outro lado, independente desse modelo de produção industrial dos audiovisuais, Gláucia Guimarães, em seu estudo sobre os programas Rá-Tim-Bum e Castelo Rá-Tim-Bum, destaca que a televisão pode contribuir para transformar a escola num espaço de prazer e conhecimento. Percebe em sua análise que o programa Castelo Rá-Tim-Bum, parece satisfazer as curiosidades e necessidades reais e/ou imaginárias de seu público pois, mesmo tendo como objetivo educar, preocupa-se com o entretenimento e o envolvimento do receptor. Em sua conclusão, a produção e realização de produtos teleducativos podem fazer com que sejam repensadas as práticas de linguagem utilizadas na escola, onde a *“narrativa lúdica abre um espaço maior para o envolvimento, não só racional como também emocional, do aluno com o objeto de estudo”*<sup>178</sup>.

É nesse quadro lúdico e emocional que se desenvolve a relação entre o vídeo e o receptor, que percebemos que a “novelinha” do Telecurso, além de trazer elementos do cotidiano, ajuda a fixar a atenção e mexe com a imaginação do receptor, conforme depoimentos dos entrevistados:

***“Mas de repente até pelo cotidiano que a gente leva, porque se fosse uma coisa muito diferente, de repente até dispersaria. Mas, como tem***

---

<sup>177</sup> MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada á Sério**. São Paulo, Editora SENAC, 2000, p.86.

<sup>178</sup> GUIMARÃES, Gláucia. **TV e Escola: discursos em confronto**. Cortez, Coleção Questões de Nossa Época, nº. 74, São Paulo, Cortez, 2000, p.112.

*aquela trama, aquela situação do incêndio, aquela situação do roubo. Então são coisas que estão muito dentro da realidade, de*

*novela, do dia-a-dia e tudo e, que eu acho que ajuda bastante. Há uma semelhança muito grande. E o que é a novela? São pessoas que se colocam nas posições de más e de boas, e tudo. Tem pessoas que se identificam com aquelas pessoas também. Então, eu acredito que seja a questão do cotidiano, do dia-a-dia, de estar se refletindo naquelas imagens."*

(F1 – 1.13'.00" – M6)

*"O Telecurso parece uma novela mas é educativa. Tudo que a gente aprende ali é bom. A gente vai precisar aprender aquilo, agora a novela não."*

(F2 – 0.43'.23" – M4)

*"É igual a telenovela mesmo, sempre que está explicando alguma coisa, o vídeo e aí pára naquela cena, igualzinho a cena de novela."*

(F3 – 1.05'.08" – H7)

*"Eu acho que essa novelinha que tem na telessala é um meio deles tentarem levar o conhecimento até na memória do assistente. É por isso que eles bolam essa cena para dar uma boa imaginação no assistente."*

(F3 – 1.06'.10" – H1)

*"Se não tiver essa novelinha, se fosse só uma pessoa falando, igual ao jornal, ficava só com o professor na sala. Interessante é ter a novelinha ali, prá gente ver, prá acompanhar."*

(F3 – 1.07'.18" – H3)

(Novelinha do TC) *"Você presta mais atenção, fica mais fixado naquilo, aí, ajuda a gente a gravar mais, aprender."*

(F3 – 1.08'.20" – H2)

(Novelinha do TC) *"São umas estorinhas assim, bonitinhas, uma coisa bem contada, né, igual história, né."*

(F4 – 0.13'.48" – M1)

*"Se não tiver aquela novelinha, for igual a um telejornal, uma pessoa lá falando, acho que a pessoa não vai entender o que está acontecendo. Então, aquela novelinha ajuda, já vai mexer com a imaginação da gente."*

(F4 – 0.44'.50" – H3)

(Personagens da novelinha) *"Ajuda porque faz a gente ter mais vontade de aprender, porque a gente vê que eles tem a mesma dificuldade de aprender. Coisa que a gente ficava dizendo mágoas, eu não sei de nada e a gente vê que tem também outras pessoas que não sabem e que também tem vontade de aprender."*

(F4 – 0.45'.34" – M5)

Desses depoimentos vale ressaltar o último, em que percebemos uma relação de identificação-projeção com os personagens que, por sua vez, não são atores vistos como “globais” e demonstram no enredo terem a mesma dificuldade que seus receptores.

Temos, também, como fator importante para essa relação empática, a utilização no Telecurso 2000 da mesma codificação icônica das telenovelas que, com a redução do número de personagens em cena, possibilita um melhor tratamento da imagem, explorando mais os *closes* e, conseqüentemente, a objetividade dos textos, atraindo mais a atenção do telespectador quando procura ter em média dois ou três personagens em cena.

Ao estudar o *close-up* na televisão brasileira, Van Tílbürg <sup>179</sup> descreve o processo técnico de aproximação com o telespectador ao analisar duas telenovelas concorrentes, descrevendo que a redução de cenários e personagens em cena por parte da TV Globo possibilitou uma maior rapidez ao ritmo da imagem, pois a média de tempo de exposição de um *take* da novela da Globo correspondia a cerca de cinco a seis segundos, enquanto a sua concorrente apresentava uma média de dez a doze segundos. Ao evitar um maior número de personagens em cena e, por conseguinte, a utilização de planos mais abertos, em grande angular, evita-se também o distanciamento da recepção em relação ao enredo. Por outro lado, tal procedimento técnico possibilita que, ao serem trabalhados planos mais fechados, se torna possível aproximar mais a temática tratada do telespectador, bem como do aluno que assiste.

Percebemos aqui como diferencial do Telecurso 2000 o tratamento dado à imagem, quando sua codificação icônica se ajusta ao esgotamento do trabalhador de baixa renda após um dia de trabalho, permitindo-nos voltar às afirmações de Van Tilbúrg que percebe

existir “*uma relação entre a codificação icônica da novela da Rede Globo e o estado físico e psicológico do conjunto de telespectadores, o que permite afirmar que a densidade de*

---

<sup>179</sup> TILBURG, J. L. Van. **O Estereótipo Visual da Telenovela Brasileira como Instrumento de Educação Permanente**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, ECO-UFRJ, 1975, p 95 – 172.

*audiência encontra sua explicação, em parte, na composição rítmica da imagem televisiva”*

180

Concluimos, portanto, que a recepção, ao procurar a telenovela na televisão, busca, de certa forma, uma interrupção na sua vida cotidiana, a qual é dura demais para ser vivida integralmente, visando garantir, mesmo que em alguns poucos momentos o “escapulir” para um mundo mais previsível e controlável. Um mundo de luxo, sonhos e fantasias parece ser a dose de um antídoto contra a rigidez do novo mundo e desse novo homem em formação.

Por outro lado, a fórmula do uso do ficcional na Educação Televisiva, como vem sendo feita pelo Telecurso 2000 desde 1995, tem demonstrado a sua importância enquanto transmissora de conhecimentos quando até o Governo Federal aprendeu a lição, utilizando a proposta ficcional em seu programa eleitoral do ano de 2000, produzindo uma novelinha para educar a população na hora do voto, como afirma Erika Bauer, uma das diretoras dos programas ao jornal **Folha de S. Paulo**: *“Nosso objetivo é educar os eleitores de forma mais prazerosa possível, com doses de humor. A novela é uma cartilha animada, trazendo mensagens de conscientização do voto de uma forma fácil de ser entendida e aprendida pela população”*<sup>181</sup>.

Percebemos, no Telecurso 2000, que a utilização da técnica televisiva da teledramaturgia atrelada à interpretação dos atores, a um texto claro, objetivo e, principalmente, vinculado ao cotidiano do trabalhador, serve para levar a milhões de brasileiros, de uma forma atraente e simples, conteúdos de Primeiro e Segundo Graus.

Nesse sentido, esta forma prazerosa de aprender, via teledramaturgia, além de aumentar as chances de entendimento dos conteúdos veiculados, pode vir a possibilitar a certificação e, portanto, a qualificação do trabalhador. É, nesse sentido, que Marcos Formiga,

---

<sup>180</sup> TILBURG, João Luís Van. **A Televisão e o Mundo do Trabalho**. Paulinas, São Paulo, 1990, p.82.

<sup>181</sup> **FOLHA DE S. PAULO**. TSE cria “novela” para educar. São Paulo, Caderno TV Folha, 30/07/2000, p.4.

ex-superintendente da Fundação Roberto Marinho aponta para que no balizamento entre a Educação à Distância e a Lei de Diretrizes e Bases, deverá ser preciso enxergar essa modalidade de ensino como um possível *“caminho pelo qual, sem sacrifício da qualidade e da seriedade, grande número de brasileiros receberá educação como passaporte para uma ocupação digna que lhe assegure, mais do que um salário, uma participação efetiva na construção do seu futuro e de sua própria cidadania”*<sup>182</sup>.

O terceiro indicador da categoria Estratégias da Produção é **Uso do Vídeo/ Facilidade** que focaliza a importância da tecnologia do vídeo como facilitadora e aceleradora do processo de aquisição de conhecimentos. Das evidências detectadas no campo, destacamos algumas que ressaltam essa importância, como, por exemplo: seu caráter jornalístico-descritivo, de poder ver o que é falado em aulas como Geografia; sua facilidade de manuseio, de poder parar e voltar quando quiser; sua facilidade de reforçar o conteúdo tratado nos livros, com o uso da narrativa televisiva; sua possibilidade de detalhar o que está sendo mostrado nas aulas de Ciências; sua capacidade de se adaptar ao estado físico e emocional do trabalhador após um dia de trabalho; e, por fim, por sua capacidade de possibilitar que a mensagem fique retida mais tempo na memória do educando, sendo para ele uma forma de aprender melhor e mais rápido:

***“É interessante, é uma aula de Geografia, tem uma aluna que (...) um dia falou: eu detestava Geografia. Mas porque você usou no passado, detestava? Ah, porque hoje eu gosto. O fato do vídeo, de***

***estar vendo, o que estão falando, tipo assim, há o solo lá da conxinxina é seco é árido. O que é seco? Ela não conseguia fazer uma comparação e com o vídeo, essa facilidade de ver o que está falando, de ver o que está estudando, ela hoje adora Geografia.”***

(F1 – 0.40'.50” – M6)

***“Uma coisa visual, essa interação que te dá esse direito de parar na hora, né, passou alguma coisa você, alguém te perguntar alguma coisa, você parar e perguntar o que você entendeu? Você não entendeu? Eu vi desse jeito e você não viu? Eu acho que esse uso da tecnologia, que***

---

<sup>182</sup> FORMIGA, Marcos. Educação à Distância, vista dos Apalaches. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º Caderno, 14/07/97, p.7.

*está aí, a nosso favor, eu acho muito válido assim. É muito útil mesmo."*

(F1 – 0.04'.09" – M6)

*"Eu acho muito mais importante porque só ler o livro, quer dizer, tem matéria que você tem que ler o livro mesmo e acaba tendo que saber sozinha. Mas, em outras matérias é importante o vídeo, é muito importante. O jeito das pessoas falarem ali, aquele diálogo deles chama a atenção e você acaba aprendendo melhor."*

(F2 – 0.26'.56" – M1)

*"O vídeo mostra mais como é que acontece. Por exemplo, a gente estudando ciência sobre clorofila, essas coisas, sobre a folha. Mostra tudo como é feita a respiração. Então, o vídeo mostra detalhe, coisa que o livro não mostra. O livro só fica aquele desenho ali. O vídeo não. No vídeo mostra como é feito. Então, é mais fácil da gente lembrar."*

(F3 – 0.37'.13" – H3)

*"Através do vídeo, hoje em dia, a gente tem mais facilidade. Por exemplo, a gente trabalha durante o dia e à noite, nós temos o vídeo que facilita prá gente a nossa aprendizagem."*

(F4 – 0.06'.40" – H4)

*"Eu vi no vídeo, inclusive aquela pergunta da vacina, eu lembrei do vídeo, que eu tinha visto no vídeo. Aí fui lá, marquei certinho. Então, essas coisas assim né, fica na mente, a gente lembra. Eu acho que é bem melhor (...) É sim, é mais gostoso que antigamente. É igual ao que ele falou, tinha que decorar aqueles questionários enormes. Ficava decorando Geografia, História. E agora, não tem mais a necessidade de ficar decorando aquilo tudo."*

(F4 – 0.13'.48" – M1)

O reconhecimento das virtudes do uso do vídeo como material pedagógico são evidentes mas, como aponta Maria Luiza Belloni, não se deve esquecer da necessidade de formar um telespectador crítico, ativo, participativo e sujeito do processo de comunicação, sendo o vídeo numa - visão integradora - *“ao mesmo tempo material didático de grande utilidade para o desenvolvimento de quaisquer objetivos pedagógicos e objeto de estudo de reflexão numa perspectiva de educação para as mídias”*<sup>183</sup>.

---

<sup>183</sup> BELLONI, Maria Luiza. O Vídeo na Pré-Escola. In: *Revista Tecnologia Educacional*, Rio de Janeiro, n°. 144, v.28, jan-mar, 1999, p. 31.

Como ferramenta pedagógica, a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas em sua mediação com o receptor, solicitando sua imaginação e afetividade nesta interação. Conforme aponta Vladimir Stolzenberg Torres, o vídeo, enquanto Tecnologia Educacional, apresenta quatro importantes características: capacidade de ampliação ótica; possibilidade de multiplicar o seu número de imagens; capacidade de transporte do número de imagens; e o seu poder de integração dos recursos audiovisuais. Em sua visão, *“o vídeo surge como uma estratégia que visa facilitar a aprendizagem, ou seja, para conduzi-los em direção aos objetivos de determinada aula, ou determinado conjunto de aulas”*<sup>184</sup>. Mas o autor ressalta que, embora o vídeo auxilie o professor e atraia os alunos, ele não modifica substancialmente a relação pedagógica. Em outras palavras, não é o vídeo que irá melhorar a qualidade das aulas, mas sim a performance deste professor que poderá utilizá-lo como disparador ou auxiliar de discussão do tema a ser abordado, buscando concentrar suas forças em aspectos considerados mais importantes, tentando extrair dos alunos uma visão crítica do que é apresentado, desenvolvendo a compreensão do que é discutido e estimulando os sentidos.

Ao descrever sua experiência com o uso de filmes nas aulas de História, Marília Franco<sup>185</sup> relata que o tempo do curta-metragem apresenta uma melhor forma de uso em sala, quando as aulas tem em média cinquenta minutos de duração. Por sua vez, os critérios de seleção dos materiais devem levar em consideração a faixa etária dos alunos, sua capacidade de entendimento, bem como utilizar textos e demais materiais didáticos concomitantemente ao uso de filmes.

Ampliando um pouco o diálogo entre Comunicação e Educação, percebemos ser necessário não apenas a utilização do vídeo ou de outra mídia eletrônica como o rádio ou o

---

<sup>184</sup> **TORRES**, Vladimir Stolzenberg. O uso de vídeos como recurso de apoio didático: exemplos da biologia. In: **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, nº.140, v.26, jan-mar., 1998, p. 31.

<sup>185</sup> **FRANCO**, Marília. Linguagens Audiovisuais e Cidadania. In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Ed. Moderna/USP, nº 9, mai-ago., 1997.

computador na educação de nossos alunos mas, de todas as mídias, como pode ser visto no caso do jornal que, ao ser utilizado em sala, *“melhora o rendimento escolar, contribui para a formação democrática e amplia o interesse dos jovens pelos temas de atualidade”*<sup>186</sup>.

O incorreto em termos educacionais é utilizar a tecnologia do vídeo para suprir ou substituir o professor, como vimos recentemente na história do país, nos estados de Pernambuco, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte que, devido a explosão da demanda de vagas no ensino médio e a falta de professores capacitados, os governos estaduais se viram obrigados a utilizar a teleducação *“em municípios distantes dos grandes centros, onde a escassez de professores é ainda maior do que nas capitais”*<sup>187</sup>.

Na categoria **Estratégias da Recepção**, da Dimensão Comunicação, encontramos evidências que ressaltam as relações estabelecidas entre as formas de uso dos materiais didáticos pelo Orientador de Aprendizagem e pelo aluno, além do uso que se faz do conhecimento adquirido nesta interação. Para podermos amadurecer esta interação, buscamos o conceito de Utilização, desenvolvido para a Avaliação Nacional do Programa TV-Escola/SEED - MEC, definido como um conjunto de *“ações através dos quais o usuário põe em prática, intencionalmente, iniciativas junto aos diferentes componentes do mundo da oferta”*<sup>188</sup>. Em outras palavras, são ações que indicam o uso intencional do apreendido em sala e na vida cotidiana, isto é, formas e estratégias de utilização da oferta educativa e seus diversificados conhecimentos por parte dos alunos, além da busca de facilidades de absorção destes conhecimentos por parte dos Orientadores de Aprendizagem.

Entendemos estas Estratégias como sendo um processo de interação instaurado entre os dois campos - Produção e Recepção - de caráter relacional e tendo a instância discursiva

---

<sup>186</sup> **JORNAL DA EDUCAÇÃO**. Jornais deixam a aula mais atraente e atual, **ANJ – Associação Nacional de Jornais**, Brasília, setembro de 1998, p.6.

<sup>187</sup> **FALCÃO**, Daniela. TV vira professor-tampão no Nordeste, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Cotidiano, 13/02/2000, p.5

<sup>188</sup> **FUNDAÇÃO CESGRANRIO**. **Avaliação Nacional do Programa TV – Escola**, Relatório Final, Rio de Janeiro, 1988, p.84.

como a constituição de um vínculo entre o usuário e o programa de ensino Telecurso 2000. Assim como foi verificado no Projeto de Avaliação do Programa TV-Escola / SEED-MEC, *“não existem relações universais, seja porque os indivíduos mantêm relações distintas com as tecnologias e a oferta simbólica, seja por que elas se dão através de um conjunto de ‘postulados de utilidades’ definidos pela esfera da recepção, segundo dimensões muito peculiares”*<sup>189</sup>.

Portanto, no que diz respeito ao trabalho dos Orientadores de Aprendizagem, no indicador **Estratégia do OA**, percebemos diversas formas de atuação que visam facilitar o aprendizado do aluno, muitas delas através de iniciativas próprias do professor como: a instalação aulas extras aos sábados para reposição de aulas perdidas; o uso da programação televisiva para discussão em sala; a aplicação de provas extras e simulados para aferição da turma; e, principalmente, a combinação de todos os recursos disponíveis, sempre contextualizados no universo dos alunos.

Destacamos, então, quatro depoimentos que resumem algumas das estratégias do Orientador de Aprendizagem em sua “captura” e motivação dos alunos:

***“Não pode durante a semana, a gente repõe no sábado. É cansativo, é desgastante, principalmente para quem trabalha.”***

(F1 – 0.15’.45” – M6)

***“Mesmo porque nas minhas aulas de História, dentro dos conteúdos de História, eu procuro buscar muito programas de televisão mesmo.”***

(F1 – 1.06’.30” – M6)

***“A gente acaba sempre inventando. Um dia eu faço um simulado, rodo algumas provinhas, procuro colocar num nível acima. Me lembro que, na primeira, muita gente quis parar porque eu não ia conseguir e eu disse não, não é assim. Eu estou colocando muita coisa assim, de macetezinho, para chamar mais atenção, apurar mais a atenção. Aí explico, isso foi feito por causa disso. Olha, atenção nisso aqui. A gente procura ir trazendo alguma coisa, assim, se não a gente não dá conta também.”***

(F1 – 1.25’.30” – M6)

---

<sup>189</sup> *Ibidem*, p.83-84.

***"Eu acho que, olha só, eu estou pensando, só o vídeo, mais a explicação, mais eu, mais eles, só, tipo assim, aplicado em qualquer lugar pura e simplesmente, eu acho que não vai funcionar não. O que funciona sempre é trazer o vídeo, mais a explicação para dentro de cada realidade. Então, tipo assim, não adianta muito a aquela aula bonita de Ciências ou de Matemática mesmo, se não tiver uma aplicabilidade aqui, dentro do universo deles. Então, o que resolve, o que completa é tudo isso, aplicado na realidade de cada um."***

(F1 – 1.29'.17" – M6)

No que concerne ao indicador **Estratégias do Aluno**, além do esforço de conciliar o voltar a estudar com o cotidiano de suas vidas e o trabalho, verificamos emergir como estratégia para o aprendizado, a consciência de que decorar não é o mais importante. Mas importante é estar calmo para refletir sobre o que se está aprendendo. É importante para eles estudar num ambiente em que as pessoas se conheçam para que eles sintam mais a vontade de se expressar. Percebemos, também, que a professora é o elo da mediação didática, sempre a postos para o esclarecimento de dúvidas, mesmo para o aluno que esteve ausente da aula.

Destacamos, aqui, três depoimentos que refletem algumas das estratégias dos alunos em relação ao aproveitamento da oferta educativa e à aquisição de conhecimentos:

***"O mais certo da gente pegar o livro prá estudar, é não ficar preocupado em decorar, mesmo que a pessoa vai decorar tudo. Você lê o livro assim, vai vendo as matérias. Amanhã, quando você tiver com a cabeça mais fresca, na hora de fazer as provas, aquilo vem refletindo aos poucos o que você estudou (...) eu acho que é a gente lendo o livro sem o compromisso de amanhã chegar, fazer a prova e acertar."***

(F3 – 0.45'.31" – H1)

***"Porque lá tinha que estudar após o serviço, tinha que acabar o serviço e estudar lá mesmo. E aqui não, aqui eu posso estudar à tarde, que é melhor estudar, com horário melhor e lá também por não conhecer ninguém, assim os colegas de classe, a gente conhecia pouca gente. A maioria são de Juiz de Fora. Então eu preferi estudar aqui, com gente mais conhecida. (...) Aqui a gente se sente mais a vontade, porque eu fiz até a 6ª série aqui, então eu acho que aqui já conhece todo mundo e eu acho mais fácil quando a gente já conhece, tem mais liberdade para pedir uma explicação, isso conta muito."***

(F7 – 0.07'.25" – H3)

***"Apesar do espaço ser meio curto, de vir aqui à aula, aí, eu estudo mais em casa. Alguma dúvida, eu venho aqui na escola né, converso com a professora né e assim a gente vai levando."*** (F3 – 0.41'.04" – H1)

Como último indicador desta categoria de Estratégia da Recepção, detectamos, no indicador **Desdobramento do Conhecimento**, evidências que ressaltam as formas como os alunos fazem uso do conhecimento adquirido, seja aprendendo coisas novas para passar para os filhos, seja utilizando os conhecimentos apreendidos no universo do trabalho ou simplesmente, buscando comparar o que lhes é apresentado com o que “sabiam” do passado. Destacamos, a seguir, quatro evidências que possibilitam o entendimento desse indicador:

*"Tem uma mãe, (...) essa coisa de recorte de jornal, notícia de jornal. Então, ela tinha muita dificuldade em saber que notícia ela podia recortar para a filha dela. Aí, a gente foi conversando (...) e quando tinha aula de Português, de montar um anúncio de jornal e coisa assim, aí, ficou muito mais fácil. Ela fala que agora, ela sabe o que é anúncio, o que é notícia, o que é propaganda. Facilitou muito para ela. Facilitou muito para todo mundo."*

(F1- 0.54'.44" – M6)

*"É no meu trabalho, através do TC, a minha profissão mexe muito com medidas e essas coisas. E eu não tinha muita teoria, tinha mais prática. Agora, hoje em dia, eu faço as coisas e entendo mais da teoria. Através do TC aprendi mais da Matemática, área e essas coisas. E, sem dúvida, cada vez mais vai melhorar."*

(F4- 0.34'.40" – H2)

*"Quando a gente tá assistindo alguma coisa que passa assim, a gente fala assim, a gente lembra isso aqui eu vi lá na escola."*

(F7- 0.47'.49" – H3)

*"Aquele Telecurso sobre a 2ª Guerra Mundial, eu tava vendo aquela minissérie Aquarela do Brasil né. Aí você faz a ligação, os brasileiros foram dar uma força (...) como foram despreparados, pegou assim e mandou. Quer dizer você vai fazer uma comparação do que você leu, do que realmente é."*

(F7- 0.48'.34" – M1)

Apresentamos até aqui categorias e indicadores correspondentes aos Méritos do Telecurso 2000 que, através de suas qualidades intrínsecas, proporcionaram o encontro de evidências de transformações nessa comunidade. Essas transformações ou mudanças, como preferimos chamar, nos levam aos impactos dessa oferta teleducativa, neste tipo de recepção específica.

Entendemos por mudança conseqüências mais duradouras que vão além do manusear dos materiais. Evidenciamos, neste estudo, sinais de transformações nas próprias pessoas e em suas vidas de um modo geral, seja no trabalho, na família ou na escola, a partir da oportunidade do Telecurso 2000, como veremos a seguir.

#### **6.4 – IMPACTOS DO TELECURSO: DIMENSÃO EDUCAÇÃO**

Os **Impactos**, mudanças ou “efeitos” do programa Telecurso 2000 nesta recepção específica nos levaram ao encontro de três categorias na Dimensão da Educação: **Valorização Pessoal, Conscientização e Considerações do Campo.**

Na categoria **Valorização Pessoal**, detectamos evidências que apontam para a importância do ressaltar a auto-estima do aluno-trabalhador-cidadão, trazendo benefícios a sua comunicação interpessoal, à sua relação com a família e, por fim, em relação aos estudos e sua importância para a sua vida.

Entendendo a auto-estima enquanto uma idéia que a pessoa faz de si mesmo, conceituaremos o termo como “*a noção que o indivíduo possui de si mesmo e, ampliando essa interpretação, o amor que o indivíduo sente de si mesmo*”<sup>190</sup>. A auto-estima é formada pela auto-imagem e o autoconceito que a pessoa tem de si, desenvolvidos a partir de estímulos e informações que são recebidas do contexto social. Se avaliarmos as obras de Freud, perceberemos que ele foi um dos primeiros filósofos a pesquisar a auto-estima, ainda no início do século XX, sendo denominada por ele de amor-próprio, em que constatamos que a solidificar faz parte do processo de aprendizagem.

Atualmente, ela tem se tornado um critério de seleção de candidatos para diversas empresas que procuram nos níveis de auto-estima, verificar no candidato a sua capacidade de iniciativa e de busca de soluções sem esperar que alguém mande.

---

<sup>190</sup> CARVALHO, G. e CAMPOS, R. Eu tenho a força. **Revista Viver – Psicologia**, Editora Seguimento, São Paulo, n.º. 100, Ano IX, maio, 2001, p.26.

No indicador **Auto-Estima e Comunicação Interpessoal**, detectamos evidências que ressaltam: a perda da vergonha de fazer perguntas em sala; o reconhecimento em público pelo pronunciamento de palavras corretas; a facilidade de comunicação com superiores e estranhos; e, finalmente, a facilidade de se relacionar e de se posicionar no ambiente de trabalho, a partir do contato com a oferta educativa.

Destacamos aqui, seis evidências do indicador **Auto-Estima e Comunicação Interpessoal** que comportam as questões mencionadas acima:

*"A gente tem que saber sim, porque antes de voltar a estudar, eu tinha até medo de perguntar, vergonha de perguntar as coisas para as pessoas. Agora, não tenho mais não (...) Agora, eu vou na maior cara-de-pau, não quero nem saber."*

(F1 – 1.02'.30" – M2)

*"Quando se tem que lidar com o público como é o meu caso que todo final de semana sai aí para fora para fazer show, um pagodinho daqui prá lá. Então, a gente tem vários tipos de música. Então, as pessoas que estão ouvindo e que entende mesmo, essas pessoas chegam perto de mim e falam assim: Você levou sertanejo no pagode e seu português estava correto. Porque, não é só cantar ali não, você tem que saber pronunciar a palavra, porque sai tudo errado. Realmente, foi um show que a gente fez aqui em Ewbanck na festa, que uma vereadora, falou: Vocês estão de parabéns até no jeito de pronunciar as palavras. É isso aí, estão corretos."*

(F3 – 0.26'.50" – H1)

*"E a facilidade do estudo sempre ajuda demais as pessoas. Hoje em dia, eu chego perto de um chefe, como antigamente eu não chegava. Eu tinha vergonha, não vou saber responder a ele. Só dele se encaminhar par o meu lado eu tentava sair de lado, esse cara vem puxar assunto, eu estava sem jeito, não sabia falar. Hoje em dia não. Tenho diálogo com ele, se me perguntar, se souber eu respondo, se não souber eu tenho como me sair sem ter que precisar fugir dele."*

(F4 – 0.34'.40" – H2)

*"A gente aprende bastante coisa, não só durante a aula, como conversar, como falar as coisas certas, a gente perde a vergonha de chegar num algum lugar que a gente precisa resolver algum problema, a gente resolve direitinho, a gente não tem medo de conversar com os outros, porque eu por exemplo, antigamente, pra estudar eu tinha vergonha de chegar pro professor e perguntar. Eu achava que ele ia me dar uma resposta que eu não ia gostar, que eu ia ficar sem graça. Agora não! Agora, eu pergunto. Se alguém não me responder direito, eu tenho uma resposta pra dar direitinho. Se alguém me tratar mal, eu não vou tratar mal, eu vou saber responder, tratando bem, bem diferente."*

(F7 – 0.23'.40" – M5)

*"Venho pra aula, aprendi muita coisa né, aprendi a conversar, perdi mesmo, eu era assim uma pessoa muito envergonhada, eu tinha vergonha assim, às vezes eu ia em Juiz de Fora, e eu queria saber o preço, assim de uma roupa, qualquer coisa e eu não perguntava. Só se tivesse alguém comigo e eu pedia pergunta pra mim, porque eu não tinha coragem de perguntar. E hoje não! Eu pergunto, eu quero ver, experimento, não gostei devolvo. Agora mudou, mudou bastante sim. O Telecurso foi ótimo. Muito bom."*

(F7 – 0.33'.26" – M4)

*"Lá onde eu trabalho as pessoas vão almoçar, principalmente nessa época de prova, eles sentam na mesa e só se fala de assuntos de escola. E nessas épocas eu não sentava na mesa. Eu falava assim não, não vou sentar porque eu não vou entender nada do que eles estão falando (...) Então, agora a gente estudando também a gente tem como discutir com eles o mesmo assunto que eles estão falando. Porque é triste a pessoa não saber e a pessoa pergunta se você sabe e tem que falar que sabe, falar que tá certo ou errado, a gente concordar com a coisa que a gente não sabe se tá certo. (...) Agora, eu concordo, discordo, critico o que não sabe. Porque muitas das vezes (...) eles riam da gente, porque a gente não sabe e tenta falar pra eles o que é, aí eles riam. Agora a gente pode explicar pra eles certo, como está sendo, como tá acontecendo tudo. Nesse fato o Telecurso ajudou muito."*

(F7 – 0.39'.02" – H3)

No indicador **Auto-Estima e Família**, detectamos evidências que apresentam uma mudança substancial na relação familiar quando o pai se sente capaz de ensinar ao filho e por sua vez, quando os assuntos apreendidos em sala se tornam motivos de conversa e troca de informações, pautando o diálogo dentro de casa. Vemos, então, que não é apenas a televisão, como afirmam alguns autores, que pauta os assuntos de nosso cotidiano. A Educação também pode fazê-lo. Selecionamos duas evidências que ressaltam o indicador e sua relação com os estudos:

*"Então é assim, a pessoa diz (...) eu quero apenas aprender melhor para quando meu filho me perguntar alguma coisa, eu conseguir pelo menos entender o que ele está perguntando."*

(F1 – 0.42'.33" – M6)

*"Mudou sim, muitas vezes, assim, algumas coisas eu não sabia nem falar direito, né. Aí, falava errado. Agora não, eu já falo corretamente. Uma coisa assim, que eu não sabia, que eu vejo, assim no TC, eu chego em casa toda feliz, falo para minhas filhas, porque eu tenho uma de 15 e uma de 16. Aí, eu falo, puxa, hoje, eu aprendi isso e eu não sabia."*

*Tem coisas que eles também não sabiam e eles ficam radiantes porque, puxa mãe é assim? A minha mãe agora está toda metida porque ela aprendeu isso."*

(F2 – 0.20'.40" – M2)

No indicador **Auto-Estima e Estudos**, detectamos afirmações que ressaltam: a satisfação dos entrevistados em voltar a estudar; de testar seus conhecimentos mesmo em programas televisivos como o Show do Milhão, do SBT – Sistema Brasileiro de Televisão; e de poder falar sobre diversos assuntos nas relações de trabalho, como veremos a seguir:

*"Além da auto-estima, que é um fator marcante na maioria dos meus alunos (...) principalmente, das pessoas mais idosas, daqueles que sentem satisfação de botar o caderno debaixo do braço e sair para a escola."*

(F1 – 0.42'.33" – M6)

*"Mas, agora esse Jogo do Milhão, eu não perco um dia. Antes, de todo mundo falar, eu quero falar para ver se eu acerto. Então, o interesse da gente é muito maior, porque está adquirindo o conhecimento. (...) Então, você quer testar até onde está melhorando na sua vida. E melhora muito mesmo."*

(F1 – 0.42'.33" – M6)

*"É que eu trabalho com restaurante, então, a gente ficava com vergonha de sentar na mesa com o pessoal, porque lá, a maioria estuda o TC. Então, eles discutiam o assunto e eu ficava com vergonha de talvez sair um assunto e da gente não saber do que estava falando. Então, agora, com a gente estudando também, junto com eles ali, se sair aquele assunto, a gente tem como debater com eles, porque a gente está estudando (...) Hoje, não. Hoje, eu posso sentar em qualquer mesa com eles, que a gente conversa sobre qualquer coisa sobre a escola."*

(F1 – 0.42'.33" – M6)

A importância da Auto-Estima é verificada hoje nas empresas pós-modernas pelos cursos promovidos por elas próprias que, “ visam não mais a um treinamento técnico, mas a reforçar a auto-estima dos empregados, procurando passar a visão estratégica de longo prazo da empresa”<sup>191</sup>. No âmbito estrito da Educação, conforme Walter Garcia, a associação da Educação à Distância aos diversos meios de comunicação, especificamente rádio, jornal, televisão e computadores, ocasiona uma recuperação do tempo perdido que, vinculada ao

---

<sup>191</sup> SAMPAIO, Nadja. Empresas investem em aulas para funcionários. **O Globo**, Rio de Janeiro, Caderno de Economia, 13/06/2000, p.32.

apelo do *moderno* e do *novo*, pode funcionar “*como um catalizador de elevação da auto-estima, frente a uma realidade pobre e com poucas perspectivas de transformação*”<sup>192</sup>.

A segunda categoria de Impactos da Dimensão Educação detectada neste estudo privilegia a categoria **Conscientização**, que envolve indicadores e evidências que vão desde a consciência da vida em comunidade ao senso crítico em relação à Educação e à necessidade de estar sempre estudando, na busca de um futuro melhor, como veremos nos indicadores de: **Vida em Comunidade, Gosto pelo Estudo, Busca de Conhecimento, Continuidade dos Estudos, Força de Vontade, Relação Estudo e Família e Senso Crítico em Relação à Educação.**

Para conceituarmos a categoria **Conscientização**, remetemo-nos aos defensores da Educação Popular que se fortaleceu a partir de 1988, com o movimento para uma educação pública popular. Dos pensadores da pedagogia contemporânea, podemos destacar Paulo Freire que, numa visão humanístico-crítica, contribuiu para uma concepção dialética da educação.

Ao rever a contribuição de Paulo Freire ao pensamento educacional brasileiro, Moacir Gadotti destaca, em sua teoria pedagógica, o incentivo à pesquisa participante e aos métodos de ensinar. Conforme Gadotti, seu modelo de formação da consciência crítica, passa por três etapas de desenvolvimento: a **Investigação**, onde é descoberto o vocabulário e a linguagem; a **Tematização**, onde os temas descobertos são codificados, decodificados e contextualizados, numa visão crítica e social; e, por último, a etapa de **Problematização**, na qual se descobrem limites, potencialidades e desafios que despontarão numa *praxis* transformadora. Segundo Gadotti, “*sua pedagogia é uma pedagogia para a libertação na qual o educador tem um papel diretivo importante*”<sup>193</sup>.

---

<sup>192</sup> **GARCIA**, Walter E. Legislação, políticas públicas e gestão para o ensino à distância. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, nº. 139, v.25, nov-dez., 1997, p.16.

<sup>193</sup> **GADOTTI**, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. Ed. Ática, São Paulo, 1993, p.234.

Para Gadotti, esse novo movimento acredita que o Estado tem condições e obrigações de acabar com o nosso atraso educacional, mas sem deixar de lado a participação da sociedade organizada, numa reorganização político-administrativa de caráter participativo.

Na busca de indicadores de Impacto da categoria de **Conscientização**, classificamos, a partir daqui, indicadores e evidências que demarcam as reflexões destes atores sociais em relação aos estudos, a eles mesmos, à família e à educação.

Nesse sentido, no indicador **Vida em Comunidade**, destacamos como evidências: a consciência ecológica de que não se deve jogar lixo no rio da cidade; e a constatação da importância de manter os filhos na escola para lhes assegurar melhores oportunidades, cultura e cidadania. Destacamos aqui, duas evidências:

*"Eu brigo muito com eles, tem o rio que passa quase no fundo da casa de todo mundo, o Paraibuna aqui, que é onde todo mundo jogava o lixinho. Aí, um dia, a gente conversando que tinha uma enchente horrorosa, inclusive na minha casa entrou água prá danar. E o pessoal culpando o Prefeito porque o rio estava cheio de capim. Eu nunca soube que capim segura água. O que segura água é lixo, é bananeira, é sofá, televisão, é tudo que vocês jogam dentro do rio. Há, não é por aí que o rio leva tudo. É leva até onde ele consegue carregar. Então, hoje em dia, quando eles passam e vêm o lixo dentro do rio, já dizem, já tem pessoal jogando lixo no rio."*

(F1 – 0.36'.00" – M6)

*"Eu tive a oportunidade de conversar com dois alunos e esses dois alunos fizeram o seguinte comentário: que eles já sentiam no dever, na obrigação, eles são pais, e tem os alunos matriculados em escolas aqui do município. Que sentiam o dever, a obrigação de manter os alunos na escola, mas que hoje eles passam a enxergar isso com amplitude muito maior que tinha anteriormente. Hoje ele não pensa que manter o aluno na escola não é obrigação do pai, mas que manter o aluno na escola é criar condições para que seu filho possa crescer, sob todos os aspectos, do ponto de vista cultural, que até então era manter na escola porque tem que estudar, porque é a obrigação dele é estudar e porque ele precisa estudar porque o estudo é um passaporte para um emprego melhor, para salários melhores. Hoje ele vê também sob um outro aspecto, é a questão da cultura, da própria cidadania, são outros enfoques que ele passou a ter."*

(F6 – 0.36'.15" – H10)

No indicador **Gosto pelo Estudo**, evidenciam-se as mudanças de concepção em relação aos estudos, onde destacamos evidências que refletem: a importância do encontro com os colegas de classe; que estudar serve para “esfriar a cabeça” dos problemas da vida; que tem que se gostar dos estudos para se ter um bom proveito; que esta oportunidade ofertada deve continuar; e que, mesmo sendo as matérias em princípio difíceis, depois de “encaixarem” na cabeça, passam a ser apreciadas. Destacamos aqui, cinco evidências:

*"A gente aprende muita coisa (...) A gente fez novos amigos, nossa, conhece tanta gente. É muito bom, eu gosto. O dia em que eu não venho prá aula, eu me sinto mal. Está faltando alguma coisa sabe, eu gosto."*

(F2 – 0.07'.05" – M2)

*"É para mim foi ótimo, porque eu só via televisão, né. Para mim foi ótimo, eu adoro vir estudar. Sem contar os problemas de casa. Aí vem para cá e esquece tudo."*

(F2 – 0.09'.45" – M3)

*"O principal é gostar do que está fazendo, porque quando a gente estuda e não gosta, não aprende. Não adianta que não aprende. Eu sempre gostei de estudar e eu sempre senti facilidade de guardar as matérias do que eu estudo. Então, eu acho que o principal é gostar do que está fazendo."*

(F3 – 0.45'.2" – H3)

*"Agora é que apareceu essa oportunidade e a minha filha me deu a maior força, vai, e, eu vou mesmo. Eu adorei, gostei, não quero parar não. Se der, eu vou continuar até onde der."*

(F4 – 0.09'.20" – M1)

*"Eu acho que as matérias só se tornam ruins quando a gente não entende elas, quando ela não encaixa direito. Depois que ela encaixa direitinho, a gente passa a gostar. Eu não gostava muito de matemática agora, eu estudando um pouquinho em casa, também no livro, a gente vai aprendendo passo-a-passo do que está sendo ali, explicado."*

(F4 – 0.40'.55" – H1)

No indicador **Busca de Conhecimento** detectamos evidências de que: a busca de informação mobiliza o aluno; o vídeo possibilita que o aluno assista à aula pela manhã e possa revê-la à noite em sala, com a professora; e que, com o desenvolvimento dos estudos, o aluno

passa a “correr atrás” de suas indagações, investindo em seu próprio conhecimento.

Destacamos aqui três evidências desse indicador:

***"Tem uma aluna, é até a Afrânia, que pegou um livro desse tamanho, de ensino fundamental e tudo que a gente dá aqui, ela fica procurando no livro, aí chega e diz: Há eu vi isso em determinado lugar."***

(F1 – 0.39'.45" – M6)

***"E sou totalmente a favor do vídeo. Gosto das aulas do vídeo, portanto, eu pego as aulas de manhã também, do vídeo, às 6 horas da manhã. Prá mim, é interessante."***

(F3 – 0.35'.40" – H2)

***"Em tudo eu vou atrás do porquê. Tinha um exercício lá, que tinha uma resposta tal e eu queria saber o porquê daquela resposta, porque tinha que ser aquela resposta. Tinha coisa que a gente achava que não tinha nem lógica, mas era a resposta certa. Aí a gente procurava saber por que (...) Fiquei muito mais curiosa, muito mesmo. Tudo eu tenho que saber porquê, tenho que saber a explicação. Tem que ter uma explicação porque aquilo é daquele jeito."***

(F7 – 0.23'.14" – M5)

O indicador **Continuidade nos Estudos** demonstra o amalgamento do Gosto pelo Estudo com a Busca de Conhecimento, propiciando a vontade de alçar vôos mais altos no campo da Educação. Vale ressaltar que esse indicador motivou a participação do grupo pesquisado, apresentando uma incidência de dezenove evidências que ressaltam a sua importância, embora, por questão de síntese, destaquemos apenas três evidências que resumem a visão geral dos educandos:

***"E essas mesmas pessoas não estão mais satisfeitas só com o Ensino Fundamental. Elas querem o 2º e se conseguirem o 2º, vão querer o profissionalizante. Então é assim, esse aumento, essa idéia de que pode ir além, e por que não?"***

(F1 – 0.42'.33" – M6)

***"Aí, quando apareceu essa oportunidade, eu aproveitei e estou aqui. Até hoje eu tenho vontade. A minha maior vontade é de ser arquiteta. Não sei se vou chegar até lá, quem sabe, né? Eu pretendo acabar, fazer o 2º grau se tiver, fazer e se tiver oportunidade, fazer o 2º grau e chegar à faculdade, se Deus me ajudar."***

(F4 – 0.12'.00" – M2)

***"Vamos fazer a prova agora em junho e se Deus quiser vamos eliminar e partir pro 2º grau, é uma grande jogada. Agora, se fosse prá começar lá de baixo, ficaria muito difícil, não teria como, pela idade que a gente já está e tudo prá acompanhar."***

(F4 – 1.07'.55" – H2)

No indicador **Força de Vontade**, vemos evidências que demonstram a convicção de que para que todo esforço possa ter um resultado satisfatório é necessário que: exista um mínimo de iniciativa por parte dos próprios alunos; a esperança de que irá conseguir chegar ao final; e, por fim, de que tem que ter perseverança e estar sempre tentando. Destacamos três evidências que denotam o exposto acima:

***"Mas se não tiver um incentivo deles, uma iniciativa deles, não vai. Eu acredito que essa forma de mostrar que tem que ser dele, da vontade dele, eu acho isso muito gratificante dentro do Telecurso, mostrando para eles que é da iniciativa deles mesmo, mostrando assim, se eu estudar eu vou conseguir."***

(F1 – 0.34'.20" – M6)

***"Minha filha estudava em Juiz de Fora e na formatura tinha um senhor de uns 60 anos, se formando também, em Pedagogia como ela. Então, era aquela turma de jovens e ele lá. Eu achei bonito. Então, eu acho que é um exemplo que a gente deve seguir. Porque se eu posso, por que um jovem não pode? Eu tenho esperança, a gente vai conseguir sim."***

(F2 – 0.13'.50" – M1)

***"Eu já sabia a matéria, não é tão difícil assim, tornei a fazer as três, graças a Deus, não estudei tanto, e passei nas três. Quer dizer, é o sistema psicológico. A primeira vez, a gente vê como é que é, não é tão difícil, é fácil."***

(F3 – 0.48'.55" – H2)

No indicador **Relação Estudo e Família**, percebemos as mudanças ocorridas no ambiente familiar quando os próprios pais voltam a estudar para estimular os filhos e, mesmo afastados da escola por muitos anos, conseguem superar seus dependentes. Destacamos duas evidências que resumem essa idéia:

***"Tenho pais que começaram a estudar porque o filho estava precisando de ajuda na escola. Não sabia nem o que a gente podia ver. Começaram a estudar por causa disso. Exemplo, né, há eu estou estudando para dar exemplo para meu filho."***

(F1 – 0.50'.40" – M6)

*"Temos aqui uma experiência que nós poderíamos contar também nessa primeira turma, nós temos a mãe e filho, a mãe sendo aprovada e o filho sendo reprovado. E o filho por total desinteresse né. Nós já tivemos até uma conversa com ele e foi para nós, assim, gratificante, saber que a mãe, há vinte anos fora da escola, ela foi aprovada porque ela teve interesse, não só de freqüentar as aulas, vontade de aprender, quer dizer, uma pessoa que tá há mais de vinte anos fora da escola e está sendo aprovada."*

(F6 – 0.16'.30" – H10)

Por último, no indicador **Senso Crítico em Relação à Educação**, verificamos em seus discursos que: a escola tem que abraçar os recursos tecnológicos para poder mudar; a Educação de hoje é bem mais proveitosa; e que além de ser mais rápida, conta também com os diversos meios de comunicação. A seguir, três evidências que conjugam os depoimentos proferidos:

*"É o que a gente estava falando do dia-a-dia, né. Se fizer isso, essa abertura, não só para a tecnologia do vídeo, (...) se a gente não correr atrás disso, se as escolas não correrem atrás disso, ou você, ou as pessoas que conseguem mesmo fazer mágicas, porque tem lugares aí que você sabe que não tem nem energia elétrica, quanto mais o resto. Mas aqueles que têm essa condição e não aproveitarem, eles vão ficar aquém e vão ficando como uma escola chata. Aquela escola do menino sentado, do professor lá na frente, se ela não modificar, vai ficar para trás. E quem vai ser o maior prejudicado? São nossos filhos, o nosso futuro."*

(F1 – 1.38'.40" – M6)

(Educação) *"Hoje é bem melhor com certeza. Porque, o método do ensino vem com novas matérias, novos conhecimentos. Por isso, que hoje em dia, eu acho que está bem melhor."*

(F3 – 1.27'.20" – H1)

*"A Educação de antes era, não é que era ruim, era boa, era mais rigorosa mas, era devagar. Agora, o que a gente aprendeu com 10, 12 anos, nossos filhos aprendem com 5, 6 anos. A gente passa para eles mais rápido e isso com a ajuda da comunicação, de televisão, rádio, jornais e revistas. Antigamente, não existia isso. Antigamente, eu acho que era só professor e rádio, que tinha para passar isso prá frente. Agora, a gente tem vários meios para passar isso prá frente. Então, a Educação de hoje já está mais evoluída."*

(F3 – 1.29'.40" – H3)

A última categoria de Impactos a ser analisada na Dimensão Educação é a **Considerações do Campo** que, conforme toda a Avaliação Institucional, aflora das interações com os interlocutores do processo, apontando aspectos importantes para o desenvolvimento do programa, ressaltando as dificuldades, necessidades, diversidades e sugestões dos atores sociais, contemplando, também, a interferência dos pesquisadores no trabalho de campo junto à clientela pesquisada. Detectamos nessa categoria dez indicadores das considerações do campo obtidas nesta interação: **Diversidade da Clientela, Dificuldades de Desenvolvimento Local, Dificuldades da Prefeitura, Dificuldades do Aluno, Dificuldade de Uso do Vídeo, Necessidade de Capacitação Profissional, Necessidade do OA, Necessidade de Oportunidades de Ensino, Sugestões do Campo e Interferência da Equipe no Campo.**

O indicador **Diversidade da Clientela** apresenta como característica principal a diversidade de composição da turma com alunos de faixas etárias diferentes, necessitando do Orientador de Aprendizagem uma atenção maior diante das diferentes experiências e visões de mundo. Por sua vez, temos, também, numa mesma turma, objetivos distintos, quando alguns vêm o curso com propósitos profissionais e outros como possibilidade de aquisição de conhecimento, como podemos perceber nos depoimentos abaixo:

*"Nós temos alunos de 17 a 60 anos, uma faixa bem variada, mas a preocupação, a característica comum, trabalhadores, pais de família, mães de família. Pessoas que estão vislumbrando mesmo uma vida melhor que está vendo as dificuldades que estão aí fora. Mas, principalmente, trabalhadores que precisam, precisam mesmo e que se não correr o bicho vai pegar."*

(F1- 0.31'. 18" – M6)

*"Claro que nós temos que levar em consideração que há alguns alunos nessa turma que nós temos hoje que acreditam, não vêm o curso apenas como a aquisição simples e pura de conhecimentos, de cidadania, vêm o curso com objetivo profissional. Mas temos aqueles também que não têm a coisa só pelo lado profissional, (...) que tem interesse mesmo de aquisição de conhecimentos voltado para o lado da questão educacional pura e simples e cultural e etc."*

(F6 - 0.38'. 02" – H10)

No indicador **Dificuldades de Desenvolvimento Local**, percebemos como obstáculo para o desenvolvimento local a falta de empresas na cidade, bem como de cursos profissionalizantes para melhor qualificação da população. Apresentamos aqui, três evidências desse indicador:

*"A gente vê que de um tempo para cá a coisa foi piorando e Ewbank está se tornando praticamente uma cidade dormitório. As pessoas estão saindo daqui para prestar serviços em Santos Dumont, em Juiz de Fora, nas cidades vizinhas e a maioria das vezes, serviços mais pesados por falta de cultura. Cultura não, desculpe, pela falta de diploma, vamos colocar assim. E há uma deficiência muito grande."*

(F1 - 0.09'. 16" – M6)

*"Pra ajudar a cidade a crescer é continuar com os estudos aqui né. Graças a Deus estamos indo muito bem. Por essa escola aqui, teve uma melhora dela aqui, mais quatro salas que aumentou aqui, muito bom. Trazer cursos né, profissionalizantes pra gente. Porque todas as firmas querem um lugar pra se instalar mas querem saber o grau de qualificação do pessoal. Quer dizer, quanto mais facilidades a gente tiver assim, aqui dentro, mais firmas vão trazer (...) se Deus quiser vai vir cursos pra cá e nós cai dentro, se Deus quiser."*

(F7 - 1.09'. 13" – H2)

*"Não é só curso também não, é firmas mesmo. Mesmo pequenas firmas né, pra dar emprego pra esse povo aqui, que o povo de Ewbank é muito sofrido né. Eu falo de cadeira porque enfrentar essa fila desse cinco e meia da manhã pra ir no ônibus das seis horas não é fácil não. Se tivesse emprego aqui, né, é bem mais fácil porque tem muita gente precisando trabalhar."*

(F7- 1.09'. 54" – M2)

No indicador **Dificuldades da Prefeitura**, percebemos os efeitos da Dificuldade de Desenvolvimento Local, quando a falta de empresas na região fragiliza a receita orçamentária da Prefeitura que, mesmo empenhada em dar Educação a sua comunidade, não consegue obter arrecadação satisfatória para a compra de material didático, principalmente junto ao governo, como podemos constatar nas evidências abaixo selecionadas:

*"Há mais de um ano, nós começamos em setembro de 98. Nós já estamos quase formando. Tem alguns alunos como ouvintes, porque é uma questão de verba, tem que ver como é que vai ficar isso, como que vai funcionar. O Secretário de Educação passou, a última vez que eu estive conversando com ele, que a gente teria que ver verba mesmo"*

*porque, para poder continuar. Então eu tenho alguns alunos que estão fazendo o curso mas assim, assumiram compromisso comigo, estão vindo tá, me procuram, porque essa primeira turma está terminado. Então, se eu não tiver, se nós não tivermos condição de continuar, eles estão cientes de que a gente tem compromisso com essa primeira turma, que começou, tá, e tem alguns alunos é que eu falo ouvintes porque eles nem participam, mas eu tenho cadastro deles. Justamente, com essa preocupação da gente não poder dar continuidade aos estudos deles."*

(F1- 0.20'. 15" – M6)

*"O material de apoio tem um custo. Nós, o ano passado, dentro da sistemática do Fundo Nacional para Desenvolvimento da Educação, nós apresentamos uma proposta de trabalho junto ao Fundo e nessa proposta nós esperamos conseguir recursos para que nós comprássemos o material didático, os livros individuais para todo o programa. Apresentamos o projeto, o plano de trabalho foi aceito pelo FNDE, mas não na sua totalidade. Nós fizemos uma solicitação de aproximadamente três mil e seiscentos reais que acreditamos ser suficiente para conclusão desse trabalho né, dessa primeira turma que aí está, só que recebemos apenas um mil e trezentos reais, esse recurso, parte dele, já foi utilizado na compra de alguns livros, mas nós vamos precisar de mais recursos"*

(F6 - 0.08'. 53" – H10)

*"A pergunta que não temos resposta, é se a médio e a longo prazo se vamos continuar com os meios necessários, com recursos exclusivamente dos cofres municipais de manter o programa, até porque é interesse do município."*

(F6 - 0.10'. 11" – H10)

No indicador **Dificuldades do Aluno**, encontramos evidências demarcadoras das dificuldades na vida dos alunos para estudar, seja por questões financeiras, cansaço físico, assimilação dos conteúdos ou problemas familiares, como percebemos nas evidências abaixo:

*"Para pessoas que ficaram como eu tenho alunos aqui, de 40, 50 anos e que estão fora da escola há 20, 30 anos, pessoas que chegaram a fazer só mesmo o primário e muitas das pessoas até mal o primário fizeram e estão tentando. Então é muito difícil assimilar muita coisa."*

(F1 - 0.27'. 22" – M6)

*"Eu tenho alunos aqui que chegam a dormir em sala de aula. Às vezes um colega mais descansado vai mexer, vai brincar, eu falo, não, gente, deixa, ele vai recuperar isso depois. (...) um sacrificio muito grande, pessoas que vem direto do trabalho (...) São pessoas que estão correndo atrás por necessidade. Por sentir que a coisa está apertando, está afunilando e se não correr atrás, eles vão perder mesmo. Pessoas que basicamente, que trabalham fora de Ewbanck, como eu falei,*

*domésticas, pedreiros, auxiliar de pedreiros, (...) Então, são pessoas bastante sacrificadas, muito mesmo."*

(F1 - 0.32'. 20" - M6)

*"Porque, quando eu era mais jovem um pouquinho, o meu pai me tirou da sala de aula para poder ajudar a manter a casa. Ao todo somos 5 irmãos, onde ele trabalhava sozinho prá sustentar a casa e achou um pouquinho de dificuldade e falou: Meu filho, hoje, infelizmente, você vai ter que sair da aula. Nós roçávamos pasto, eu não tenho vergonha de falar, porque isso é uma realidade. Então, eu falei: Pai essa vida tem que mudar. O jeito é enfrentar isso aqui. Era marimbondo mordendo, era aquela coisa, sabe?"*

(F3 - 0.08'. 27" - H1)

*"Porque eu sempre tive vontade de estudar, de me formar. Só que eu nunca tive condição. Eu fiz o Supletivo, porque, na época, era Supletivo. Aí, fiz a 8ª série, mas aí, não tive oportunidade de fazer as provas finais porque eu trabalhava de doméstica e morava no emprego. Aí, fiquei sem emprego. Tive que morar no Rio. Tive que morar muito longe. Fui para o Recreio dos Bandeirantes e eu estudava na Lagoa. Aí, não tinha como eu vir. Na época não tinha ônibus. Aí, eu fiquei. Eu parei, né. Aí, casei, mas o meu sonho de toda minha vida foi de me formar. Eu tinha verdadeira loucura para me formar. Acho tão bonito a pessoa estudar, se formar, ser alguém. A pessoa falar: há! fulano é um engenheiro, é um professor. Acho tão bonito. Acho, também, pela cultura, né?"*

(F4 - 0.12'. 00" - M2)

*"Depois desse tempo todo, quase 50 anos, que eu só tinha até a 4ª série, mas faltava oportunidade, porque só tinha outros cursos fora de Ewbank. E minha irmã estudava, meu irmão também, então eu via que pesava em casa, né? Para os três não tinha condições, então deixe, parei na 4ª série, mas sempre tinha vontade."*

(F7 - 0.13'. 29" - M1)

No indicador **Dificuldade de Uso do Vídeo**, constatamos como dificuldade de uso da tecnologia do vídeo na transmissão de conteúdos, a Matemática como sendo a disciplina que mais necessita de outras formas de interação, além dos diversos recursos metodológicos do Telecurso 2000, como o uso do livro do próprio TC e da intervenção do professor.

Percebemos, nesse indicador, que, quando é usado vídeo de Matemática, é necessário, e se solicita, uma desaceleração no ritmo para uma melhor captação do conteúdo. O trabalho do professor é ressaltado nesse momento, quando lhe é cobrada uma atuação e desempenho mais contundentes para suprir a dificuldade expositiva do material didático.

Em entrevista para a repórter Elaine Bardanachvili, do **Jornal do Brasil**, Ubiratan D'Ambrósio, professor da Universidade de Campinas, descreve a Matemática como uma manifestação cultural. Para ele, como todo conhecimento, ela está ligada à realidade, sendo o resultado de abstrações feitas a partir do real. Em sua concepção, *“familiarizar-se com o real, com o concreto, ser curioso sobre fatos e fenômenos, saber relacioná-los é o ponto de partida para, depois, representar esses fatos e fenômenos, criar sinais e códigos para essas representações e, num outro estágio, trabalhar abstratamente sobre essas representações”*<sup>194</sup>. Conforme Ubiratan D'Ambrósio, essa combinação possibilita que a Matemática seja um processo criativo e de características lúdicas.

Para que se possa ter um nível de abstração para aquisição não só da Matemática, enquanto conteúdo disciplinar, é necessário obter condições de vida adequadas, ensino de qualidade e possibilidades de poder usufruir de bens culturais diversificados e formas de lazer. Infelizmente, em países do terceiro mundo, como o Brasil, essas condições são inexistentes, tornando especialmente a Matemática uma disciplina de rejeição histórica, pela dificuldade de se lidar com ela, tanto com crianças quanto com adultos. Por sua vez, existe um certo descompasso entre a Matemática ensinada na escola e a usada na vida real. A Matemática é apresentada na escola como algo que vai ajudar o aluno em sua vida, mas essa utilização na prática não acontece.

Essas observações e as evidências encontradas no campo permitem-nos afirmar que o uso da tecnologia do vídeo, nas aulas de Matemática do Telecurso 2000, precisa de uma melhor adequação ao ritmo de aprendizagem do trabalhador brasileiro, que reclama da rapidez com que os conteúdos da Matemática são apresentados. Em outras palavras, o vídeo é rápido demais para ele poder acompanhar. É neste momento que se retorna ao livro, na busca de uma redução desse ritmo frenético das imagens e é, também, nesse momento, que o trabalho do professor se intensifica para que o aluno possa entender o conteúdo da disciplina. Destacamos dois

---

<sup>194</sup> **BARDANACHIVILI**, Elaine. Quem tem medo da Matemática? **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno Educação & Trabalho, 10/09/2000, p.2.

depoimentos que ressaltam a excessiva velocidade do vídeo e a necessidade pontual do trabalho do professor junto aos alunos:

*"Eu não digo melhorar, em questão de programas eu não diria melhorar. Eu acho que só o vídeo em Matemática, eu acho que, é lógico em algumas aulas não tem o menor problema. Mas só o vídeo em Matemática, às vezes, dificulta. Eu acredito até que pela rapidez. Não tem uma seqüência, não seria seqüência, não tem um passo-a-passo. Não tem aquele passo-a-passo que a gente vai fazendo com a pessoa, com o aluno e que ele vai entendendo, o que você está fazendo (...) Passa lá no vídeo muito rapidamente. Eu acho que o acompanhamento para quem já tem uma noção, OK? Mas, para o pessoal aqui, que são pessoas que estão há muito tempo fora da escola e, fora que, da Matemática todo mundo tem medo. Eu acredito que são rápidas demais. A questão seria essa - muito rápido."*

(F1 - 1.16'. 50" - M6)

*"Pelo vídeo só, eu não tinha aprendido nada. Foi mais pelo livro e o professor clareando. Porque a Matemática tem que ter um raciocínio mais lento. Você tem que pensar bem. Não dá tempo, no vídeo não dá."*

(F4 - 0.42'. 25" - M1)

Percebemos, aqui, alguns fatores complicadores em relação à rapidez do vídeo visto que o conteúdo é dado da mesma forma que é para a criança e para o adolescente. Para o trabalhador é necessário que o ensino da Matemática tenha aplicação imediata em sua vida cotidiana. Por sua vez, em alguns casos, há uma espécie de esquizofrenia entre a proposta pedagógica do TC e o que é pedido nas provas do Supletivo que, por sua vez, também, necessita de uma reformulação. Neste sentido, torna-se difícil propiciar, por exemplo, nas aulas de Física, o desenvolvimento do pensamento formal, quando os alunos se encontram ainda num estágio operatório concreto.

No indicador **Necessidade de Capacitação Profissional**, percebemos, nas evidências encontradas, a consciência da relação direta entre empregabilidade e os estudos. Torna-se claro para os interlocutores que, só com os estudos, eles conseguirão manter seus empregos, assim como subir na empresa, através de requalificações constantes. Convém ressaltar que esse indicador apresentou um grande índice de evidências, totalizando vinte e oito evidências.

Destacamos cinco, que resumem as percepções apontadas:

*"Se não estudar fica difícil de você conseguir emprego. Porque, hoje em dia, até para você trabalhar de faxineiro, você tem que ter um pouco de estudos. Servir um cafezinho assim, em algum lugar, você tem que ter um pouco de estudos. A pessoa tem que saber ler, conversar com uma autoridade maior, eu acho que tem estudar, tem que ser alguém na vida, né. Até para varrer rua aí, ser gari, tem que estudar, porque, senão, não consegue. Antigamente, não, era mais fácil. A pessoa que é analfabeto de tudo, não sabe ler, não sabe escrever, não sabe nem conversar, como é que ele vai conseguir emprego? Não consegue. Então, eu acho que essa oportunidade do TC."*

(F2 - 0.15'.425" – M2)

*"Prá mim é uma realidade porque, por exemplo, hoje em dia, sem estudo a gente não consegue nada. É difícil conseguir emprego. Eles estão exigindo."*

(F3 - 0.02'. 50" – H4)

*"Lá, outro dia, chegou o chefe mesmo, o 'Homem da Boca Larga', chegou, sentou na mesa, era de manhã, não tinha ninguém no refeitório. Aí, ele chegou, sentou, me chamou para conversar. Perguntou se eu estudava, o que eu estava fazendo. Aí, falei para ele que estava estudando no TC. Aí, ele me falou: continua e assim que você tirar o TC você me procura que a gente dá um jeito de melhorar a sua situação aqui na empresa."*

(F4 - 0.33'. 10" – H3)

*"Onde eu trabalho também, eu trabalho de segurança, aí também o meu sonho era seguir a carreira militar, mas não deu porque o meu estudo é pouco. Aí, o major pediu pra que eu estudasse mais um pouco, fizesse o 2º grau. Tá meio bravo, com certeza eu chego lá ainda. E esse é o motivo d'eu estar aqui estudando no Telecurso 2000. É isso aí."*

(F7 - 0.41'. 04" – H1)

*"Na firma, onde eu trabalho, na Paraíbuna de Papéis (...) tem pessoas que saem e vai prá ficar dois meses em São Paulo, por exemplo, prá fazer cursos, prá aprimorar isso aí que não está bom. Então, a gente só tem a ganhar, tanto a empresa, como o funcionário que nunca pára de estudar, se atualizando."*

(F4 - 1.07'. 00" – H2)

No indicador **Necessidade do OA**, destacamos evidências que ressaltam a importância do Orientador de Aprendizagem, não somente por sua arte em transmitir conhecimentos mas, principalmente, pelo carinho e dedicação ofertado a sua comunidade, fazendo esse professor ser considerado como uma pessoa da família, como observamos nos discursos abaixo:

***"Eu agradeço a professora que eu vim devolver os livros e ela me fez voltar com os livros. Não você vai continuar, me deu uma grande força, sabe."***

(F2 - 0.06'. 30" – M2)

***"A professora também ensinou muita coisa pra gente. Não, não é só o que estava no livro, porque a gente veio pra estudar, pra saber uma coisa, pra fazer uma prova, só que a gente ganhou muito mais do que o saber da gente, a gente ganhou a amizade da professora, o afeto dela. Ela é muito carinhosa. Ela não parece uma professora, ela parece uma pessoa da família da gente. (...) Agora, mesmo nos dias que a gente não tá estudando a gente procura ela. Qualquer coisinha que acontece com a gente, a gente vem contar pra ela correndo. Ela passou a ser parte da família da gente mesmo."***

(F7 - 0.23'. 40" – M5)

***"A professora que realmente ela dá uma atenção muito importante pra gente né. Muito interesse, qualquer dúvida, qualquer coisa que vinha aqui, nas provas ela fica numa preocupação, querendo ver, vibrando com a gente né."***

(F7 - 1.39'. 47" – M1)

Mas, em nada adianta o trabalho, o carinho e a dedicação do Orientador de Aprendizagem se não existir a oportunidade dos estudos por parte dos órgãos municipais ou comunidades empenhadas no desenvolvimento de seus pares, como percebemos no indicador **Necessidade de Oportunidade dos Estudos**. Ao ser ofertado o ensino pela Prefeitura, seu retorno imediato proporcionou o entusiasmo e a participação da sociedade, sendo percebido o reconhecimento da iniciativa e a vontade de abraçar a causa, como podemos perceber nas evidências selecionadas:

***"Depois do TC veio a oportunidade para pessoas iguais a mim, que tinha um tempo afastado da escola porque não tive a oportunidade de fazer o 1º grau completo, por isso eu não fiz. Então deu muita oportunidade prá mim e prá várias pessoas. Quando começou o ginásio, de 5ª a 8ª, eu pensei em começar, mas aí, dona de casa, criança, então tive essa oportunidade e muitas outras pessoas. Então o TC deu oportunidade para muita gente."***

(F2 - 0.01'. 38" – M1)

***"Eu antes né, tinha vontade assim, de voltar a estudar né, porque parei na 8ª série, aí casei, perdi as provas finais, aí eu fiquei né. Tinha o que, 17 anos, que eu estava fora da escola. Aí, surgiu a oportunidade e eu comecei."***

(F2 - 0.06'. 30" – M2)

*"Agora, hoje, praticamente, aí, eu vou levar essa Telessala aí, que está dando mais oportunidade para as pessoas que não puderam estudar anteriormente e está tendo agora."*

(F3 - 0.03'.50" - H1)

*"E prá gente aqui, nós temos tudo de graça. E nós temos que aproveitar essa oportunidade. Porque, nós temos aqui de graça as pessoas, os livros, só basta a boa vontade da gente."*

(F3 - 0.28'. 50" - H4)

*"A idéia da Prefeitura quando iniciou o programa era de oferecer a oportunidade a todos aqueles que tivessem interesse, que manifestassem interesse em se matricular. Prova é que nós fizemos essa abertura agora, esses alunos da Colônia São Firmino que manifestaram interesse, que não tinham condições, mesmo a Prefeitura oferecendo transporte, de estudar aqui na sede do município, nós criamos essa nova turma como forma de oferecer o programa a todos aqueles do município, sem discriminação, a oportunidade de participar do programa."*

(F6 - 0.10'. 11" - H10)

*"Eu voltei a estudar por causa dessa oportunidade né? De ter o Telecurso aqui em Ewbanck porque na época que eu estudava e tudo, eu não levava muito a sério né? No meu tempo, no caso, a gente com o (...) primário tinha serviço e tal, tudo bem, não era tão exigido assim. E como a gente começa a trabalhar mais cedo, eu comecei a trabalhar muito cedo. Aí ficava difícil de estudar e trabalhar. E também nas oportunidade que eu tinha também, em vez de estudar a verdade é que eu ia era bagunçar, como se diz. Aí, as oportunidades eu perdia... de emprego. Aí quando eu vim pra cá, senti falta do estudo né? Que tem muitos anos, aí realmente sem estudos fica muito difícil. Aí agora eu ia fazer até em Juiz de Fora ou em Santos Dumont, eu ia me apertar de um jeito que fosse e ia ter que fazer, né? Porque não tem mais caminho pra mim sem estudo. Aí teve aqui, eu resolvi ficar por aqui mesmo."*

(F7 - 0.08'.16" - H2)

Finalizando, como em todo trabalho avaliativo emergem evidências que apontam para **Sugestões do Campo**, entendidas aqui como propostas da recepção para uma melhor adequação do programa de ensino as suas necessidades, na busca de soluções para um melhor aproveitamento. Destacamos algumas destas evidências como propostas de nossos interlocutores:

*"Seria uma coisa mesmo mais parcelada, tipo terminar um módulo e não falo assim, por matérias, mas por volume mesmo. O primeiro volume de Matemática terminou, então uma avaliação, até mesmo via*

*superintendência mesmo, via o Sesi, que é o nosso caso, que a gente presta nossa prova no Sesi, mas eu acho que isso facilitaria muito, muito mesmo. (...) É uma divergência mesmo. Uma prova de Português facilíma (...) E uma prova de Matemática mais puxada. Então, assim, vamos colocar assim, um nível de cobrança diferente. (...) Então, eu acredito que haja um contrapeso, uma mais fácil, outra mais difícil, mas eu acredito que, por módulo, por volume e um nível ou mais difícil ou que não haja essa divergência, eu acredito que ajudaria bastante".*  
(F1 - 0.27'.22" – M6)

*"Também, é pior que a primeira prova é Matemática, no sábado, de manhã, não dá nem prá relaxar. Você já dorme com aquilo tudo na cabeça. Não podia ser História?"*  
(F4 - 0.42'.50" – M5)

*"Eu acho que a vantagem para a empresa é estudar quem já está acostumado a fazer o serviço do que vistar novas pessoas. Porque, não dá certo. Até que acostume com o serviço, vai cair a produção. Então, é bem melhor continuar com aquele funcionário e continuando a dar estudos para ele, para ele poder aumentar cada vez mais."*  
(F4 - 1.06'.00" – M2)

*"Eu acho que poderíamos aqui no município talvez, ter uma maior integração entre as escolas que oferecem, por exemplo, um ensino de 5ª a 8ª série. Poderia talvez, ter uma integração maior com a escola que ministra o Telecurso."*  
(F6 - 0.26'.29" – H10)

Cabe ainda acrescentar à categoria **Considerações do Campo** o indicador **Interferência da Equipe no Campo** que, por mais que se tente ser isento e não interferir na relação com o campo, a interação acaba proporcionando trocas e, portanto, o reconhecimento do trabalho da equipe de pesquisa pela comunidade pesquisada. Nesse caso específico, o fato de a pesquisa possibilitar a “fala” dos pesquisados, ressaltando a importância deles no processo de capacitação, tornou-se possível obter como retorno os seguintes depoimentos:

*"O Sr. fez com que a gente tirasse do fundo do ser da gente e desabafar algumas palavras que tinha que ter saído há muito tempo e hoje, com a sua presença aqui, saiu com mais facilidade"*  
(F3 - 1.27'.20" – H1)

*"E o professor, essa oportunidade que deu de vir aqui fazer esse trabalho com a gente, essa oportunidade da gente também poder né expressar o quê que a gente pensa, o que a gente acha, o que nós aprendemos nesse tempo né. Isso é importante pra gente também. Ver que tem alguém interessado nas nossas opiniões, no que nós estamos aprendendo. Obrigado."*  
(F7 - 1.39'.47" – M1)

## 6.5 – IMPACTOS DO TELECURSO: DIMENSÃO COMUNICAÇÃO

As evidências de **Impacto** detectadas nos relatos verbais dos atores envolvidos no programa apontam, na Dimensão da Comunicação, três categorias: **Melhora da Comunicação, Reflexão Crítica em Relação à Comunicação e Formas de Uso** do que é transmitido no universo da Comunicação.

Na categoria **Melhora da Comunicação**, registramos evidências que ressaltam os Impactos ocorridos nesta recepção a partir do que foi apreendido com o Telecurso 2000. Destacamos, nessa categoria, a melhoria da “verbalização” ou da “fala” dos interlocutores e, neste sentido, observamos mudanças em suas ações de comunicação no âmbito do trabalho, da família e das relações pessoais. Entendemos que o domínio da língua portuguesa proporcionado pelo ensino ao aluno, propicia ao indivíduo uma melhor comunicação e, assim, interação, entendimento e possibilidades de expor seu ponto de vista sobre qualquer assunto.

Para conceituarmos essa categoria recorreremos ao entendimento dessas relações como sendo um certo domínio que o cidadão obtém do ato de se comunicar com terceiros, percebido como sendo “*um saber fazer, participar, transmitir, estabelecer comunicação*”<sup>195</sup>, entendida a comunicação, numa visão sociológica, como um “*processo pelo qual idéias e sentimentos se transmitem de indivíduo para indivíduo, tornando possível a interação social*”<sup>196</sup>.

Nos contatos realizados no campo, os entrevistados apresentaram pistas e manifestações livres que, agrupadas em três indicadores, refletem esta concepção de facilidade de comunicação nas relações pessoais, de trabalho e familiares, caracterizadas aqui

---

<sup>195</sup> **FERNANDES**, Francisco e outros. **Dicionário Brasileiro Globo**, 52.ed, Editora Globo, São Paulo, 1999 (Ver em *Comunicar*).

<sup>196</sup> **PRADO E SILVA**, Adalberto. **Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado**, 3. ed., v. 1, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1965, p.810.

como: **Melhoria da Comunicação Pessoal, Melhoria da Comunicação no Trabalho e Melhoria da Comunicação na Família.**

No indicador **Melhoria da Comunicação Pessoal**, encontramos evidências que valorizam o aprendizado e a possibilidade de liberdade de expressão, antes não obtida.

Destacamos alguns destes depoimentos:

*"Eu também tinha essas dificuldades. Às vezes tinha uma reunião, da turminha de colegas batendo papo e tal (...) O pessoal aqui não vai falar a minha língua. Ficava perdido no assunto em que eles estão, entendeu, sabendo dos estudos deles e tal, né? (...) o estudo deles e o meu né? Aí a gente tinha toda essa dificuldade. O serviço também, às vezes chegar perto de um engenheiro pra conversar, pedir alguma explicação, tudo isso sentia muito mal. Muita dificuldade mesmo."*

(F7 - 0.19'.42" - H2)

*"Numa das primeiras aulas de Matemática, quando eu ia perguntar eles baixavam a cabeça, sabe, fingiam que estavam conversando com a pessoa do lado, aquele medo, (...) Eram pessoas assim, que mal conversavam. Conversavam com a gente assim, de cabeça baixa. Até mesmo fora, que a gente sabe, de conversar de igual para igual, de chegar numa Prefeitura, de chegar num médico. Pessoas que tinham vergonha de perguntar. (...) As pessoas esperavam todo mundo sair para perguntar escondidinho, quando tinham coragem de perguntar. Hoje em dia não. Perguntam no meio de todo mundo, fazem perguntas que antes achavam que seria uma coisa muito escabrosa e, hoje, perguntam. Eu acredito até que essa noção mesmo de comunicação, que antes não tinha, realmente não tinha. A gente só conversava mesmo o essencial."*

(F1 - 0.45'.12" - M6)

*"Melhorou sim. Principalmente, em Português. Eu era uma pessoa de comunicar pouco e, agora, estou me comunicando mais com as pessoas, porque eu sempre fui assim, meio fechado, meio fechadão. Agora, estou me comunicando mais."*

(F3 - 0.19'.30" - H4)

*"Eu também, quando eu ia conversar com uma pessoa (...) principalmente, uma pessoa mais estudada que a gente, com medo de falar as palavras, os verbos. Igual a gente fala: tem um mucado de coisa para eu fazer, mas a palavra correta não é essa, é bocado, né? Então, certas coisas, são pequenas palavras como essa que a gente vai aprendendo como se pronuncia ela corretamente."*

(F3 - 0.19'.36" - H1)

*"Principalmente, eu acho que muda o ambiente que a gente lidava antes. Agora com um pouco mais de estudo já é bem mais diferente o modo que a gente está lidando no meio das pessoas. Então, há mais facilidade, melhorou muito."*

(F4 - 0.22'.26" – M1)

*"Conversar com as pessoas na rua, né? Melhora em tudo, muita coisa. Eu acho que você vai aprendendo, você vai aprendendo a se comunicar melhor, a conversar melhor, a entender melhor as coisas. Que às vezes uma pessoa conversa uma coisa com você, aquela coisa é boa, pra te ajudar, mas você como não entende, sabe? Aí pensa que a pessoa tá te maltratando, já tá falando mal, já tá querendo se meter na sua vida, aí você aprende que as coisas não são assim. Você aprende a ver as coisas de uma maneira diferente, totalmente diferente."*

(F7 - 0.31'.27" – M3)

*"Eu acho que através dessas conversas, mesmo essas conversas informais, eu acho que elas (...) são exemplos de que na prática isso trouxe né, mudanças assim bastante significativas na vida desses alunos. Esse exemplo de que aquele aluno, ele antes era tímido, tinha uma grande dificuldade de comunicação né, hoje ele já se sente mais à vontade, e por que que ele se sente mais à vontade? Porque já tem mais segurança de algum conhecimento que ele adquiriu. É o conhecimento adquirido, ele dá segurança para as pessoas se manifestarem, para expor opiniões, para ela a partir do momento que até então ela ouvia e se limitava a ouvir e ela não dava opiniões porque ela não tinha meios de argumentar. Hoje a partir do momento que ela tá tendo acesso a novas oportunidades educacionais, ela tem como discutir, tem como, né, apresentar propostas, coisa que até então não vinha acontecendo."*

(F6 - 0.34'.52" – H10)

No indicador **Melhoria da Comunicação no Trabalho**, selecionamos duas evidências que ressaltam a importância da Educação no universo do trabalho e nas relações com as chefias ou patrões:

*"Prá mim, esse curso que a gente está fazendo aqui já melhorou assim, em algumas coisas. Como meio de comunicar, como meio de escrever a parte de Português, porque eu sou segurança e toda vez que eu vou assumir o posto eu tinha que registrar a ocorrência, com alteração ou sem alteração, tem que registrar. Então, quando há alteração na área de serviço, tem que registrar para o superior que é o chefe lá, tem que tomar conhecimento dela. Tem que saber como é que você vai escrever o que é que vai colocar ali. Porque por um simples erro, você pode botar tudo a perder. Pode ir para outras pessoas diferentes que a gente não sabe. Isso aí, me tirou um pouco daquela dificuldade que eu tinha de relatar. Então, nessa parte até me ajudou um pouquinho."*

(F5 - 0.03'.06" – H1)

*"Eu me recordo que o Ademir logo que a gente começou a estudar, (...) ele falou um dia comigo assim, agora eu já sei como é que eu vou chegar lá e cobrar o meu aumento"*

(F7 - 0.21'.26" – M6)

No indicador **Melhoria da Comunicação na Família**, detectamos mudanças nessa recepção no que concerne ao relacionamento com os filhos e cônjuges, criando um novo universo de discussão – os assuntos de aula. Vemos aqui que, se a televisão é percebida por muitos como um veículo capaz de pautar os assuntos discutidos em nosso cotidiano, a Educação, por sua vez, tem condições também de fazê-lo no âmbito das relações com a família, possibilitando a colaboração mútua e a integração dos familiares, como podemos constatar nos cinco depoimentos selecionados:

*"Sempre muda. A pessoa está estudando e vai aprendendo, vai melhorando. Quando você está estudando a sua tendência é ir para frente (...) É meu marido também estuda, faz TC, já está no 2º grau, só que ele estuda em Santos Dumont, porque a firma pediu (...) a gente sempre conversa sobre as aulas porque ele está no 2º, se eu tiver alguma dúvida ligo prá ele, para me ajudar a fazer os exercícios de Matemática. Me chama de burrinha, mas acontece. Mas mudou bastante coisa."*

(F2 - 0.22'.00" – M3)

*"Na minha casa, à noite é que eu gosto de ir na cozinha, abrir meu livro. Meu marido fala: tá fazendo faculdade. Eu tomo meu livro e ele incentivou. Até ele mesmo diz: não isso aqui, medida eu é que entendo, espera aí, deixa eu ver esse livro. Então, até ele está interessado."*

(F4 - 0.39'.13" – M1)

*"O relacionamento em casa também, até com a família da gente mudou muito bem, graças a Deus, em relação ao que era antes e hoje, com estudo, eu vejo que não é bem assim do jeito que eu via as coisas. Aí, hoje, tenho mais paciência até com os filhos. Assim, educar assim, converso, entendeu? (...) de falar em vez de gritar, que não resolve, mais na base do diálogo. Falando baixo, fica mais fácil deles entenderem e a gente passa menos raiva né? E eles também."*

(F7 - 0.19'.42" – H2)

*"Mudou bastante a rotina de casa, a gente chega em casa e tem alguma coisa pra contar."*

(F7 - 0.22'.03" – M5)

*"Eu antes era uma pessoa assim muito estourada, né? Falou uma coisa que eu não gostei de ouvir, eu já me estourava (...) Hoje não, eu aprendi que não é assim, né? A gente aprende. Igual em casa, com as minhas filhas também, eu saía, chegava só gritando, sabe? Eu não sabia sentar assim, pra conversar, era só assim no grito. E agora não. Agora eu já converso"*

(F7 - 0.33'.26" – M2)

A segunda categoria de Impactos da Dimensão Comunicação é a **Reflexão Crítica em Relação à Comunicação**, onde encontramos evidências que apontam para a formação do senso crítico do aluno a partir do aprendizado obtido, em relação: à mídia, à televisão, à recepção, à tecnologia e à política.

Entendemos que a capacidade de refletir criticamente é o máximo que se pode esperar de um processo avaliativo por trazer consigo a formulação de um juízo de valor. Conforme Penna Firme, *“fazer uma reflexão crítica ou avaliar é recriar. É saber comunicar, manifestar a emoção, o entusiasmo, a sensibilidade. É ajudar outros a verem e entenderem”*<sup>197</sup>. Através da Reflexão Crítica vivenciada pelos próprios alunos, são colocados, em prática, os princípios mais contemporâneos de uma avaliação de *empowerment* que, na concepção de M. Patton<sup>198</sup>, confere poder aos atores sociais envolvidos. Tal questão, já havia sido focalizada por Paulo Freire<sup>199</sup>, o qual rejeita a formação de uma “educação bancária” em favor do diálogo, como forma de privilegiar no ato de aprender o pensamento crítico.

Percebemos no indicador **Reflexão Crítica em Relação à Mídia**, evidências que demonstram: a percepção dos alunos em relação à velocidade da informação; que os alunos comparam as informações das diversas mídias; que eles percebem a parcialidade da mídia exacerbando seu senso crítico; que os alunos relacionam os fatos com o que é passado nos programas; e, por fim, que após os estudos, eles passaram a assistir a produções, como a novela, de forma diferente. Destacamos seis evidências que refletem essas afirmações:

*(Velocidade) "Há um tempo atrás, você levava aí meses para não falar num outro termo, até uma informação correta de um determinado assunto. Hoje em dia, é instantâneo."*

---

<sup>197</sup> PENNA FIRME, Thereza. **Iluminando Linhas e Entrelinhas**. Fundação Cesgranrio e Fundação Odebrechet, Rio de Janeiro, 1996, p.23.

<sup>198</sup> PATTON, M. **Evaluation Practice**. Developmental Evaluation, v.15, nº 3, 1994, p.311-319.

<sup>199</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

(F1 - 1.00'.22" – M6)

*"É uma pena que a gente vê assim, no jornal é muita mentira. Assim, uma notícias que deixam a gente chateada. Fala uma coisa e quando você vai ver não é nada daquilo, né. Eu penso assim, sabe, acho que eles mentem um pouco. Cada um quer contar de um jeito. Aí, quando você vai juntando, você vai descobrindo que não é assim desse jeito, é diferente. O jornal fala uma coisa, a televisão fala outra, as revistas também, né, porque tem, tem a Veja, que também dá muitas notícias boas e más. (...) Você vê o que aquele falou, daquele jeito e esse está falando desse, quem está falando a verdade. É legal sim."*

(F4 - 0.23'.30" – M2)

*"Interesse, inclusive o pessoal agora fala mesmo é política. Ah! está falando desse candidato, protegendo aquele, porque tem um compromisso com aquele. Isso a imprensa tem. Acho que tem porque é o que aparenta."*

(F4 - 0.26'.15" – M1)

*"A gente tem observado isso assim com bastante nitidez nesses alunos, que foram despertar de consciência crítica. As pessoas quando assistem um noticiário pela TV, quando lêem um artigo de jornal, elas passam a ver isso de uma outra forma."*

(F6 - 0.29'.49" – H10)

(Em relação ao humor) *"A gente passou observar mais, procurar entender o que eles estão tentando dizer realmente. Que antes não, a gente via só pra divertir mesmo, só pra rir. Agora a gente procura guardar na cabeça o que eles tão fazendo pra gente lembrar dos fatos importantes que estão acontecendo por aí . (...) Mudou um pouco né. Porque antes a gente via, via assim pra tentar só ver o que tá acontecendo perto da gente, não interessava pro que o resto do mundo, o resto que se virasse pra lá. Agora a gente procura ver o que tá acontecendo no mundo porque pode ser mais importante do que, de repente pode cair numa prova de História. Então a gente procura guardar na cabeça."*

(F7 - 0.33'.26" – M2)

*"Mudei bastante. Ah, eu sei que é mentira. Eu (...) já não é tão divertido ver novela mais. Sempre tinha alguma coisa que enganava a gente, sempre tinha alguma coisa assim que fazia a gente pensar diferente. Agora não, agora eu vejo por ver assim, eu sei que não é uma coisa séria."*

(F7 - 0.53'.11" – M5)

No indicador **Reflexão Crítica em Relação à Recepção**, detectamos evidências que apontam para a percepção dos entrevistados de que a partir dos estudos o indivíduo tem condições de refletir criticamente sobre a mídia e, com isso, mudar suas posturas e formas de relacionamentos com a mídia, proporcionando, com isso, uma mudança no modelo de

programação por parte da produção, diante do nível de exigências da sociedade. Selecionamos cinco evidências que demonstram a visão de seus próprios papéis, enquanto audiência, na relação com a mídia:

(Programação da TV) *"Agora, quanto a mudar, acho que vai depender muito da clientela mesmo. Acho que se tiver assim, o Ibope cair, vamos colocar assim, vai ter que mudar. (...) Ele vai ver o que é interessante e o que é melhor para a vida dele. Porque, ele está vendo o que não vale a pena e, ele não vai querer assistir aquilo mais. Então, aí, o Ibope vai cair, os pontos no Ibope, e eles vão ser obrigados a mudar a programação."*

(F2 - 0.51'.57" – M7)

*"Quando o Brasil tiver uma cultura, né, todos tiver o primeiro grau pelo menos. Quer dizer, um país com mais cultura não vai querer ver aquele tipo de programa. Se não vai ver, eles vão mudar. Porque, eles não vão mudar enquanto o povo não exigir essa mudança. O Roberto Marinho é um homem culto, então fica essa briga entre eles. Eles vão brigar, mas não é que vamos mudar, porque nós consegue mudar esse programa. O povo não vai ligar naquele programa. Eles vão ser obrigados a fazer um outro tipo de programa. (...) Quer dizer, o dia em que o país mudar, estiver assim, vai mudar os programas de televisão, porque nós não vamos ver e vai mudar. Mas, enquanto a gente está lá vendo isso tudo, nós estamos falando mal, eles vão continuar passando, ganhando Ibope."*

(F2 - 0.53'.10" – M1)

*"A gente sabe quando é mentira, sabe. A gente sabe quando é mentira, quando eles ficam fazendo sensacionalismo não é? Só que não é bom assim, eles ficam enfeitando quando vai ver descobre que não era bem daquele jeito."*

(F2 - 0.55'.02" – M3)

*"A programação vai ter que ser diferente, vai ter que acompanhar. Conforme a população vai desenvolvendo os estudos e tudo, tudo deles, tem que se aperfeiçoar, acompanhando o desenvolvimento. Porque, se não, eles vão perder."*

(F3 - 1.11'.26" – H2)

*"Enquanto isso, tem o programa do Ratinho que é um programa que não ensina nada. É um programa que só fala bobeira. É uma coisa que se a população estiver estudada, eles não vão querer aquilo ali. Não vão querer ver quebra-pau, não vão querer ver violência."*

(F3 - 1.12'.03" – H3)

No indicador **Reflexão Crítica em Relação à Política**, registramos evidências que nos levam a um senso crítico formado em relação à política nacional, demonstrando a vontade dos

entrevistados de se posicionarem sobre o tema, de modo que obtivemos um total de dezessete evidências classificadas. Essas evidências contêm duras críticas aos políticos e suas promessas; ao presidente Fernando Henrique Cardoso e sua visão do cidadão brasileiro; à necessidade da mídia para poder mostrar o que os políticos fazem; e, por fim, que o Congresso é formado por políticos corruptos. Seleccionamos quatro evidências que demonstram essas descrições:

***"Aqui mesmo a gente tem uma coisa verídica. O Sr. Bejani (Deputado Federal) que ia trazer o BR-040 (ônibus) aqui dentro de Ewbanck da Câmara (...) eu é que não tenho oportunidade de falar com esse Sr. Bejani, o Sr. Bejani é ou não é homem de palavra? Não honra as calças que veste, promete e não cumpre e com isso, o povo bobo acreditou porque precisa, depende aí, desse BR – 040. Votou nele, pôs ele lá em cima, e cadê que ele veio aqui em Ewbanck?"***

(F2 - 0.58'.17" – M2)

***"Eu acho que tudo de ruim que aconteceu aqui no nosso Brasil, é porque, nós mesmos estando inocentes, nós aceitamos. Você não vê o exemplo do presidente, o que ele fez com a gente, chamando o pessoal todo de vagabundo. Pessoas que já bateram o martelo, já suou a camisa para aposentar e ainda chamar de vagabundo. Porque, porque ele está lá em cima. Porque a maioria aceitou, concordou com ele de chamar de vagabundo."***

(F3 - 1.14'.50" – H1)

***"Quanto a TV dar prioridade a política, eu acho uma coisa certa. Porque, se a gente elegeu o político, agente quer saber o que ele está fazendo (...) porque se com a TV em cima, eles já roubam, imagina se não tem notícia nenhuma de política, onde a gente estaria hoje?"***

(F3 - 1.19'.30" – H3)

***"Agora, é tipo assim, uma 'Máfia'. Todos que entram vai ter que fazer o jogo deles. Só se mudar tudo, a mentalidade de todos eles. Aí, seria possível. Outro que entrar lá, no lugar dele, (...) ou entra no jogo deles ou eles vão dar um jeito de sumir com ele, de dar uma doença e acabar com ele."***

(F4 - 1.42'.50" – H2)

No indicador **Reflexão Crítica em Relação à Tecnologia**, embora seja percebida uma correlação entre o desenvolvimento tecnológico e o desemprego, percebemos, também, em dois discursos, a necessidade de dominar a tecnologia e a possibilidade de sua utilização

enquanto ferramenta pelo educador. Seleccionamos três evidências que ilustram essas percepções:

*"Porque você vê aí as empresas estão demitindo pessoas prá colocar o computador no lugar das pessoas. Então, a gente está vendo essa mudança também na escola, através do vídeo. Aí a gente vê que o ensino ajuda a entender melhor. Então, eu acho que a gente devia parar e pensar se a gente não estudar, se a gente não entrar na era da tecnologia, a gente vai ficar para atrás se a gente continuar na era do livro. Então, a tecnologia hoje é tudo. Então, a gente tem que tentar acompanhar e prá acompanhar tem que ser estudando."*

(F4 - 0.47'.00" – H3)

*"Eu acho que no lugar de muitos robôs que existem hoje aí, teria muitas pessoas empregadas. Não teria essas pessoas aí, com a dificuldade que existe no Brasil. Hoje, eu acho que a tecnologia hoje, por um lado está melhorando, mas tem mais que preocupar com a área da Medicina. (...) Eu acho que a tecnologia veio na hora certa. Mas, só que o homem não está sabendo tirar proveito dela. Eu acho que o homem tem que pensar mais um pouco. (...) Agora, a tecnologia pelos Meios de Comunicação também, eu acho legal. Porque hoje, você quer falar com alguém lá fora, você consegue se comunicar. Essa parte aí, está tudo bem. (...) A tecnologia é uma realidade. Então, a gente tem que se adaptar. É o mesmo caso nosso, antigamente, estudar não fazia falta. Hoje, faz. Então, a gente teve que mudar a cabeça. É a mesma coisa, ou a gente vai se adaptar à tecnologia ou vai ficar prá trás. Porque, isso agora é cada vez mais. Não tem uma volta, cada vez vai evoluindo mais."*

(F4 - 0.50'.30" – H1)

*"Eu acredito que assim como aconteceu com o livro didático, o livro didático nunca substituiu o professor ou o Orientador de Aprendizagem dentro da sala de aula. O que foi o livro didático? Foi e continua sendo (...) o auxiliar do trabalho do educador. Da mesma forma eu vejo os recursos tecnológicos, o vídeo, a televisão, o computador com a Internet e outros meios que nós temos aí à disposição. Eu acho que a tecnologia não deve escravizar o educador, o educador deve saber lidar com a tecnologia em benefício de melhores condições de ensino-aprendizagem aos seus educandos. Eu acho que o educador, o orientador que ele sabe explorar ao máximo os recursos tecnológicos, ele com certeza vai estar fazendo um trabalho muito bom."*

(F6 - 0.46'.03" – H10)

No último indicador dessa categoria de Reflexão Crítica, da Dimensão Comunicação, encontramos **Reflexão Crítica em Relação à Televisão**, onde percebemos uma maior participação dos entrevistados nas respostas às questões levantadas, totalizando quarenta e

sete evidências sobre o tema, demonstrando o quanto essa recepção acredita entender sobre o veículo televisão, sentindo-se capaz de falar e expressar suas críticas ao nosso modelo de televisão brasileira.

Nos depoimentos selecionados encontramos críticas à televisão em relação ao que é passado para os filhos; à desagregação familiar causada por ela; ao tempo dado a determinados fatos e não a outros; à qualidade das novelas em relação às minisséries; à TV Globo por informar tudo pela metade; e, por fim, ao contrário dessa última afirmação, uma defesa da TV Globo que, segundo o entrevistado, dá as notícias pela metade para não ficar rendendo as matérias e para que possa apresentar um maior volume de informações. Destacamos seis evidências que caracterizam o exposto:

*"Eu não acho muito boa não. Eu acho que a televisão hoje é, tem muitas cenas de sexo, no horário impróprio. Não tem mais censura, é tudo liberado, aí, nossos filhos ficam vendo televisão. Aí, aprende alguma coisa errada, está vendo aquilo na televisão e acha que pode fazer isso. Os próprios desenhos mesmo, hoje em dia, é só violência, violência. Eu acho que a televisão não está boa não. Eu acho que a censura poderia voltar. Eu acho que com essas novelas está havendo muita separação assim, sabe, do casal. Eu me lembro que antigamente, a novela das 6 e das 7 não podia ter separação, sabe? Você assistia à novela e o casal não se separava. Só na novela das 8. Hoje, naquela Malhação, que é uma novela mais cedo, é uma pouca vergonha. É só sexo, menina de 14 anos engravidando, outra querendo mandar tirar o neném. Eu acho que está tudo errado. Isso, acho que deveria ter uma mudança porque a gente ensina para os nossos filhos de um jeito e eles vêem na televisão e, aí, puxa mãe, é assim? A senhora falou que não é assim, que não pode, mas como na televisão pode? Vai você querer colocar na cabeça deles do seu jeito, como você aprendeu, porque eu já sou mais antiga né, aprendi de outro jeito. Hoje em dia, está essa pouca vergonha, falando prá usar a camisinha, eu acho isso aí tudo errado."*  
(F2 - 0.35'.42" - M2)

*"Eu acho que é uma emissora poderosa mesmo. A gente pode dizer poderosa mesmo. Tem programas muito bons, muito bem feitos. Acabou de passar até A Muralha, espetacular, muito bem feita, mas aí, tem também aqueles programas que eu acho que por ser a Globo, tem condições de apresentar um programa de nível melhor (...) Eu acho assim, a televisão em si, não é a Globo, né, separou muito a família, dividiu. Antigamente, os pais ficavam vendo as crianças na rua brincando e não se vê mais isso. É só televisão o dia inteiro. Faz até mal. A criança fica ali o dia inteiro, não tem mais distração. Marido e mulher não conversam mais, nem com os filhos. Quer dizer, tirou*

*muito isso da família, eu acho. Mas que pelo menos tivesse programas assim, como o Globo Repórter, que é um programa instrutivo."*

(F2 - 0.37'.50" – M1)

*"Quando aparece uma boa notícia na televisão, ela é passada de uma vez, com um tempo mínimo. Então, passa aquilo rapidinho, uma vez só e não passa mais. Quando acontece uma coisa ruim, aquilo fica em cena a semana inteira. Então, aquele cara lá, que entrou no shopping e matou não sei quantas pessoas, aquele cara virou um Deus, ele foi endeusado. Ele ficou o tempo todo, uma semana inteira sendo notícia. Então, aquilo que ele fez, prá mim, dá uma impressão de que o que ele fez não foi ruim, que foi uma coisa boa porque ele se tornou um Deus. O tempo todo ele era notícia. E quando as coisas são boas, que passam coisas boas na televisão, boas notícias, eles passam aquilo num tempo tão rapidinho, acabou ali, não passa mais, não fala mais naquele assunto."*

(F2 - 0.41'.20" – M7)

*"Eu acho que é uma questão de cultura mesmo ou de falta de cultura. Não de cultura que precisa ser resgatada, vamos colocar assim, o programa A Muralha foi um programa ótimo, o que ele trouxe para a gente? Um pouco da nossa história e muita gente seguiu. Era um programa pesado, tarde, foi passado num horário bem tarde, tinha cenas de violência, de injustiça, de discriminação, de cativo, de tudo isso. Mas não é que a gente passou por isso? Mostrou uma realidade e a gente precisa conhecer. Então, eu acho que tem que existir essa procura, resgatar esse espaço que a gente está perdendo para as novelas ruins, para os programas indecentes, mais uma coisa que está em tempo de ser resgatada."*

(F2 - 0.46'.33" – M6)

(TV Globo) *"Prá mim é a melhor que tem. Só que informa tudo pela metade (...) assim, aconteceu um negócio ali, ou eles aumentam ou diminui, a Globo é assim. O SBT já mostra tudo que aconteceu e pega tudo na hora. Tudo que aconteceu lá, o SBT mostra, a Globo não."*

(F3 - 1.01'.58" – H9)

*"O Jornal Nacional, eu acho bom. Dá muita notícia. Outra vez, que você teve aí, eles falaram que não gostam porque só dá a notícia pela metade. Mas tem que ser pela metade para dar espaço para outras notícias. Vai falar o tempo inteiro sobre uma mesma notícia, vai falar o tempo inteiro só daquilo? Então, eu acho que o Jornal Nacional é bom."*

(F4 - 1.26'.30" – H3)

A última categoria de Impactos do Telecurso 2000, da Dimensão Comunicação, é **Formas de Uso** do conhecimento adquirido em relação à informação e à televisão. Para conceituarmos as formas de uso da informação e da mensagem televisiva por parte do

receptor após a aquisição de conhecimentos, buscamos entendê-la como sendo uma apropriação do indivíduo do que lhe é veiculado e dos produtos midiáticos como um todo. Entendemos, como **Apropriação** todas aquelas “ações desenvolvidas pelos usuários a partir do encontro com a oferta produtiva, transformando-a em novos produtos que trazem, em última análise, as peculiaridades simbólicas, culturais e discursivas dos próprios usuários”<sup>200</sup>.

Para entendermos melhor o universo do receptor brasileiro nos últimos anos, vale ressaltar três trabalhos importantes, que delineam as mudanças ocorridas no âmbito dos Estudos da Recepção no Brasil, dos quais destacamos, como primeira contribuição, a pesquisa de Ondina Fachel Leal<sup>201</sup> que, ao estudar a telenovela e o lugar da televisão na casa do pobre e do rico em nossa sociedade, traz o conceito de “re-elaboração” do receptor que não assimila indiscriminadamente o que lhe é transmitido pela mídia, comparando as informações com seus padrões, conceitos e “pré-conceitos”.

A segunda contribuição é de Carlos Eduardo Lins da Silva<sup>202</sup> que, ao estudar o telejornalismo, percebe que a televisão não é a instituição mais importante de nossas vidas mas, sim, mais uma das diversas instituições sociais que interagem com o nosso cotidiano, contrapondo-se e muitas das vezes se degladiando com a demais instituições sociais, originalmente reconhecidas, como: a família, a igreja e partidos políticos, entre outras.

A terceira e última contribuição sobre os Estudos da Recepção vem de Antônio Fausto Neto, ressaltando o conceito dos “Contratos de Leitura”, na forma de uma interação entre os campos da emissão e da recepção, quando, mesmo tendo um conjunto de regras construídas pela emissão, se percebe que o receptor “já está contido, na medida em que a emissão ao

---

<sup>200</sup> FUNDAÇÃO CESGRANRIO. **Avaliação Nacional do Programa TV-Escola**. Relatório Final, Rio de Janeiro, 1998, p. 24-27.

<sup>201</sup> LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.

<sup>202</sup> SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. Summus Editorial, 2. ed., São Paulo, 1985.

*imaginar o que 'ele sabe', constrói contratos de acordo com certas modalidades (identificatórias, imaginárias, culturais) que exigem que o receptor trabalhe ativamente no interior do discurso. Nesses termos, ele é ativo porque age no interior do discurso, não só sendo interpelado mas também se reconhecendo”*<sup>203</sup>.

A partir dessas proposições, percebemos nessa categoria, no indicador **Usos da Informação**, que a recepção estudada busca obter informação para estar atualizada, comparando as diversas mídias, ampliando sua busca de outras leituras para informações

complementares. Destacamos três evidências que delineiam essas percepções:

*"A gente procura ver as notícias do que tá acontecendo pra ficar mais em dia. Porque tem muitos fatos importantes que acontecem, acontecem assim, que de repente tá num livro, tá em alguma coisa. Então a gente procura sempre ver um mais jornal, procura ver algum programas mais educativo, pra guardar na cabeça pra quando a gente for estudar aquilo, já saber (...) como aconteceu, pra não ficar perdido. Antes a gente assistia, a gente só queria saber mesmo o que estava mais perto da gente aqui, pra gente saber o que tá acontecendo. Agora, hoje não, hoje, a gente procura saber o que tá acontecendo no mundo pra gente ficar atualizado, pra gente ter o que discutir."*  
(F7 - 0.44'.00" – H3)

*"E veio com o estudo sim. Porque, antes eu não ficava assim, novela, jornal, chegava na hora do jornal eu ia lá e desligava. Ia arrumar a cozinha. E agora, não. Qualquer coisa, igual está falando alguma coisa, né, assim, aconteceu alguma coisa, aí, eu vou lá e aumento e fico prestando atenção e não quero nem que ninguém fale do meu lado. Toda hora que fala aquilo, eu tenho que estar ali ouvindo, que é prá ver onde é que está a verdade, no rádio, na televisão."*  
(F4 - 0.25'.10" – M2)

*"Através dos jornais e tudo, sempre eu via o jornal da televisão tudo, comprava jornal, lia jornal, sempre gostei e gosto, continuo gostando mais agora, interesse mais, e até aprendendo, também, né, muito com isso."*  
(F7 - 1.04'.08" – H2)

---

<sup>203</sup> NETO, Antônio Fausto. A Deflagração do Sentido: estratégias de produção e de captura da recepção. In: **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor**, Brasiliense/ECA-USP, São Paulo, 1995, p.203.

No indicador **Usos da Televisão**, encontramos afirmações que ressaltam as diferentes formas de assistir à televisão; a utilização de programas como Show do Milhão, do SBT, para testar capacidades e aguçar a vontade de obter conhecimentos; da importância da televisão para incitar discussões e debates em sala de aula; e, por fim, programas como o Linha Direta, da TV Globo, para poder se prevenir de pessoas perigosas. Destacamos quatro evidências que ilustram estas percepções:

*"Isso também é um ato psicológico, sabe porque, porque o Sr. guarda aquela informação, vamos supor, Globo Repórter, nós estamos assistindo o Globo Repórter, então, você guarda com mais facilidade, porque você não tem preocupação em decorar ele pela frente. É por isso que a pessoa guarda com mais facilidade."*

(F3 - 0.43'.50" - H1)

(Show do Milhão) *"A gente aprende. A gente vai testando o conhecimento da gente. Antes de responder alguém, a gente já vai respondendo. Ah, é isso mesmo, ah, não é! Então, a gente vai aprendendo é, como se fosse uma aula. A gente aprende (...) Eu acho que pelo menos está ensinando alguma coisa boa."*

(F4 - 1.23'.22" - M1)

*"Pessoas que me contam, eu quase não preciso assistir mais o jornal. Eles todo dia, ah você assistiu o jornal hoje, você assistiu o Fantástico, assistiu isso? Então é aquela necessidade de estar presente (...) a necessidade mesmo de estar fazendo parte mesmo, de estar assistindo a um jornal, de ter opinião própria deles. (...) Hoje em dia, são elas sabe, que estão querendo participar, prestar atenção e chegam para contar, tipo assim, cada dia um quer falar o que assistiu. Outras vezes, é aula de Ciências ou de Geografia, falam lá na Tchecoslováquia, lá na Rússia e aquela necessidade de falar, você assistiu o jornal ontem, falar daquela aula que nós assistimos. Estão mais presentes até mesmo no mundo lá fora, trazendo para cá, fazendo comparações."*

(F1 - 0.36'.00" - M6)

*"E um outro programa bom também que tá passando é esse Linha Direta. (...). As pessoas estão foragidas lá, às vezes você tá vivendo com uma pessoa que é um assassino, que matou alguém lá no lugar dele e veio viver perto de você. Cê não acha que isso é bom você ver, não? (...). Aí eu assisto quase todo dia. Tem, eu tô vendo!"*

(F7 - 0.56'.42" - H3)

Embora as formas de uso percebidas no campo se restrinjam ainda a aspectos dialógicos e de reflexão crítica em relação à informação e à televisão, encontramos, em outras comunidades, o uso real e material das novas tecnologias, em prol da coletividade, como no

caso do índio Jesus Tserenhihi Mahoreo, de quinze anos, que produziu um CD-ROM sobre o povo Xavante, com o objetivo de poder denunciar mais facilmente as agressões contra sua comunidade e disseminar sua cultura. Em seu propósito de levar luz elétrica para sua aldeia, pretende instalar computadores e ensinar seu povo a usá-los, e afirma: “*Quero mostrar meu povo para que os brancos aprendam nossa cultura e passem a respeitá-la*”<sup>204</sup>.

Ainda no âmbito das formas de uso das novas tecnologias na Educação, Nilda Alves, em entrevista para a repórter Elaine Bardanachvili, do **Jornal do Brasil**, afirma que não basta na escola ter apenas bons vídeos ou *softwares* interessantes. Em sua visão, “*o veículo é importante, mas nem sempre terá o maior peso na formação da pessoa, como se acredita, justamente porque, ao receber o que a televisão traz, o espectador está impregnado também de sua história*”<sup>205</sup>. Nilda Alves defende que, para se fazer um bom uso das tecnologias, professores e alunos devem se tornar produtores, e reclama: “*Hoje, a escola recebe uma televisão, boas fitas de vídeo, mas não recebe uma máquina de fazer vídeos*”<sup>206</sup>.

É nesse sentido que defendemos o uso das tecnologias de comunicação na Educação, como uma forma de apropriação dessa tecnologia através da experimentação e da produção de material didático compatível com a realidade social da escola. Para ilustrar essa proposta, gostaríamos de ressaltar um caso específico observado na Avaliação Nacional do Projeto TV-Escola, já citado anteriormente, quando percebemos duas posturas diferentes dos professores das escolas avaliadas. Em capitais como Vitória e Belo Horizonte, percebemos que diversos professores se opunham a utilizar as produções do TV-Escola para se capacitarem, por não ganharem o suficiente para ficar horas assistindo aos programas exibidos e, principalmente,

---

<sup>204</sup> LAMBERT, Priscila. Índio faz CD-ROM e rouba a cena na Disney. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Caderno Cotidiano, 14/05/2000, p.4.

<sup>205</sup> BARDANACHVILI, Eliane. História da vida determina como professor usa tecnologia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno Educação & Trabalho, 18/03/2001, p.1.

<sup>206</sup> *Ibidem*, p.1.

porque a realidade passada nos vídeos não era a realidade de nosso país, mas sim, do Canadá e de outros países, como, por exemplo, nos vídeos sobre a poluição nos rios.

Diferente do pensamento dos professores dessas capitais, encontramos em cidades menores, como foi o caso de Inhapim, no interior de Minas Gerais, professoras, de uma das escolas pesquisadas que utilizavam, de forma diferente, o Programa TV-Escola e as possibilidades tecnológicas existentes. Embora o vídeo sobre a poluição nos rios fosse do Canadá, como afirmavam as professoras das capitais, logo após a sua apresentação à turma para discussão do tema poluição nos rios, eram elaboradas redações, desenhos, murais, trabalhos artísticos e outros recursos para aprofundamento da abordagem. A seguir, as turmas eram levadas ao rio da sua cidade para constatarem as questões de preservação apontadas nas discussões e nos trabalhos em sala, sendo tudo gravado em vídeo por uma das mães e pelas professoras, com reportagens produzidas pelos próprios alunos e edição feita pelo irmão de um dos alunos da turma.

O que pretendemos mostrar com esse exemplo é que além dos alunos terem aprendido, discutido e debatido sobre um tema importante como a poluição dos rios, elaboraram, também, um documento videográfico, feito por eles mesmos, da poluição no rio da sua cidade, na sua própria realidade.

O exemplo de Inhapim vem consolidar a idéia de que não basta apenas ter a tecnologia nas mãos. É preciso saber o que fazer com ela e, principalmente, manuseá-la, de forma a torná-la útil. As professoras de Inhapim, embora distantes das grandes cidades e do turbilhão de informações desses centros, estão ávidas de receber as novidades tecnológicas e de fazer experimentos que levem à produção de seu próprio material didático. É nesse sentido que defendemos, aqui, não apenas o aumento da reflexão crítica do aluno em relação ao que é transmitido pela mídia a partir dos estudos, mas também o aumento da possibilidade de

experimentação e manuseio dessa ferramenta, na busca de Formas de Uso adequadas das tecnologias de comunicação no campo da Educação.

## 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões apresentadas nos primeiros capítulos e o trabalho de campo descrito, podemos chegar a algumas considerações sobre o uso das tecnologias de comunicação na esfera da Educação. Verificamos que a cada passagem de um modelo de sociedade para outro, como percebemos na passagem da sociedade disciplinar para a de controle, novos paradigmas são constituídos e com eles novas formas de pensar, de se relacionar e, conseqüentemente, novos “outros” ou “monstros” são eleitos. Percebemos, também, que o desenvolvimento científico e a velocidade proporcionaram mudanças significativas na vida do homem, ressaltando o papel da tecnologia como elemento de conexão do homem com o mundo.

Por sua vez, a televisão, enquanto tecnologia de poder, mesmo tendo nascido sob a gênese de instrumentos de vigiar como o panóptico, pode se tornar uma ferramenta útil e muito importante na educação de milhares de brasileiros. Embora, para isso, seja necessário que a Educação se volte mais para uma leitura crítica da televisão e, por outro lado, que as produções televisivas venham a produzir mais materiais destinados à Educação.

Percebemos ainda, nesse estudo, que o baixo nível educacional do trabalhador brasileiro, atrelado às mudanças do mundo do trabalho ocasionadas por fenômenos como a globalização ou a internacionalização do mercado, impõe o uso da tecnologia como parceira na qualificação do trabalhador brasileiro e no resgate de sua cidadania.

No trabalho de campo, algumas lições puderam ser apreendidas. Nas respostas às questões avaliativas percebemos que, em relação aos méritos do programa, as estratégias da produção do Telecurso 2000, utilizadas na construção da mensagem através da linguagem televisiva e seus recursos audiovisuais ficcionais, são fundamentais para fixação e aprendizado dos conteúdos veiculados, sendo uma alternativa importante e possível de ser implementada no sistema educacional brasileiro.

Em relação aos impactos do programa, verificamos que a oportunidade de se ofertar o ensino ao trabalhador brasileiro traz consigo não apenas o conhecimento necessário à capacitação e qualificação desse trabalhador, mas também a cooperação e o senso comunitário em relação aos objetivos educacionais da comunidade, não ficando à mercê de manobras de “políticos corruptos” e governantes que se dizem educadores. Além disso, o valor dos estudos é aqui ressaltado, trazendo consigo a esperança de sua continuidade, além de diversas mudanças na vida cotidiana do trabalhador como a melhora da forma de se comunicar no âmbito da família, no universo do trabalho e nas relações interpessoais. Das diversas mudanças ocasionadas na vida do trabalhador brasileiro a partir da oferta teleducativa, podemos destacar a reflexão crítica em relação à política nacional e à televisão, ressaltando sua não-passividade diante dos meios, além da busca e do uso da informação para aquisição de conhecimentos.

Não se pretendeu com esse trabalho exaltar o programa Telecurso 2000 frente as demais modalidades de ofertas teleducativas existentes, mas, sim, ressaltar a sua importância enquanto oportunidade de capacitação e certificação do trabalhador brasileiro, diante das diversas mudanças ocorridas no universo do trabalho e na vida cotidiana. Propostas como essa tornam-se necessárias hoje, não somente para possibilitar o aumento do nível de empregabilidade do trabalhador brasileiro mas, principalmente, para garantir uma melhor qualidade de vida a uma grande “massa” de trabalhadores com baixo nível de escolaridade. Em outras palavras, se a tecnologia televisiva serve ou serviu para educar ideologicamente a sociedade, hoje, ela se faz necessária para educar uma “massa” de trabalhadores, diante das mudanças ocorridas no mundo globalizado.

Percebeu-se, nesse trabalho, a necessidade de uma maior integração entre as ciências da Comunicação e da Educação em projetos pedagógicos mais arrojados, nos quais a utilização do vídeo e sua linguagem venham a possibilitar a aceleração do conhecimento, bem como uma melhor condição e facilidade de absorção dos conteúdos, em adequação ao

cotidiano e às dificuldades do trabalhador brasileiro nesta empreitada de busca do conhecimento.

Percebemos, também, o florescimento de um novo “nicho” de mercado para o campo da Comunicação no concernente aos produtos audiovisuais didático-pedagógicos, vistos como um mercado em expansão para os profissionais de comunicação, teóricos ou experimentalistas que, por sua vez, podem colaborar com o aprimoramento da sociedade, utilizando para isso a linguagem e a estética televisiva com objetivos educacionais e em prol de uma melhoria da qualidade de vida do trabalhador brasileiro.

Por fim, pretendemos nesse trabalho ressaltar, em primeira instância, a necessidade de observarmos a televisão com um “outro tipo de olhar”, diferente daquele visto como ideológico ou doutrinário. Hoje, o olhar que se procura é o educativo e motivador de diálogos e discursos.

Em segunda instância, pretendeu-se ressaltar a importância de se trazer para reflexão a necessidade emergente da busca de formas de uso adequadas da tecnologia televisiva no campo da Educação, que possibilitem não apenas uma interação e um nível de reflexão crítica dos meios e das mensagens por eles produzidas, mas, principalmente, a “apropriação” do meio através da experimentação, do manuseio de câmeras e equipamentos, da elaboração de edições e outros recursos, tal como foi narrado no caso de Inhapim e, também, como já se faz em diversas escolas de ensino básico dos Estados Unidos. Para isso, é preciso que se disponibilizem câmeras e equipamentos nas escolas,

bem como que se manuseie a tecnologia com sua linguagem, de forma a torná-la uma ferramenta útil na transmissão de conhecimentos.

Se Glauber Rocha, ainda que brincando, falou que para se fazer cinema bastava ter uma idéia na cabeça e uma câmera na mão, em nossa atual “sociedade da imagem”, esse parece ser um bom momento para a reflexão das possibilidades de uso da tecnologia

televisiva, com seus códigos do real e do ficcional, no aprendizado de uma linguagem audiovisual que se consolida na concorrência entre as usuais escrita e falada. É nesse sentido, que se acredita aqui, que a utilização da tecnologia televisiva, com seus recursos e efeitos, pode se tornar uma ferramenta imprescindível no aprendizado do cidadão brasileiro, acelerando seu processo de aquisição de conhecimentos de forma espetacular, envolvente e sedutora.

Mas, para que tudo isso possa de fato acontecer, torna-se necessário que a sociedade busque possibilitar a educação de suas comunidades para que possamos, como o título deste trabalho conclama, viabilizar uma melhor forma de oportunizar a “teleducação para o trabalhador brasileiro”.

## 8 – BIBLIOGRAFIA

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e outro. **O Método nas ciências Naturais e Sociais - pesquisa quantitativa e qualitativa**. Pioneira, São Paulo, 1998.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho – ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. 2ª ed., Boitempo Editorial, São Paulo, 2000.
- ARAÚJO, Denise Sardinha M. S. de *et alli*. Educação à Distância: uma polêmica antiga. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 141, v.26, jan/mar, 1998.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus**. Tradução: Marcos Santarrita, Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- ARISTARCO, Guido e Teresa. **O Novo mundo das Imagens Eletrônicas**. Edições 70, Lisboa, 1990.
- AUGÉ, Marc. **Le sens des autres**. Fayard, Paris, 1994.
- AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Tradução: Estela dos Santos Abreu, Papirus Editora, Campinas, São Paulo, 1993.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70, Lisboa, 2000.
- BAUDRILLARD, Jean. **A arte da desapareição**. Tradução: Anamaria Skinner. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- \_\_\_\_\_, **Tela Total: Mito – ironias da era do virtual e da imagem**. Editora Sulina, Porto Alegre, 1977.
- BELLONI, Maria Luiza. O Vídeo na Pré-Escola. In: **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, nº 144, v. 28, janeiro/março, 1999.
- BERGHER, John. **Modos de Ver**. Edições 70, Lisboa, 1987.
- BIONDI, Aloysio. **O Brasil Privatizado – um balanço do desmonte do Estado**. 4ª ed., Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1999.
- BORELLI, Sílvia Helena Simões (Org.). **Gêneros Ficcionalis, produção e cotidiano na cultura de massa**. São Paulo, Intercom/CNPq/Finep, 1994.
- BRAGA, José Luiz (org.) **A Encenação dos Sentidos**, Diadorim, Rio de Janeiro, 1995.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação – a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. Cultrix, São Paulo, 1988.
- CARVALHO, G. e CAMPOS, R. Eu tenho a força. In: **Revista Viver – psicologia**,

Editora Segmento, São Paulo, nº 100, ano IX, maio, 2001.

**CASTELLS**, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Paz e Terra, São Paulo, 1999.

**CESGRANRIO**, Fundação. **Avaliação Nacional do Programa TV-Escola**. Relatório Final, Rio de Janeiro, 1998.

**CRONBACH**, Lee *et alli*. **Toward Reform of Program Evaluation**. San Francisco: Jossey-Bass, 1980.

**CUBEIROS**, Tereza. **O ensino no CIEP**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1990.

**DELEUZE**, Gilles. **Conversações**. 1ª ed. Tradução: Peter Pál Pelbart, Editora 34, Rio de Janeiro, 1992.

**DEMO**, Pedro. Professor & Teleducação. In: **Revista Tecnologia Educacional**, v.26, nº 143, out./dez., 1998.

\_\_\_\_\_, **Questões para a teleducação**. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

**ELLIOT**, Lígia Gomes. Critérios de Julgamento: chave para avaliação da aprendizagem. In: **Revista Ensaio**, Fundação CESGRANRIO, Rio de Janeiro, nº 27, abril/junho, 2000.

**FERRAZ**, Ernani Almeida. **Programa de Auditório: O Culto do Lazer Barato?** Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Rio de Janeiro, PUC-Rio, 1993.

**FOUCAULT**, Michel. **Vigiar e Punir**. 14ª ed., Ed. Vozes, Petrópolis, 1996.

\_\_\_\_\_, **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 4. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

**FRANCASTEL**, Pierre. **Imagem, Visão e Imaginação**. Edições 70, Lisboa, 1987.

**FRANCO**, Marília. Linguagens Audiovisuais e Cidadania. In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Ed. Moderna/USP, nº 9, maio/agosto, 1997.

**FREIRE**, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

\_\_\_\_\_, **Educação e Mudança**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1986.

\_\_\_\_\_, **Educação como prática da liberdade**. 22ª ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.

**FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO/FIESP**. **Fundamentos e Diretrizes do Telecurso 2000**, s/data, (mimeografado).

\_\_\_\_\_, **Síntese das Propostas Pedagógicas**. Rio de Janeiro, fevereiro de 1995, (mimeografado).

**GADOTTI**, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. Ed. Ática, São Paulo, 1993.

- GARCIA**, Walter E. Educação À Distância: Desafios na Virada do Século. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, julho/setembro, 1998.
- \_\_\_\_\_, Legislação, políticas públicas e gestão para o ensino à distância. In: **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, nº 139, v. 25, novembro/dezembro, 1997.
- GUBA**, Egon G. e **LINCOLN**, Yvonna S. **Fourth Generation Evaluation**. Newbury Park: Sage Publications, 1989.
- GILES**, Thomas Ranson. **Introdução à Filosofia**. EDUSP, São Paulo, 1979.
- GOMEZ**, Guillermo Orozco. Professores e Meios de Comunicação: desafios, estereótipos. In: **Revista Comunicação e Educação**, nº 10, setembro/dezembro, Editora Moderna/USP, São Paulo, 1997.
- GONÇALVES**, H.; **LEONARDOS**, A C.; **FERRAZ**, E. Uso do vídeo em metodologia de avaliação – reflexão sobre uma experiência na área da educação. In: **Revista Lúmina**, FACOM/UFJF, nº 2, janeiro/junho, Juiz de Fora, 1999.
- GUIMARÃES**, Glaucia. **TV e escola – discursos em confronto**. Cortez Editora, Coleção Questões da nossa época, nº 74, 2000.
- HILL**, Telenia. Cultura, Comunicação e Revolução Tecnológica. In: **V Encontro da Compós**, São Leopoldo, GT – Comunicação e Sociabilidade, 1997, mimeografado.
- \_\_\_\_\_, A Estratégia da Cultura de Massa. In: **Revista ECO**, Rio de Janeiro, Graflin/UFRJ, v.1, nº 5, 1997.
- HILSDORF**, Maria Lúcia Spedo. **Pensando a Educação em Tempos Modernos**. EDUSP, São Paulo, 1998.
- HUYGHE**, René. **O Poder da Imagem**. Edições 70, Lisboa, 1986.
- KERCKHOVE**, Derick de. **A Pela da Cultura**. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1977.
- LAZAR**, Judith. **Escola, Comunicação e Televisão**. Tradução: Zélia Faria, RÉS – Editora, Porto, Portugal, s/data.
- LEAL**, Ondina Fachel. **A leitura Social da Novela das Oito**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.
- LÉVY**, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução: Carlos Irineu da Costa, Editora 34, Rio de Janeiro, 1993.
- \_\_\_\_\_, **A Inteligência Coletiva – por uma antropologia do ciberespaço**. 2ª ed., Tradução: Luiz Paulo Rouanet, Edições Loyola, São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_, **O Que é Virtual?** Tradução Paulo Neves, Editora 34, São Paulo, 1996.
- LOING**, Bernard. Escola e Tecnologias: Reflexão Para Uma Abordagem Racionalizada. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, jul/set, 1998.

- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Ed. EPU, São Paulo, 1986.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. Editora SENAC, São Paulo, 2000.
- MARCONDES Fº, Ciro. Workshop: Tendências do Ano 2000, In: **Revista Atrator Estranho**, nº 8, São Paulo, 1994.
- MARTINS, Adriana Rinaldi. Sobre os recursos do ensino. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 134/135, jan/jun, 1997.
- MATA, Maria Lutgarda. Educação à Distância e Novas Tecnologias: um olhar crítico. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 123, v.22, mar/jun, 1995.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1977.
- MENEZES, Cláudio. Experiências de Educação à Distância na América Latina. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 140, v.26, abr/jun, 1998.
- NEVES, Carmem Miranda de Castro. Critério de Qualidade Para a Educação à Distância. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 141, v.26, abr/jun, 1998.
- NUNES, Geraldo. O empresário, seu discurso e a Constituinte: como se faz uma Lei. In: **Cadernos de Comunicação/UFSM**, nº 3, Rio Grande do Sul, junho, 1999.
- OLIVEIRA, Marcos Barbosa. **Investigações Cognitivas**. Artmed Editora, Porto Alegre, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de Leitura – da história no discurso**, 2ª ed., Editora Unicamp, Campinas, 1997.
- ORTRIWANO, Gisela S. **A Informação no Rádio**. Summus Editorial, São Paulo, 1985.
- PARENTE, André. Imagem Virtual, Auto-Referente. In: **Revista Imagem**, nº 3, Unicamp, São Paulo, dezembro de 1993.
- \_\_\_\_\_, Cibercidades. In: **Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, UFRJ, Rio de Janeiro, nº 2-3, julho - novembro de 1997.
- \_\_\_\_\_, **Imagem Máquina**, Editora 34, Rio de Janeiro, 2ª ed., 1996.
- PATTON, Michael Quinn. **Utilization-Focused Evaluation**. (7 printing) Newbury Park: Sage Publications, 1990.
- PENNA FIRME, Thereza. Avaliação: Tendências e Tendenciosidades. In: **Revista Ensaio**, Rio de Janeiro, Fundação CESGRANRIO, v. 1, jan/mar, 1994.
- PIÉRON, Henri. **Dicionário de Psicologia**. 6ª ed., Editora Globo, Porto Alegre, 1978.
- RUSSEAU, Jean-Jacques. **Os Pensadores**. Volume 1, Tradução: Lourdes Santos Machado, Nova Cultural, São Paulo, 1997.

**SAMAIN**, Etienne. **Oralidade, Escrita, Visualidade – meios e modos da construção dos indivíduos e das sociedades**. S.l; s/data (conferência).

**SANTOS**, Carla Aparecida dos. Os Desafios da Integração. In: **Revista Extraprensa, Centro de Estudos Latino-Americano Sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicação e Artes**, USP, São Paulo, nº 5, 1998.

**SILVA**, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. Summus Editorial, São Paulo, 1985.

**SODRÉ**, Muniz e **CABRAL**, Annelise Araújo. Meios de Comunicação & Educação. In: **Onda Viva – A Pós-Modernidade Escolar, Projeto Multinacional de Tecnologia Educativa**, OEA, MEC, FUNTEVÊ, s/data.

**SOUZA**, Solange Jobin e **NETO**, Miguel Farah. A Tirania da Imagem na Educação. In: **Revista Presença Pedagógica**, v.4, nº 22, julho/agosto de 1998.

**STASHEFF**, Edward e outros. **O Programa de Televisão**. EDUSP/USP, São Paulo, 1978.

**STRUCHINER**, Mirian *et alli*. Elementos Fundamentais Para o Desenvolvimento de **Ambientes Construtivistas de Aprendizagem à Distância**. In: **Revista Tecnologia Educacional**, nº 142, v.26, jul/set, 1998.

**THIOLLENT**, Michel. Televisão, Trabalho e Vida Cotidiana. In: **Revista Intercom**, 1982.

\_\_\_\_\_, **Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária**. 5ª ed., Editora Polis, São Paulo, 1987.

**TIJIBOY**, Juan. **PENNA FIRME**, Thereza. **STONE**, Vatsala. **Avaliação de Programas sociais: como educar e como por em prática** (não publicado), Brasília, UNICEF, 1990.

**TILBURG**, João Luís Van. **A Televisão e o Mundo do Trabalho**. Paulinas, São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_, **Para Uma Leitura Crítica da Televisão**. Paulinas, São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_, **O estereótipo visual da telenovela brasileira como instrumento de educação permanente**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, ECO-UFRJ, 1975.

**TORRES**, Vladimir Stolzenberg. O uso do vídeo como recurso de apoio didático: exemplos da biologia. In: **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, nº 140, v. 26, janeiro/março, 1998.

**TUCHERMAM**, Ieda. **Monstros**. ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, s/data, (mimeografado).

**WEISSBERG**, Jean-Louis. Real e Virtual. In: **Imagem Máquina**, 2ª ed., Editora 34,

Rio de Janeiro, 1996.

**WOLTON, Dominique. Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão.** Editora Ática, São Paulo, 1996.

**VAZ, Paulo. O Inconsciente Artificial.** Unimarco Editora, São Paulo, 1997.

**VIRILIO, Paul. A Inércia Polar.** Tradução: Ana Luísa de Faria, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1993.

\_\_\_\_\_, **A Máquina de Visão.** Tradução: Paulo Roberto Pires, José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_, **A Arte do Motor.** Tradução: Paulo Roberto Pires, Estação Liberdade, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_, **O Espaço Crítico.** Tradução: Paulo Roberto Pires, Editora 34, Rio de Janeiro, 1993.